

## A SOCIEDADE PÓS-REVOLUCIONÁRIA

PAUL SWEEZY

Como deveríamos ver a URSS, agora elevada à condição de superpotência? Teria o capitalismo sido realmente restaurado? E, se assim fosse, quando se havia iniciado o processo, e que fases havia atravessado? Se não, qual a natureza do sistema soviético, e para onde vai? E a China? Teria ela, valendo-se das lições negativas da experiência soviética, encontrado finalmente o caminho socialista?

Paul Sweezy não se limita a colocar essas cadentes questões, ao contrário, busca respostas — e não só a elas, mas a outras, correlatas, revelando nessa busca a evolução havida no seu pensamento, em função do que vem acontecendo nessas sociedades e das tentativas de historiadores e outros cientistas sociais para reinterpretar os acontecimentos à luz das realidades de hoje.

## MARXISMO REVOLUCIONÁRIO ATUAL

ERNEST MANDEL

Uma sinopse geral da análise do cenário contemporâneo mundial e das oportunidades para uma transição revolucionária à democracia socialista.

As entrevistas reunidas nesse livro foram organizadas de modo a apresentar uma visão sistemática da política mundial. A estratégia da revolução proletária; a teoria trotskista da revolução permanente; a evolução política mundial desde a Segunda Guerra Mundial; os preceitos organizacionais e as perspectivas políticas da Quarta Internacional; a Revolução Chinesa; Cuba e a lição do Irã são algumas das importantes questões discutidas por Ernest Mandel com magistral clareza.



ZAHAR EDITORES

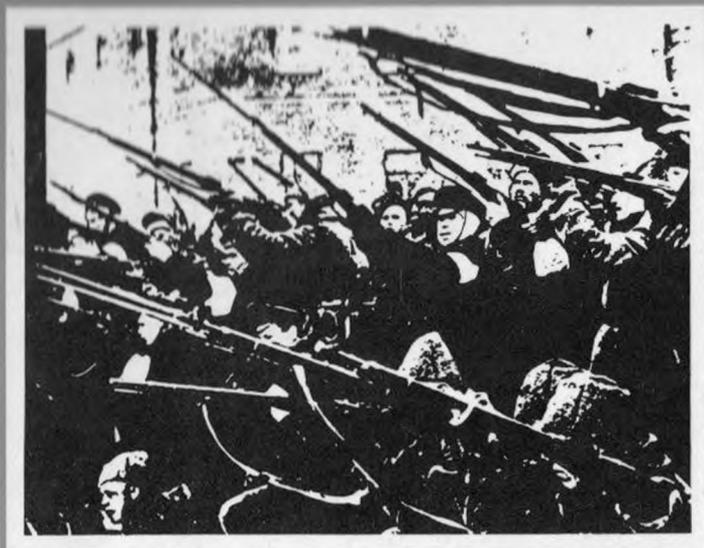
a cultura a serviço do progresso social

E. H. CARR

A Revolução Russa de Lenin a Stalin

# A Revolução Russa de Lenin a Stalin

(1917-1929)



**E. H. CARR**

do Trinity College, Cambridge



biblioteca de ciências sociais

ZAHAR



EDITORES

Título original:

*The Russian Revolution from Lenin to Stalin 1917-1929*

Tradução autorizada da

primeira edição inglesa, publicada em 1979

por The MacMillan Press Ltd., de Londres, Inglaterra

Copyright © 1979 by Edward Hallett Carr

All rights reserved

Direitos reservados.

A reprodução não autorizada

desta publicação, no todo ou em parte,

constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Edição para o Brasil.

Não pode circular em outros países.

Capa: Erico

Composição: Zahar Editores S.A.

1981

Direitos para a edição brasileira adquiridos por

ZAHAR EDITORES S.A.

Caixa Postal 207 (ZC-00) Rio

que se reservam a propriedade desta versão

Impresso no Brasil

# Índice

<i>Prefácio</i> .....	7
<i>Lista de Abreviaturas</i> .....	9
<i>CAPÍTULO 1</i> Outubro de 1917 .....	11
<i>CAPÍTULO 2</i> Os Dois Mundos .....	18
<i>CAPÍTULO 3</i> Comunismo de Guerra .....	27
<i>CAPÍTULO 4</i> A Trégua da NEP .....	36
<i>CAPÍTULO 5</i> A Nova Ordem Soviética .....	43
<i>CAPÍTULO 6</i> A Crise da Tesoura .....	53
<i>CAPÍTULO 7</i> Os Últimos Dias de Lenin .....	62
<i>CAPÍTULO 8</i> A Ascensão de Stalin .....	68
<i>CAPÍTULO 9</i> A URSS e o Ocidente (1923-27) .....	81
<i>CAPÍTULO 10</i> A URSS e o Oriente (1923-27) .....	90
<i>CAPÍTULO 11</i> O Início do Planejamento .....	100
<i>CAPÍTULO 12</i> A Derrota da Oposição .....	108
<i>CAPÍTULO 13</i> O Dilema da Agricultura .....	115
<i>CAPÍTULO 14</i> Problemas de Crescimento da Industrialização .....	122
<i>CAPÍTULO 15</i> O Primeiro Plano Quinquenal .....	131
<i>CAPÍTULO 16</i> A Coletivização do Camponês .....	141
<i>CAPÍTULO 17</i> Padrões de Ditadura .....	149
<i>CAPÍTULO 18</i> A URSS e o Mundo (1927-29) .....	157
<i>CAPÍTULO 19</i> A Revolução em Perspectiva .....	167
<i>Índice Analítico</i> .....	173

No.	Description	Amount
1	Jan 1 Balance	100.00
2	Jan 10	50.00
3	Jan 20	25.00
4	Jan 30	10.00
5	Feb 10	75.00
6	Feb 20	30.00
7	Feb 30	15.00
8	Mar 10	60.00
9	Mar 20	20.00
10	Mar 30	10.00
11	Apr 10	80.00
12	Apr 20	35.00
13	Apr 30	15.00
14	May 10	90.00
15	May 20	40.00
16	May 30	20.00
17	Jun 10	100.00
18	Jun 20	50.00
19	Jun 30	25.00
20	Jul 10	110.00
21	Jul 20	60.00
22	Jul 30	30.00
23	Aug 10	120.00
24	Aug 20	70.00
25	Aug 30	40.00
26	Sep 10	130.00
27	Sep 20	80.00
28	Sep 30	50.00
29	Oct 10	140.00
30	Oct 20	90.00
31	Oct 30	60.00
32	Nov 10	150.00
33	Nov 20	100.00
34	Nov 30	70.00
35	Dec 10	160.00
36	Dec 20	110.00
37	Dec 30	80.00
38	Total	2000.00

## Prefácio

A volumosa *História da Rússia soviética*, que me ocupou nos últimos 30 anos e acaba de ser completada em cinco partes, *A Revolução Bolchevista, 1917-1923, O interregno, 1923-1924, Socialismo num só país, 1924-1926 e Bases de uma economia planificada, 1926-1929*, fundamentou-se numa pesquisa muito detalhada e foi escrita para especialistas. Ocorreu-me que poderia ser útil uma condensação dessa pesquisa num livro menor, de gênero totalmente diferente, sem os requintes eruditos de fontes de referências ou notas de pé de página, destinado ao leitor médio e ao estudioso que busca uma introdução ao assunto. O resultado é esta breve história. A diferença de escala e propósito mostram tratar-se de uma composição substancialmente nova. Dificilmente uma frase da obra original reaparece, inalterada, no livro novo.

A *Revolução Russa: de Lenin a Stalin, 1917-1929* cobre o mesmo período que a outra história, em vários volumes. Trata-se de uma fase para a qual (em contraste com os anos posteriores) há muitas fontes soviéticas contemporâneas. É também um período que encerra, em embrião, grande parte do curso posterior da história soviética; o entendimento do que nele aconteceu é necessário para a explicação dos acontecimentos posteriores. Descrever a década de 1920 em termos de uma transição da revolução russa de Lenin para a revolução russa de Stalin seria, sem dúvida, uma simplificação exagerada. Mas personificaria um importante processo histórico, cuja conclusão ainda é parte de um futuro imprevisível.

Os muitos amigos e colegas cujos nomes são citados nos prefácios aos sucessivos volumes da *História* mais ampla também devem ser mencionados aqui como colaboradores indiretos do presente trabalho. Tenho para com o professor R.W. Davies, que colaborou comigo no primeiro volume de

*Bases de uma economia planificada, 1926-1929*, uma dívida especial pela sua crítica de especialista aos capítulos sobre industrialização e planificação; e li com proveito a concisa *História econômica da URSS*, do professor Alec Nove. Meus calorosos agradecimentos, mais uma vez, a Tamara Deutscher pela sua ajuda infalível no preparo deste volume.

7 de novembro de 1977

E.H. CARR

## Lista de Abreviaturas

Arcos	Sociedade Cooperativa de Todas as Rússias
Cheka	Comissão Extraordinária
Colcós	Fazenda Coletiva
Comintern	Internacional Comunista
EMT	Estação Mecânica de Tratores
FOC	Ferrovia Oriental Chinesa
Glavk(i)	Comissão(ões) Principal(is)
Goelro	Comissão Estatal para Eletrificação da Rússia
Gosplan	Comissão Estatal de Planificação
GPU	Administração Política Estatal
IFTU	International Federation of Trade Unions (Federação Internacional dos Sindicatos)
IKKI	Comissão Executiva da Internacional Comunista
Kadet	Democrata Constitucional
Khozraschet	Contabilidade Comercial
KPD	Partido Comunista Alemão
MMN	Movimento das Minorias Nacionais
MNTD	Movimento Nacional dos Trabalhadores Desempregados
Narkomfin	Comissariado do Povo para as Finanças
Narkomindel	Comissariado do Povo para os Negócios Estrangeiros
Narkomprod	Comissariado do Povo para o Abastecimento
Narkomtrud	Comissariado do Povo para o Trabalho
Narkomzem	Comissariado do Povo para a Agricultura
NEP	Nova Política Econômica
OGPU	Administração Política Estatal Unificada
PCC	Partido Comunista Chinês

PCF	Partido Comunista Francês
PCI	Partido Comunista Italiano
PCGB	Partido Comunista da Grã-Bretanha
Profintern	Internacional Sindical Vermelha
RSFSR	República Soviética Federal Socialista Russa
Sovcós	Fazenda Coletiva
Sovnarkhoz(y)	Conselho(s) de Economia Nacional
Sovnarkom	Conselho dos Comissários do Povo
SPD	Partido Socialdemocrático Alemão
SR	Social Revolucionário
TsIK	Comissão Executiva Central
USPD	Partido Socialdemocrático Independente Alemão
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VAPP	Associação dos Escritores Proletários de Todas as Rússias
Vesenkha	Conselho Supremo da Economia Nacional
VTsIK	Comissão Executiva Central de Todas as Rússias

# 1

## Outubro de 1917

*desafio ao sistema capitalista*

A Revolução Russa de 1917 foi um momento decisivo na história, e bem pode ser considerada por historiadores futuros como o maior acontecimento do século XX. Como a Revolução Francesa, continuará a polarizar a opinião por longo tempo, sendo saudada por uns como um marco na emancipação da humanidade em relação à opressão do passado, e denunciada por outros como um crime e um desastre. Ela constituiu o primeiro desafio claro ao sistema capitalista, que atingira seu ponto culminante na Europa em fins do século XIX. Sua ocorrência, no auge da Primeira Guerra Mundial, e em parte em consequência dela, foi mais do que uma coincidência. A guerra desfechou um golpe mortal na ordem capitalista internacional, tal como existia antes de 1914, e revelou sua instabilidade inerente. A revolução pode ser considerada, ao mesmo tempo, como uma consequência e uma causa do declínio do capitalismo.

*condições próprias da Rússia*

Embora a Revolução de 1917 tivesse significação mundial, suas raízes estavam também em condições especificamente russas. A imponente fachada da autocracia czarista escondia uma economia rural estagnada, que registrara poucos progressos importantes desde a emancipação dos servos, e um campesinato faminto e inquieto. Grupos terroristas estavam em atividade desde a década de 1860, com repetidos surtos de violência e repressão. Esse período viu a ascensão do movimento *narodnik*, mais tarde substituído pelo Partido Social-Revolucionário, voltado para os camponeses. Depois de 1890 a industrialização começou a penetrar, de maneira importante, na primitiva economia russa, e a ascensão de uma classe financeira e industrial, cada vez mais influente e rica, acentuadamente dependente do capital estrangeiro, estimulou a infiltração de certas idéias liberais ocidentais, que encontraram sua expressão mais completa no Partido Kadet (Democrata Constitucional). Mas esse processo foi

acompanhado pelo crescimento de um proletariado de trabalhadores de fábrica e pelos primeiros sintomas de agitação proletária. As primeiras greves ocorreram na década de 1890. Esses acontecimentos refletiram-se na fundação, em 1897, do Partido Marxista Russo dos Trabalhadores Socialdemocratas, o partido de Lenin, Martov e Plekhanov. O fermento da inquietação aflorou à superfície com as frustrações e humilhações da Guerra Russo-Japonesa.

A primeira Revolução Russa de 1905 teve um caráter misto. Foi uma revolta dos liberais e constitucionalistas burgueses contra uma autocracia arbitrária e antiquada. Foi uma revolta dos trabalhadores, inflamada pela atrocidade do "Domingo Sangrento", e que levou à eleição do primeiro Soviete dos Deputados dos Trabalhadores, de Petersburgo. Foi uma revolta generalizada dos camponeses, espontânea e descoordenada, com freqüência muito amarga e violenta. Essas três tendências não se combinaram nunca, e a revolução foi facilmente sufocada ao preço de algumas concessões constitucionais, em grande parte irreais. Os mesmos fatores inspiraram a Revolução de Fevereiro de 1917, mas agora reforçados e dominados pelo cansaço de guerra e pelo descontentamento universal com a direção da guerra. Apenas a abdicação do czar poderia conter o ímpeto da revolta. A autocracia foi substituída pela proclamação de um Governo Provisório democrático, baseado na autoridade da Duma. Mas o caráter híbrido da revolução tornou-se mais uma vez evidente, desde logo. Lado a lado com o Governo Provisório, o Soviete de Petrogrado — a capital havia mudado de nome em 1914 — foi reconstituído, segundo o modelo de 1905.

A Revolução de Fevereiro de 1917 trouxe de volta a Petrogrado, vindos da Sibéria e do exílio no exterior, grande número de revolucionários antes banidos. Pertenciam, em sua maioria, a uma das duas alas — bolchevique e menchevique — do Partido dos Trabalhadores Socialdemocratas, ou ao Partido Social Revolucionário (SRs), e encontraram uma plataforma já pronta no Soviete de Petrogrado. Este era, de certa maneira, rival do Governo Provisório instaurado pelos partidos constitucionais da velha Duma; a expressão "dualidade de poder" foi então criada para descrever uma situação ambígua. Mas a atitude inicial do Soviete foi menos clara. O esquema histórico de Marx postulava duas revoluções distintas e sucessivas — uma burguesa, a outra socialista. Os membros do Soviete, com poucas exceções, satisfaziam-se em identificar os acontecimentos de fevereiro como a revolução burguesa russa que estabeleceria um regime democrático-burguês nos moldes ocidentais, relegando a revolução socialista a uma data ainda indeterminada, no futuro. A cooperação com o Governo Provisório foi o corolário dessa opinião, partilhada pelos dois primeiros líderes bolcheviques a retornarem a Petrogrado, Kamenev e Stalin.

revolta  
mista

Soviete de  
Petrogrado  
A  
governo  
provisório

A dramática chegada de Lenin a Petrogrado, no início de abril, abalou esse entendimento precário. Lenin, a princípio quase que isolado entre os bolcheviques, atacou a hipótese de que a comoção na Rússia era uma revolução burguesa, e nada mais. A situação, tal como evoluiu depois da Revolução de Fevereiro, confirmou sua opinião de que o levante não se podia confinar a limites burgueses. O que se seguiu ao colapso da autocracia não foi tanto uma bifurcação da autoridade (a "dualidade de poder"), quanto uma dispersão total da autoridade. O estado de espírito dos trabalhadores e camponeses, e da grande maioria da população, foi de imenso alívio com o afastamento de um incubo monstruoso, acompanhado de um profundo desejo de poder resolver suas questões ao seu próprio jeito, e pela arraigada convicção de que isso era possível de alguma forma, e essencial. Foi um movimento inspirado por uma onda de entusiasmo imenso e por visões utópicas da emancipação da humanidade das cadeias de um poder distante e despótico. Para esse movimento eram inúteis os princípios ocidentais de democracia parlamentar e governo constitucional, proclamados pelo Governo Provisório. A noção de autoridade centralizada foi rejeitada tacitamente. Os Sovietes locais de trabalhadores ou camponeses surgiram por toda a Rússia. Algumas cidades e distritos declararam-se repúblicas soviéticas. Comissões de trabalhadores, nas fábricas, reivindicaram o exercício exclusivo da autoridade, em sua área. Os camponeses ocuparam as terras e as dividiram entre si. E tudo mais foi obscurecido pela exigência de paz, de um fim aos horrores de uma guerra sangrenta e insensata. Comissões de soldados foram eleitas nas unidades militares, tanto nas grandes como nas pequenas, desde brigadas até companhias, exigindo com freqüência a eleição dos oficiais e desafiando sua autoridade. Os exércitos na frente de combate rejeitaram as duras limitações da disciplina militar e começaram a desintegrar-se lentamente. Esse movimento de revolta contra a autoridade, que a tudo engolfava, pareceu à maioria dos bolcheviques um prelúdio à realização de seus sonhos de uma nova ordem da sociedade, e não tinham nem o desejo nem os meios de contê-lo.

Portanto, quando Lenin se propôs redefinir o caráter da revolução em suas famosas "teses de abril", seu diagnóstico foi ao mesmo tempo inteligente e presciente. Classificou o que havia acontecido de uma revolução em transição, de uma primeira etapa que havia dado o poder à burguesia, para uma segunda etapa, que transferiria o poder aos trabalhadores e camponeses pobres. O Governo Provisório e os Sovietes não eram aliados mas antagonistas, representando diferentes classes. O objetivo em vista não era uma república parlamentarista, mas "uma república de Sovietes dos Trabalhadores, Camponeses Pobres e Representantes dos Camponeses de todo o país, formada a partir de baixo". O socialismo não poderia, na verdade, ser imediatamente adotado. Mas, como primeiro

passo, os Sovietes assumiriam o controle da "produção e distribuição sociais". Durante todas as vicissitudes do verão de 1917, Lenin obteve aos poucos o apoio dos companheiros de partido ao seu programa. O progresso nos Sovietes foi mais lento. Quando um Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias — a primeira tentativa de criar uma organização soviética central com uma comissão executiva permanente — reuniu-se em junho, entre mais de 800 delegados, os SRs contavam com 285, os mencheviques com 248 e os bolcheviques apenas com 105. Foi nessa ocasião que Lenin, respondendo a um desafio, fez a afirmação — então muito ridicularizada — de que havia no Soviete um partido pronto a tomar o poder governamental: os bolcheviques. À medida que desaparecia o prestígio e a autoridade do Governo Provisório, a influência dos bolcheviques nas fábricas e no exército crescia rapidamente, e em julho as autoridades governamentais resolveram agir contra eles, sob a acusação de que realizavam propaganda subversiva e atuavam como agentes alemães. Vários líderes foram detidos. Lenin fugiu para a Finlândia, de onde manteve uma correspondência regular com o comitê central do partido, agora operando na clandestinidade, em Petrogrado.

Foi durante esse afastamento forçado do centro da ação que Lenin escreveu um dos mais famosos, e mais utópicos, de seus livros, *O Estado e a revolução*, um estudo da teoria do Estado, de Marx. Este não havia pregado apenas a destruição do Estado burguês pela revolução proletária, mas vira ainda mais longe, além da vitória da revolução e de um período transitório de ditadura do proletariado, a redução dos poderes do Estado e o seu desaparecimento final. No momento de sua vitória, observou Lenin, o proletariado necessitava apenas de "um Estado em processo de agonia, isto é, constituído de tal modo que começará imediatamente a morrer, e não pode deixar de morrer". O Estado era sempre um instrumento do domínio e opressão de classe. A sociedade sem classes do comunismo e a existência do Estado eram incompatíveis. Lenin resumiu a situação num aforismo seu: "Enquanto o Estado existir, não há liberdade. Quando existir a liberdade, não haverá Estado." Lenin não era apenas um estudioso profundo de Marx, como tinha também ouvidos sensíveis ao estado de espírito revolucionário de trabalhadores e camponeses cujo entusiasmo era animado pela perspectiva de livrar-se das cadeias de um Estado poderoso e onipresente. *O Estado e a revolução* foi uma síntese notável dos ensinamentos de Marx e das aspirações das massas não dirigidas. O partido mal era mencionado em suas páginas.

Em setembro, depois de uma abortada tentativa de tomada do poder por um general direita, Kornilov, os bolcheviques haviam conseguido a maioria nos Sovietes de Petrogrado e Moscou. Lenin, depois de certa hesitação, reviveu a palavra de ordem "Todo o poder aos Sovietes" — um desafio direto ao Governo Provisório. Em outubro, voltou disfarçado a

Petrogrado, para uma reunião do comitê central do partido. Persuadido por ele, o comitê resolveu, com apenas duas discordâncias, Zinoviev e Kamenev, preparar-se para a imediata tomada do poder. O preparo foi realizado principalmente por uma comissão militar revolucionária que havia sido criada pela Comissão Executiva do Congresso dos Sovietes, e que estava então firmemente sob controle dos bolcheviques. Trotski, que a estes se juntara após seu retorno a Petrogrado no verão, desempenhou um papel importante no planejamento da operação. A 25 de outubro (estilo antigo, equivalendo a 7 de novembro pelo calendário ocidental, introduzido alguns meses depois) a Guarda Vermelha, composta principalmente de trabalhadores de fábricas, ocupava os postos-chaves da cidade e avançava sobre o Palácio de Inverno. Foi um golpe incruento. O Governo Provisório desmoronou sem resistência. Alguns ministros foram detidos. O primeiro-ministro, Kerenski, fugiu para o exterior.

O golpe foi dado para coincidir com o Segundo Congresso dos Sovietes de Trabalhadores e Soldados de Todas as Rússias, que se instalou na noite seguinte. Os bolcheviques já dispunham então da maioria — 399 de um total de 649 delegados — e assumiram a direção da reunião. O congresso declarou dissolvido o Governo Provisório e transferiu a autoridade para os Sovietes, aprovando por unanimidade três importantes decretos, dos quais os dois primeiros foram apresentados por Lenin. O primeiro era uma proclamação, em nome do "Governo dos Trabalhadores e Camponeses", propondo a todos os povos e governos beligerantes negociações para uma "paz justa e democrática", sem anexações ou indenizações, e apelando em particular para "os trabalhadores com consciência de classe nos três países mais adiantados da humanidade" — Grã-Bretanha, França e Alemanha — para que contribuíssem para pôr fim à guerra. O segundo era um decreto sobre a terra, incluindo um texto preparado pelos SRs, que satisfazia às aspirações pequeno-burguesas dos camponeses, e não às teorias, a longo prazo, de uma agricultura socializada, defendidas pelos bolcheviques. A propriedade da terra pelos latifundiários era abolida sem indenização; apenas as terras dos "camponeses comuns e dos cossacos comuns" estavam isentas de confisco. A propriedade privada da terra era abolida para sempre. O direito de uso da terra era concedido a "todos os cidadãos (sem distinção de sexo) do Estado russo, que desejassem cultivá-la com seu próprio trabalho". O direito aos minérios, e outros direitos subsidiários, eram reservados ao Estado. A compra, venda e arrendamento da terra, e o emprego de trabalho contratado, eram proibidos. Isso atendia aos interesses do pequeno camponês independente, que cultivava sua terra com o trabalho próprio, e o de sua família, e visava principalmente às suas necessidades. Uma solução final da questão da terra ficava reservada à futura Assembléia Constituinte. O terceiro decreto, proposto por Kamenev, que presidia à sessão, criava um Conselho dos Comissários do

Povo (Sovnarkom) como Governo Provisório dos Trabalhadores e Camponeses, para administrar o país sob a autoridade do Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias e de sua comissão executiva, até a reunião da Assembléia Constituinte.

Esses pronunciamentos tinham vários aspectos diferentes. Lenin havia terminado seu discurso algumas horas antes no Soviete de Petrogrado com palavras ousadas: "Na Rússia, devemos preocupar-nos com a construção do Estado socialista proletário." Nos decretos mais formais do Congresso dos Sovietes, os conceitos de "Estado" e de "socialismo" ficavam em segundo plano. No entusiasmo da vitória, quando o velho Estado com seus males estava sendo varrido, ninguém tinha pressa de enfrentar o problema da criação de um novo Estado. A revolução era internacional, e não levava em conta as fronteiras nacionais. O Governo dos Trabalhadores e Camponeses não tinha definição ou designação territorial, e a extensão final de sua autoridade não podia ser prevista. O socialismo era um ideal do futuro. Na introdução ao decreto sobre a paz, Lenin observou que a vitória dos trabalhadores "abriria caminho para a paz e o socialismo", mas nenhum dos decretos mencionava o socialismo como o objetivo ou o propósito da revolução — cabia ao futuro decidir seu conteúdo, bem como suas proporções.

Finalmente, o gesto de deferência à autoridade final da Assembléia Constituinte, que considerado em termos retrospectivos parecia estranhamente ilógico, foi aceito sem objeções. Entre fevereiro e outubro o Governo Provisório e os Sovietes haviam ambos exigido uma assembléia constituinte — o procedimento democrático tradicional para a elaboração de uma nova constituição — e a data de 25 de novembro fora fixada para as eleições. Lenin não queria cancelá-las ou não se sentia suficientemente forte para isso. Como era de se esperar num eleitorado predominantemente rural, a votação deu maioria absoluta aos SRs — 267 entre 520 deputados; os bolcheviques tinham 161, sendo o restante constituído de grande número de grupos dissidentes. Quando os deputados se reuniram em janeiro de 1918, o Governo dos Trabalhadores e Camponeses estava firmemente instalado em Petrogrado, sendo pouco provável que renunciasse em favor de um órgão que representava o confuso estado de espírito do campo, dois meses antes. Bukharin falou do "marco que neste momento divide esta assembléia em (...) dois campos irreconciliáveis, campos de princípio (...) contra ou a favor do socialismo". A assembléia ouviu uma oratória em grande parte inconclusiva. Tarde da noite, suspendeu a sessão, e o governo impediu pela força que voltasse a reunir-se. Foi um momento decisivo. A revolução havia voltado as costas às convenções da democracia burguesa.

A primeira consequência da revolução a contrariar o mundo ocidental, e provocar horror e indignação, foi o abandono da guerra e a deserção dos Aliados, no auge desesperado de sua luta com a Alemanha.

Quando essa traição imperdoável foi rapidamente seguida de medidas como o repúdio às dívidas dos governos russos anteriores e a expropriação dos donos de terras e fábricas, e quando a revolução se anunciou como a primeira etapa de uma revolução destinada a varrer a Europa e o mundo, revelou-se como um ataque fundamental à totalidade da sociedade capitalista ocidental. Mas essa ameaça não foi tomada muito a sério. Poucas pessoas no Ocidente imaginaram, a princípio, que o regime revolucionário da Rússia pudesse sobreviver mais do que alguns dias ou semanas. Os próprios líderes bolcheviques não acreditavam poder resistir indefinidamente, a menos que os trabalhadores dos países capitalistas viessem em sua ajuda, revoltando-se contra seus respectivos governos.

Não faltava lógica a esse pessimismo. O domínio do Governo dos Trabalhadores e Camponeses dificilmente iria além de Petrogrado e umas poucas outras cidades grandes. Mesmo nos Sovietes os bolcheviques não dispunham de apoio unânime; e não havia certeza quanto ao reconhecimento que obteria o Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias — a autoridade central soberana — pelos Sovietes locais que haviam surgido por todo o país, pelas comissões que exerciam o “controle dos trabalhadores” nas fábricas, ou pelos milhões de camponeses que voltavam da frente de batalha para os seus lares. Burocratas, administradores e técnicos em todos os níveis entravam em guerra e recusavam-se a servir ao novo governo que se autoconstituía. As forças armadas à disposição do regime consistiam em um núcleo de uns poucos milhares de integrantes da Guarda Vermelha e alguns batalhões letões sobreviventes da desintegração dos exércitos imperiais que haviam combatido na guerra. Poucas semanas depois da revolução, organizavam-se exércitos cossacos com o objetivo de derrubá-la, nas regiões do Dom, do Kuban e dos Urais. Tinha sido fácil para os bolcheviques derrubar o vacilante Governo Provisório. Colocar-se no seu lugar, estabelecer o controle efetivo do caos que se havia generalizado pelo vasto território do antigo Império Russo, e criar uma nova ordem social voltada para as aspirações das massas de trabalhadores e camponeses que tinham visto nos bolcheviques seus salvadores e libertadores, era uma tarefa muito mais formidável e complexa.

Roberto bobo!

Colombo!

2

# Os Dois Mundos



O meu nome é Roberto!

Meu nome é Lenin, e o seu?

Era preciso levar a revolução aos países imperialistas inimigos da República Soviética

O primeiro ato constitucional que deu ao Governo dos Trabalhadores e Camponeses um nome territorial foi a Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado, aprovada pelo Terceiro Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias em janeiro de 1918 — a contrapartida bolchevique da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada pela Revolução Francesa. Esse documento proclamava a Rússia uma República de Sovietes de Trabalhadores, Soldados e Camponeses, acrescentando que a "República Soviética Russa é fundada à base de uma união livre de nações livres, como uma federação de repúblicas nacionais soviéticas".

A forma das palavras preservava as intenções internacionais do regime revolucionário. A revolução era essencialmente internacional, implicava a substituição da guerra entre potências rivais pela guerra entre as classes. Mas a promoção da revolução mundial era também uma necessidade prioritária para um regime em luta com tantas dificuldades. Era a única arma de que dispunham os bolcheviques quando tiveram de enfrentar as potências imperialistas em guerra; e sem uma revolução, pelo menos nos principais países beligerantes, o regime dificilmente teria esperanças de sobreviver. Nem era possível estabelecer qualquer distinção entre os dois campos beligerantes: eram ambos, igualmente, porta-bandeiras da ordem capitalista, que a revolução buscava destruir. Por isso, qualquer concepção de política externa que não fosse a propaganda da revolução foi, a princípio, estranha ao pensamento bolchevique. Trotski, o primeiro comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, observou de maneira epigramática: "Vou lançar algumas proclamações revolucionárias aos povos do mundo e em seguida encerrar as atividades."

A realidade externa, porém, dentro em pouco dissipava essas visões e impunha à república soviética, que lutava por se afirmar, o papel de

caracter  
intern  
civ  
qualquer  
processo  
que  
poderia  
falar  
a  
O  
rio  
bem  
verdadeiro

o  
era  
necessa  
no  
um  
quanto  
com  
paga  
gan  
foi  
Roberto  
obscu  
delle  
Estab

la a república soviética  
tendo que se a... a realidade da  
política externa

um Estado nacional num mundo de Estados nacionais. O apelo de paz e negociações às nações em guerra havia soado em ouvidos moucos. Era preciso fazer alguma coisa quanto às relações com a Alemanha, cujos exércitos haviam penetrado profundamente em território russo e continuavam realizando operações de guerra. Um dos primeiros atos do novo governo foi concluir um armistício com o Governo imperial alemão e buscar a paz. Em fevereiro de 1918 foram iniciadas negociações nesse sentido, em Brest-Litovsk. Trotski, que chefiava a delegação soviética, abandonou experimentalmente as práticas tradicionais da diplomacia, fazendo apelos aos povos beligerantes por sobre os seus governos, realizando uma propaganda antimilitar aberta entre os soldados alemães e confundindo a delegação alemã ao insistir na "paz sem anexações ou indenizações", que a Alemanha, em suas negociações com os Aliados ocidentais, parecera aceitar.

Mas a intransigência alemã e a esmagadora superioridade das armas alemãs criavam um dilema inevitável. Trotski não podia conciliar com seus princípios revolucionários a assinatura de um tratado humilhante com uma potência imperialista — decisão que Lenin chegara a considerar inevitável. Por outro lado, seu senso da realidade não lhe permitia apoiar as exigências de Bukharin, e outros "comunistas de esquerda", de uma renovação da "guerra revolucionária". Ele imaginou a fórmula do "Nem paz, nem guerra". Quando, porém, os alemães, sem se impressionarem com essa excentricidade pouco diplomática, reiniciaram seu avanço, o mesmo dilema voltou a ocorrer, agora de forma ainda mais premente. Trotski deu seu voto, com relutância, junto com Lenin, àquilo que este último chamava de paz "vergonhosa", compreendendo o abandono da Ucrânia, e de outras grandes áreas do antigo território russo, e renunciou ao seu cargo de comissário do povo para Negócios Estrangeiros. O tratado foi firmado em 3 de março de 1918, e o avanço alemão deteve-se. Simultaneamente com as negociações de Brest-Litovsk, foram feitas abordagens informais — e infrutíferas — dos representantes da Grã-Bretanha, França e EUA, na esperança de solicitar ajuda ocidental contra os alemães. Essas aberturas com os governos capitalistas, tal como a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, provocaram vivos ressentimentos, como um abandono dos princípios internacionais da revolução, entre uma minoria substancial do comitê central do partido, chefiada por Bukharin, e foi necessária toda a influência de Lenin para conseguir a aprovação dessas medidas.

As lições de impotência militar haviam sido aprendidas pelos líderes bolcheviques. A 23 de fevereiro de 1918, antes mesmo da assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, o Exército Vermelho — anteriormente chamado de Exército dos Trabalhadores e Camponeses — era criado. Desde então, essa data vem sendo comemorada todos os anos, como a do nascimento

↓  
nascimento da criação  
do Exército Vermelho

não  
consegue  
nem  
paz

trabalho  
de paz  
com o  
Alemanha  
de o  
afado de  
a noite  
com o  
bol. em  
muito  
na  
novo  
quinta  
de  
Leningrado

do Exército Vermelho. O nome pretendia indicar seu caráter e propósito revolucionários e internacionais. Mas a proclamação que lhe anunciava a criação tinha por título "A Pátria Socialista em perigo", de modo que tanto uma consciência nacional, como internacional, presidiram ao seu nascimento. Trostki foi nomeado comissário do povo para a Guerra, com a tarefa de organizá-lo. Era demasiado realista para supor que se pudesse organizar um exército com recrutas sem treinamento. Sua primeira reação à emergência foi recrutar soldados profissionais, ex-oficiais czaristas, formalmente classificados de "especialistas militares", para treinar o novo exército. Esse expediente teve um êxito brilhante. Em princípios de 1919, 30 mil desses oficiais haviam sido recrutados. A Guarda Vermelha de 1917, que mal dispunha de 10 mil homens treinados, transformou-se, no auge da guerra civil, num exército de 5 milhões. O próprio Trotski revelou excepcionais talentos militares. Mas era também conhecido pelo seu rigor na exigência de uma obediência cega e no castigo aos faltosos — teve de exaltar as virtudes da disciplina militar que a revolução havia procurado destruir. Corretivos desesperados eram necessários numa situação desesperadora.

Esses expedientes não acabaram com todos os perigos que cercavam o regime, então transferido de Petrogrado para a nova capital, Moscou. Forças militares russas "brancas", hostis, começaram a ser formadas em diferentes partes do país. O exército alemão continuava ocupando a Ucrânia, com a aprovação de um regime títere criado naquela região. Os Governos ocidentais, irritados com a Revolução Russa e com a deserção na hora em que os Aliados mais necessitavam da Rússia, resolveram agir. Em março de 1918 os ingleses, seguidos pelos franceses e pelos norte-americanos, ocuparam o porto de Murmansk, ao Norte — ostensivamente, para proteger contra um possível ataque alemão os armazéns militares ali existentes. Enquanto isso, os muitos milhares de prisioneiros de guerra tchecos na Rússia, principalmente desertores do exército austríaco, constituíram-se na legião tcheca e, com a aprovação do Governo soviético, partiram para Vladivostok com o objetivo de embarcar para o Ocidente. Na Sibéria, legionários bem organizados entraram em choque com as autoridades soviéticas, dispersas e ineficientes — talvez, a princípio, involuntariamente — e transformaram-se num ponto de convergência de forças antibolcheviques. Em abril de 1918 o Governo japonês, não querendo ficar isolado, desembarcou soldados em Vladivostok, seguidos, dois meses depois, por destacamentos ingleses e norte-americanos. Em julho, soldados ingleses, franceses e norte-americanos ocuparam Archangel. A sobrevivência do Governo dos Trabalhadores e Camponeses em Moscou, no verão e outono de 1918, parecia dever-se não tanto à sua força, mas ao fato de estarem as nações unidas numa luta de vida ou morte na frente ocidental, e pouco se interessavam pelo que ocorria em outros países.

o novo governo sobrecarregado mais pela guerra mundial do que pela sua força

a sua criação deve-se mais a motivos internos do que externos

Outra - 10 -  
 contraditória

*trabalhadores  
aliados de  
desembarcar  
sem o  
governo  
bolchevique*

O colapso da Alemanha, e o armistício de 11 de novembro de 1918, contribuíram para que a situação se agravasse. A incipiente situação revolucionária em Berlim, nos dois meses que se seguiram ao armistício, os golpes revolucionários bem-sucedidos poucos meses depois na Baviera e Hungria, bem como a inquietação esporádica na Grã-Bretanha, França e Itália, levaram os líderes bolcheviques a acreditar que a muito esperada revolução européia amadurecia. Mas os acontecimentos que representavam esperança e conforto para Moscou intensificavam o medo e o ódio experimentado pelos Governos ocidentais em relação ao regime revolucionário, e cristalizavam sua determinação de derrubá-lo. O pretexto de que operações militares na Rússia eram parte subsidiária da guerra contra a Alemanha teve de ser abandonado. Concedeu-se apoio aberto aos exércitos russos empenhados na cruzada contra o bolchevismo em Archangel, na Sibéria e no Sul da Rússia. Ocorreu, porém, uma nova complicação. Os soldados aliados, afetados em parte pelo cansaço da guerra e em parte por uma simpatia mais ou menos clara pelo Governo dos trabalhadores em Moscou, estavam evidentemente indispostos a continuar a luta. Em abril de 1919 um motim nos navios franceses em Odessa obrigou à evacuação do porto. Em Archangel e Mumansk o mesmo fim de aventura foi evitado pela retirada progressiva dos soldados aliados. No outono de 1919 não restava qualquer força aliada (exceto contingentes japoneses e norte-americanos em Vladivostok) em solo russo.

Esse revés em nada modificou as intenções hostis dos Aliados ocidentais, que buscaram compensar a retirada das tropas com um maior fluxo de abastecimentos militares, missões militares e garantias verbais a vários supostos "governos" russos, organizados contra os bolcheviques. O mais promissor deles foi formado sob a liderança de Koltchak, ex-almirante czarista, que estabeleceu uma certa autoridade sobre grande parte da Sibéria e começou a penetrar na Rússia oriental. No verão de 1919 os estadistas aliados, reunidos em Paris para a conferência de paz, entraram em negociações, que acabaram por se revelar inconclusivas, para o reconhecimento do regime de Koltchak como o único governo russo legítimo. Denikin, um general czarista que desfrutava forte apoio aliado, controlou o Sul da Rússia, varreu a Ucrânia e, no outono de 1919, chegou a 300km ao sul de Moscou; Yudenitch, outro general, reuniu um exército branco no Báltico para um ataque a Petrogrado. Nessa época, porém, o Exército Vermelho havia-se tornado eficiente, embora mal equipado. Os vários exércitos brancos foram incapazes de coordenar seus esforços, ou de conseguir o apoio das populações em cujos territórios operavam. Em fins do ano estavam em completa retirada. Em janeiro de 1920 Koltchak foi capturado e executado pelos bolcheviques. Na primavera do mesmo ano as forças brancas, exceto por alguns bolsões de resistência isolados, haviam sido dispersadas e destruídas em toda a parte.

Guerra civil deusa  
nãora a - do mundo  
o 2 mundos lutando  
o capitalista e o  
a revolução russa  
revolução

A guerra civil reforçou o lugar-comum, que vinha tomando forma no pensamento ocidental e no pensamento soviético desde outubro de 1917, de dois mundos que se enfrentavam numa contradição irreconciliável — o mundo capitalista e o mundo da revolução empenhado na sua derrubada. Depois do colapso do poderio alemão em novembro de 1918, a Europa central tornou-se, por um breve período, motivo de disputa entre os dois mundos. A brisa revolucionária que soprara em Berlim em janeiro de 1919 favoreceu a convicção otimista dos bolcheviques de que havia soado o toque de finados para o capitalismo, e que a onda revolucionária começava a formar-se, a oeste de Moscou. Foi nessa atmosfera que Lenin procurou realizar uma ambição alimentada desde o outono de 1914 — substituir a extinta Segunda Internacional, ou Internacional socialdemocrata, que se havia dividido e destruído com a deflagração da guerra ao abandonar os princípios do marxismo e do internacionalismo, por uma Terceira Internacional, ou Internacional Comunista, verdadeiramente revolucionária. Era a seqüência lógica de uma decisão tomada pelo congresso do partido em março de 1918, de substituir o antigo nome, Partido dos Trabalhadores Socialdemocratas Russos, agora estigmatizado pela sua associação com os socialdemocratas alemães e com os mencheviques, por Partido Comunista Russo (Bolchevique).

Em princípios de março de 1919 mais de 50 comunistas e simpatizantes reuniram-se em Moscou, dos quais 35 tinham mandatos de partidos ou grupos comunistas ou quase comunistas em 19 países; muitos eram pequenos países que outrora haviam feito parte do Império Russo, e eram agora reconhecidos como repúblicas soviéticas, inclusive a Ucrânia, Bielo-Rússia, países do Báltico, Armênia e Geórgia. O recém-fundado Partido Comunista Alemão enviou um delegado com instruções para não levantar objeções de princípio, mas buscar o adiamento da criação da Internacional para um momento mais propício. Viajar para Moscou a partir do Ocidente era praticamente impossível. Grupos nos EUA, França, Suíça, Holanda, Suécia e Hungria haviam delegado representação a residentes dessas nacionalidades em Moscou; o único delegado britânico não tinha qualquer mandato. A cautela do delegado alemão foi esmagada pelo entusiasmo. A chegada de um delegado revolucionário austríaco teria, ao que se diz, feito pender a balança. O congresso, constituindo-se no primeiro congresso da Internacional Comunista (Comintern), aprovou um manifesto, redigido por Trotski, descrevendo a decadência do capitalismo e o avanço do comunismo desde o *Manifesto comunista* de 1848; teses preparadas por Lenin denunciavam a democracia burguesa, proclamavam a ditadura do proletariado e ridicularizavam as tentativas de reviver a desacreditada Segunda Internacional; finalmente, um apelo aos trabalhadores do mundo para que pressionassem seus governos para pôr fim à intervenção militar na Rússia e reconhecessem o regime soviético. A

Lenin  
tentou o  
o 2º Int.

Lo

A 1ª guerra mundial era uma luta de capitalistas  
Embora inimiga, a Alemanha também era capita-  
lista. Com o fim da guerra, a luta passa a ser

fim de proporcionar à recém-nascida Internacional uma organização, o congresso elegeu uma comissão executiva (IKKI) e nomeou Zinoviev seu presidente, tendo Radek, que então estava na cadeia em Berlim, como seu secretário. Poucos dias depois do término do congresso, a República Soviética Húngara, de curta vida, era proclamada em Budapeste.

A fundação de uma Internacional Comunista foi mais importante do que qualquer outra decisão de seu primeiro congresso. Foi o anúncio dramático da divisão entre os dois mundos, e em particular da divisão que se havia declarado dentro do movimento internacional dos trabalhadores. Os fundadores do Comintern acreditavam firmemente que os trabalhadores dos países ocidentais, que haviam atravessado o morticínio fratricida da guerra — em especial os trabalhadores alemães, já experimentados no marxismo — abandonariam rapidamente os partidos socialdemocratas e trabalhistas de seus respectivos países, que os haviam levado ao holocausto, e cerrariam fileiras em torno da causa da unidade internacional dos trabalhadores do mundo, proclamada pelo Comintern. Quando isso não aconteceu, e quando a Segunda Internacional chegou até mesmo a mostrar indícios de vida, o retrocesso foi atribuído aos líderes corruptos e traiçoeiros que haviam enganado os seus seguidores desorientados. Mas a separação, nos países ocidentais, entre uma minoria de comunistas dedicados e uma maioria de trabalhadores que continuavam fiéis aos líderes “reformistas”, perpetuou-se e aprofundou-se com o passar do tempo.

A separação foi agravada por acontecimentos imprevistos dentro do próprio Comintern. A perspectiva de seus fundadores era realmente internacional: sua visão voltava-se para o dia em que a sede poderia transferir-se para Berlim ou Paris. Mas o que aconteceu em Moscou em março de 1919 não foi uma fusão dos partidos comunistas nacionais numa organização internacional, mas o atrelamento de vários grupos estrangeiros, débeis e embrionários, a uma organização essencialmente russa, cujos recursos e principal força motriz vinham, necessária e inevitavelmente, do partido russo e do Governo soviético. E isso não era ilógico. A promoção da revolução internacional tinha dois aspectos, que se reforçavam mutuamente. Era uma obrigação de todos os marxistas, mas era também uma importante arma defensiva no arsenal do pressionado regime soviético. Enquanto a derrubada do domínio capitalista em outros países fosse considerada como condição para a sobrevivência do regime revolucionário na Rússia, não poderia haver incompatibilidade entre os dois elementos. Eles eram facetas diferentes de um propósito único e integrado. Mas isso significava que o compromisso dos partidos comunistas estrangeiros com o Comintern tinha bases menos fortes do que o compromisso que parecia a Moscou obrigatório. O restante do ano de 1919 foi um período de guerra civil, intervenção aliada e isolamento soviético. Uma breve trégua seguiu-se ao colapso dos exércitos brancos no inverno de 1919-1920; e foi nesse intervalo, e

contra outro inimigo: a Rússia revolucionária socialista

10  
 não se  
 permitiu  
 um uso  
 limitado  
 interna  
 crucial  
 A realidade  
 de da  
 situações  
 era  
 russa, e não  
 interna  
 crucial

*Lenin criticando um período radicalismo de esquerda?*  
*a revolução russa*

como preparativo para o Segundo Congresso do Comintern, que Lenin escreveu seu famoso e influente folheto, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. O alvo do ataque era a chamada oposição esquerdista dentro dos partidos comunistas, que resistia a "concessões" em nome de "princípios": Lenin lembrou, em particular, a oposição a Brest-Litovsk. Os comunistas nos países ocidentais deviam participar ativamente dos parlamentos e sindicatos, e não furtar-se a concessões inerentes a essas participações. Preocupado com a intervenção britânica hostil na guerra civil, Lenin instou os comunistas britânicos a concluir "acordos eleitorais" com o Partido Trabalhista, a fim de "ajudar os Hendersons, e os Snowdens, a derrotar Lloyd George e Churchill". Mas esse conselho foi oferecido numa conjuntura de confiança nas perspectivas incipientes de revolução. As recomendações táticas do folheto estavam profundamente imbuídas da necessidade de esclarecer as massas dos partidos de trabalhadores quanto ao verdadeiro caráter de seus líderes, e voltar a massa contra os líderes. Henderson devia ser apoiado "tal como a corda sustenta o homem que está sendo enforcado". Não era parte do cálculo de Lenin que essa tática de concessão e manobra pudesse continuar, à falta de uma revolução internacional, durante anos e décadas.

*invasão polonesa sobre a URSS*

Em fins de abril de 1920 Pilsudski lançou uma invasão polonesa da Ucrânia, ocupando Kiev em princípios de maio. Mais uma vez, a República soviética foi mergulhada numa crise tão grave quanto a da guerra civil. Agora, porém, a resistência foi mais rápida e mais forte. Em junho o Exército Vermelho contra-atacou. A derrota das forças polonesas, cujas linhas eram demasiado extensas, foi catastrófica, e em princípios de agosto o Exército Vermelho penetrava em território da Polônia. Esses acontecimentos dramáticos coincidiram com o Segundo Congresso do Comintern, iniciado a 19 de julho de 1920, com mais de 200 delegados. Entre eles estavam, além de delegados do pequeno Partido Comunista Alemão (KPD), delegados do Partido Socialdemocrata Independente Alemão (USPD), uma ala do Partido Socialdemocrata Alemão (SPD) que se cindira durante a guerra, bem como dos Partidos Socialistas francês e italiano. Esses três partidos dividiam-se em relação à adesão ao Comintern e haviam comparecido ao Congresso em busca de esclarecimentos. Havia também delegados de vários grupos britânicos de extrema esquerda, que resolveram fundir-se num Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB). Os debates, em meio a um ambiente de vitórias do Exército Vermelho, demonstravam muita confiança e entusiasmo. As recomendações do folheto de Lenin não foram esquecidas. Aprovaram-se resoluções instando os partidos comunistas a trabalhar nos sindicatos e parlamentos burgueses, e o Partido Comunista Britânico recebeu instruções — pelo voto da maioria — de procurar filiar-se ao Partido Trabalhista. Mas o estado de espírito predominante era muito diferente. O congresso fez um apelo aos trabalhadores do mundo para que

Robert 86

Robert 86

Bobby! Bob!

Roberto

não tolerassem "nenhuma forma de ajuda à Polônia branca, e nenhuma forma de intervenção contra a Rússia soviética". A revolução mundial não foi esquecida.

A Internacional Comunista [declarava um manifesto do congresso] proclama a causa da Rússia soviética como sua própria causa. O proletariado não embainhará a espada enquanto a Rússia soviética não se tornar um elo numa federação de repúblicas soviéticas do mundo.

As "21 condições" para admissão ao Comintern, aprovadas pelo congresso, destinavam-se a excluir os indecisos, e fazer dele não (como a Segunda Internacional) uma associação frouxa de partidos muito diferentes, mas um partido único, homogêneo e disciplinado, do proletariado internacional. Nunca a perspectiva da revolução mundial parecera tão brilhante e tão próxima.

Enquanto o congresso realizava debates, os líderes soviéticos tiveram de tomar uma decisão vital. Deveria o Exército Vermelho deter-se na fronteira polonesa e oferecer a paz a Pilsudski? Ou deveria continuar o seu avanço, que agora já não encontrava praticamente nenhuma oposição, sobre Varsóvia e outros centros industriais da Polônia? Lenin declarou-se pelo avanço, ofuscado pela perspectiva de que os trabalhadores poloneses recebessem o Exército Vermelho como seus libertadores do jugo capitalista, e que a revolução na Polônia abrisse as comportas para a Alemanha e a Europa ocidental. Trotski e Radek foram contra; Stalin parece ter partilhado suas dúvidas, mas estava ausente, na frente de combate, no momento da decisão crítica. Tukatchevski, o brilhante comandante que havia liderado a contra-ofensiva, era totalmente a favor do avanço, e queria fazer do Exército Vermelho o exército do Comintern. A ousadia e o entusiasmo predominaram. Em meados de agosto, o Exército Vermelho chegava às proximidades de Varsóvia. Revelou-se então, rapidamente, o erro de cálculo da decisão. Os trabalhadores poloneses não se mexeram e Pilsudski apelou, com êxito, para a resistência nacional ao invasor russo. Nas semanas que se seguiram, o Exército Vermelho sofreu as humilhações da retirada precipitada, que haviam imposto, ainda tão recentemente, aos seus adversários. Os exércitos detiveram-se finalmente a um ponto bastante ao leste da chamada "linha Curzon", reconhecida pelos Governos dos Aliados, bem como pelo Governo soviético, como a fronteira oriental da Polônia. Ali foi assinado um armistício em 12 de outubro de 1920. A República soviética teve de pagar um elevado preço pelo seu otimismo revolucionário.

O prestígio do Exército Vermelho foi parcialmente restabelecido pela facilidade com que repeliu o ataque de Wrangel, o último dos generais brancos, no Sul da Rússia, no outono de 1920. Mas a derrota na Polônia teve repercussões duradouras nas relações soviéticas com o mundo ocidental. A campanha baseara-se na convicção de que os trabalhadores poloneses

questões  
sobre  
das  
líderes  
também  
na  
polónia  
maiden  
a  
polónia  
ou não

Lenin acreditava  
no apoio polonês  
mas também não  
foi +

Roberto

BETO  
BETINHO

BOB  
BOBBY

a luta contra a Polónia, demonstrou que a  
união dos trabalhadores era inferior ao sentimento

se revoltariam contra seus governantes e, em conjunto com as forças russas, instalariam um governo revolucionário em Varsóvia. A decepção dessa esperança mostrou que os trabalhadores poloneses, como os da Europa ocidental, estavam ainda muito imbuídos da lealdade patriótica para abraçar a causa da revolução proletária internacional. Em outros pontos da Europa, embora os trabalhadores continuassem a demonstrar simpatia e entusiasmo pela Revolução Russa, não se mostravam ansiosos por levantar a bandeira da revolução em seus próprios países. Em outubro o USPD resolveu, por uma pequena margem de votos, fundir-se com o KPD, deixando o restante de seus membros, juntamente com o maior partido operário alemão, o SPD, a alimentar sentimentos de amargura e ressentimento contra o KPD e o Comintern. Pouco depois, o Partido Socialista Francês transformava-se no Partido Comunista Francês (PCF), deixando atrás de si uma substancial minoria de dissidentes; e uma divisão no Partido Socialista Italiano levou à criação de um pequeno Partido Comunista Italiano (PCI). Essas adesões ao Comintern foram saudadas como triunfos em Moscou. Mas intensificaram a desconfiança em relação à organização que então predominava em muitos setores do movimento operário no Ocidente. Uma tentativa de golpe revolucionário na Alemanha, em março de 1921 (ver Capítulo 3), representou um fracasso desalentador. A onda revolucionária do pós-guerra, na Europa, estava em evidente refluxo.

Outra lição também podia ser aprendida com a derrota militar na Polónia. O camponês russo, que fornecia a mão-de-obra do Exército Vermelho, embora defendesse resolutamente a causa revolucionária em seu país, não se inclinava a lutar para levá-la a outros países. O camponês, que começava a revoltar-se contra as misérias e a devastação que se seguiram à guerra civil, era avesso a tolerar sofrimentos em nome da revolução internacional. No duro inverno de 1920-21 as agitações camponesas na Rússia central concentraram a atenção preocupada dos líderes sobre os problemas internos, e eles começaram, insensivelmente, a reformular o pensamento soviético sobre o mundo ocidental. As visões da revolução internacional haviam sido estimuladas — quase impostas — pela traumática experiência da guerra civil. Uma vez superada esta, o objetivo da revolução internacional, embora não rejeitado, foi discretamente deixado para um futuro mais distante. A segurança e a estabilidade eram as necessidades predominantes do momento. Dentro desse espírito foram tomadas medidas, simultaneamente com a introdução da NEP (Nova Política Econômica), para regularizar as relações soviéticas com o mundo não soviético.

Uma coisa era lutar para acabar com algo  
como infulto, que empunha fôrme ao povo.

Outra coisa é lutar no exterior para propo-  
ganar uma ideia. A luta deixa de ser pela  
sobrevivência e passa a ser ideológica.

Os camponeses  
não queriam  
lutar  
para  
lutar  
o com  
nismo



O objetivo desta  
revolução é  
de terras felizes!  
Viva, Viva!

My name is  
Bob!

This is Bob's book!

3

BOB

LOB

## Comunismo de Guerra

x  
Capitalismo de Paz

*relatório  
em  
moscou*

A hostilidade do mundo exterior foi apenas um dos perigos enfrentados pelos bolcheviques depois que assumiram o poder. A revolução em Petrogrado havia sido incruenta, mas luta violenta ocorrera em Moscou, entre unidades bolcheviques e cadetes militares fiéis ao Governo Provisório. Os partidos políticos desalojados do poder começaram a organizar-se contra a autoridade dos Sovietes. As comunicações foram interrompidas por uma greve dos trabalhadores ferroviários, cujo sindicato era controlado pelos mencheviques. Os serviços administrativos foram desorganizados, e o vandalismo aproveitou-se das condições anárquicas para promover motins e saques. Seis semanas depois da revolução, um decreto governamental criava a Comissão Extraordinária para Todas as Rússias (Cheka) para "combater a contra-revolução e a sabotagem", e os Sovietes locais eram convidados a organizar comissões semelhantes. Alguns dias depois era instituído um tribunal revolucionário para julgar "aqueles que organizam motins contra o Governo dos Trabalhadores e Camponeses, que a ele se opõem ativamente e não lhe obedecem, ou que incitam outros a opor-se a ele ou a desobedecer-lhe". Só em junho de 1918 o tribunal revolucionário pronunciava sua primeira sentença de morte. Mas assassinatos indiscriminados, tanto de bolcheviques como de seus adversários, ocorreram em muitas partes do país; a Cheka intensificava cada vez mais suas atividades, prendendo opositores do regime. Em abril de 1918 várias centenas de anarquistas eram detidos em Moscou; em julho, a Cheka era chamada a sufocar uma tentativa de golpe pelos SRs, que assassinaram o embaixador alemão — aparentemente, num protesto contra o Tratado de Brest-Litovsk. No verão de 1918 dois destacados líderes bolcheviques eram assassinados em Petrogrado, e tiros foram disparados contra Lenin, em Moscou. A ferocidade com que a guerra civil foi travada agravou a tensão. As atrocidades de um lado eram

respondidas com represálias pelo outro. O "terror vermelho" e o "terror branco" passaram, ambos, a fazer parte do vocabulário político.

Essas condições desesperadas refletiam-se na desorganização total da economia. Durante a guerra, a produção havia sido prejudicada e modificada pelas necessidades militares, e pela ausência de trabalhadores agrícolas e industriais, que estavam no *front*. A própria revolução e a destruição provocada pela guerra civil completavam o quadro de desintegração econômica, social e financeira; a fome e o frio assolaram grandes segmentos da população. Os remédios adotados inicialmente pelos bolcheviques para as enfermidades econômicas não foram além da proclamação de princípios gerais como a distribuição igual, a nacionalização da indústria e da terra, e o controle pelos trabalhadores. Nos primeiros meses da revolução, muitas empresas industriais foram confiscadas, por vezes por órgãos estatais responsáveis perante o Conselho Supremo da Economia Nacional (Vesenkha), outras pelos próprios trabalhadores. Na agricultura, os bolcheviques — que ainda tinham pouco poder no campo — haviam adotado o programa dos SRs, e proclamado a "socialização" da terra e sua distribuição igual entre os que a trabalhavam. O que aconteceu, na realidade, foi que os camponeses ocuparam e distribuíram entre si as propriedades, grandes e pequenas, da nobreza latifundiária, e as propriedades dos camponeses abastados, habitualmente chamados de *kulaks*, cuja acumulação as reformas de Stolipin haviam permitido. Nenhuma dessas medidas deteve o declínio da produção. Nas finanças, os bancos foram nacionalizados e a dívida externa repudiada. Mas era impossível recolher impostos regulares ou preparar um orçamento estatal: as necessidades do momento eram atendidas pela emissão de dinheiro.

Durante seis meses o regime viveu sem qualquer planejamento. As perspectivas de guerra civil e de colapso econômico, porém, levaram o Governo, no verão de 1918, a políticas mais drásticas, que se tornaram mais tarde conhecidas sob o nome ambíguo de "comunismo de guerra". Os alimentos constituíam a principal prioridade. Os trabalhadores das cidades e fábricas estavam famintos. Em maio, foram dadas ordens para a organização de "destacamentos de alimentos", que visitariam o campo e recolheriam os cereais dos *kulaks* e especuladores — a "burguesia rural" — que, ao que se acreditava, os estavam escondendo. Um decreto de 11 de junho de 1918 determinava a criação, nas aldeias, de "comissões de camponeses pobres", que "sob a direção geral do Commissariado do Povo para o Abastecimento (Narkomprod)", deveria supervisionar a coleta, distribuição e envio, para as cidades, do cereal e de outros produtos agrícolas. Lenin saudou a criação dessas comissões como "a Revolução de Outubro, isto é, proletária", do campo, e disse que ela assinalava a transição da revolução burguesa para a socialista. Mas a experiência teve vida curta. O decreto,

medidas  
dos  
bolcheviques

comunismo  
de  
guerra  
para a  
agricultura

como outros do período, era mais fácil de ser promulgado do que obedecido. A ação espontânea dos camponeses no primeiro ano da revolução provocou a divisão da terra entre uma multiplicidade de pequenos agricultores que viviam em nível de subsistência — um aumento no número, e uma redução no tamanho, das unidades de cultivo, o que não contribuiu, seja para a eficiência da agricultura ou para o abastecimento de alimentos às cidades, já que o pequeno produtor tinha mais tendência a consumir o que produzia para suas próprias necessidades. Os camponeses pobres não eram organizados com facilidade, e surgiu a rivalidade entre as comissões e os Sovietes das aldeias. A estratificação de classes nas aldeias era bastante real. Mas os critérios de classificação dos camponeses como *kulaks*, camponeses médios e pobres, eram incertos e oscilantes, e em parte ditados pelas exigências do momento. *Kulak*, em particular, tornou-se um termo ofensivo, dirigido pela propaganda partidária contra os camponeses que incorriam na ira das autoridades ao não atenderem às exigências de entrega de cereais. Nem se poderia esperar que, como queriam os líderes do partido em Moscou, os camponeses pobres agissem como aliados do Governo contra os *kulaks*. Os camponeses pobres tinham consciência da opressão que sofriam às mãos do *kulak*, mas com freqüência seu medo do Estado e seus agentes era maior, e eles quase sempre preferiam o mal que conheciam às ameaças de uma autoridade remota.

→ Em dezembro de 1918 as comissões de camponeses pobres foram abolidas e as autoridades transferiram seus apelos para os chamados "camponeses médios", que estavam acima do nível indigente dos "camponeses pobres", mas não se qualificavam ao rótulo de "camponeses ricos", ou *kulaks*. Mas no caos da guerra civil nenhum expediente poderia estimular a produção agrícola. As autoridades invocavam, de tempos em tempos, a meta socialista do cultivo da terra em grande escala. Várias comunas agrícolas, ou "fazendas coletivas" (colcoses), foram fundadas por idealistas comunistas, alguns deles estrangeiros, à base da vida e trabalho em comum. Mas pouco contribuíram para a solução do problema de alimentar as cidades. "Fazendas soviéticas" (sovcoses) foram criadas pelo Governo, por Sovietes provinciais ou municipais, ou por vezes pelas empresas industriais sob o controle do *Vesenkha*, com o objetivo específico de fornecer alimento aos trabalhadores urbanos e industriais famintos; elas empregavam o trabalho assalariado e eram por vezes chamadas de "fábricas socialistas de cereais". Mas pouco progresso conseguiram, ante a resistência dos camponeses, que nelas viam um retorno às grandes propriedades desmembradas pela revolução, especialmente quando, como ocorria com freqüência, eram estabelecidas em propriedades confiscadas e empregavam os administradores vindos do regime antigo. Certa vez, Lenin repetiu uma frase que seria comum entre os camponeses: "Nós somos bolcheviques, mas não comunistas; somos pelos bolcheviques porque eles expulsaram os donos das terras,

Lenin admite a propriedade privada. Relação com sua obra "Esquerdismo, doença infantil do comunismo".

nenhuma  
a abolição  
a abolição  
a abolição  
a abolição  
a abolição

Essas  
medidas  
não com  
seguram  
abombar  
a produ  
ção  
agrícola

mas não somos a favor dos comunistas porque eles estão contra as propriedades individuais."

Na indústria, pode-se dizer que o comunismo de guerra começou com o decreto de 28 de junho de 1918 que nacionalizou todas as categorias importantes da indústria. Essa medida parece ter sido inspirada, em parte, pela crescente ameaça da guerra civil, em parte pelo desejo de evitar as ocupações espontâneas das fábricas pelos trabalhadores, sem conhecimento ou autorização do Vesenkha — o que um autor da época chamou de "nacionalização elementar e caótica a partir de baixo". Mas a nacionalização formal era de pouca consequência. O importante era organizar e administrar o que havia sido confiscado — uma função que o controle dos trabalhadores foi incapaz de desempenhar. Era essa a tarefa do Vesenkha, que criou vários "centros" ou "comissões principais (*glavki*)" para administrar setores inteiros da indústria; algumas empresas industriais eram administradas pelas autoridades municipais. As condições caóticas exigiam, com urgência, o controle centralizado que, em certas ocasiões, pode até mesmo ter agravado o caos. Poucas das habilitações e qualificações exigidas para a produção industrial estavam à disposição do novo regime. A indústria, em todos os níveis, continuou a ser administrada na prática pelos que haviam trabalhado nela antes da revolução e que agora dirigiam os "centros" e as *glavki*. Os membros do partido eram designados, por vezes, para altos cargos, mas faltava-lhes a experiência para serem eficientes. Os altos dirigentes, gerentes e engenheiros, cujos serviços eram prontamente considerados indispensáveis, eram conhecidos como "especialistas" e recompensados com salários mais altos e com privilégios. A produção industrial, porém, era cada vez mais dominada pelas emergências da guerra civil. As exigências do Exército Vermelho estavam no primeiro plano. Era necessário concentrar os esforços numas poucas indústrias essenciais, a expensas das outras. Empresas de pequena escala, que empregavam apenas um punhado de trabalhadores, e a indústria artesanal, tanto nas cidades como no campo, estavam em grande parte isentas de controles, mas eram com frequência prejudicadas pela falta de material. A mão-de-obra estava mobilizada na frente de batalha. Os transportes entraram em colapso. As reservas de matérias-primas estavam esgotadas e não podiam ser renovadas. Das muitas estatísticas que ilustram o declínio catastrófico da indústria, talvez as mais reveladoras fossem as que registraram o despovoamento das grandes cidades. Nos três anos que se seguiram à revolução, Moscou perdeu 44,5% de sua população; Petrogrado, onde a concentração industrial era mais intensa, 57,5%. O Exército Vermelho teve a sua quota entre os homens capazes, e massas de pessoas transferiram-se para o campo, onde havia ainda alguma possibilidade de encontrar alimento.

Os problemas da distribuição não eram menos persistentes. O objetivo anunciado no programa partidário, de substituir o comércio privado por

comunismo de guerra para a indústria  
comunistas  
mas não era  
te, o que  
era fun  
indústria  
admin  
glavki  
comunistas

Oi Bob!

Alô Stalin, aqui é o

Bob!

"um sistema planejado de distribuição de mercadorias compreendendo todo o Estado", era um ideal remoto. Um decreto de abril de 1918, autorizando o Narkomprod a adquirir estoques de bens de consumo para troca por estoques camponeses de cereal, continuou letra morta. Planos de racionamento e fixação de preços nas cidades falharam em virtude da escassez de abastecimentos e da ausência de qualquer administração eficiente. O comércio, quando existia, fazia-se pelos canais ilícitos. Comerciantes, suficientemente numerosos para serem apelidados de "caixeiros-viajantes", percorriam o país levando bens de consumo simples, que trocavam com os camponeses por alimentos a serem vendidos por preços exorbitantes nas cidades. Os "caixeiros-viajantes" eram freqüentemente denunciados pelas autoridades e ameaçados de prisão e fuzilamento, mas continuavam a prosperar. Foram feitas tentativas de usar o mecanismo das cooperativas, já existente, e estabeleceu-se o controle, não sem atritos, com os órgãos cooperativos centrais. Como o dinheiro perdia rapidamente o valor, foram elaborados esquemas para a troca de mercadorias entre a cidade e o campo, mas os produtos desejados pelos camponeses também eram escassos. No ano crítico da guerra civil, quando a sobrevivência do regime parecia pender de um fio, e o território por ele controlado, até mesmo nominalmente, era constantemente reduzido pelas incursões dos exércitos brancos, o método pelo qual as necessidades essenciais do Exército Vermelho, das fábricas dedicadas à produção de guerra e da população urbana puderam ser atendidas foi o método brutal da requisição, ditado e justificado pela necessidade militar. Manter abastecido o Exército Vermelho era a tarefa principal da política econômica, e pouca atenção podia ser dada às necessidades ou susceptibilidades civis. Foi, acima de tudo, a requisição generalizada de abastecimento de cereais que levou os camponeses, uma vez superado o perigo dos brancos, a rebelar-se contra os rigores do comunismo de guerra.

O comunismo de guerra teve conseqüências importantes para a organização do trabalho. Desapareceu logo a esperança inicial de que, embora a coação tivesse de ser aplicada aos latifundiários e membros da burguesia, o trabalho dos operários seria regulado pela autodisciplina voluntária. O "controle dos trabalhadores", que deveria ser exercido sobre a produção e em cada fábrica por uma comissão eleita, e que havia sido estimulado ao início da revolução, desempenhando um certo papel na tomada do poder, tornou-se dentro em pouco um pretexto para a anarquia. Na atmosfera de crise que se avolumava rapidamente em janeiro de 1918, Lenin citou, significativamente, a frase conhecida, "Quem não trabalha não come", como "o credo prático do socialismo", e o comissário do povo para o Trabalho falou de "sabotagem" e das medidas de coação necessárias. Lenin tinha muito que dizer sobre o trabalho por tarefa e o "taylorismo" — um sistema norte-americano da moda para melhorar a eficiência do trabalho, que ele próprio havia denunciado no passado como "a escravização do homem à

produção  
de bens  
de consumo  
de guerra

Logo,  
seria  
preciso  
algum  
tipo de  
autoridade  
de  
controle  
coação

Um mínimo de disciplina de controle  
de autoridade seria preciso. Para isto, socialis-  
mo utópico

Lenin, embora contrário ao Taylorismo, apoiou uma espécie de administração fabril!

máquina". Mais tarde, ele apoiou uma campanha para a adoção do que chamou de "administração de um homem" na indústria — a antítese direta do "controle dos trabalhadores". O congresso do partido, de março de 1918, que aprovou a ratificação do Tratado de Brest-Litovsk também exigia "medidas draconianas para melhorar a autodisciplina e disciplina dos trabalhadores e camponeses". Essas propostas, como o próprio Tratado de Brest-Litovsk, provocaram a indignação da oposição de esquerda, onde Bukharin e Radek desempenhavam papéis de liderança.

A revolução havia revelado o papel ambíguo dos sindicatos num Estado dos trabalhadores. As relações entre os Sovietes dos Representantes dos Trabalhadores e os sindicatos, ambos reivindicando a representação dos interesses dos trabalhadores, haviam sido um problema desde os primeiros dias da revolução, quando os sindicatos mais fortes eram dominados pelos mencheviques. Quando o Primeiro Congresso Sindical de Todas as Rússias se reuniu em janeiro de 1918, os bolcheviques haviam conseguido a maioria, embora os mencheviques e outros partidos também estivessem representados. O congresso não teve dificuldades em chamar à ordem as comissões de fábricas, sob a alegação de que o interesse particular de um pequeno grupo de trabalhadores devia ceder ao interesse geral do proletariado como um todo. Apenas alguns delegados anarquistas se opuseram à decisão de transformar as comissões em órgãos dos sindicatos. Também nesse caso o princípio da centralização da autoridade dispersada pela revolução já se fazia sentir.

A questão das relações dos sindicatos com o Estado foi mais debatida. Deveriam os sindicatos ser parte integral do mecanismo do Estado dos trabalhadores, como outras instituições soviéticas? Ou conservariam eles a função de defesa de interesses específicos dos trabalhadores, independentemente dos outros elementos do Estado? Os mencheviques, e alguns bolcheviques, argumentando que, como a revolução ainda não havia ultrapassado seu estágio democrático-burguês, os sindicatos ainda tinham seu papel tradicional a desempenhar, colocaram-se a favor da independência total em relação ao Estado. Mas Zinoviev, que presidia o congresso, não teve dificuldade em conseguir uma confortável maioria para a opinião bolchevique oficial de que, no processo da revolução, os sindicatos deviam, "inevitavelmente, ser transformados em órgãos do Estado socialista", e nessa qualidade "assumir o encargo principal de organizar a produção". A queda da produção e as necessidades de uma situação desesperada tornavam vital esse mandato. Aumentar a produtividade do trabalho, melhorar a disciplina dos operários, regular os salários e impedir as greves eram responsabilidades que os sindicatos, em associação com o Vesenkha e outros órgãos estatais, deveriam agora assumir. A distinção entre as funções dos sindicatos e as do Commissariado do Povo para o Trabalho (Narkomtrud) tornaram-se sobretudo formais; a maioria dos

Controle exercido por um comitê não deve ser

não momento de mentes queiram fortalecer a estrutura do comitê

funcionário do

impedir greves

principais funcionários do Narkomtrud passaram a ser indicados pelos sindicatos.

A emergência da guerra civil foi revivida e manteve viva a chama do entusiasmo gerado pela própria revolução, tornando aceitáveis as rigorosas medidas de disciplina. Em abril de 1919, no auge da guerra civil, foi ordenado um recrutamento geral para o serviço militar, que dentro em pouco passou a convocar também a mão-de-obra para o trabalho essencial. Mais ou menos na mesma ocasião foram criados os campos de trabalho para os criminosos condenados a essa forma de castigo pela Cheka ou pelos tribunais comuns, e que deviam ser usados no trabalho sob a direção das instituições soviéticas. A categoria mais rigorosa desses campos, conhecidos como "campos de concentração", estava reservada àqueles que se empenhavam em atividades contra-revolucionárias na guerra civil, e eram incumbidos dos trabalhos particularmente pesados. Mas também se podiam fazer apelos à autodisciplina voluntária. Em maio de 1919 Lenin convocou os trabalhadores para o que chamou de "Sábados Comunistas", quando milhares de trabalhadores em Moscou e Petrogrado se apresentaram como voluntários para trabalhar horas extras sem remuneração, a fim de intensificar o envio de soldados e suprimentos para as frentes de combate, e esse precedente foi seguido um ano mais tarde. A instituição dos *udarniki*, ou trabalhadores de choque, para realizar trabalho particularmente importante com grande rapidez, data dessa época. Sem essa combinação de dura coação e entusiasmo espontâneo a guerra civil não poderia ter sido vencida.

Em princípios de 1920, com a derrota de Denikin e Koltchak, a emergência militar desapareceu. Mas abriu caminho aos problemas igualmente graves de colapso econômico quase total, e parecia lógico que esses problemas fossem resolvidos pelas mesmas formas de disciplina que haviam proporcionado a vitória nos campos de batalha. Trotski, como comissário do povo para a Guerra, transformou-se no campeão do recrutamento e "militarização" do trabalho, para preparar o caminho para o renascimento econômico. Durante o período de comunismo de guerra, os sindicatos tinham sido postos de lado. A mão-de-obra havia sido recrutada para o trabalho atrás das linhas militares; e quando a luta cessou, as unidades militares foram transformadas em "batalhões de trabalho", para a necessária atividade de reconstrução. O primeiro "exército revolucionário do trabalho" foi formado nos Urais, em janeiro de 1920. Agora, porém, que a guerra civil havia terminado, o estado de espírito se transformava. Os que haviam, desde o princípio, visto com desconfiança as medidas de compulsão aplicadas aos trabalhadores, os partidários da independência dos sindicatos, e os que, por outras razões, se ressentiam da importância de que Trotski gozava no partido, uniram-se para atacar suas medidas magistras. Ele defendeu suas linhas de ação ante uma oposição crescente no congresso do partido de março de 1920, e conseguiu o apoio de Lenin. A deflagração

coação e  
mão-de-obra  
da vitória

da guerra polonesa silenciou as vozes dos dissidentes. Mas quando a guerra terminou no outono de 1920, e as últimas chamadas da guerra civil haviam sido apagadas no Sul, surgiu uma violenta oposição, dentro do partido, ao reiterado recrutamento de mão-de-obra e à marginalização prática dos sindicatos. Trotski, mergulhado nos enormes e urgentes problemas de reconstrução econômica, e irritado pela resistência dos sindicatos aos seus planos, lançou lenha à fogueira exigindo uma "remodelação" dos sindicatos. Lenin discordou dele nessa questão, e travou-se durante todo o inverno um acerbó debate, de dimensões sem precedentes — que só foi solucionado quando as diretrizes do comunismo de guerra foram finalmente abandonadas pelo congresso do partido em março de 1921.

As atitudes do partido para com o comunismo de guerra foram contraditórias e ambivalentes. As diretrizes práticas conhecidas coletivamente sob essa denominação foram aprovadas como necessárias e adequadas por todos, com exceção de uma pequena minoria de dissidentes. Mas as interpretações de seu caráter divergiram muito — e talvez mais, se vistas retrospectivamente, do que na época. Os oito primeiros meses de governo soviético haviam acabado com o poder dos latifundiários e da burguesia, mas ainda não haviam criado uma ordem econômica socialista. Em maio de 1918 Lenin ainda falava de uma "intenção (...) de realizar a transição para o socialismo". A súbita introdução, no verão, e sob o nome de comunismo de guerra, de medidas que pareceram a muitos bolcheviques um prenúncio da futura economia socialista, foi tratada pelos membros do partido mais prudentes simplesmente como uma reação necessária a uma emergência: o abandono do cauteloso avanço até então adotado, um mergulho — necessário, sem dúvida, mas temerário e cheio de perigos — em águas desconhecidas. Essa opinião ganhou popularidade quando a guerra civil terminou, e as restrições do comunismo de guerra já não pareciam mais toleráveis, e passou a ser a posição aceita quando a revolta camponesa finalmente levou a decisão de abandonar o comunismo de guerra em favor da NEP.

Outros comunistas, porém, saudaram as realizações do comunismo de guerra como um triunfo econômico, um progresso para o socialismo e o comunismo, mais rápido do que até então se considerara possível, e principalmente por isso, mais impressionante. A indústria foi nacionalizada em grande escala, e embora a produção industrial continuasse baixando, Bukharin pôde escrever com tolerância sobre a "desintegração revolucionária da indústria" como uma "etapa historicamente necessária". A desvalorização progressiva do rublo pôde ser descrita como um golpe desfechado contra os capitalistas burgueses, e um prelúdio à sociedade comunista do futuro, onde não haveria dinheiro, quando tudo seria partilhado de acordo com as necessidades. Já se afirmava que o mercado havia em grande parte sido eliminado como agência de distribuição. Os excedentes de cereais foram requisitados dos camponeses, e os principais alimentos foram em

princípio racionados entre a população urbana. A indústria trabalhava principalmente para atender às encomendas do Governo. O trabalho foi organizado e distribuído de acordo não com os ditames do mercado, mas com as necessidades sociais e militares. Depois da guerra civil, as realidades de uma situação econômica desesperada chocaram-se, com demasiada evidência, com essa imagem utópica, e não foi mais possível sustentá-la a sério. Muitas consciências, no partido, sentiram-se, porém, perturbadas com o seu abandono, e as divergências de opinião sobre o caráter do comunismo de guerra repetiram-se como divergências sobre o caráter e a permanência da NEP.

Substituição de  
uma economia  
de guerra por uma  
política econômica  
de tempo de paz

## 4

# A Trégua da NEP

O comunismo de guerra havia sido constituído de dois principais elementos: de um lado, a concentração da autoridade econômica e do poder, inclusive o controle e administração centralizados, a substituição das pequenas unidades de produção pelas grandes e uma certa planificação unificada. Do outro, um distanciamento das formas comercial e monetária de distribuição e a introdução da oferta de bens e serviços básicos a preços fixos, racionamento, pagamento em mercadorias e a produção para uso direto, e não para um mercado hipotético. Entre esses dois elementos, porém, podia-se estabelecer uma distinção bastante clara. Os processos de concentração e centralização, embora florescessem muito bem na estufa do comunismo de guerra, eram uma continuação de processos já postos em movimento no primeiro período da revolução, e na verdade, durante a guerra européia. O comunismo de guerra erguia-se, no caso, sobre a base do que já havia acontecido antes, e muitas de suas realizações suportaram bem essa prova — apenas em sua aplicação detalhada foram as suas diretrizes, posteriormente, passíveis de rejeição e inversão. O segundo elemento do comunismo de guerra, a substituição de uma economia de “mercado” por uma economia “natural”, não tinha tais bases. Longe de se desenvolver logicamente a partir das diretrizes do período inicial da revolução, foi um abandono direto dessas diretrizes — um mergulho despreparado no desconhecido. Esses aspectos do comunismo de guerra foram decisivamente rejeitados pela NEP, e foram eles que mais a desacreditaram aos olhos de seus críticos.

Entre os dois principais elementos do comunismo de guerra havia, além disso, outra distinção. As políticas de contenção e centralização foram aplicadas quase que exclusivamente à indústria; as tentativas para transferi-las para a agricultura não obtiveram êxito. Era ali que a revolução

tinha sua principal base social de apoio, e que a economia russa revelou algumas das suas características de um capitalismo desenvolvido. As políticas do afastamento do dinheiro e sua substituição por uma economia "natural" surgiram não a partir de um plano preconcebido, mas da incapacidade de resolver os problemas de uma agricultura camponesa atrasada que ocupava mais de 80% da população. Foram uma expressão da dificuldade fundamental de tentar combinar a revolução antifeudal do campesinato, de aspirações pequeno-burguesas, com a revolução antiburguesa, anticapitalista, de um proletariado industrial, e de solucionar o conflito entre a cidade e o campo, inerente a essa tentativa. Foram essas incompatibilidades que acabaram provocando a revolta contra o comunismo de guerra e o destruíram.

No outono de 1920, quando a luta terminou, toda a economia estava quase paralisada. Nada, na teoria ou prática do comunismo de guerra, oferecia qualquer chave para o reinício dos processos de produção e troca que se haviam imobilizado. O ponto nodal, como sempre na economia russa, era o cereal. A política de requisições, que funcionara de certo modo durante a guerra civil, estava falida. O camponês recuara para uma economia de subsistência e não tinha incentivos para produzir excedentes que seriam confiscados pelas autoridades. Desordens camponesas generalizadas ocorreram na Rússia central durante o inverno de 1920-21. Bandos de soldados desmobilizados percorriam o interior, em busca de alimentos, e viviam pelo banditismo. Era imperativo, para que o resto do país não morresse de fome, oferecer ao camponês os incentivos que lhe eram negados pelo sistema de requisições. E nem tudo estava bem dentro do partido. Um grupo dissidente, que se intitulava "Oposição dos Trabalhadores", foi formado sob a liderança de Shlyapnikov, um ex-trabalhador em metal que havia sido comissário do povo para o Trabalho no primeiro Governo soviético, e Alexandra Kollontai, que desfrutara certo prestígio nos primeiros dias da revolução. Seu programa era dirigido principalmente contra a proliferação de controles políticos e econômicos e o crescente poder da máquina partidária e estatal; ele pretendia manter a pureza dos ideais originais da revolução e evocava a oposição de 1918 à rendição de Brest-Litovsk. A liderança do grupo não era muito impressionante, mas gozava de grande simpatia e apoio entre a massa do partido.

Uma modificação era agora urgentemente necessária. A essência da nova política elaborada durante o inverno de 1920-1921 era permitir ao camponês, depois da entrega de uma proporção fixa de sua produção aos órgãos do Estado (um "imposto em produto"), vender o restante ao mercado. Para que isso fosse possível, era necessário estimular a indústria, em especial a pequena indústria artesanal, a produzir as mercadorias que o camponês desejasse comprar — uma inversão da ênfase do comunismo de guerra, que recaía sobre a indústria pesada em grande escala. Era preciso

deixar renascer o comércio privado, e por isso grandes esperanças foram depositadas nas cooperativas — uma das poucas instituições pré-revolucionárias que conservaram certo grau de vitalidade e popularidade. Finalmente, tudo isso deixava implícitos — embora só fosse compreendido algum tempo depois — uma pausa na queda vertiginosa do rublo e o estabelecimento de uma moeda estável. O plano conhecido como Nova Política Econômica (NEP), com ênfase particular sobre as concessões ao camponês, foi aprovado pelo comitê central, para ser apresentado por Lenin ao histórico Décimo Congresso do Partido, em março de 1921.

As vésperas do congresso, seus trâmites foram ofuscados por um desastre sinistro e pressago. Os marinheiros da Frota Vermelha sediada na fortaleza de Kronstadt revoltaram-se, exigindo concessões para os trabalhadores e camponeses, e eleições livres dos Sovietes. O motim não tinha ligação direta com a Oposição dos Trabalhadores, mas refletia os mesmos sentimentos profundos de descontentamento com as tendências da política partidária. A liderança, se é que existiu, parece ter sido anarquista; a suspeita dos bolcheviques, de que o motim havia sido planejado ou inspirado pelos emigrados brancos, era infundada, embora eles tivessem, posteriormente, explorado bastante essa possibilidade. Negociações e ultimatos de rendição foram inúteis. A 17 de março, enquanto o congresso discutia as propostas de Lenin, unidades do Exército Vermelho avançaram contra a fortaleza, por sobre o gelo. Depois de sangrenta batalha, travada com grande tenacidade por ambos os lados, os rebeldes foram esmagados e a fortaleza ocupada. Mas essa ampla revolta de homens até então elogiados como heróis da revolução constituiu um golpe severo ao prestígio e confiança do partido, que bem pode ter aumentado a disposição do congresso de aceitar a Nova Política Econômica, bem como as propostas para reforçar a disciplina partidária e oferecer maiores proteções contra a dissidência, interna e externa.

Quando Lenin apresentou ao congresso a resolução que encerrava as propostas da NEP, o debate foi apenas formal. O desencanto com o comunismo de guerra era geral, e a crise era demasiado aguda para permitir demoras. Os que tinham dúvidas foram consolados pela afirmação de Lenin de que “as rédeas do comando” da indústria continuariam nas mãos firmes do Estado, e de que o monopólio do comércio exterior permaneceria intacto. A resolução foi aprovada, se não com entusiasmo, pelo menos com boa vontade e por unanimidade formal. A mais aguda diferença de opiniões no congresso surgiu da acalorada controvérsia sobre a questão sindical, que se prolongara por todo o inverno. Trotski, inspirado pela experiência da guerra civil e apoiado, depois de certa hesitação, por Bukharin, mais uma vez apresentou seu plano de transformar os sindicatos em “sindicatos de produção” e fazer deles parte do “mecanismo do Estado dos trabalhadores”. No extremo oposto do espectro, a Oposição

dos Trabalhadores desejava colocar a organização e controle da produção nas mãos dos trabalhadores, representados pelos sindicatos — uma opinião quase sindicalista. Manobrando entre as duas facções em luta, Lenin finalmente conseguiu unir o centro do partido em torno de uma resolução que contornava as questões cruciais, sem resolvê-las. A mancha da “militarização” foi evitada. Os sindicatos foram reconhecidos como “organizações de massa não partidárias” cujo apoio tinha de ser conquistado. Seria um erro incorporá-los à máquina do Estado. A persuasão, e não a força, era seu instrumento adequado, embora a “compulsão proletária” não fosse totalmente eliminada. Os sindicatos haviam professado sempre uma preocupação com a produção; já em 1920 o conselho central dos sindicatos criava um Instituto Central do Trabalho para estudar métodos e técnicas destinados a aumentar a produtividade dos trabalhadores, e promover o treinamento nessas técnicas. Esse aspecto de suas responsabilidades era ressaltado na resolução. Era função deles manter a disciplina do trabalho e combater o absentismo; mas isso se deveria fazer através de “tribunais de camaradas”, não dos órgãos do Estado. A resolução foi aprovada por uma grande maioria, mas não sem alguns votos minoritários dados em favor de dois projetos dissidentes.

A violência da controvérsia abalou o partido e deixou sua marca no congresso. Lenin falou da “febre” que havia sacudido o partido e do “luxo de discussões” e “debates” que este não podia tolerar. O congresso aprovou uma resolução especial, com o título “Sobre o desvio sindicalista e anarquista em nosso partido”, que declarava ser a divulgação do programa da Oposição Partidária incompatível com a situação de membro do partido, bem como uma resolução geral, “Sobre a unidade do partido”. Esta última exigia “a completa abolição de todo fracionalismo” — as questões controversas podiam ser discutidas por todos os membros do partido, mas a formação de grupos com “plataformas” próprias era proibida. Uma vez tomada uma decisão, a obediência incondicional a ela era de rigor. A infração dessa regra poderia levar à expulsão do partido. Uma cláusula final, mantida secreta e só publicada três anos depois, estabelecia que mesmo os membros da comissão central do partido poderiam ser expulsos por essa razão, por uma maioria de não menos de dois terços da comissão. Essas determinações, destinadas a assegurar a fidelidade e uniformidade de opinião no partido, pareciam necessárias e razoáveis, na época. Como disse Lenin, “durante uma retirada, a disciplina é cem vezes mais necessária”. Mas a atribuição do que era praticamente um monopólio do poder à organização central do partido teria conseqüências de longo alcance. Lenin, no auge da guerra civil, havia aclamado “a ditadura do partido” e sustentado que “a ditadura da classe operária é realizada pelo partido”. O corolário, a que chegou o Décimo Congresso, foi a concentração da autoridade nos órgãos centrais do partido. O congresso concedeu aos sindicatos uma certa

autonomia em relação aos órgãos do Estado dos trabalhadores. Mas o papel que deveriam desempenhar foi determinado pelo monopólio do poder de que estava investida a organização partidária.

A rigorosa proibição de oposição dentro do partido foi produto da crise que acompanhou a adoção da NEP. O mesmo processo atingiu logicamente os dois partidos de oposição de esquerda que haviam sobrevivido à revolução: os SRs e os mencheviques. A dissolução da Assembléia Constituinte, em janeiro de 1918, havia evidenciado a disposição dos bolcheviques de exercer o poder supremo, e lançar as bases do Estado unipartidário. Mas durante os três anos que se seguiram — o período compreendido pela guerra civil — as relações mútuas entre o Governo soviético e os dois partidos de esquerda foram ambíguas, oscilantes, e as medidas contra eles tomadas foram inconclusivas. Poucas semanas depois da revolução, um grupo de SRs de esquerda afastou-se do partido principal e formou uma coalizão com os bolcheviques; três SRs de esquerda foram nomeados comissários do povo. A assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, em março de 1918, acerbamente denunciada pelos SRs e pelos mencheviques, levou à sua renúncia. Os SRs de direita colocaram-se abertamente contra o regime e foram considerados responsáveis pelas desordens em Moscou no verão de 1918, bem como pelo assassinato do embaixador alemão e de dois bolcheviques importantes em Petrogrado, e pela tentativa contra a vida de Lenin (ver início do Capítulo 3). A 14 de junho de 1918 os SRs de direita e os mencheviques foram banidos sob a alegação de sua associação com "contra-revolucionários notórios". Seus jornais eram confiscados de quando em vez, mas freqüentemente reapareciam sob outros nomes, e até mesmo um jornal kadet foi publicado durante alguns meses após a revolução. A perseguição intermitente, e não a imposição de uma proibição total, refletia a ambivalência e hesitação da parte das autoridades.

A guerra civil, que tornou mais desesperada a situação do regime, a princípio melhorou um pouco a situação dos dois partidos. Os mencheviques denunciaram com ênfase, e os SRs com menor coerência, a ação dos brancos e dos Governos aliados que os ajudavam e protegiam, e com isso implicitamente apoiaram o regime, embora continuassem a atacar suas políticas internas. A proibição aos mencheviques foi revogada em novembro de 1918, a dos SRs em fevereiro de 1919. Delegados mencheviques e SRs falaram nas sessões do Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias em 1919 e 1920, embora aparentemente sem o direito de voto. Durante a guerra civil, muitos mencheviques, e alguns SRs, inscreveram-se no Partido Bolchevique; muitos outros colocaram-se a serviço do regime e trabalharam em instituições soviéticas. A massa de seguidores de ambos os partidos, constantemente importunada pelas autoridades, começou a desintegrar-se. Quando a guerra civil terminou, não havia mais bases para a coalizão ou as concessões. Dois mil mencheviques, inclusive a totalidade do comitê central

do partido, teriam sido presos às vésperas da adoção da NEP, coincidindo a extinção da oposição menchevique com a supressão das discordâncias dentro do Partido Bolchevique dominante. Muitos dos presos foram em seguida libertados e os principais mencheviques tiveram autorização para viajar para o exterior. Mas o núcleo básico dos líderes SRs foi submetido a julgamento em 1922 por atividades contra-revolucionárias, e condenado à morte (mas não executado) ou a longos períodos de detenção.

As vantagens oferecidas pela NEP ao camponês, que de qualquer modo surgiram tarde demais para afetar a semeadura de 1921, foram retardadas por uma calamidade natural. Uma seca rigorosa arruinou a colheita numa grande área, especialmente na Rússia central e na bacia do Volga. A fome foi mais generalizada e provocou, entre uma população já muito sofrida e enfraquecida, uma devastação maior do que o último grande período de escassez de 1891. Os horrores do inverno que se seguiu, quando milhões de pessoas morreram à míngua, foram parcialmente remediados pelos suprimentos enviados por missões estrangeiras de ajuda, notadamente a American Relief Administration. A semeadura de 1922 foi ampla. As colheitas daquele ano e de 1923 foram excelentes e pareciam anunciar um renascimento da agricultura soviética: pequenas quantidades de cereais foram até mesmo exportadas. Observou-se que a NEP, reintroduzindo no campo os processos do mercado, inverteu as políticas de nivelamento do comunismo de guerra e estimulou o reaparecimento do camponês rico, ou *kulak*, como a figura-chave da economia rural. O camponês pobre produzia para a subsistência própria e de sua família. Consumia o que produzia; se procurava o mercado, era mais freqüentemente como comprador do que como vendedor. O *kulak* produzia para o mercado e tornou-se um pequeno capitalista; foi essa a essência da NEP. O direito de arrendar terra e contratar mão-de-obra, teoricamente proibido desde os primeiros dias do regime, foi concedido com algumas restrições formais, pelo novo código agrícola de 1922. Mas enquanto os camponeses tivessem alguma coisa para comer, e proporcionassem suprimentos suficientes para alimentar as cidades, poucos, mesmo entre os mais dedicados membros do partido, tinham pressa em questionar o abandono dos princípios e ideais da revolução, os quais haviam proporcionado esses resultados felizes. Se a NEP pouco, ou nada, fez para ajudar a indústria ou o trabalhador industrial, e menos ainda para promover a causa de uma economia planificada, esses problemas poderiam ser transferidos, sem risco, para o futuro.

Foi a essa altura que as discordâncias subjacentes no partido, quanto ao caráter do comunismo de guerra, começaram a refletir-se nas discordâncias quanto às implicações e conseqüências práticas da NEP. Quando, na

atmosfera de crise de março de 1921, a substituição das diretrizes mais extremadas de comunismo de guerra pela NEP foi aceita por unanimidade como uma trégua bem recebida e necessária, essas divergências foram postas de lado, mas sem haver uma conciliação. Na medida em que o comunismo de guerra era considerado não como um avanço no caminho do socialismo, mas como uma aberração imposta pelas necessidades militares, uma resposta forçada à emergência de guerra civil, a NEP era um recuo em relação a uma digressão lamentável, embora sem dúvida forçada, e um retorno a um caminho mais seguro e mais cauteloso, que estava sendo seguido antes de junho de 1918. Na medida em que o comunismo de guerra era tratado como um salto à frente, excessivamente apressado e entusiástico, para as culminâncias superiores do socialismo, prematuro sem dúvida, mas sob outros aspectos concebido corretamente, a NEP era um afastamento temporário de posições que se haviam mostrado insustentáveis no momento, mas que, mais cedo ou mais tarde, teriam de ser reocupadas. Foi nesse sentido que Lenin, cuja posição não era totalmente coerente, considerou-a "uma derrota" e "uma retirada — para um novo ataque". Quando Lenin, no Décimo Congresso, disse que a NEP deveria permanecer "a sério e por longo tempo" (mas acrescentou, em resposta a uma pergunta, que uma estimativa de 25 anos era "demasiado pessimista"), deu razão tanto à opinião de que ela constituía uma correção necessária e desejável dos erros do comunismo de guerra, como à opinião de que ela teria, no futuro, de ser corrigida e substituída. A premissa tácita da primeira opinião era a necessidade prática de levar em conta uma economia camponesa atrasada e a mentalidade camponesa; a premissa tácita da segunda era a necessidade de construir uma indústria e não agravar ainda mais a posição dos trabalhadores industriais que formavam o principal baluarte da revolução. Essas discordâncias, silenciadas no momento pela satisfação com a superação da aguda crise partidária do inverno de 1920-1921, reapareceram em outra crise econômica e partidária, dois anos depois.

## 5

# A Nova Ordem Soviética

O advento da NEP, que teve a conseqüência imprevista de fortalecer a autoridade central do partido, estimulou também as forças centralizadoras que já atuavam na formação do Estado soviético. O entusiasmo da massa de 1917 com a destruição do poder estatal havia desaparecido no mundo dos sonhos não realizados. Estes continuaram a perseguir as lembranças de muitos membros do partido. Mas desde Brest-Litovsk, e desde o fim da guerra civil, a necessidade de criar um poder estatal suficientemente forte para enfrentar essas emergências havia sido forçosamente aceita. Era, agora, reforçada pela necessidade de reconstruir a economia nacional, devastada e despedaçada. O período da NEP não só modelou o que viria a ser a estrutura constitucional permanente da URSS, como também determinou as linhas a serem seguidas durante muitos anos, em suas relações com os países estrangeiros.

Era o momento de estabilizar as imprecisas disposições constitucionais do regime soviético. Uma constituição da República Soviética Federal Socialista Russa (RSFSR) havia sido promulgada em julho de 1918. Abria com a "Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado", proclamada seis meses antes pelo Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias (ver Capítulo 1). Atribuía a autoridade suprema a um Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias, composto de delegados eleitos pelos soviets das cidades e províncias, com acentuado predomínio dos delegados das cidades, onde viviam os trabalhadores. O direito de voto era limitado aos que "ganham a sua vida pela produção ou pelo trabalho socialmente útil", juntamente com os soldados e pessoas incapacitadas. O congresso elegeu uma Comissão Executiva Central de Todas as Rússias (VTSIK) para exercer a autoridade em seu nome, nos intervalos entre as sessões. A VTSIK, por sua vez, nomeou um Conselho dos Comissários do Povo (Sovnarkom), cujas

principais funções eram administrativas, mas que também tinha direito a baixar ordens e decretos, de modo que nenhuma linha clara de demarcação ficou estabelecida entre os poderes do Sovnarkom e da VTSIK. A constituição também enunciava princípios gerais, como a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade de palavra, opinião e reunião para os trabalhadores, a obrigação que tinham todos os cidadãos de trabalhar, de acordo com o princípio "Quem não trabalha também não come", necessidade de prestação de serviço militar para a defesa da república e abolição de todas as discriminações por motivos de raça ou nacionalidade. O caos da guerra civil impedia qualquer definição do território da república. A palavra "federal", no seu nome, não tinha uma significação exata: cobria tanto a incorporação, na RSFSR, das repúblicas "autônomas" e regiões habitadas principalmente por populações não russas como o estabelecimento de ligações entre ela e outras repúblicas soviéticas que haviam sido, ou viessem a ser, proclamadas em outras partes do antigo Império Russo. Essas ligações poderiam tomar, a princípio, a forma de alianças e não de federação. A RSFSR concluiu tratados de aliança com as repúblicas soviéticas do Azerbaijão e Ucrânia em setembro e dezembro de 1920, e com as repúblicas da Bielo-Rússia, Armênia e Geórgia, em 1921. A resistência ao processo de unificação foi encontrada na Ucrânia, onde um Governo nacional anti-soviético havia sido uma das várias autoridades rivais durante a guerra civil, e na Geórgia, onde um Governo menchevique se havia instalado. A força militar foi usada para expulsar os dissidentes e criar governos impecavelmente bolcheviques. O uso da força podia justificar-se mais facilmente na Ucrânia, que se envolvera profundamente na guerra civil, e onde exércitos rivais haviam reduzido grande parte do país à anarquia, do que na Geórgia, que por longo tempo vinha sendo um membro intransigente e recalcitrante da federação das repúblicas soviéticas.

À medida que todo o país avançava para a recuperação econômica, e buscava renovar contatos com o mundo exterior, parecia natural e necessário que funcionasse, para esses objetivos, como uma só unidade. Embora a forma, e um pouco da realidade, da autonomia local fossem cuidadosamente preservadas, o Partido Comunista Russo, a que estavam filiados os partidos regionais, mantinha uma disciplina uniforme, e as principais decisões de política econômica e externa eram tomadas em Moscou. O primeiro passo foi persuadir as três repúblicas transcaucasianas — Armênia, Geórgia e Azerbaijão — a se unirem numa República Federal Socialista Transcaucasiana. Em seguida, em dezembro de 1922, congressos das quatro repúblicas — a RSFSR e as repúblicas da Ucrânia, Bielo-Rússia e Transcaucásia — reuniram-se separadamente e aprovaram a formação de uma união de repúblicas socialistas soviéticas (URSS). Finalmente, delegados das quatro repúblicas reuniram-se, constituíram-se no primeiro Congresso dos Sovietes de toda a URSS e elegeram uma comissão, com instruções para

preparar uma constituição. A constituição da URSS foi aprovada pela comissão em julho de 1923, e formalmente ratificada pelo Segundo Congresso dos Sovietes, em janeiro de 1924.

A constituição foi modelada pela constituição original da RSFSR. O soberano Congresso dos Sovietes da União era composto de delegados dos congressos de soviets das repúblicas constituintes, com representação proporcional à população de cada uma delas. O congresso elegeu uma comissão executiva (Тсик), que nomeou um Sovnarkom da URSS. A organização dos Comissariados do Povo foi complicada. Os assuntos estrangeiros, o comércio exterior, os assuntos militares e "a conduta da luta para acabar com a contra-revolução" pela Cheka rebatizada de OGPU ("Administração Política Estatal Unificada") ficavam reservados exclusivamente às autoridades da União; cada república tinha a sua GPU, que estava, porém, subordinada diretamente à OGPU. A maioria das questões econômicas estava sujeita a um sistema de comissariados "unificados": havia comissariados da União e comissariados das repúblicas, que mais tarde desfrutaram certa margem de independência. Em outros setores da administração, inclusive a agricultura, negócios interiores, saúde e educação, só as repúblicas tinham comissariados, sem qualquer contrapartida na União. Na forma, a URSS era uma federação de repúblicas. Mas a omissão da palavra "federal" de seu nome foi, talvez, significativa, pois suas tendências unificadoras foram evidentes desde o começo. A RSFSR reunia mais de 90% da população da União, e 75% de sua área. As repúblicas tinham certa razão para desconfiar de que a URSS pouco mais era do que a RSFSR ampliada, e representava uma extensão, a elas, da autoridade central de Moscou. Vozes discordantes fizeram-se ouvir, especialmente de delegados ucranianos e bielorrussos, na comissão que preparou a nova constituição.

Uma tentativa de responder a essas objeções levou a uma inovação notável, destinada a reconhecer a igualdade formal de todas as repúblicas. A Тсик da URSS foi dividida em duas câmaras. A primeira, e muito maior, o Conselho da União, era constituída de delegados eleitos proporcionalmente à população das repúblicas, o que reconhecia a enorme preponderância da RSFSR. Os delegados à segunda câmara, o Conselho das Nacionalidades, eram eleitos à base da igualdade dos grupos nacionais, com cinco representantes para cada uma das quatro repúblicas principais, e cada uma das repúblicas autônomas, e um de cada região autônoma. Mas como ambas as câmaras normalmente só se reuniam para ouvir, e fazer comentários favoráveis, as declarações de política oficial (ocasionalmente, reuniam-se em conjunto para ouvir discursos importantes), e como as questões controversas raramente eram levantadas, e nunca submetidas a votação, essas complicadas disposições não tinham significação prática no processo de elaboração de diretrizes. As sessões periódicas do congresso e da Тсик, cujo número de membros aumentava com o correr do tempo, não tomavam decisões.

Constituíam, porém, um meio importante de contato com representantes de regiões distantes, e com freqüência primitivas, da União, e de popularizar e tornar conhecidas, em toda a União, as principais políticas estabelecidas em Moscou. Sua principal função não era debater, mas instruir, persuadir e exortar. As constituições da URSS e de suas unidades constituintes serviam a objetivos bastante diferentes das constituições dos países ocidentais, com as quais tinham apenas uma semelhança superficial.

A complexa estrutura étnica da Ásia central e suas ligações com o mundo muçulmano fizeram dela um problema especial. As repúblicas centro-asiáticas de Bokhara e Khorezm, embora tivessem sido atraídas para a órbita de Moscou por tratados de aliança com a RSFSR, estavam excluídas dessas disposições constitucionais sob a alegação de que ainda não eram socialistas. Só em 1925 a Ásia central foi reorganizada dentro de linhas nacionais: as repúblicas socialistas soviéticas do Usbequistão e Turcomenistão, com unidades subordinadas autônomas, foram incorporadas à URSS como suas quinta e sexta repúblicas constituintes.

A estrutura da organização partidária não era um fator menos importante no curso dos acontecimentos do que a estrutura dos Sovietes. Entre os congressos do partido, a autoridade suprema estava nas mãos do comitê central do partido. O comitê que tomou as decisões vitais de lançar o levante em outubro de 1917, e mais tarde de assinar o Tratado de Brest-Litovsk, era constituído de 22 membros. No período de crise aguda que se seguiu, esse órgão era demasiado rígido para uma ação rápida, e as decisões sobre assuntos importantes ficavam, na prática, com Lenin, em consulta com outros altos líderes. O Oitavo Congresso do Partido, em março de 1919, elegeu um comitê central de 19 membros plenos, com oito suplentes que podiam freqüentar as sessões, mas não tinham direito a voto. Nomeou, porém, um Politburo de cinco, para ser responsável pelas decisões políticas, e um Orgburo para assumir o controle da questão da organização partidária. Isso marcou a atrofia da comissão central como uma fonte de autoridade efetiva. O congresso também reorganizou o secretariado, colocando-o sob a administração de três secretários "permanentes", que eram membros do comitê central do partido; no período seguinte, o secretariado, remodelado, sofreu uma expansão rápida, adquirindo um quadro de várias centenas de funcionários, divididos em departamentos encarregados dos diferentes ramos da atividade partidária. A estrutura do partido assumia a forma que conservaria durante toda a década de 1920, embora os processos em ação exigissem ainda alguns anos para seu pleno desenvolvimento. A criação de uma poderosa máquina partidária proporcionou, mais tarde, um instrumento para a ditadura de Stalin. Os congressos do partido reuniram-se anualmente até 1925 e, a partir de então, em intervalos menos regulares, alternados com conferências partidárias menores e menos formais, enquanto o comitê central se reunia três ou quatro vezes por ano. Esses

órgãos continuaram servindo como o foro de debates de importantes questões, embora a manipulação, pelo secretariado, da eleição de delegados tornasse, dentro em pouco, facilmente previsíveis as suas conclusões. Apenas o Politburo, cujo número passara a sete, e mais tarde a nove membros, com vários suplentes, continuou sendo, durante aquela década, uma fonte de decisões do mais alto nível. E como a autoridade do partido, num Estado unipartidário, comandava todas as decisões e atividades do Governo soviético, o Politburo do partido tornou-se o órgão supremo de elaboração da política da URSS.

O fortalecimento do partido e da organização soviética teve correspondência na consolidação das relações soviéticas com o mundo exterior. Mesmo nos dias do comunismo de guerra, quando a idéia de uma revolução mundial predominava em Moscou, as raras oportunidades de contato direto com os Governos dos países ocidentais não eram negligenciadas. Em janeiro de 1920 os representantes das cooperativas russas em Paris discutiram, com representantes dos Governos ocidentais, o reinício de uma troca de mercadorias com a Rússia soviética; Litvinov negociava, em Copenhague, um acordo para o repatriamento mútuo de prisioneiros. Um tratado de paz com a Estônia era formado em 2 de fevereiro de 1920, e Lenin comentou que "abrimos uma janela para a Europa, que tentaremos utilizar ao máximo possível". No congresso do partido, em março de 1920, Lenin falou da necessidade de "manobrar com a nossa política internacional". Poucos dias depois Krasin, o único líder bolchevique que tinha experiência industrial e comercial estrangeira, partiu com uma grande delegação de "peritos em comércio" para a Escandinávia, e em maio era cortesmente recebido em Londres. Essas manobras foram interrompidas pela guerra polonesa, que inspirou o recrudescimento das esperanças revolucionárias em Moscou, e uma nova onda de apreensão e animosidade no Ocidente. Mas no outono de 1920 a paz era restabelecida. Uma companhia comercial russa era registrada em Londres, sob o nome de Arcos (Sociedade Cooperativa de Todas as Rússias); Krasin passou a maior parte do inverno em Londres, negociando com o Governo britânico e com firmas interessadas em pedidos para a Rússia soviética. Finalmente, apenas uma semana depois de ter Lenin apresentado a NEP ao congresso do partido em Moscou, era assinado um acordo comercial anglo-soviético, em Londres, a 16 de março de 1921.

Esse acordo foi recebido, justamente, como um precedente e um momento decisivo na política soviética. As duas partes concordavam em não criar obstáculos ao comércio mútuo e, à falta de um reconhecimento diplomático formal, trocar representantes comerciais oficiais. A cláusula

mais importante, do ponto de vista britânico, era que cada uma das partes se comprometia a "abster-se de ação ou empreendimentos" e de "propaganda oficial, direta ou indireta", contra a outra. A "ação ou propaganda para estimular qualquer um dos povos asiáticos a qualquer forma de hostilidade contra os interesses britânicos ou o Império Britânico" era mencionada especificamente. O compromisso de abster-se de propaganda hostil havia sido assumido, de forma menos desenvolvida, no Tratado de Brest-Litovsk. Mas as circunstâncias eram diferentes. O tratado havia sido concluído em condições que não deveriam durar, e realmente não duraram. O acordo anglo-soviético destinava-se, como a NEP, a ser levado "a sério e por longo tempo". Ele anunciava uma modificação de ênfase na política soviética. Os pronunciamentos sobre a revolução mundial continuaram sendo feitos, mas eram, consciente ou inconscientemente, considerados cada vez mais como um ritual cujo cumprimento se fazia necessário, que não afetava a conduta normal dos assuntos. A incompatibilidade latente entre as políticas do Comissariado do Povo para os Negócios Estrangeiros (Narkomindel) e o Comintern começou a surgir abertamente.

As razões que levaram à reaproximação com a Grã-Bretanha eram econômicas: o desejo de facilitar um comércio mutuamente lucrativo. As razões da reaproximação com a Alemanha foram principalmente políticas, tendo suas raízes na oposição comum ao Tratado de Versalhes e na antipatia comum às pretensões da Polônia. Radek, que passou a maior parte do ano de 1919 na prisão ou em prisão domiciliar em Berlim, conseguiu estabelecer contato com alemães de muitos meios diferentes, aos quais pregava as virtudes da cooperação germano-soviética. As relações oficiais entre os dois países haviam sido cortadas desde o assassinato do embaixador alemão em Moscou, em 1918. No verão de 1920 um representante soviético foi mais uma vez recebido em Berlim, e um representante alemão em Moscou. A guerra polonesa deu um vigoroso estímulo às relações amistosas entre os dois vizinhos da Polônia. Trotski, ao que se dizia, era favorável a um acordo com a Alemanha; e Lenin, num discurso público em novembro de 1920, observava que, "embora o Governo alemão burguês tenha profundo ódio aos bolcheviques", ainda assim "os interesses da situação internacional o estão levando a uma paz com a Rússia soviética, contra a sua vontade". A política soviética ainda era ambivalente, estando dividida entre a busca da revolução e a diplomacia. A 17 de março de 1921 o Partido Comunista Alemão iniciou um levante armado contra o Governo, conhecido na história do partido como a "ação de março". A iniciativa foi certamente apoiada, e talvez mesmo estimulada, por Zinoviev e pelos funcionários do Comintern; a participação de outros líderes soviéticos, muito preocupados no momento com a revolta de Kronstadt e o congresso do partido, é de duvidar. Mas a derrota do levante alemão deve ter diminuído ainda mais as precárias esperanças, em Moscou, de outras revoluções no

Ocidente, e fortalecido aqueles que viam uma acomodação diplomática com os países capitalistas como o objetivo imediato.

Um aspecto das relações germano-soviéticas dessa época foi a busca de colaboração militar, oriunda das proibições, sob o Tratado de Versalhes, da fabricação de armas na Alemanha. Em abril de 1921 Kopp, o representante soviético em Berlim, depois de discussões secretas com o Reichswehr, levou a Moscou um esquema para a fabricação, na Rússia soviética e por firmas alemãs, de canhões e granadas, aviões e submarinos. A resposta foi favorável e uma delegação militar alemã visitou Moscou no verão. Um acordo foi celebrado, em reuniões em Berlim, em setembro de 1921, nas quais Krasin e Seeckt, o chefe do Reichswehr, foram os principais negociadores. Parece ter sido nesse momento que Seeckt comunicou pela primeira vez ao Governo civil alemão o que estava sendo feito. O projeto do submarino foi abandonado. Mas as fábricas alemãs na Rússia soviética começavam, pouco depois, a produção de armas, granadas e aviões. Os tanques foram acrescentados ao programa, e fizeram-se experiências com gases. Os produtos dessas empresas eram fornecidos tanto ao Reichswehr como ao Exército Vermelho. Mais tarde, oficiais alemães treinaram pessoal do Exército Vermelho na guerra de tanques e na aviação militar. Esses acordos revestiram-se do mais completo sigilo. Não foram mencionados pela imprensa soviética e durante muito tempo foram ocultos ao público e aos políticos alemães, bem como aos Aliados ocidentais. Estávamos longe da época em que, logo depois da revolução, os bolcheviques denunciavam os tratados secretos concluídos pelo Governo czarista com os Aliados durante a guerra. Enquanto isso, as relações econômicas germano-soviéticas eram cimentadas com a criação de "companhias mistas" e com "concessões" a firmas alemãs na Rússia soviética.

Em princípios de 1922 tanto o Governo soviético como o alemão foram convidados a comparecer a uma conferência internacional, reunida em Gênova a 10 de abril. A conferência foi uma ousada tentativa de Lloyd George, seu promotor mais ativo, de restabelecer as ligações com a Alemanha e a Rússia soviética, até então párias da comunidade européia. Lenin recebeu o convite com um entusiasmo reservado. "Iremos", explicou ele, "como simples comerciantes, porque o comércio com os países capitalistas (enquanto não tiverem desmoronado) é incondicionalmente necessário para nós, e iremos para discutir (...) as condições políticas adequadas desse comércio." Tchitcherin, Krasin e Litvinov chefiam a delegação soviética, a primeira do gênero a comparecer a uma conferência internacional em termos de igualdade com outras grandes potências. A conferência foi um fracasso, em parte por causa da inflexível oposição francesa aos objetivos de Lloyd George, e em parte pela inabilidade dos negociadores britânico e soviético de chegarem a um acordo sobre a questão das dívidas e obrigações russas. O Governo soviético estava pronto, em princípio, a reconhe-

cer as dívidas anteriores à guerra (embora não as dívidas de guerra) do antigo Governo russo, mas à condição de que um substancial empréstimo estrangeiro fosse feito, para facilitar seu pagamento. O Governo soviético recusou-se a revogar decretos de nacionalização de empresas estrangeiras, mas estava disposto, em certas condições, a permitir que as firmas estrangeiras reocupassem suas antigas empresas, sob a forma de "concessões". Nenhuma dose de habilidade pôde superar essas distâncias.

O impasse nas negociações produziu, paradoxalmente, o único resultado concreto da conferência. Durante algum tempo, os diplomatas soviéticos e alemães em Berlim vinham discutindo as condições de um tratado político. A delegação soviética em Gênova, não tendo conseguido convencer os Aliados ocidentais, pressionou a delegação alemã, chefiada pelo ministro do Exterior Rathenau, a concluir e assinar o tratado, imediatamente. A delegação alemã, igualmente desiludida com a conferência, concordou. O tratado foi firmado apressadamente e em segredo, em Rapallo, a 16 de abril de 1922. Seu conteúdo nada tinha de notável. As únicas cláusulas operativas previam a renúncia mútua às reivindicações financeiras e o estabelecimento de relações diplomáticas e consulares. No entanto, como demonstração de solidariedade para com os Aliados ocidentais, abalou a conferência e constituiu-se num impacto duradouro no cenário internacional. A Rússia soviética havia conseguido uma posição de negociação entre as potências européias. As manobras concebidas originalmente como expedientes para superar uma crise tornaram-se procedimentos aceitos.

No Comintern, indícios da modificação de estado de espírito começavam a tornar-se evidentes já no seu Terceiro Congresso, em junho de 1921. O efervescente entusiasmo revolucionário do Segundo Congresso, um ano antes, havia desaparecido. O que os bolcheviques julgavam a princípio impossível havia acontecido: a República socialista soviética se havia mantido, e mostrava todos os indícios de continuar a manter-se, num ambiente capitalista. Lenin viu-se na defensiva no congresso, tanto nos assuntos internos como estrangeiros. Esforçou-se por explicar a necessidade da NEP e do elo com os camponeses a um público onde alguns representantes estrangeiros eram claramente pessimistas em relação a essa interpretação da revolução proletária. Admitiu que o progresso da revolução mundial não se fizera "em proporção direta ao que esperávamos", e recomendou "um profundo estudo de seu desenvolvimento concreto". Trotski observou que, enquanto em 1919 a revolução mundial parecia "uma questão de meses", ela era agora "talvez uma questão de anos". A cautela prática havia substituído o entusiasmo ilimitado do congresso anterior.

Muito tempo foi gasto na análise do fracasso da "ação de março" na Alemanha, e nas divisões internas da esquerda italiana. As "21 condições" de admissão ao Comintern, elaboradas pelo congresso anterior, haviam pro-

vocado a cisão de alguns dos principais partidos estrangeiros e levado à exclusão de simpatizantes que não estavam preparados para aceitar a disciplina rígida que lhes era imposta. Uma vez passada a primeira onda revolucionária, apenas uma minoria dos trabalhadores nos países ocidentais sentia qualquer fidelidade explícita ao comunismo. Admitia-se o perigo de que os partidos comunistas pudessem degenerar em pequenas seitas, limitadas por uma doutrina rígida e isolada da massa principal dos trabalhadores. Os partidos britânico e norte-americano, em particular, foram advertidos de que era uma "questão de vida ou morte não continuar sendo uma seita". Uma nova ênfase foi atribuída à necessidade de conquistar "as massas". Seis meses após o congresso, a IKKI fazia uma declaração sobre "a frente única dos trabalhadores". Era um apelo aos comunistas para que cooperassem com outros trabalhadores e membros dos partidos de esquerda, em plataformas conjuntas para objetivos específicos. Como, porém, era condição imperativa que os comunistas não sacrificassem sua independência ou seu direito de criticar, a concepção da frente única continuou sendo ambígua e deu origem a muitos atritos e mal-entendidos nos anos que se seguiram.

A nova posição em política externa, que acompanhou a adoção da NEP, estendeu-se às relações soviéticas com os países estrangeiros. Tratados com o Afeganistão, e com a Pérsia, foram firmados em fevereiro de 1921, e um tratado com a Turquia, no mesmo dia da assinatura do acordo anglo-soviético, 16 de março de 1921. Parecia difícil conciliar o tratado persa com o apoio dado, ao mesmo momento, pelos agentes soviéticos a um líder rebelde que procurava criar uma república independente no Norte daquele país. O tratado turco, que proclamava a solidariedade dos dois países "na luta contra o imperialismo", provocou um constrangimento maior e mais duradouro. Três meses antes de sua assinatura, o líder do Partido Comunista turco, na ilegalidade, havia sido assassinado, e outros comunistas turcos presos ou mortos, pelos agentes de Kemal, que tinha como um dos objetivos mais propalados de seu regime a supressão do comunismo. Isso foi ignorado, no interesse comum da resistência à invasão britânica da Turquia. A obrigação assumida no tratado anglo-soviético, de abstenção de propaganda contra o Império Britânico na Ásia, também impunha uma certa medida de contenção pública. Embora Lenin tivesse assegurado ao Terceiro Congresso do Comintern que "o movimento revolucionário entre centenas de milhões de povos oprimidos do Leste cresce com um vigor notável", o próprio congresso, ao contrário de seu antecessor, silenciou sobre os assuntos orientais. Na peroração de seu último discurso a um congresso do Comintern, em novembro de 1922, Lenin (já então doente) concluiu que "a tarefa mais importante no período que agora se inicia é estudar, para conseguir-se organização, estrutura, método e conteúdo numa tarefa revolucionária". O fim foi um anticlímax.

Por outro lado, o Governo soviético parecia mais disposto do que nunca a defender os interesses russos tradicionais. Para um país quase que sem saída para o mar, a passagem do mar Negro, através dos estreitos, até o Mediterrâneo, foi sempre um ponto delicado. O tratado turco-soviético de 16 de março de 1921 havia assegurado passagem "ao comércio de todas as nações". Mas o problema era a passagem de navios de guerra. A Turquia havia protestado contra o uso dos estreitos por belonaves estrangeiras, sem permissão turca, como um desrespeito à sua soberania. A Rússia soviética, com suas forças navais reduzidas e o medo de incursões estrangeiras no mar Negro, endossou vigorosamente o protesto. Deveria haver uma conferência em Lausanne, no outono de 1922, para estabelecer as condições de paz entre as potências ocidentais e a Turquia, onde essa questão seria inevitavelmente levantada. Inesperadamente, o Governo soviético foi convidado a participar "da discussão da questão dos estreitos". Tchitcherin chefiou a delegação e sua confrontação com Curzon, então considerado o principal defensor do imperialismo britânico no Oriente, foi muito divulgada. A questão foi solucionada por concessões mútuas, e o Governo soviético assinou, embora nunca tenha ratificado, a convenção resultante. O que se conseguiu foi o reconhecimento da Rússia soviética como herdeira dos direitos e interesses do antigo Império Russo.

## 6

# A Crise da Tesoura

A "ligação com o camponês", que a NEP deveria estabelecer, continuou sendo a palavra de ordem da política soviética, durante vários anos. Poucos tinham dúvidas quanto à sua necessidade. "Só um acordo com o campesinato", disse Lenin no Décimo Congresso, "pode salvar a revolução socialista na Rússia até que a revolução tenha ocorrido em outros países." Quando, depois do terrível período de escassez de 1921-1922, a agricultura recuperou-se rapidamente, e essa recuperação começou a estender-se a outros setores da economia, a NEP foi triunfalmente justificada. Não obstante, uma vez passado o perigo e esquecidas as lembranças das privações do comunismo de guerra, a sensação de alívio e o espírito de tolerância desapareceram lentamente, sendo substituídos por um sentimento de constrangimento ante um afastamento tão radical das esperanças e expectativas de um avanço para o socialismo, que haviam inspirado os primeiros triunfos da revolução. A longo prazo, alguém arcou com o custo das concessões feitas ao camponês; e certas conseqüências da NEP, diretas ou indiretas, foram indesejáveis e mal recebidas. Em pouco mais de dois anos o país voltava a enfrentar uma crise que, embora menos dramática do que a crise que precedeu a introdução da NEP, afetou profundamente todos os setores de uma economia que agora começava a expandir-se.

O impacto da NEP sobre a indústria foi menos direto do que sobre a agricultura, e principalmente negativo. Seu primeiro efeito foi estimular a recuperação das indústrias rurais e artesanais, que haviam sofrido menos do que a indústria fabril na guerra civil, e que por isso poderiam voltar mais facilmente a produzir, e porque eram as principais fornecedoras dos bens de consumo simples que o camponês desejava comprar com os recursos obtidos da venda de seus produtos agrícolas. A campanha pela nacionalização da indústria foi sustada. A indústria em grande escala

permaneceu nas mãos do Estado, mas com duas importantes modificações. Em primeiro lugar, foram feitas muitas devoluções. A indústria estatal foi dividida em três categorias, "União", "republicana" e "municipal". A indústria da "União" era administrada pelo Vesenkha da URSS, a "republicana" pelos Vesenkhas das repúblicas constituintes e, dentro destas, as províncias e regiões criaram seus próprios Conselhos de Economia Nacional (Sovnarkhozy) responsáveis pela indústria "local". Um grau flutuante de supervisão era exercido pelos órgãos superiores em relação aos órgãos inferiores. Mas considerações práticas determinaram uma grande margem de autonomia. Em níveis inferiores, a indústria privada foi estimulada. Empresas que empregassem menos de 20 trabalhadores estavam isentas de nacionalização. As grandes empresas que já haviam sido confiscadas poderiam ser arrendadas de volta a empresários individuais, com freqüência aos seus proprietários originais. As indústrias rural, artesanal e cooperativa operavam e se expandiam com a aprovação oficial.

Segundo, a administração direta da indústria fabril pelo Vesenkha, através das suas *glavki* e centros, foi abolida. As indústrias foram organizadas em trustes, que operavam um grupo de empresas como uma única entidade: o número médio de empresas num truste era de dez. Os trustes maiores estavam nas indústrias têxtil e metalúrgica, e o maior truste têxtil empregava mais de 50 mil trabalhadores. A característica essencial dos trustes era não serem mais financiados pelo orçamento estatal, mas tinham instruções de funcionar segundo os princípios da contabilidade comercial (*khozraschet*) e conseguir lucros que eram entregues, sujeitos a certos descontos, ao Estado, como dono do capital fixo das empresas. Algumas indústrias essenciais ainda eram obrigadas a entregar uma parte de sua produção às instituições do Estado. Afora isso, a indústria, como o camponês, tinha liberdade de vender seus produtos no mercado, a qualquer preço que obtivessem. Essas disposições estavam de acordo com o espírito da NEP, mas foram criticadas em certos círculos partidários. Uma instrução pouco oportuna do Vesenkha aos trustes, em 1923, para que obtivessem os "preços máximos", provocou publicidade desfavorável.

Um ano após a introdução da NEP o estímulo por ela proporcionado à disponibilidade e circulação de mercadorias de todos os tipos poderia ser considerado com certa margem de complacência. Lenin tivera consciência dos perigos da "liberdade de comércio" que, como disse no Décimo Congresso, "leva inevitavelmente à vitória do capital, à sua plena restauração". Ele parece ter imaginado, primeiro, a troca de mercadorias entre a cidade e o campo como um sistema grandioso de permuta organizada. Mas, como mais tarde admitiu, "a troca de mercadorias escapou ao controle" e "transformou-se numa compra e venda"; surpreendeu certos líderes do partido ao dizer aos seus ouvintes que "aprendessem a comerciar". Em 1922 uma bolsa comercial era criada em Moscou. A intenção foi, sem dúvida, a de

exercer certa forma de controle público sobre os processos de comércio. O resultado foi facilitar as operações de uma nova classe de comerciantes que logo passou a ser chamada de "homens-NEP". O pequeno comércio privado não havia sido nunca totalmente eliminado, mesmo no comunismo de guerra. O famoso mercado de Sukharevka, em Moscou, era um abuso conhecido e tolerado. A ascendente classe dos "homens-NEP" já não era constituída de pequenos comerciantes, mas de empresários comerciais em grande escala, que estendiam seus tentáculos a todos os setores da economia. Os grandes trustes industriais ainda eram capazes de controlar o mercado atacadista de seus produtos. As lojas varejistas, conhecidas como GUM (Loja Universal do Estado) foram abertas, sob os auspícios do Vesenkha, em Moscou e outras cidades. Mas a princípio não tiveram muito êxito, e as cooperativas de consumo existentes também pouco progresso registraram. O comércio varejista era, em toda a parte, dominado e estimulado pelos homens-NEP. À medida que o comércio começou a fluir numa crescente abundância, um ar de prosperidade voltou aos bairros ricos da capital. Muitas características do passado, eliminadas pela revolução, reapareceram na paisagem. Krasin, numa visita à cidade em setembro de 1922, escreveu à sua mulher que "Moscou parece bem, em certas partes está como antes da guerra". Os visitantes estrangeiros comentavam, com amargura ou triunfo, segundo suas propensões, o renascimento de fenômenos "capitalistas" como prostitutas nas ruas, garçons subservientes e cocheiros que pediam gorjetas. Para os beneficiários da NEP as perspectivas pareciam róseas. O pior parecia ter passado. A escassez e as tensões do comunismo de guerra foram relaxadas. A recuperação estava a caminho.

Não demorou muito, porém, para que as implicações mais profundas da NEP se revelassem em várias crises inter-relacionadas. A primeira foi uma crise de preços. Agora que os controles do comunismo de guerra haviam sido suspensos, os preços oscilavam muito. Uma comissão de preços, nomeada em agosto de 1921, e uma comissão de comércio interno, criada em maio de 1922, foram totalmente ineficientes. A fome de produtos agrícolas demonstrada pelas cidades superava o desejo que o camponês tinha de produtos da indústria, de modo que os preços agrícolas a princípio dispararam, em relação aos preços industriais. A indústria, destituída de capital de giro e privada de fontes de crédito, só podia autofinanciar-se vendendo seus produtos num mercado em baixa, provocando com isso uma depressão ainda maior dos preços industriais. Esse processo, que atingiu seu auge no verão de 1922, resultou numa crise do trabalho. No comunismo de guerra o trabalho, como qualquer outra mercadoria, era escasso, e o desemprego era inimaginável. O trabalho compulsório tinha a vantagem de garantir rações de alimentos para os trabalhadores mobilizados para sua realização. Mas o trabalho compulsório, exceto nos campos penais de trabalho, foi gradualmente abandonado e substituído pelo livre emprego assala-

riado. Os contratos coletivos começaram a ser negociados pelos sindicatos, em favor de seus membros. Mas o número de empregos era inferior ao número de trabalhadores que os buscavam. Os empregadores continuavam, por muito tempo, a oferecer rações de alimentos aos seus trabalhadores, mas agora como pagamentos em mercadoria, calculados aos preços do mercado, em lugar de salários. As incertezas do índice de preços fizeram das taxas salariais um motivo de negociações constantes, nas quais o trabalhador estava em posição de inferioridade. Os salários atrasavam-se com freqüência, pela incapacidade que tinham as empresas de obter numerário para pagá-los.

A posição dos sindicatos era determinada pelo entendimento mais ou menos inócuo a que se havia chegado no Décimo Congresso do partido, em março de 1921, cujas limitações foram mostradas no congresso dos sindicatos, dois meses depois. Tomsky, tendo sido incapaz de resistir à tentativa de reabrir as questões decididas no congresso partidário, foi severamente censurado e abandonou, por solicitação das autoridades do partido, seu cargo de presidente do conselho sindical central, sendo enviado em missão à Ásia central. Talvez tenha sido significativo o fato de ter ele sido substituído, como presidente, por Andreev, que havia apoiado a plataforma sindical de Trotski. Mas isso não restabeleceu a paz nos sindicatos. Em janeiro de 1922 o Politburo interveio mais uma vez com uma resolução que reconhecia a existência de uma "série de contradições entre diferentes tarefas dos sindicatos" — notadamente uma contradição entre "a defesa dos interesses das massas trabalhadoras" e o papel dos sindicatos como "parte do poder estatal e construtores da economia nacional como um todo". Essa fórmula parece ter aberto o caminho para uma reabilitação de Tomsky, que no congresso sindical seguinte, em setembro de 1922, foi reinvestido em suas antigas funções de presidente. O congresso procurou, mais uma vez, definir o papel dos sindicatos. Sua função era "proteger incondicionalmente os interesses dos trabalhadores". Por outro lado, tinham a obrigação de manter e melhorar a produtividade, considerada como a contribuição dos trabalhadores à construção da ordem socialista e, embora as greves não fossem formalmente proibidas, o caminho acertado para solucionar as disputas eram as negociações entre o sindicato e o empregador ou associação econômica interessada. Percebe-se que em nenhum momento foi estabelecida qualquer distinção de substância entre o papel do sindicato na empresa do Estado e nas empresas privadas. Ambas contribuíam para a produção essencial, sendo importante que esse processo não sofresse perturbação.

O descontentamento entre os trabalhadores foi estimulado pela posição e pela influência crescente dos chamados "gerentes vermelhos". Na guerra civil, os antigos oficiais czaristas haviam sido empregados para reconstruir e comandar o Exército Vermelho; assim também, a fim de rea-

nimar as indústrias essenciais, antigos gerentes de fábricas, e por vezes mesmo seus proprietários, haviam sido chamados a prestar serviços, sob o rótulo de "especialistas", como administradores das empresas nacionalizadas, por vezes sob a supervisão de membros do partido ou trabalhadores. O sistema atendia à necessidade de conhecimentos administrativos, e foi padronizado e ampliado sob a NEP, quando os trustes e sindicatos autônomos tomaram o lugar das *glavki* e centros de comunismo de guerra. O grupo dos "gerentes vermelhos", apesar de suas opiniões e ligações predominantemente burguesas, adquiriu um lugar reconhecido e respeitado na hierarquia soviética: alguns deles foram admitidos como membros do partido — uma recompensa por serviços importantes prestados. Recebiam taxas especiais de remuneração, fora das escalas normais de salários e muito superiores a elas. Tinham uma voz cada vez mais poderosa na administração e na política industriais. Acusações freqüentes, e não injustas, de sua atitude brutal e ditatorial para com os trabalhadores, reminiscências dos métodos do velho regime, eram sintomáticas do ciúme e ressentimento provocados por essa evidente modificação de tudo o que a revolução havia representado nas fábricas.

Foi, porém, o início do desemprego que tornou o trabalhador mais consciente de sua perda de situação na economia da NEP. A continuada estagnação da indústria pesada, a crise de preços nas indústrias de consumo, o apelo à racionalização da produção, a insistência na *khozraschet* e nos lucros — tudo isso criava pressões fortes para o afastamento dos trabalhadores em excesso. O desempenho reassumiu seu papel normal numa economia de mercado, como instrumento de disciplina do trabalho e pressão sobre os salários. As estatísticas eram poucas e nada fidedignas. Dizia-se em 1923 que o número de desempregados havia chegado a 1 milhão, mas os dados oficiais relacionavam-se com os membros dos sindicatos e os trabalhadores registrados nos escritórios de trabalho, e que tinham direito aos mínguaos pagamentos de assistência, e não levavam em conta a massa de trabalhadores braçais, principalmente camponeses, que buscavam emprego ocasional nas cidades, em especial na indústria de construção. Se a NEP havia salvo o camponês do desastre, ao mesmo tempo reduziu a indústria e o mercado de trabalho a condições próximas do caos. Um grupo ilegal de oposição no partido, que se intitulava "Grupo dos Trabalhadores", e dizia que as iniciais NEP significavam "nova exploração do proletariado", foi denunciado no congresso do partido, em abril. Num momento em que a NEP era abertamente classificada de política de concessões ao camponês, ninguém perguntava a expensas de quem essas concessões estavam sendo feitas. O proletariado, o heróico porta-estandarte da revolução, havia sofrido dispersão, desintegração e redução drástica sob o impacto da guerra civil e do caos industrial. O trabalhador industrial havia-se transformado no enteado da NEP.

A outra crise, ou aspecto da crise, era financeira. As conseqüências financeiras da NEP foram imprevistas. Uma vez estabelecido o princípio do livre mercado, no qual os produtos eram comprados e vendidos, essas transações não podiam ser realizadas em termos de um rublo em constante declínio, e então quase que sem valor. O outono de 1921 viu a adoção de várias reformas financeiras. Decidiu-se preparar o orçamento do Estado em rublos de antes da guerra, sendo o valor do rublo corrente ajustado, mês a mês, de acordo com esse padrão. Tratava-se, com efeito, de um índice de preços do rublo, por vezes chamado de rublo "de produtos", ou "de mercadoria", e era usado para o cálculo das taxas de salários. Foi criado um Banco do Estado para administrar a moeda e restabelecer o crédito, bem como para lançar as bases de um sistema bancário. Em fins de 1921 uma conferência do partido defendeu a criação de uma moeda baseada no ouro, e poucos meses depois o "rublo-mercadoria" oscilante era substituído por um "rublo-ouro" hipotético, como padrão de valor. No outono de 1922 o Banco do Estado começou a emitir notas de novo valor, os "chervonets", equivalentes a dez rublos-ouro. A emissão foi, a princípio, pequena. Durante um ano os "chervonets" serviram como unidade contábil e os pagamentos eram feitos nos velhos rublos de papel, a uma taxa sempre decrescente.

Uma importante crise econômica, resultante dessas condições, eclodiu no verão e outono de 1923. O colapso dos preços industriais no ano anterior havia levado os líderes da indústria a se unirem em sua própria defesa. Os trustes industriais formaram sindicatos de venda para a manutenção de condições ordenadas de comercialização e de preços. Essas organizações tiveram êxito notável na realização de seus objetivos. Em setembro de 1922 a relação entre os preços industriais e agrícolas havia sido restabelecida segundo o equilíbrio de antes da guerra, e a partir dessa época os preços industriais subiram dramaticamente, a expensas dos preços agrícolas. Trotski, em seu relatório ao XIX Congresso do partido, em abril de 1923, apresentou um diagrama que mostrava, graficamente, como a "tesoura", representando as lâminas dos preços agrícolas e industriais, se havia aberto cada vez mais, nos últimos seis meses. Todos deploravam essas violentas oscilações de preços, mas como impedi-las, dentro da estrutura da NEP, era o que ninguém sabia. O partido ainda estava fortemente empenhado na política de tolerância para com o camponês, que era a essência da NEP. Não obstante, a atual tendência era totalmente adversa ao produtor agrícola. Quando, em outubro de 1923, a tesoura se abriu ao máximo possível, a razão entre os preços industriais e agrícolas foi três vezes maior do que em 1913. Enquanto isso, novos problemas monetários ameaçavam a economia. Para financiar a colheita abundante fora necessário retomar a emissão ilimitada de notas de rublo, depreciando-se com isso, ainda mais, o velho papel-moeda. Foram feitas tentativas de substituir o "rublo-mercadoria" pelo "rublo-ouro" no cálculo dos pagamentos de salários, e ao que se afir-

mo, isso reduziu os pagamentos reais até em 40%. Esta e outras queixas dos trabalhadores provocaram uma onda de insatisfação e de greves no outono de 1923.

Os líderes do partido alarmaram-se ante a tempestade que se formava, e o comitê central nomeou uma comissão, chamada de "a comissão da tesoura", de 17 membros, para fazer um relatório sobre o problema, com referência especial aos preços. Trotski tivera, até então, a cautela de não discordar abertamente de seus colegas, e talvez por isso tenha recusado o convite para fazer parte da comissão. Mas, enquanto esta deliberava, ele perdeu a paciência e, a 8 de outubro, dirigiu ao comitê central do partido uma carta denunciando "flagrantes erros radicais de política econômica": estavam sendo tomadas decisões sem qualquer relação com um "plano econômico". Trotski condenou "as tentativas para controlar os preços, ao estilo do comunismo de guerra". A abordagem adequada do camponês deveria fazer-se através do proletariado; a racionalização da indústria estatal era a chave para fechar a tesoura. A carta foi seguida, uma semana depois, da divulgação de uma "plataforma dos 46", assinada por 46 membros do partido, alguns partidários de Trotski e outros de vários grupos de oposição. O documento falava de uma "grave crise econômica", provocada pelo caráter casual, impensado e não sistemático das decisões do comitê central". Mas a carta de Trotski e a "plataforma" passava dessas críticas à má administração econômica para o ataque ao regime opressivo, que havia sufocado as opiniões no partido.

A "plataforma" exigia uma ampla conferência partidária para debater tais questões. O comitê central respondeu abrindo as colunas do *Pravda* a uma discussão controversa — a última do gênero, na história soviética — que se prolongou por mais de um mês, sem a participação de nenhum dos líderes, e que se tornou cada vez mais confusa e acalorada à medida que prosseguia. Enquanto isso, a comissão da tesoura continuava sua difícil tarefa. A experiência do ano anterior havia convencido quase todos de que os preços não poderiam depender do livre jogo do mercado. A comissão aceitou prontamente o controle dos preços do atacado. Os preços do varejo apresentavam maiores dificuldades. Mas observou-se que controlar os preços de atacado, mas não os de varejo, apenas contribuiria para aumentar os lucros dos intermediários, identificados com os homens-NEP, que então se estavam tornando cada vez mais impopulares. A comissão satisfez-se com o controle seletivo dos preços do varejo. Mas a complexidade do problema, e a timidez da comissão, foram tais que só em dezembro apresentou seu relatório.

Nessa época, a situação econômica havia sofrido uma modificação para melhor. Os preços industriais, tendo alcançado o máximo em outubro, caíram acentuadamente. A tesoura começou a fechar-se. A colheita, sempre um índice importante na primitiva economia russa, foi excelente

pelo segundo ano consecutivo. A indústria, longe de ser prejudicada pelos preços menores, pôde aumentar sua eficiência e ampliar seu mercado. As fábricas e instalações ociosas voltaram a produzir. Até mesmo a pressão sobre os salários diminuiu um pouco. A tensão econômica dos últimos seis meses foi eclipsada por uma nova tensão política: era o momento em que a campanha contra Trotski começava com toda a intensidade. Nessas circunstâncias, o Politburo aprovou uma resolução sobre o relatório da comissão da tesoura, que constituía um habilidoso meio-termo. O predomínio da agricultura camponesa foi ressaltado; nada se devia dizer que justificasse a insistência de Trotski na prioridade à indústria. Exortava-se esta a manter baixos os preços, racionalizar-se e aumentar a produtividade. O controle dos preços de atacado dos artigos de consumo em massa seria estendido aos preços de varejo: os preços máximos permitidos seriam fixados imediatamente para o sal, querosene e açúcar. Prometiam-se concessões para os salários, que deveriam aumentar "em proporção ao aumento da indústria e da produtividade do trabalho". Finalmente, houve gestos de apoio ao financiamento da indústria pesada e ao fortalecimento da Gosplan. As propostas foram aprovadas por uma conferência do partido em janeiro de 1924, poucos dias antes da morte de Lenin.

A resolução sobre o relatório da comissão da tesoura, apesar de toda a sua cautela, dava certo incentivo à indústria; em 1924 esta havia conseguido sair da estagnação e depressão em que mergulhara quando a NEP foi adotada, em 1921. Mas o renascimento foi unilateral. As indústrias leves de consumo, que atendiam diretamente ao mercado camponês, prosperaram. Mas nas condições da NEP nada estimulava as indústrias pesadas que se ocupavam da criação dos meios de produção, e estas ficaram para trás. Segundo os números da Gosplan, a produção industrial para o ano que terminou a 1.º de outubro de 1924, embora duas vezes e meia maior do que em 1920, chegava apenas a 40% do nível de antes da guerra, e nas indústrias do metal a produção chegava apenas a 28,7%. Essa deficiência começou a preocupar o partido, notadamente os círculos oposicionistas. A resolução da tesoura, de dezembro de 1923, expressava a opinião de que a indústria do metal "devia ser colocada na primeira linha a receber do Estado todos os tipos de apoio". Isso foi endossado pela conferência do partido em janeiro de 1924. Mas nada se fez para implementar essa louvável aspiração. A nomeação de Dzerzhinski, em fevereiro de 1924, como presidente do Vesenkha, chamou novamente a atenção para o problema. Três meses depois, ele apresentava um relatório ao XIII Congresso do partido, informando que um investimento de 100 a 200 milhões de rublos-ouro seria necessário nos próximos cinco anos, para colocar de pé a indústria pesada. Zinoviev exclamou, retoricamente, que agora era "a vez do metal, a vez de uma melhoria na criação dos meios de produção, a vez de um renascimento da indústria pesada". Essas belas palavras não tiveram

contrapartida imediata na ação, mas marcaram uma mudança no clima de opinião, que encerrava promessas para o futuro.

A primavera e o verão de 1924 foram uma época de recuperação e confiança crescentes. A agricultura, sob a NEP, saíra dos desastres do passado recente, e mostrava-se mesmo certa tolerância para com o *kulak*. A indústria continuava a melhorar, embora o progresso fosse desigual. A reforma da moeda foi completada em março de 1924, quando os "cherwonets" baseados no ouro foram universalmente adotados, e as velhas notas de rublo soviético retiradas de circulação. Em maio, era criado um Commissariado do Povo para o Comércio Interno, chefiado por Kamenev, com o objetivo principal de controlar os preços. A razão entre os preços industriais e agrícolas voltava a aproximar-se do nível de 1913. O controle dos preços industriais, tanto de atacado como de varejo, parece ter sido em parte efetivo, mas os preços agrícolas mostraram-se mais resistentes. O comércio exterior, administrado sob monopólio por um commissariado independente, dirigido por Krasin, atingiu dimensões ponderáveis, pela primeira vez, no ano 1923-24. Das exportações, 75% eram de produtos agrícolas, inclusive cereal; os outros itens principais eram produtos de madeira e petróleo. Das importações, cerca de 75% destinavam-se à indústria, na forma de algodão e outras matérias-primas ou semimanufaturadas. Esses resultados impressionantes haviam sido obtidos sob o regime da NEP e teriam sido impossíveis sem ela; foram, por isso, recebidos como justificativa triunfal dessa política. Não obstante, a crise da tesoura só fora superada por medidas — especialmente o controle dos preços — que contrariavam os princípios de mercado da NEP; também estes haviam sido uma condição essencial da recuperação. Nem todos no partido estavam satisfeitos com o papel destacado do *kulak* nas aldeias, ou do homem-NEP nas cidades. Mas o renascimento de todos os setores da economia estimulava o adiamento desses problemas desconcertantes para um período posterior. A luta entre os elementos de uma economia de mercado e uma economia dirigida prosseguiu durante toda a década de 1920.

## 7

# Os Últimos Dias de Lenin

O processo de recuperação econômica iniciado pela NEP foi ofuscado, em 1922, pelo começo da prolongada e fatal enfermidade de Lenin. Em maio de 1922 ele teve um ataque que o incapacitou por muitas semanas. Voltou ao trabalho e pronunciou vários discursos durante o outono, mas sua energia física estava, evidentemente, sendo forçada. A 12 de dezembro, por recomendações médicas, retirou-se para seu apartamento no Kremlin onde, quatro dias depois, teve um segundo ataque, mais grave, que lhe paralisou o lado direito em caráter permanente. Nos três meses que se seguiram, a incapacidade física não afetou suas faculdades mentais, e embora nenhum dos outros líderes tivesse, ao que tudo indica, permissão de visitá-lo, continuou a ditar notas e artigos sobre questões partidárias. Entre estes está o famoso "testamento" de 25 de dezembro, com seu pós-escrito de 4 de janeiro de 1923. Mas em 9 de março de 1923 um terceiro ataque o privava da palavra, e embora ele vivesse ainda dez meses, não voltou nunca ao trabalho.

Depois do terceiro ataque, as esperanças de uma recuperação de Lenin começaram a desaparecer. A questão da sucessão pairava no ar e obscurecia todos os outros problemas. A intensificação da disciplina partidária no Décimo Congresso, em março de 1921, foi seguida por um expurgo, e novamente ressaltada no XI Congresso, um ano depois, quando 22 dissidentes, a maioria dos quais membros da antiga Oposição dos Trabalhadores, foram censurados, e dois de seus cinco líderes expulsos do partido; Lenin havia pedido a expulsão de todos cinco. Essa nova crise pedia um maior fortalecimento da máquina partidária. Os três secretários do comitê central do partido, que tinham poderes iguais e haviam sido nomeados em 1919 (ver p. 46) eram pouco eficientes, e foram afastados. A 4 de abril de 1922, poucos dias depois do XI Congresso, anunciou-se

que Stalin fora nomeado secretário-geral, tendo Molotov e Kuibyshev como secretários. Ninguém considerou essa comunicação como sendo de particular significação. Stalin era conhecido como um funcionário do partido trabalhador, eficiente e leal.

Quando Lenin voltou ao trabalho depois de seu primeiro ataque, ficou evidentemente alarmado com a maneira pela qual Stalin havia, pacientemente, acumulado poder e autoridade em seu cargo, e consolidado a sua própria situação pessoal. Era agora, pela primeira vez, uma figura destacada no partido. A Lenin não agradaram esses fatos. Nessa época, preocupava-se muito com o crescimento da burocracia no Estado e no partido, e passou a desconfiar da personalidade de Stalin. O testamento foi ditado, poucos dias depois do segundo ataque que colocou em dúvida suas possibilidades de recuperação, num estado de espírito de presciência e preocupação. Lenin começava com o perigo de uma divisão "entre duas classes" — o proletariado e o campesinato — de cuja aliança dependia o partido. Afastava, porém, como remota essa possibilidade. A divisão que ele considerava como uma ameaça para o "futuro próximo" seria entre os membros do comitê central, e as relações entre Stalin e Trotski constituíam uma "grande metade do perigo dessa divisão". Stalin havia "concentrado um poder enorme em suas mãos", e nem "sempre sabia como usar esse poder com cautela suficiente". Trotski, embora "o homem mais capaz no atual comitê central", mostrava uma "autoconfiança demasiado grande e uma disposição para deixar-se atrair demais pelo aspecto puramente administrativo das questões". Outros importantes membros do comitê não escapavam às suas críticas. A hesitação de Zinoviev e Kamenev, no momento crítico em outubro de 1917, foi lembrada: ela não era, "é claro, acidental mas (...) não deve ser usada contra eles pessoalmente, tal como não o deve o não-bolchevismo de Trotski". Bukharin, embora "o maior e mais valioso teórico do partido" e "um favorito de todo o partido", nunca compreendera perfeitamente a dialética, e suas opiniões "só com a maior das dúvidas poderiam ser consideradas totalmente marxistas". Era um veredicto inesperado sobre o homem cujo *ABC do comunismo*, escrito em colaboração com Preobrazhenski, e a *Teoria do materialismo histórico* ainda eram manuais de ampla circulação no partido. Por mais perspicaz que tenha sido o diagnóstico de Lenin sobre as deficiências de seus colegas, o único remédio aconselhado no testamento era uma proposta para aumentar o número de membros do comitê central para 50 ou 100, e isso, evidentemente, não atingira a raiz do problema.

A atenção de Lenin havia sido chamada, no outono de 1922, para o que estava acontecendo na Geórgia, onde as medidas para a incorporação da República da Geórgia à URSS haviam encontrado tenaz resistência do comitê do partido georgiano. Uma comissão chefiada por Dzerzhinsky visitou a região em setembro e voltou a Moscou com os dois líderes dissi-

dentes. A essa altura Lenin interveio, passando por cima de Stalin, que estava encarregado da questão, e acreditou ter chegado a uma solução de compromisso. Mas não continuou acompanhando a questão, e as relações com os georgianos voltaram a agravar-se. Ordzhonikidze visitou Tifles e, depois de uma luta violenta, demitiu os líderes rebeldes e forçou a comissão a aceitar as propostas de Stalin. Poucos dias depois de ditar seu testamento, Lenin, sob um impulso que não é muito claro, voltou à questão georgiana. Ditou um memorando onde se confessava "seriamente culpado ante os trabalhadores da Rússia", por não ter intervindo efetivamente numa fase anterior. Denunciava as medidas recentes como um exemplo do "chauvinismo da Grande Rússia", referia-se à "pressa e impulsividade administrativa de Stalin", e o censurava seriamente, bem como a Dzerzhinski e Ordzhonikidze, chamando-os pelos nomes. A 4 de janeiro de 1923 a desconfiança de Lenin em relação a Stalin voltou a explodir e ele acrescentou um pós-escrito ao testamento. Stalin, disse então, era "demasiado bruto", e deveria ser substituído como secretário-geral por alguém "mais paciente, mais leal, mais delicado e mais atencioso para com os camaradas, menos caprichoso etc."; e como motivo dessa recomendação mais uma vez citava o perigo de uma cisão, e "as relações entre Stalin e Trotski". Finalmente, em princípio de março, depois de uma ocasião em que Stalin teria insultado Krupskaya (que presumidamente lhe havia recusado acesso a Lenin), Lenin escreveu-lhe uma carta, rompendo as "relações de camaradagem". Três dias depois sobrevinha o terceiro ataque, que pôs fim à vida atuante de Lenin.

A aproximação do XII Congresso do partido, que se reuniu em 17 de abril de 1923, foi uma fonte de constrangimentos. Quem vestiria o manto da liderança usado por Lenin, sem contestação, nos congressos anteriores? Ainda não se haviam perdido as esperanças de uma eventual recuperação do líder. Mas mesmo uma escolha interina poderia constituir um prejulgamento da sucessão futura. Trotski, um novato no partido, com uma folha de dissensão no passado, devia sua posição de mando desde 1917 ao apoio inquebrantável de Lenin. Privado deste, era uma figura isolada, que não aspirava, nem podia, à liderança do partido. Era considerado com uma aversão ciumenta pelos seus colegas imediatos, aos quais tratava com uma certa superioridade, e a defesa da militarização do trabalho, por ele feita no passado, tornava-o suspeito aos círculos sindicais. Os três outros líderes mais destacados — Zinoviev, Kamenev e Stalin — uniram-se para impedir qualquer crescimento na atuação de Trotski. Nesse triunvirato provisório, Stalin era o membro menor, e tinha aguda consciência da necessidade de reduzir a hostilidade pessoal de Lenin, que àquela altura era provavelmente conhecida dos outros líderes, ou mesmo da massa do partido. Kamenev tinha mais inteligência do que força de caráter. Zinoviev era fraco, vaidoso e ambicioso, e estava dema-

estado ansioso por ocupar o trono vazio. Presidiu ao congresso e falou em termos de total subserviência à autoridade do líder ausente, conseguindo ao mesmo tempo sugerir que era o expositor autorizado da sabedoria de Lenin. Stalin, em contraste, assumiu um papel de modéstia calculada. Nada reivindicando para si, ele referiu-se repetidamente a Lenin como um "professor", cujas palavras havia estudado todas e buscado interpretar acertadamente. Falando sobre a organização, repetiu as críticas de Lenin à burocracia, ignorando hipocritamente o fato de que essas críticas haviam sido dirigidas, em grande parte, contra ele mesmo. Em seu relatório sobre a questão nacional, endossou enfaticamente o ataque de Lenin ao "chauvinismo da Grande Rússia", e desculpou-se humildemente da acusação de ser "apressado". Trotski, evidentemente preocupado em evitar qualquer confronto direto, ausentou-se do debate sobre a questão nacional. Seu papel no congresso limitou-se à apresentação de um volumoso relatório sobre a situação econômica, que encerrava uma argumentação em favor de "um plano econômico único", mas não atacou diretamente as políticas econômicas em vigor. O desacordo latente com Zinoviev foi cuidadosamente disfarçado.

Durante todo o verão de 1923 as animosidades pessoais se contiveram, ante a crise econômica que se avolumava, e as esperanças de recuperação de Lenin desapareciam aos poucos. Embora Trotski não fosse candidato à liderança formal, sua personalidade poderosa, sua atuação na guerra civil, sua coerência de argumentação e seus brilhantes dons oratórios lhe haviam conquistado crescente popularidade nas fileiras do partido, e o tornavam um adversário formidável em qualquer debate sobre política. O triunvirato de Zinoviev, Kamenev e Stalin havia conspirado com êxito, no congresso do partido de abril, para bloquear seu avanço. Resolveram agora que era chegado o momento de esmagá-lo. Foi lançada uma campanha, com o máximo cuidado — em parte porque Zinoviev e Stalin talvez já não confiassem plenamente um no outro.

A provocação ocorreu com a carta de Trotski de 8 de outubro de 1923 (ver Capítulo 6) que, depois de sua crítica cáustica das políticas econômicas em vigor, lançava um ataque ao "regime incorreto e doentio no partido". A nomeação substituiria a eleição para a escolha dos ocupantes de cargos-chaves na organização partidária; e as nomeações recaíam sobre os que se haviam comprometido com a manutenção do regime existente. Um "mecanismo secretarial criado do alto" havia reunido todos os controles nas suas mãos, e tornava a participação da massa "ilusória". A carta terminava exigindo que o "burocratismo secretarial" fosse substituído pela "democracia partidária". Vinda de um membro do Politburo, era uma crítica formidável, e seu alvo era, inequivocamente, Stalin. Poucos dias depois a "plataforma dos 46" deplorava a divisão entre a "hierarquia secretarial" e os membros comuns do partido. A "ditadura dentro do par-

tido", que silenciava todas as críticas, era atribuída às decisões de emergência tomadas pelo Décimo Congresso, em março de 1921 — esse regime havia "sobrevivido a si mesmo". O triunvirato não podia ignorar esse desafio aberto à sua autoridade.

Foi nesse momento, por uma estranha fatalidade, que Trotski sucumbiu ao primeiro ataque de uma febre intermitente e não diagnosticada, que continuou a afligi-lo a intervalos, durante os dois ou três anos seguintes. A 25 de outubro o comitê central do partido, e na ausência de Trotski devida a essa enfermidade, aprovou uma resolução condenando sua carta de 8 de outubro como "um erro político profundo" que havia "servido como sinal para um agrupamento fracional (a plataforma dos 46)". Durante todo o mês de novembro a animada discussão de questões econômicas e políticas pelas colunas do *Pravda* não provocou nenhuma intervenção, seja de Trotski ou do triunvirato. A persistente indisposição de Trotski o condenava a um papel passivo. Mas em princípios de dezembro ele manteve conversações com os três líderes, delas resultando uma resolução do Politburo, de 5 de dezembro de 1923. A tática do triunvirato era fazer a Trotski o máximo de concessões em questões de princípio, a fim de isolá-lo da oposição. A resolução falava da "importância excepcional da Gosplan", do perigo da "burocratização" e da "degeneração, com a NEP, de uma seção dos trabalhadores do partido", e a necessidade de mais "democracia dos trabalhadores". A preponderância de elementos "não proletários" no partido deveria ser remediada por "um influxo de novos quadros de trabalhadores industriais", o que era considerado como uma garantia de "democracia partidária". Mas a resolução anterior de 25 de outubro, na qual o partido havia condenado a carta de Trotski, de 8 de outubro, e a plataforma dos 46, era especificamente reafirmada, de modo que Trotski parecia, ao mesmo tempo, renunciar à sua posição anterior e concordar com a condenação daqueles que o haviam defendido. Apesar disso, ele a considerou como uma vitória para os seus princípios.

Um acordo tão superficial não poderia durar. Três dias depois Trotski, ainda incapaz de aparecer em público, expôs sua interpretação da resolução numa carta aberta que foi lida em reuniões do partido e publicada pelo *Pravda*. Criticou os "camaradas conservadores que se inclinam a superestimar o papel da máquina e subestimar a independência do partido". Citou os socialdemocratas alemães antes de 1914 como exemplo de uma "velha guarda" que se havia deixado arrastar ao "oportunismo", e fazia um apelo à geração que surgia, que "reage mais vigorosamente contra a burocracia partidária". Num pós-escrito, referia-se aos "perigos da NEP", intimamente relacionados com "o caráter *suspense* da revolução internacional". O triunvirato ainda hesitava. Numa reunião da organização partidária em Moscou, a 11 de dezembro, falaram vários partidários de Trotski, inclusive Preobrazhenski e Radek. E Zinoviev e

Kamenev, embora condenando a oposição, trataram Trotski com amabilidade cautelosa.

Poucos dias depois todas as inibições eram afastadas e o triunvirato resolvia tratar a carta aberta de Trotski como uma declaração de guerra. A 15 de dezembro, Stalin, num artigo no *Pravda*, lançava um ataque em grande escala à oposição, terminando com acerbas zombarias pessoais contra Trotski. Era o sinal de uma campanha de vituperação numa série de discursos e artigos de Zinoviev, que parece ter criado a expressão "trotskismo", Kamenev, Bukharin e outras figuras menores do partido. Os artigos favoráveis à oposição deixaram de ser publicados no *Pravda*. Os estudantes fizeram manifestações em favor dela, e em consequência foi realizado um expurgo no comitê central do Komsomol, para colocar dentro da linha aquela organização. Mas nas reuniões em Moscou e Petrogrado apenas uma pequena minoria de trabalhadores falou ou votou contra a posição oficial. A defesa que Trotski no passado fizera da militarização do trabalho tornava difícil aceitá-lo agora como campeão da causa dos trabalhadores. O poder crescente da organização partidária, a falta de qualquer programa alternativo positivo, ou apresentado popularmente, o medo de ser vítima num período de desemprego generalizado, a fraqueza numérica e as tradições radicais da classe operária russa, tudo isso contribuiu para a derrota da oposição. Um protesto de Trotski, Radek e Pyatakov contra a atitude discriminatória do *Pravda* provocou uma resposta da comissão de controle do partido, segundo a qual "o órgão do comitê central está obrigado a pôr em prática a linha perfeitamente definida do comitê central". A decisão era final e absoluta. A partir de então, o *Pravda* falou exclusivamente com a voz oficial dos órgãos centrais do partido.

O processo de difamação pessoal de Trotski ganhou força. Numa sessão da IKKI em princípios de janeiro de 1924 houve novo ataque violento ao seu caráter, sua atuação no partido e suas opiniões. Trotski, atormentado pela enfermidade, desistiu da luta desigual e, a conselho médico, partiu para o Cáucaso em meados de janeiro de 1924. Poucos dias depois, uma conferência do partido condenava, por esmagadora maioria (os delegados haviam, sem dúvida, sido escolhidos a dedo) a oposição e considerava Trotski pessoalmente responsável pela campanha contra os líderes do partido. Esses acontecimentos antecederam imediatamente a morte de Lenin, ocorrida a 21 de janeiro de 1924.

## 8

# A Ascensão de Stalin

A morte de Lenin trouxe à superfície a questão que há muito preocupava os líderes do partido. Zinoviev já havia colocado sobre os ombros, sem hesitação, o manto provisório da sucessão. Stalin abster-se, calculadamente, de revelar suas ambições. Numa sessão comemorativa do Congresso dos Soviéticos da União, a 26 de janeiro de 1924, às vésperas do funeral, o tributo de Stalin distinguiu-se de seus colegas por uma nota fervorosa de dedicação e adoração, ainda pouco comum no vocabulário marxista ou bolchevique: "nós comunistas" eram os discípulos humildes e leais, comprometidos com a realização de todas as instruções do mestre morto. Duas decisões notáveis foram tomadas. A primeira foi rebatizar Petrogrado com o nome de "Leningrado" — Lenin havia superado e eclipsado Pedro, ao modelar os destinos da pátria. A segunda foi fortalecer o partido por um recrutamento em massa de "trabalhadores das fábricas", que recebeu o nome de "recrutamento Lenin". A exigência de uma maior representação de trabalhadores no partido havia figurado na carta de Trotski, de 8 de outubro, e na resolução do Politburo de 5 de dezembro de 1923 (ver p. 66) e se podia justificar pelo que Lenin havia escrito. Sua execução estava agora nas mãos de Stalin, o secretário-geral do partido.

O Partido Bolchevique tinha, em 1917, apenas 25 mil membros. Durante a revolução e a guerra civil, seus números aumentaram progressivamente através de inscrições em massa. Em princípios de 1921 havia chegado a um total de 600 mil ou talvez 700 mil membros. O expurgo ordenado pelo Décimo Congresso do partido em março de 1921 foi drástico. Alguns membros, recrutados no entusiasmo da revolução e da guerra civil, se afastaram, outros foram expulsos como inconvenientes. Em princípios de 1924 o número de membros se havia reduzido para 350 mil. O "recrutamento Lenin", que em dois anos levou 240 mil novos

membros ao partido, aumentou seus números em mais de dois terços, e foi saudado como um avanço na direção de uma maior democracia, e como uma afirmação do predomínio acertado de trabalhadores autênticos na organização, embora em suas fases finais incluísse também um número substancial de camponeses. Seu papel histórico foi muito diferente. Era o símbolo de uma modificação gradual no caráter do partido, e que tinha causas mais profundas. Surgia, quase imperceptivelmente, uma nova concepção que distinguia o partido de Stalin do partido de Lenin.

Antes da revolução, Lenin havia sonhado com o partido como um pequeno grupo homogêneo de devotados revolucionários empenhados na derrubada de um regime de desigualdade e opressão. Mesmo depois da revolução, ele continuou pensando no partido como um grupo de elite de trabalhadores dedicados, e preocupava-se mais em excluir os elementos indesejáveis do que em abrir as portas ao recrutamento. A acentuada redução no número de membros entre 1921 e 1924 deveu-se, certamente, à sua insistência. Embora se tivesse distanciado muito das opiniões utópicas expressas em *O Estado e a revolução*, Lenin ainda esperava, nas palavras do programa do partido de 1919, "uma simplificação das funções de administração, acompanhada pela elevação no nível cultural dos trabalhadores", e parecia não ter consciência, até o fim da vida, das vastas complexidades e problemas da administração pública. A essa altura, a concepção de um partido de elite era um anacronismo. Em 1920, 53% dos membros do partido trabalhavam, ao que se dizia, em instituições soviéticas e 27% estavam no Exército Vermelho. Aos poucos, e de maneira insensível, o partido foi transformado numa máquina destinada a conduzir e supervisionar os assuntos de um grande Estado. Era dever claro das suas fileiras — em especial dos novos membros, aos quais faltava a base revolucionária da geração anterior a 1917 — apoiar os líderes fielmente nessa tarefa formidável. E o ingresso no partido proporcionava certos privilégios tácitos, que tornavam compensadora a aceitação desse dever de fidelidade. O "recrutamento Lenin" foi acompanhado de um novo expurgo dos membros indesejáveis e, como tanto o expurgo como o recrutamento foram controlados pela secretaria do partido, pode-se supor que a aceitação da nova ortodoxia era um dos principais critérios para a admissão de novos membros. O recrutamento e todo o processo de que fazia parte aumentaram o poder da máquina do partido e do secretário-geral, que a manipulava. Molotov disse apenas a verdade ao observar, no congresso do partido de 1924, que "o desenvolvimento do partido no futuro basear-se-á, sem dúvida, no recrutamento Lenin".

Outra modificação, mais sutil, seguiu-se à substituição do partido de elite de Lenin pelo partido de massa de Stalin. Seus estatutos impunham aos membros a obrigação de falar em apoio das diretrizes adotadas, com uma voz unânime. A fidelidade ao partido significava a aceitação de

sua disciplina. Mas supunha-se que a decisão fosse tomada por métodos democráticos, depois de livre discussão entre os membros. E ninguém sugeria ser o partido infalível. Lenin, com freqüência, chamou atenção para os erros cometidos e admitiu seus próprios erros. Quando seu 50<sup>o</sup> aniversário foi comemorado em abril de 1920, no momento da vitória na guerra civil, ele, muito estranhamente, ao responder à saudação de seus camaradas, falou dos perigos que havia em o partido "dar-se ares de importância". As irritadas controvérsias que dividiram o partido às vésperas da adoção da NEP surpreenderam Lenin e outros líderes, levando-os a compreender os perigos existentes na tolerância incondicional das dissensões. O motim de Kronstadt aumentou a sensação de alarma. As medidas disciplinares aprovadas pelo Décimo Congresso foram um marco pressagoso na história do partido. Mas Lenin nunca aceitou a concepção de uma organização central que promulgasse éditos infalíveis e impusesse silêncio a qualquer discordância, dentro e fora do partido. Quando, no último congresso a que compareceu, em março de 1922, ele observou que o partido dispunha de poder político e econômico suficiente, e que "faltava-lhe cultura", já mostrava uma consciência preocupada dos perigos que estavam à frente. Nos últimos atormentados meses da sua vida política, preocupou-se com a desconfiança em relação à personalidade de Stalin e com a necessidade de lutar contra a "burocracia" no partido e no Estado. A fé na infalibilidade do partido, na infalibilidade de Lenin e, finalmente, na infalibilidade de Stalin, foram acontecimentos posteriores, cujas sementes foram lançadas nas primeiras semanas após a morte de Lenin.

Enquanto se realizava o "recrutamento Lenin", Stalin deu novo passo para se distinguir como o mais fiel discípulo do líder. Pronunciou seis conferências na Universidade de Sverdlov, sobre "As bases do leninismo", que foram publicadas no *Pravda*. Eram claras, esquemáticas, e totalmente convencionais. Apenas uma frase poderia, à luz de acontecimentos posteriores, ter chamado atenção:

Para a vitória do socialismo, para a organização da produção socialista, os esforços de um país, particularmente de um país camponês como a Rússia, são insuficientes; para isso, os esforços dos proletários de vários países adiantados são necessários.

Isso era apenas a repetição de um item conhecido do credo partidário. As conferências não provocaram qualquer comentário. Os outros líderes não demonstraram interesse pela incursão de Stalin no campo da teoria, onde até então raramente tentara brilhar. O significativo, na iniciativa de Stalin, foi a consagração do culto específico do "leninismo". Se a expressão era corrente durante a vida de Lenin, seu uso, como "trotskismo" mais tarde, tinha uma conotação pejorativa e era empregado pelos adversários empenhados em desacreditá-la. Mas a partir de então, nos lábios de

Stalin e de outros líderes do partido, o leninismo passou a ser um grupo de doutrinas, definidas de maneira vaga, mas infalíveis, que distinguiram a linha oficial do partido das heresias de seus críticos.

O constrangimento provocado pelo testamento de Lenin ainda não havia desaparecido. Felizmente para Stalin, seu embaraço era partilhado pelos outros líderes, nenhum dos quais escapara às críticas. Não se sabe em que momento exato eles tomaram conhecimento de seu conteúdo. Mas a 22 de maio de 1924, às vésperas do XIII Congresso do partido, uma reunião de membros destacados ouviu a sua leitura por Kamenev, que presidiu à sessão. Em seguida falou Zinoviev, em termos de uma dedicação total ao líder morto, terminando com a observação de que "em relação a um ponto" as preocupações de Lenin haviam sido infundadas, o que não era necessário afastar Stalin de seu cargo. Kamenev o apoiou. Ninguém expressou qualquer outra opinião. Trotski, que voltara recentemente do Cáucaso, ficou sentado em silêncio. O único choque foi provocado pela insistência de Krupskaya de que o testamento fosse lido no Congresso. A reunião resolveu, pelo voto da maioria, de 30 a 10, que bastava comunicá-lo, confidencialmente, aos principais delegados.

O problema da oposição pairava sobre o congresso. Zinoviev foi moderado em seu principal relatório, terminando com um apelo retórico aos membros da oposição para que subissem à tribuna para confessar seu erro, e reconhecer que o partido estava certo. Muitos delegados denunciaram a oposição e Trotski, nominalmente. Trotski levantou-se, pensosamente e com relutância, para enfrentar o desafio de Zinoviev. "Não se pode ter direito contra o partido", proclamou ele. O partido podia cometer "erros particulares", e continuava a acreditar que a resolução da conferência de janeiro, que o condenou, era "incorreta e injusta". Não obstante, como um fiel membro do partido, ele teria de dizer: "Justo ou injusto, é o meu partido e suportarei as conseqüências de sua decisão até o fim." Quer seja considerada como a fonte da inibição que o impediu de travar a luta, ou como a racionalização de uma inibição que tinha raízes psicológicas mais profundas, essa declaração de submissão, juntamente com a rejeição de confessar erros, foi significativa da atitude de Trotski na época. Só dois anos depois — quando já era tarde demais — foi que ele reconquistou sua liberdade de ação, atacou ousadamente seus inimigos e convocou os amigos para a sua defesa. O congresso ouviu um apelo de paz entre as facções, feito por Krupskaya e de um "fim a toda e qualquer discussão". Não lhe deram ouvidos. Stalin e Zinoviev encerraram os trabalhos com discursos cheios de vitupérios contra Trotski. Ele foi, porém, reeleito para o comitê central do partido — ao que parece, por uma pequena margem. Afirma-se que Zinoviev e Kamenev tentaram excluir Trotski do Politburo, mas que a proposta fracassou ante a oposição de Stalin, ansioso em preservar sua reputação de moderado.

Durante o resto do ano, os feitos literários de Trotski lançaram mais lenha à fogueira. Num folheto comemorativo, *Sobre Lenin*, ele descreveu a sua íntima associação pessoal com Lenin, à época da revolução, em termos que pareciam exagerar sua importância, e relegar os outros participantes a um papel secundário. Em outubro de 1924 ele publicou um longo ensaio intitulado *Lições de Outubro*, criticando Kamenev e outros "velhos bolcheviques" pela sua resistência às teses de abril, de Lenin, quando de seu retorno a Petrogrado em abril de 1917, e a oposição de Zinoviev e Kamenev à tomada do poder em outubro, que havia sido mencionada por Lenin em seu testamento, juntamente com a condição de não-bolchevique de Trotski, como coisas que não deveriam ser lembradas contra eles. Esse ataque provocou uma série de respostas controversas, e estimulou o triunvirato e seus seguidores a esmiuçar, com profundidade e despeito, a vida do próprio Trotski. Kamenev pronunciou um longo discurso, publicado como folheto sob o título *Leninismo ou trotskismo?*, no qual acusava Trotski de menchevismo, lembrava as suas ásperas discussões com Lenin e acrescenta a acusação, já então bem conhecida, de "subestimar o campesinato". Stalin seguiu-o, mais breve e incisivo, na mesma linha. A denúncia de Trotski tornou-se um exercício rotineiro na imprensa e nas reuniões do partido. O golpe mais sério foi a descoberta e publicação de uma carta esquecida, escrita por ele em 1913 e que continha invectivas ásperas e coléricas contra Lenin. Não era necessária nenhuma outra prova para mostrar a incompatibilidade entre o "trotskismo" e o "leninismo".

Esmagado por essa onda de ataques, Trotski permaneceu silencioso. Sucumbiu, mais uma vez, à doença misteriosa que o atacara no inverno anterior, e os médicos aconselharam sua transferência para um clima melhor. Ele não compareceu à sessão do comitê central do partido, em janeiro de 1925. Escreveu-lhe uma carta, em que dizia ser o seu silêncio ante "muitas acusações inverídicas e até mesmo monstruosas", "correto do ponto de vista dos interesses gerais do partido", e "no interesse de nossa causa" pedia que fosse exonerado de seus deveres como presidente do Conselho Revolucionário Militar. Partiu para o Cáucaso enquanto a sessão prosseguia. O comitê hesitou quanto às sanções a lhe serem aplicadas. Os extremistas, entre os quais estavam Zinoviev e a delegação de Leningrado, propunham a expulsão do partido, do comitê central do partido, ou pelo menos do Politburo. Os moderados, apoiados por Stalin, satisfaziam-se em afastá-lo de suas funções militares. Esta última opinião predominou: Trotski foi afastado do cargo de presidente do Conselho Revolucionário Militar e de comissário do povo para a Guerra. Substituiu-o Frunze, cuja nomeação foi o sinal para uma vigorosa campanha de aperfeiçoamento do Exército Vermelho negligenciado desde o término da guerra civil.

A controvérsia provocada pelas *Lições de Outubro* levou, quase que

Finalmente, a uma importante inovação na doutrina do partido. Um dos temas em relação ao qual Lenin e Trotski haviam discordado anteriormente, o que era agora levantado contra Trotski pelos seus críticos, foi a chamada teoria da "revolução permanente" – uma frase usada originalmente por Marx. Em 1905 Trotski argumentara que uma revolução na Rússia atrasada, embora em sua primeira fase permanecesse como uma revolução burguesa antifeudal, passaria automaticamente à fase de revolução socialista e anticapitalista. Lenin não se inclinava a aceitar a perspectiva dessa transição a menos que, como tanto ele como Trotski esperavam, a revolução na Rússia fosse a fagulha que incendiaria a revolução nos países adiantados do Ocidente. A discussão tinha pouca importância, e havia sido esquecida muito antes de 1917, quando Lenin em suas teses de abril pareceu adotar uma posição muito mais próxima de Trotski. Mas ninguém evidenciou qualquer interesse pela questão, até que Bukharin, em dezembro de 1924, deu sua contribuição para a campanha contra Trotski num artigo sobre "A teoria da revolução permanente". Bukharin interessou-se apenas em focalizar a discordância entre Lenin e Trotski, sem chegar a qualquer conclusão positiva. Mas quando, poucos dias depois, Stalin também publicou extenso ensaio sobre o tema, escrito como introdução a uma coleção de seus discursos e artigos, usou sua denúncia da teoria de Trotski como trampolim para uma nova doutrina do "socialismo num único país".

Stalin abandonou então o que chamou de fórmula "incompleta e portanto incorreta" de suas conferências da primavera anterior, na qual sustentara que os esforços de um país eram "insuficientes para a organização do socialismo". Tendo declarado que "a 'revolução permanente' de Trotski é a negação da teoria da revolução proletária de Lenin", ele passou a argumentar que Lenin havia, em vários trechos de seus escritos, previsto a possibilidade da vitória do socialismo num só país. Stalin admitia que "para uma vitória *completa* do socialismo, para uma garantia *completa* contra a restauração da velha ordem de coisas, os esforços combinados do proletariado de vários países são indispensáveis". Mas significaria isso que a "Rússia revolucionária não podia levantar-se contra a Europa conservadora" e construir um regime socialista na URSS? A resposta de Stalin era pela negativa total. A argumentação era complicada e casuística, baseando-se exclusivamente em citações fora do contexto. Era também um pouco irreal, já que se desenvolvia em condições que nem Lenin, nem Trotski, havia considerado possíveis – a sobrevivência do regime revolucionário na Rússia, na ausência de revolução em outros países. Mas psicologicamente seu impacto foi enorme. Oferecia uma meta positiva e definível. Acabava com as vãs expectativas de ajuda do exterior. Lisonjeava o orgulho nacional apresentando a revolução como uma realização especificamente russa e a construção do socialismo como uma tarefa grandiosa, em cuja realização o proletariado russo se constituiria num exemplo para o mundo. Até então,

a dependência em que a perspectiva de socialismo na Rússia se encontrava, de uma revolução socialista em outros países, havia ocupado um lugar central na doutrina do partido. Agora a ordem das prioridades era modificada. Stalin jactava-se de ser a vitória da revolução na Rússia "o início e a premissa da revolução mundial". Os críticos de sua doutrina passavam a ser, implícita e explicitamente, os de ânimo fraco, tímidos e desconfiados em relação ao povo russo, pessimistas quanto à sua capacidade e determinação. O socialismo num único país era um apelo poderoso ao patriotismo nacional. Indiscutivelmente, colocava a Rússia em primeiro lugar.

Stalin havia criado um clima de opinião que exploraria ao máximo em sua luta contra seus rivais. Mas, então, ninguém levou muito a sério sua abstrusa incursão pela teoria. Na sessão realizada pelo comitê central do partido em janeiro de 1925, que condenou Trotski, o socialismo num único país não foi mencionado. Bukharin falou dessa teoria, com hesitação, num discurso pronunciado três meses depois, sem citar Stalin, e em termos que sugeriam ser ele próprio um dos seus autores. Ela surgiu, sem maior destaque, na principal resolução da conferência partidária de abril de 1925, que, à base de citações de Lenin, anunciava que "em geral, a vitória do socialismo (*não* no sentido de vitória *final*) é incondicionalmente possível num só país". Quando o triunvirato se desfez, alguns meses depois, teria sido esse trecho o motivo de um choque no Politburo, às vésperas da conferência. Mas os indícios mostram que Zinoviev e Kamenev não fizeram objeções fortes e foram antes indiferentes do que hostis. Quando Stalin comemorou sua modesta vitória num discurso depois da conferência, o fez ainda com outra citação de Lenin:

Somente quando o país estiver eletrificado, quando a indústria e a agricultura forem colocadas nas bases técnicas da moderna indústria em grande escala, somente então seremos finalmente vitoriosos.

Até então, o socialismo num único país poderia ter sido considerado uma continuação da NEP, que também voltava as costas para a precária perspectiva de uma revolução internacional, e marcava o caminho do socialismo através de uma aliança com o camponês russo. Agora, Stalin tateava seu caminho para uma concepção muito diferente de uma Rússia auto-suficiente, transformada e tornada economicamente independente através de uma indústria e uma agricultura modernizadas. Stalin não procurou impor sua opinião e talvez ainda não tivesse plena consciência de suas implicações. Mas foi uma estonteante visão a longo prazo, e adequada às modificações que começavam a se fazer sentir no cenário econômico.

A ascensão gradual de Stalin a uma posição de autoridade depois da morte de Lenin ocorreu num período de aguda controvérsia econômica, e que foi também um período de renascimento econômico. A solução da

crise da tesoura, em dezembro de 1923 e os pronunciamentos subsequentes do partido anunciavam uma nova atenção para a recuperação da indústria pesada. A doutrina do socialismo num só país, qualquer que fosse a intenção de seus proponentes, deu apoio à promoção da indústria pesada como condição de auto-suficiência. Mas implicava que isso se poderia realizar com os recursos da atrasada economia russa. Era essa a questão. A controvérsia sobre a industrialização, como todas as outras questões no cenário econômico soviético, estava ligada aos problemas da agricultura, que mais uma vez perturbavam o estado de espírito de complacência, então observado. A colheita de cereais de 1924, embora prejudicada por uma seca do final de verão, foi boa. Ninguém parecia ter dúvida de que o camponês, livre do peso da crise da tesoura, entregaria aos órgãos de coleta do Estado, a preços oficialmente fixados, as quantidades de cereais necessárias para alimentar as cidades. Nada disso, porém, aconteceu. As coletas de cereais foram desastrosamente minguadas. Os comerciantes privados surgiram pela primeira vez em grande número no mercado, e os preços fixos tiveram de ser abandonados. Na passagem do ano os preços se estavam elevando rapidamente. O preço do centeio duplicou entre dezembro de 1924 e maio de 1925. Com a volta do livre mercado, a tesoura abria-se mais uma vez, agora em favor do camponês, e as cidades ficaram à sua mercê. Além disso, o mecanismo de preços operava para aumentar as disparidades da riqueza no campo. Era o camponês rico, o odiado *kulak*, que tinha os grandes excedentes a vender e podia guardá-los até que os preços chegassem ao máximo. Noticiava-se que muitos camponeses pobres, necessitando negociar suas colheitas, haviam vendido barato no outono aos *kulaks*, que obtinham lucro vendendo caro na primavera.

Esses acontecimentos foram o ponto de partida de uma acerba controvérsia no partido. Os líderes apegavam-se ao princípio diretor da NEP — conciliação do camponês. Zinoviev havia lançado em julho a palavra de ordem “O rosto voltado para o campo”. Alguns dias depois, Preobrazhensky leu à Academia Comunista um trabalho sobre “A lei fundamental da acumulação socialista”, que foi amplamente reconhecido como um questionamento profundo da linha oficial. Marx havia mostrado que as fases iniciais da acumulação capitalista haviam exigido “a separação entre os produtores e os meios de produção”, isto é, a expropriação do campesinato. Portanto, argumentava Preobrazhensky, a acumulação socialista “não pode passar sem a exploração da produção em pequena escala, sem a expropriação de parte do produto excedente do campo e do trabalho artesanal”. Ele rejeitou como impraticável o princípio de “troca equivalente” entre a cidade e o campo, e defendeu “uma política de preços conscientemente dirigida para a exploração da economia privada em todas as suas formas”. Preobrazhensky não mediu suas palavras, e sua franqueza serviu de pretexto aos defensores da liderança do partido e do campesinato.

Bukharin publicou uma resposta indignada, que denunciava o artigo como "a base econômica do trotskismo". Mas Preobrazhensky havia, nos termos mais claros, colocado o partido ante o dilema difícil de conciliar o processo de industrialização com a continuada indulgência pelo camponês.

Durante todo o ano de 1925, enquanto Stalin manobrava com habilidade entre os outros líderes, foi evitado um choque aberto entre as duas políticas. Era forte a pressão em favor de outras concessões ao camponês, o que significava, na prática, concessões ao camponês abastado ou *kulak*. Uma conferência do partido em abril de 1925 aprovou três dessas medidas. O imposto agrícola, único veículo de tributação direta no campo, seria reduzido, e sua incidência seria diminuída, a fim de torná-lo menos progressivo. O direito de empregar o trabalho assalariado e o direito de adquirir terra por arrendamento, ainda parcialmente — e ineficazmente — restringidos pelo código agrário, deveriam ser reconhecidos. Foi nesse momento que Bukharin pronunciou um discurso que durante muito tempo foi citado como a mais franca exposição da política representada nessas decisões. Ele defendeu a causa da "camada superior abastada do campesinato — o *kulak* e em parte o camponês médio", que necessitava de incentivos para produzir. "Aos camponeses, a todos os camponeses", exclamou ele, "devemos dizer: *Enriquecei-vos*, desenvolvi vossas fazendas, sem ter medo de que limites vos sejam impostos." Negou que isso fosse um "desafio ao *kulak*" (frase criada 15 anos antes para descrever a reforma de Stolipin). Mas rejeitou igualmente "um aguçamento da guerra de classes no campo". Bukharin, como seu adversário Preobrazhensky, comprometeu sua causa pela franqueza pouco diplomática. Stalin parece ter dito a outros líderes que "Enriquecei-vos" não era "o nosso *slogan*". Mas transcorreram alguns meses antes que ele fosse publicamente rejeitado, e o curso planejado por Bukharin foi seguido durante o resto do ano.

Lado a lado, porém, com políticas destinadas a proporcionar incentivos à produção camponesa, as necessidades da indústria privada atraíram uma atenção crescente. Até então, o renascimento da indústria tinha, na maioria dos casos, significado o retorno ao uso produtivo de fábricas e máquinas que se vinham mantendo ociosas desde a guerra civil. Para isso não eram necessários grandes dispêndios de capital. Mas em fins de 1924 o processo havia chegado aos seus limites. Calculava-se que as fábricas existentes estavam sendo utilizadas em 85% de sua capacidade. A indústria começava a aproximar-se dos níveis de produção atingidos em 1913, e podia pensar em ultrapassá-los. Mas para manter a taxa de crescimento industrial, e especialmente reviver a indústria pesada, eram necessários investimentos de capital em grande escala. O comitê central do partido defendeu, em janeiro de 1925, "alocações orçamentárias" para a indústria, bem como "uma ampliação do crédito". Equipamento obsoleto deveria ser renovado, e novas indústrias criadas. Assim estimulado, o Vesenkha con-

vocou "uma conferência especial sobre a restauração do capital fixo na indústria", que continuou ativa nos 18 meses seguintes. A conferência partidária de abril de 1925, que aprovara as concessões ao camponês, também aprovou o plano trienal para a indústria do metal, envolvendo um investimento total de 350 milhões de rublos.

O ano de 1925 ainda foi um período de otimismo, quando parecia possível atender a todas as exigências de uma economia em crescimento. Não foi a colheita em si, a melhor desde a revolução, mas as seqüelas da colheita, que nos últimos meses do ano mostraram as dimensões do problema inerente às relações entre a indústria e a agricultura. Os órgãos estatais coletores de cereais abandonaram os preços "fixos" de 1924 e receberam instruções de trabalhar em preços "diretivos", que pudessem ser ajustados de tempos em tempos. Apesar da experiência da colheita anterior, todos pareciam supor que a abundância manteria baixos os preços, que o cereal excedente poderia ser exportado e que os rendimentos da lavoura proporcionariam fundos para o financiamento da indústria. Essas esperanças foram vãs. Depois da colheita de 1925 os camponeses prósperos guardaram grandes estoques de cereal. Mas não tinham incentivos para trocá-los por dinheiro. A redução do imposto agrícola havia diminuído a pressão da tributação; a oferta de bens industriais era escassa, e pouco oferecia do que eles queriam comprar e, embora a moeda tivesse sido estabilizada nominalmente, o cereal constituía um bem mais valioso do que um maço de notas de banco. Eles podiam esperar. O cereal só lentamente chegou ao mercado. Sob a influência de um abastecimento escasso, a concorrência com os compradores do livre mercado e mesmo a concorrência entre diferentes órgãos estatais compradores, os preços dispararam. As esperanças de exportações de cereais, ou de lucro com a colheita para financiar a indústria, dissiparam-se. A colheita fora um êxito para o camponês. A sua comercialização era um desastre para o governo. A crise dividiu o partido e deu sinal para uma prolongada e amarga luta entre as reivindicações da industrialização e o planejamento, de um lado, e a economia de mercado voltada para o camponês, promovida pela NEP, de outro — e esta última dominaria o período que se seguiu.

Esses acontecimentos foram o pano de fundo da ascensão de Stalin à posição de autoridade suprema no partido e na URSS. O ano de 1925 foi decisivo. O medo e o ciúme em relação a Trotski foi o cimento que manteve unido o triunvirato. Após sua derrota e rebaixamento em janeiro de 1925, ele começou a desmoronar lentamente. Trotski passou mais de três meses convalescendo no Sul. Quando voltou a Moscou, em fins de abril de 1925, enfrentou uma situação constrangedora. Eastman, um conhecido comunista norte-americano, havia passado o inverno de 1923-24 em Moscou, e era um adepto declarado de Trotski. Em princípios de 1925 havia publicado em Nova York um pequeno livro, *Since Lenin died*, que

fazia uma descrição minuciosa e exata, do ponto de vista de Trotski, das intrigas do triunvirato durante as últimas semanas de vida de Lenin e após sua morte, citando o seu testamento — a primeira referência àquele documento a aparecer em letra de forma. As revelações causaram sensação. Membros do Partido Comunista Britânico, preocupados, escreveram e telegrafaram a Trotski, solicitando comentários a serem publicados. Os líderes do partido, em Moscou, exigiram-lhe com insistência uma refutação das afirmações de Eastman. Trotski enfrentou mais uma vez o dilema de manter sua posição, ou recusar-se a lutar sobre o que poderia ser chamado de uma questão secundária. Ainda sofria da profunda inibição que o impedia de manifestar-se publicamente em oposição à maioria de seus colegas: "Não se pode estar certo contra o partido." Se lhe ocorria que recuar significava comprometer sua causa e desautorizar seus amigos, sufocava tais dúvidas em nome da disciplina partidária. A 1º de julho de 1925 ele assinou uma longa declaração que, como escreveu três anos depois, "*me foi imposta* pela maioria do Politburo". Nessa declaração, considerava a alegação de que o comitê central do partido havia "'ocultado' do partido vários documentos de extrema importância escritos por Lenin no último período de sua vida", inclusive o chamado "testamento", como uma "calúnia". Lenin não havia deixado testamento. Tudo o que ele escrevera, notadamente "uma das cartas de Vladimir Ilitch com recomendações sobre a organização", havia sido comunicado aos delegados no congresso do partido. As histórias de um testamento oculto eram "uma invenção maldosa". A declaração de Trotski foi publicada no semanário de esquerda britânico *Sunday Worker* a 19 de julho, e no órgão do partido russo, *Bol'shevik*, a 1º de setembro de 1925. Foi o último triunfo do triunvirato unido.

Ao regressar a Moscou, Trotski havia sido nomeado para dois ou três cargos de menor importância, em grande parte decorativos, relacionados com a indústria. Durante o resto do ano fez alguns discursos, escreveu alguns artigos sobre o desenvolvimento e o planejamento industrial, ressaltando a necessidade de "alcançar o Ocidente", mas sem questionar diretamente a política do partido. Sua moderação afrouxou o último laço que mantinha unido o triunvirato. Depois de alguns choques preliminares, a dissensão irrompeu abertamente, em relação à crise da coleta de cereais. Zinoviev e Kamenev, modificando sua posição anterior, opuseram-se à orientação camponesa, da qual Bukharin continuou a ser o mais ardoroso defensor. Em setembro, Zinoviev apresentou, para publicação no *Pravda*, um artigo intitulado "A filosofia de uma época". Era, aparentemente, um ataque a um autor emigrado, Ustrialov, que havia endossado, entusiasticamente, o apoio de Bukharin ao *kulak*, proclamando com alegria que "o camponês se está tornando o único senhor real da terra soviética". Zinoviev concluía que a "NEP, juntamente com a demora na revolução mundial, encerra na realidade, entre outros perigos, o da degeneração".

O comitê central do partido insistiu na eliminação de frases que indicavam Bukharin muito diretamente. Mas o sentido do artigo, que se estendeu por dois números do *Pravda*, e foi publicado como um folheto, não podia ser ignorado. No mês seguinte, Zinoviev publicou um volume de ensaios sob o título *Leninismo*, e um dos trabalhos repetia o ataque a Ustrialov, e denunciava o *slogan* "Enriquecei-vos", embora ainda sem mencionar Bukharin nominalmente. Outro ensaio citava a denúncia, feita por Lenin, dos *kulaks*, e lembrava ter ele considerado a NEP como "um recuo"; isso deixava implícito que a indústria soviética, sob a NEP, era uma forma de "capitalismo estatal" — conclusão negada por Bukharin. O capítulo mais decisivo era um ataque frontal ao "socialismo num só país"; era impossível "continuar leninista, se enfraquecemos, de qualquer maneira, o fator internacional no leninismo". Era uma declaração de guerra, não só contra Bukharin, mas também contra o próprio Stalin.

O súbito abandono da orientação camponesa por Zinoviev, e a adoção da causa da indústria e do proletariado, tinha uma certa lógica. A luta pelo poder entre ele e Stalin era uma luta entre a organização do partido em Leningrado, que controlava, e a organização central do partido, em Moscou, dominada por Stalin. Kamenev era o chefe da organização local de Moscou, que era, porém, sobrepujada pela organização central na mesma cidade. Faltava-lhe autoridade para afirmar sua independência, e ele logo foi afastado. Leningrado ainda era a cidade de maior industrialização na URSS. Era o centro de um proletariado que fora a vanguarda da revolução, e mantinha sua tradição proletária. Em Moscou, o novo proletariado havia conservado laços muito mais fortes com o campo. Zinoviev só podia mobilizar e liderar os trabalhadores de Leningrado contra Moscou com uma plataforma que apoiasse suas reivindicações e rejeitasse com vigor a tentativa de exaltar o papel do camponês. A rivalidade entre as duas capitais, e entre as duas organizações partidárias, entre o *Pravda*, que era o órgão do comitê central do partido em Moscou, e o *Leningradskaya Pravda*, o jornal da organização partidária naquela cidade, teve um papel significativo na luta pelo poder entre Stalin e Zinoviev.

O campo de batalha foi o XIV Congresso do partido, reunido na última quinzena de 1925. Stalin e Zinoviev eram os principais oradores: Bukharin respondeu a Zinoviev e foi respondido por Kamenev. Embora os dois últimos denunciassem violentamente o *kulak*, Bukharin manteve-se firme, e Stalin, cuja preocupação era derrotar seus dois principais rivais, apoiou-o com alguma hesitação. O congresso não tomou nenhuma decisão significativa sobre a política agrícola, mas evidenciou uma crescente impaciência com os favores desfrutados pelo *kulak*, e focalizou, mais de uma vez, a premência da industrialização. Quando o alvoroço do conflito partidário serenou, era evidente que uma grande decisão se esboçava. Bukharin fez no congresso, com uma frase que foi lembrada por muito tempo, uma

tentativa desesperada de provar que o apaziguamento do camponês não era incompatível com as políticas de industrialização: "Avançaremos a passo de lesma, mas de qualquer modo estaremos construindo o socialismo, e o construiremos." Mas a industrialização a passo de lesma já não satisfazia a parcela ponderável da opinião que desejava transformar a URSS num grande país industrial, independente do Ocidente. Paradoxalmente, a vitória de Bukharin e a derrota de Zinoviev no congresso não levaram à vitória e derrota das políticas que defendiam. E a denominação dada posteriormente ao congresso, de "congresso da industrialização", não era totalmente errônea.

Os problemas econômicos, porém, não dominaram o debate, que se iniciou moderadamente, mas tornou-se mais violento quando questões políticas e pessoais, delicadas, foram atacadas. Kamenev criticou "a teoria de um 'líder'", e lançou um ataque pessoal a Stalin. Krupskaya falou em favor da oposição, e causou sensação ao questionar a doutrina de que "a maioria está sempre certa". Molotov e Mikoyan estavam entre os que apoiaram a linha oficial, e Voroshilov elogiou Stalin. Os delegados, de ambos os lados, eleitos nominalmente pelos distritos eleitorais de seu partido, haviam sido escolhidos a dedo, e uma sólida falange de Leningrado ficou isolada em meio a um auditório hostil. A resolução endossando a linha oficial foi aprovada por uma maioria de 559 contra 65. O *Leningradskaya Pravda*, até então porta-voz da oposição, passou ao controle da maioria, e um novo diretor foi nomeado por Moscou. Depois do congresso, uma expressiva delegação, que incluía Molotov, Voroshilov, Kalinin, Rykov, Tomsy, Kyrov e mais tarde Bukharin, viajou para Leningrado, e falou numa série de comícios de massa de membros do partido. Os meios de pressão que haviam silenciado e intimidado os seguidores de Trotski voltavam-se agora contra os partidários de Zinoviev. Os comícios de massa dos trabalhadores foram levados, por grandes majorias, a condenar seus velhos líderes e aprovar as decisões do congresso. Assim, preparou-se o terreno para uma conferência provincial de Leningrado, na qual Bukharin foi o principal orador. O mesmo veredicto foi repetido, e os partidários fiéis da comissão central do partido foram escolhidos para os órgãos partidários de Leningrado. Kyrov, um jovem e popular recruta na liderança partidária, tornou-se secretário da comissão provincial, o chefe de fato da organização naquela cidade. Foi uma substituição completa. Zinoviev continuou como membro do Politburo e presidente do Comintern. Mas, afastado de sua base em Leningrado, perdeu todo o poder real. Stalin era o vencedor. Mas o que significava a sua vitória, seja econômica ou politicamente, ainda não era claro.

## 9

# A URSS e o Ocidente (1923-27)

O progresso na direção do estabelecimento de relações normais com as potências ocidentais, que se seguiu à adoção da NEP, sofreu um retrocesso durante o turbulento ano de 1923. Esse período iniciou-se com a ocupação francesa do Ruhr, em represália pelo não-pagamento de indenizações pela Alemanha. Na Grã-Bretanha, a queda de Lloyd George deixou Curzon com o controle total da política externa. Na França, o não menos inflexível Poincaré estava no auge de seu poder. Em maio de 1923 vários protestos britânicos contra pequenas infrações soviéticas culminaram no que se tornou conhecido como o "ultimato de Curzon". Ele repetia, exaustivamente, informações sobre as atividades de agentes soviéticos na Pérsia, Afeganistão e Índia, que violavam o compromisso assumido no acordo comercial anglo-soviético de março de 1921. Se essas atividades não fossem abandonadas, e várias outras exigências menores não fossem atendidas dentro de dez dias, o Governo britânico ameaçava anular o acordo comercial e retirar seu representante em Moscou. O Governo soviético, assustado com esse violento ataque, concordou com a maioria das exigências e apresentou uma argumentação inconclusiva e moderada sobre a questão da propaganda. A tormenta amainou, pelo momento.

Na Alemanha, o único país importante que havia até então concedido o reconhecimento *de jure* do Governo soviético, o ano também foi marcado por acontecimentos inquietantes. A economia e a moeda alemãs entraram em colapso sob a pressão da ocupação do Ruhr, e uma série de crises políticas estimulou os observadores otimistas em Moscou a perceberem uma oportunidade para compensar o fracasso de março de 1921 (ver pp. 26, 48). Em agosto, Brande e outros líderes do KPD foram chamados a Moscou, e prepararam-se planos para um golpe, a fim de tomar o poder no outono. Mas a confiança foi solapada pela discordância quanto à tática.

ticos, buscou, naquela época, estabelecer relações especiais com outros Estados que poderiam estar interessados em resistir àquela coalizão. Mas, como não se dispunha a assumir nenhum compromisso militar, e se preocupava principalmente em impedir a ação combinada contra a URSS, a fórmula proposta era um compromisso mútuo, de ambas as partes, de não participar de ações hostis, militares ou econômicas, contra o outro, e continuar neutro no caso de uma guerra provocada por agressão contra o outro. Um tratado com a Turquia, dentro dessas linhas, foi firmado em dezembro de 1925. A mesma fórmula, com variações verbais, foi incorporada no tratado germano-soviético de 24 de abril de 1926. Alguns alemães invocaram o precedente do "tratado de resseguro" de Bismarck, com a Rússia, em 1887, e o novo documento provocou considerável aborrecimento no Ocidente. Intervalos de cólera, de tempos em tempos, perturbavam o intercâmbio normal entre Moscou e Berlim. O mais sério foram os incidentes ocorridos em dezembro de 1926, quando remessas soviéticas de material bélico soviético para a Alemanha, de acordo com os acordos militares secretos, chegaram ao conhecimento dos socialdemocratas alemães, que fizeram um protesto público no Reichstag, criando uma situação de constrangimento tanto para o Governo alemão como para o soviético, e especialmente para os comunistas e os direitistas nacionalistas da Alemanha. Mas o receio de represálias aliadas não se confirmou: as potências ocidentais estavam muito interessadas na manutenção das boas relações com a Alemanha, estabelecidas pelo Tratado de Locarno, para levantar essa questão delicada. A tempestade passou, e durante os anos seguintes, embora as relações soviéticas com a Europa ocidental fossem quase inexistentes, as relações com a Alemanha, políticas, militares, econômicas e culturais, continuaram muito mais próximas e mais frutíferas do que com qualquer outro país.

O elemento revolucionário na política e nas perspectivas das relações da URSS com o mundo exterior, encerrado institucionalmente no Comintern, por vezes ainda parecia estar em conflito com as atividades diplomáticas empreendidas pelo Narkomindel, de uma forma que criava um constrangimento momentâneo. Mas o caráter ilusório do suposto choque entre as exigências da revolução e da diplomacia, estimuladas pela pretensão de que o Governo soviético não tinha responsabilidade pelos atos do Comintern, evidenciou-se no argumento, constantemente repetido, de que a URSS era o único baluarte sólido da revolução mundial, cuja possibilidade dependia de sua força e segurança. Os interesses da revolução internacional e os interesses nacionais da URSS eram inseparáveis, de acordo com essa hipótese. O corolário dessa opinião era a dependência de todos os outros partidos comunistas, com frequência chamados de "seções" do Comintern, em

relação ao partido russo. Qualquer choque entre o Comintern e o partido russo era inimaginável. Quando, na primavera de 1922, 22 membros da Oposição dos Trabalhadores apelou para o Comintern contra o tratamento que lhes estava sendo dado pelo partido russo, coisa que os estatutos lhes permitiam fazer, o apelo foi rejeitado sem exame por uma comissão que incluía o búlgaro Kolarov, e a alemã Klara Zetkin. Só o partido russo havia realizado uma revolução vitoriosa. Havia adquirido o direito e o dever de liderar e instruir os outros partidos, no caminho para a revolução. O fato histórico de que o Comintern se havia desenvolvido como uma instituição construída sobre um modelo russo, e centralizada em torno do partido russo, dava apoio a esse argumento.

As relações entre os partidos comunistas e os órgãos centrais do Comintern foi a principal questão do seu Quinto Congresso, reunido em junho de 1924. Os líderes do KPD, que haviam deitado a perder o levante de outubro, foram condenados como direitistas e substituídos por novos líderes da esquerda, Ruth Fischer e Maslow. Uma modificação semelhante ocorreu nos partidos francês e polonês, cujos líderes, agora estigmatizados como direitistas, se haviam declarado a favor de Trotski. Mas em meio a muita retórica no congresso sobre as virtudes da esquerda, tornou-se evidente que a principal qualidade exigida dos novos líderes esquerdistas era a obediência disciplinada às decisões tomadas em Moscou. Zinoviev lançou o *slogan* da "bolchevização" dos partidos, definida numa resolução do congresso como "a transmissão às nossas seções de tudo o que era, e é, internacional, e de significação geral, no bolchevismo russo". Sua aprovação parecia natural. Era o produto automático da demora da revolução em outros países, e encontrava nova confirmação na doutrina do socialismo em um só país, que considerava o papel da URSS como o único caso de uma revolução socialista bem-sucedida. Stalin, que até então não havia participado dos trabalhos do Comintern, compareceu modestamente ao seu Quinto Congresso, mas deixou o primeiro plano a Zinoviev, falou em algumas das comissões, embora não nas sessões do plenário, e fez-se conhecer dos delegados estrangeiros. Trotski, que estava presente e preparou um manifesto do congresso sobre o próximo décimo aniversário da guerra de 1914, não falou.

Nos três anos que se seguiram, o isolamento da URSS num mundo capitalista foi fonte de crescente preocupação em Moscou. As economias capitalistas da Europa, severamente abaladas pela guerra de 1914-1918, haviam, em meados da década de 1920, reconquistado o seu equilíbrio e desfrutavam uma onda de prosperidade, estimulada pelo investimento norte-americano. O reconhecimento, pelo Comintern, de que os países ocidentais haviam conseguido uma "estabilização capitalista" era condicionado pelo acréscimo, a "estabilização", de adjetivos como "relativa" e "temporária", e encontrava correspondência na insistência sobre a "es-

tabilização soviética". Mas essas considerações inspiravam um espírito de cautela. Os líderes esquerdistas dos partidos estrangeiros que haviam desfrutado a preferência no Quinto Congresso foram afastados nos dois anos seguintes, e substituídos por moderados. Os congressos anuais do Comintern foram abandonados e substituídos pelas sessões "ampliadas" da IKKI. O Sexto Congresso só foi convocado em 1928. Visões da revolução iminente ainda eram lembradas, mas com uma convicção cada vez menor. A propaganda revolucionária era feita, mas principalmente como uma arma defensiva contra governos cuja hostilidade era conhecida e temida. A ascensão de Stalin foi saudada com certa satisfação no Ocidente, pois representava o eclipse de revolucionários extremados como Trotski e Zinoviev, por um líder moderado e cauteloso, dedicado principalmente à restauração de seu próprio país.

Esse período foi o auge da frente única, quando a cooperação dos comunistas com outros partidos e grupos esquerdistas era assiduamente pregada, e da organização de "frentes" internacionais, não ostensivamente comunistas, embora estimuladas e parcialmente financiadas por Moscou, que recrutava simpatizantes esquerdistas de grupos ou partidos heterogêneos, para apoiar causas defendidas pelo Comintern. A mais famosa e bem-sucedida dessas frentes foi a Liga contra o Imperialismo, cujo congresso de fundação em Bruxelas, em fevereiro de 1927, reuniu pela primeira vez delegados da China, Índia e Indonésia, do Oriente Médio e de muitas partes da África, América Latina e dos negros dos EUA, numa plataforma de protesto contra o domínio tirânico das potências imperialistas sobre os povos sujeitos. As comemorações do décimo aniversário da revolução, em Moscou, em novembro de 1927, presenciadas por numerosos e distintos convidados estrangeiros, foi a ocasião da criação de uma sociedade internacional de Amigos da URSS. Organizações como a Ajuda Internacional aos Trabalhadores, e a Ajuda Internacional aos Prisioneiros da Guerra de Classes, centralizada em Moscou mas com filiais nos outros principais países, serviam ao mesmo propósito de manter contatos com a esquerda não comunista e de granjear simpatias para a URSS.

As relações com o movimento trabalhista britânico foram, desde o princípio, anômalas. O PCGB havia sido organizado em 1920 pela fusão de vários grupos isolados da extrema esquerda, e o número total de seus membros em meados da década de 1920 era de 5 mil. Sua debilidade era compensada pelo vigor singular dos sindicatos britânicos, que formavam o núcleo principal do movimento dos trabalhadores e tinham uma influência dominante no Partido Trabalhista. Além disso, os sindicatos haviam demonstrado, em mais de uma ocasião, calorosa e efetiva simpatia pela Revolução Russa e pelo regime soviético. Atrair os sindicatos dos países capitalistas era a tarefa da Internacional Sindical Vermelha (Profintern ou RILU), criada em Moscou em 1921. Na França e Tche-

coslováquia seus esforços tiveram êxito, dividindo o movimento mais ou menos igualmente entre os sindicatos filiados à International Federation of Trade Unions — IFTU (Federação Internacional dos Sindicatos), comumente chamada de Internacional de Amsterdã, e os sindicatos filiados ao Profintern. Na Alemanha não ocorreu nenhuma divisão, e os membros do KPD exerciam considerável influência nos sindicatos filiados a Amsterdã. Na Grã-Bretanha, os sindicatos, com poucas exceções, continuaram fiéis a Amsterdã. Mas a maioria dos sindicatos britânicos continuou, por muitos anos, a deplorar a divisão do movimento internacional, e a pedir a reconciliação entre as duas federações rivais. Ciúmes violentos, bem como profundas diferenças ideológicas entre Amsterdã e Moscou, fizeram disso uma ambição sem esperanças.

O Profintern foi fundado no momento mesmo em que o Comintern se voltava para a política das frentes únicas. Quando Lenin, no Segundo Congresso em 1920, mencionou pela primeira vez as idéias que tomaram forma um ano depois sob a palavra de ordem de "frente única" (ver p. 24), suas observações foram dirigidas principalmente às questões britânicas, e à necessidade de que os comunistas britânicos apoiassem os "MacDonalds e Hendersons" do Partido Trabalhista, cuja constituição peculiar possibilitava, e tornava normal aos membros do PCGB serem ao mesmo tempo membros do Partido Trabalhista. Mas na Grã-Bretanha os sindicatos constituíam o setor mais natural ao qual apelar para os trabalhadores simpatizantes, mas não comunistas. O comunista britânico típico, ao que se dizia, levava três carteiras de membro diferentes no bolso: do PCGB, do seu sindicato e do Partido Trabalhista. O Profintern abriu um escritório em Londres e, reagindo a esse estímulo, o PCGB promoveu duas frentes únicas: o Movimento das Minorias Nacionais (MMN) para agir como um grupo de estímulo nos sindicatos; e o Movimento Nacional dos Trabalhadores Desempregados (MNTD) para realizar propaganda e agitação, sob a liderança comunista, mas com ampla participação dos trabalhadores, em relação a um dos maiores males do período. Embora o Partido Trabalhista rejeitasse as repetidas solicitações de filiação pelo PCGB, suas fileiras não foram, a princípio, hostis aos comunistas individuais. Nas eleições de 1922 dois comunistas foram escolhidos para o Parlamento, um como o candidato oficial do Partido Trabalhista, o outro com tácito apoio trabalhista.

O Partido Trabalhista reagiu mais rapidamente do que os sindicatos: em 1924 proibiu a escolha de comunistas como candidatos oficiais. Foi aprovada a decisão de expulsar os membros do PCGB das fileiras trabalhistas, mas foi impossível colocá-la em prática, pois os sindicatos os incluíam em suas delegações. A simpatia pela URSS entre os sindicatos era mais profunda. Tomsky, o líder sindical soviético, falou em meio a cenas de entusiasmo, nos congressos sindicais britânicos de 1924 e 1925, e uma delegação britânica compareceu ao congresso dos sindicatos soviéticos em

dezembro de 1924 — pouco depois da carta de Zinoviev e da derrota do Governo trabalhista. Em princípios de 1925 uma comissão sindical anglo-russa era formada com o objetivo de estimular a cooperação entre os sindicatos dos dois países. Mas o projeto subestimou a discrepância e as diferenças de perspectiva entre os líderes soviéticos e britânicos, e a relutância destes últimos em se colocarem em oposição à Internacional de Amsterdã. As reuniões da comissão foram ocasiões de recriminações cada vez mais violentas entre os delegados soviéticos e britânicos. As atividades do Profintern, e muitas críticas duras feitas pelos soviéticos aos líderes britânicos, provocaram ressentimentos. As táticas agressivas do MMN e do MNTD provocavam continuada irritação. No Conselho Geral do Congresso dos Sindicatos, o TUC, uma maioria anti-soviética enfrentava uma decrescente minoria pró-soviética.

A linha divisória foi a greve geral britânica de maio de 1926. Aos olhos soviéticos, uma greve geral era um ato político, uma tentativa de alcançar o poder, um ato de guerra de classes e o início da revolução proletária. Para os britânicos, ela continuava sendo, como havia começado, uma disputa sobre salários. Os líderes sindicais e uma grande maioria dos trabalhadores, buscavam obter uma parcela mais justa dos benefícios do sistema existente, e não derrubá-lo. As exortações à revolução vindas de Moscou alarmavam e alienavam esses líderes, que rejeitaram a oferta de ajuda financeira oferecida pelos sindicatos soviéticos, sob a alegação de que prejudicaria a sua causa — um insulto que os líderes soviéticos jamais perdoaram aos seus colegas britânicos. Quando, depois de dez dias, eles reconheceram a derrota e suspenderam a greve geral, deixando os mineiros, cujas reivindicações haviam sido a sua inspiração e causa originais, a lutar desesperadamente sós, isso pareceu aos olhos soviéticos uma prova inconclusiva de que os líderes sindicais britânicos se haviam vendido à burguesia, e que a única esperança estava em levantar a massa dos trabalhadores em revolta contra uma burocracia sindical traidora. A partir de então a animosidade soviética contra os líderes britânicos foi implacável, e a impossibilidade de abalar a fidelidade da maioria dos sindicalistas britânicos aos seus líderes tornou amargas e frustradas as relações soviéticas com o movimento, durante muitos anos.

A greve geral e a ajuda financeira aos grevistas oferecida por Moscou lançaram lenha à fogueira da campanha anti-soviética realizada por destacados políticos conservadores, com uma veemência crescente, desde o outono de 1924. No inverno de 1926-27 a exigência, formulada pelos círculos conservadores, de um rompimento de relações com a URSS, tornou-se irresistível. Em maio de 1927 as instalações da Arcos, que abrigavam alguns escritórios da delegação comercial soviética em Londres, foram revistadas pela polícia. Os documentos confiscados não provocaram revelações sensacionais. O objetivo da busca era, porém, claro, e não podia ser frustrado. A

24 de maio Baldwin anunciou o rompimento de relações diplomáticas com a URSS e a anulação do acordo comercial. Nenhum outro governo seguiu o exemplo britânico. Mas a presença britânica ainda dominava o cenário diplomático europeu. O gesto foi suficiente para criar uma preocupação generalizada. Receios de guerra, ou pelo menos de um bloqueio econômico e financeiro, surgiram em Moscou. Pilsudski havia tomado o poder na Polônia, no ano anterior, e havia o medo de que a Grã-Bretanha instigasse, ou apoiasse, uma ação militar sua contra a URSS. O TUC britânico contribuiu para isso aprovando, em seu congresso anual em setembro de 1927, a dissolução da comissão sindical anglo-russa, que há muito vinha sendo alvo de ataques de Trotski e da oposição, em Moscou. Nenhum raio de luz parecia surgir no horizonte. Uma crise de grandes proporções, provocada pela coleta de cereais, seguiu-se à colheita. A batalha com a oposição no partido chegou ao auge de violência. Mesmo na Ásia, a sorte soviética atingia o seu ponto mais baixo.

Durante todo esse período o Governo dos EUA recusou-se, inflexivelmente, a reconhecer o Governo soviético, ou a ter com ele quaisquer relações. Essa atitude foi reiterada por sucessivos presidentes e secretários de Estado, e só era questionada por um punhado de intelectuais radicais e uns poucos banqueiros e homens de negócios interessados em restabelecer o comércio com a URSS. O embargo oficial ao comércio com a URSS foi suspenso, mas uma proibição de empréstimos àquele país, o veto à aceitação de ouro soviético sob a alegação de sua propriedade contestada, e a rejeição pelos bancos de conceder crédito, constituíram uma proibição efetiva a qualquer transação de maiores proporções. Um pequeno comércio começou a estabelecer-se. Em 1924 as autoridades soviéticas abriram em Nova York uma empresa comercial, sob o nome de Amtorg, a contrapartida da Arcos de Londres. Um emissário não oficial soviético residia em Washington e ocasionalmente visitava o Departamento de Estado, sem caráter oficial. Em 1925 o financista norte-americano Harriman obtinha a concessão para operar uma mina de manganês no Cáucaso. Embora o empreendimento não tivesse êxito e a concessão fosse cancelada mais tarde, foi um primeiro passo. Mas só depois de 1927, quando a industrialização estava em processo na URSS, é que os industriais norte-americanos passaram a interessar-se seriamente pelo mercado soviético.

## 10

# A URSS e o Oriente (1923-27)

Os países não europeus ocupavam apenas um lugar periférico no pensamento de Marx, e foram negligenciados pela Primeira e Segunda Internacionais. Quando Lenin, em seu famoso trabalho publicado em 1916, diagnosticou o "imperialismo" como a fase superior, e a última, do capitalismo, estava mais preocupado com suas implicações para os países imperialistas do que para os seus súditos coloniais. As proclamações aos povos da Ásia, no primeiro ano da Revolução Russa, foram em sua maior parte incitamentos à revolução contra o domínio estrangeiro, em particular o britânico. O congresso de criação do Comintern, em março de 1919, incluiu em seu manifesto um apelo aos "escravos coloniais da Ásia e África". Foi o segundo Congresso, em junho de 1920, que primeiro buscou estabelecer uma política para os chamados "países coloniais e semicoloniais". As teses preparadas por Lenin pediam "uma íntima aliança de todos os movimentos nacionais de libertação colonial com a Rússia soviética". Se os movimentos nacionais, com os quais essa aliança seria formada, eram democrático-burgueses ou proletário-comunistas, dependia da fase de desenvolvimento do país em questão. Nos países atrasados os comunistas deviam estar preparados para apoiar todos os movimentos de libertação "nacionais e revolucionários", mesmo que tivessem caráter democrático-burguês. Era uma solução de bom senso, que continuava a apresentar muitos problemas práticos.

Depois do congresso, o Comintern teve a sua primeira grande iniciativa nos assuntos orientais convocando um "congresso dos povos do Leste" em Baku, que reuniu quase 2 mil delegados, a maioria deles da Ásia central e predominantemente muçulmanos. Em toda essa área, não era difícil identificar o imperialismo britânico como o principal inimigo, e esse foi o

principal tema dos oradores. Contudo surgiram problemas com as suscetibilidades religiosas de muitos delegados muçulmanos, e com a presença de Enver, líder da revolução nacionalista dos Jovens Turcos, de 1908, que era em geral considerado como responsável pelos massacres dos armênios, e cujas credenciais socialistas ou democráticas eram notoriamente inexistentes. O congresso não teve seqüência nem produziu resultados duradouros. Um ano depois, um congresso semelhante dos povos do Extremo Oriente foi projetado para Irkutsk. O plano não se concretizou e o congresso acabou sendo realizado em Moscou, em janeiro de 1922. Mas nessa época o entusiasmo havia diminuído, e a reunião foi menos significativa do que a anterior, em Baku. No Extremo Oriente o Japão era o país onde a industrialização havia progredido segundo o modelo ocidental, e que dispunha de um numeroso proletariado e, portanto, parecia oferecer as perspectivas mais promissoras de revolução. Contudo, nenhum delegado japonês compareceu ao congresso de fundação do Comintern, e o Japão capitalista era ainda mais impenetrável ao impacto do comunismo do que os países capitalistas ocidentais. Foi a China — onde um crescente movimento nacional pela libertação do domínio imperialista se voltava contra os “tratados injustos” e a colonização estrangeira nos “portos do tratado” — que se constituiu no campo mais frutífero para a propaganda comunista e a diplomacia soviética.

Lenin, num artigo de 1912 inspirado pela revolução chinesa daquele ano, havia declarado que “as centenas de milhões de trabalhadores da Ásia têm um aliado digno de fé no proletariado de todos os países civilizados”, e previu que a vitória do proletariado “libertará os povos da Europa e os povos da Ásia”, e descreveu Sun Yat-sen, o líder nacionalista, como um *narodnik* com “um núcleo democrático-revolucionário” em seu programa. Quando em 1918 Sun Yat-sen criou um Governo nacionalista dissidente em Cantão, que fez dele o líder reconhecido do movimento nacional, a simpatia mútua entre os dois centros revolucionários foi demonstrada numa troca de cartas e telegramas entre ele e Tchitcherin. Em princípios da década de 1920 a diplomacia soviética atuou ativamente na China. Os soldados japoneses haviam permanecido na Sibéria muito depois que as outras potências que participaram da guerra civil haviam retirado suas tropas. Mas em 1921, sob pressão norte-americana, eles estavam de saída. As forças soviéticas movimentaram-se gradualmente para o leste, expulsando um exército branco russo que havia ocupado a Mongólia Exterior, e em novembro de 1921 proclamavam a República Popular da Mongólia, sob patrocínio e controle soviético. No verão de 1922 Joffe foi enviado de Moscou, numa tentativa de abrir caminho para as relações com o Governo chinês em Pequim, em grande parte indefinido e impotente. A tentativa falhou. Mas em janeiro de 1923 Joffe teve um encontro, em Xangai, com

Sun Yat-sen, que havia sido recentemente expulso de Cantão. Era o momento em que a frente única e a cooperação com os movimentos nacionais contra o imperialismo estavam firmemente implantados na política soviética. Uma declaração conjunta, firmada ao fim da reunião, registrava a aceitação, por Joffe, da opinião de Sun Yat-sen de que "nem a ordem comunista, nem o sistema soviético, podem na realidade ser introduzidos na China, porque não existem ali as condições necessárias ao estabelecimento, com êxito, do comunismo ou do soviétismo". Mas concordava-se que "o mais importante e mais premente problema da China é realizar a unificação nacional e conseguir a independência nacional total". E Joffe assegurava que a China poderia contar com a mais cálida simpatia e apoio da Rússia, nessa tarefa.

Dois meses depois, Sun Yat-sen reconquistava o poder em Cantão, e o acordo com Joffe foi o ponto de partida de um longo e frutífero período de cooperação soviética com Sun e seu partido, o Kuomintang. No outono de 1923 Chiang Kai-shek, um dos lugar-tenentes de Sun, foi enviado a Moscou para negociar o fornecimento de armas e equipamentos, e Borodin, comunista russo mas norte-americano de nascimento, e que falava inglês, chegava a Cantão para atuar como conselheiro de Sun. Durante o ano seguinte Borodin conseguiu cimentar uma íntima aliança entre ele e Sun, e entre o Governo soviético e o Kuomintang, com o objetivo comum de libertar a China do domínio das potências imperialistas — Grã-Bretanha, Japão e EUA. Sun, desde sua volta a Cantão, havia criado ali um governo nacionalista, que planejava lançar, um dia, uma expedição militar ao norte, para reunificar a China e expulsar os privilegiados intrusos estrangeiros. Os abastecimentos militares chegaram a Cantão em volume modesto, mas crescente, enviados pela URSS. Os conselheiros militares soviéticos ajudaram a criar o Exército de Cantão e equipar uma nova Academia Militar. Sun, com orientação de Borodin, apertou os parafusos da organização do Kuomintang, então bastante frouxa. O Partido Comunista Chinês (PCC) fundado em 1921, tinha nessa época pouco mais de mil membros, principalmente intelectuais marxistas. Antes da chegada de Borodin, e ao que tudo indica por instigação do Comintern, havia sido celebrado um acordo segundo o qual os membros do PCC também se tornavam membros do Kuomintang. O modelo foi, ao que parece, a dupla condição de muitos membros do PCGB, como membros do Partido Trabalhista; e a intenção era que esse grupo disciplinado e dedicado contribuísse para tornar mais rígida a organização maior e mais flexível. Todas essas disposições disfarçavam as discrepâncias entre a doutrina marxista e os "três princípios" de Sun Yat-sen — "nacionalidade", "democracia" e "subsistência do povo". Isso foi fácil enquanto os outros aspectos estavam subordinados à revolução nacional contra o imperialismo. Somente quando Borodin fez pressão para a inclusão da expropriação dos latifundiários no programa do Kuo-

mintang é que Sun resistiu teimosamente, e o representante soviético teve de ceder.

Em fins de 1924 Sun Yat-sen iniciou uma viagem ao Japão e Norte da China para fazer um levantamento da situação. Adoeceu a caminho e morreu em Pequim a 12 de março de 1925. Ao que tudo indicava, a sucessão deveria recair sobre Wang Ching-wei, um homem inteligente, mas fraco, que pertencia à ala esquerda do Kuomintang. A capacidade militar de Chiang Kai-shek e o prestígio que havia adquirido pela sua visita a Moscou deu-lhe uma posição dominante. Mas no momento ele não revelou ambições políticas e valeu-se intensamente do apoio soviético para a melhoria do exército nacional. O acontecimento mais sensacional de 1925 ocorreu a 30 de maio em Xangai, quando a polícia municipal, sob comando britânico, disparou contra uma manifestação de trabalhadores e estudantes em greve, matando vários deles. Esse ato provocou uma greve geral e distúrbios trabalhistas em massa, que duraram dois meses e se estenderam a Cantão. Pela primeira vez uma organização sindical eficiente era formada em Xangai sob a liderança do PCC, cujo número de membros aumentou, em poucas semanas, para 10 mil. Um resultado desses primeiros sintomas da revolta dos trabalhadores na China foi a intensificação da animosidade mútua entre a Grã-Bretanha e a URSS. Outro, foi o estímulo ao crescimento, no Kuomintang, de uma ala direita dedicada à causa da libertação nacional, mas hostil à revolução social. Chiang Kai-shek observava os acontecimentos e manobrava silenciosamente entre a esquerda e a direita.

A preocupação com o movimento nacional-revolucionário centralizado em Cantão não esgotou o interesse soviético pela China. Era o Norte do país que se ligava diretamente ao território soviético. Em agosto de 1923 Karakan chegava a Pequim como representante diplomático junto ao Governo chinês, e concluía em maio de 1924 um tratado para a regularização das relações sino-soviéticas. O Governo soviético já havia renunciado aos direitos extraterritoriais e às concessões que a Rússia, juntamente com as outras grandes potências, havia desfrutado na China. Os outros pontos de discordância eram a Mongólia Exterior, em relação à qual o Governo chinês ainda reivindicava soberania, e a Ferrovia Oriental Chinesa, construída pela Rússia, e que atravessava toda a Manchúria rumo a Vladivostok. A Mongólia Exterior era reconhecida, pelo tratado, como "parte integral da China", mas não se fixava nenhuma data para a retirada dos soldados ou administradores soviéticos, e a URSS estava decidida a manter mão firme sobre a República Popular da Mongólia. A Ferrovia Oriental Chinesa (FOC) foi colocada sob o controle de uma junta, constituída de cinco chineses e cinco russos, mas o gerente-geral da estrada era nomeado pelo Governo soviético — o que causaria muitos atritos nos anos seguintes. O Governo soviético não via incompatibilidade entre a defesa de seus interesses no Norte da China e o encorajamento à causa revolucionária no

Sul. Mas certos círculos no Kuomintang ressentiam-se agudamente da conclusão desses acordos da URSS com inimigos figadais do movimento nacionalista.

O Governo chinês em Pequim, que havia negociado o tratado sino-soviético, estava sob o controle pouco rígido de Wu Pei-fu, o guerreiro que durante algum tempo havia dominado a China central e tinha o apoio britânico. No outono de 1924 irromperam hostilidades entre ele e Chang Tso-lin, senhor guerreiro da Manchúria e protegido do Japão. A derrota de Wu foi precipitada pela deserção de Feng Yu-Hsiang, que dominava uma grande área ao noroeste da China. Até então subordinado de Wu, Feng anunciou sua simpatia pelo Kuomintang e pelo Governo nacionalista de Cantão — uma mudança de atitude que pode ter sido estimulada pelos subsídios e ofertas de apoio de Moscou. Depois do declínio da autoridade de Wu, Feng procurou consolidar seu próprio controle em Pequim e províncias adjacentes. Mas essa ambição foi cortada por Chang Tso-lin, que o expulsou em fins de 1925. A partir de então, o impotente Governo de Pequim tornou-se títere de Chang.

Havia agora, portanto, apenas duas forças militares importantes na China — as de Chang Tso-lin ao Norte, e as forças nacionalistas, em rápido crescimento, comandadas por Chiang Kai-shek, no Sul. Grande parte da China central foi presa dos exércitos em desintegração, que outrora eram fiéis a Wu Pei-fu. Foi nessas condições que Chiang tomou, em princípios de 1926, a importante decisão de iniciar no verão a “expedição ao Norte”, há muito projetada. Essa decisão não foi bem recebida por Borodin ou pelos conselheiros soviéticos. A expedição havia sido objeto de muitos comentários, como o objetivo final dos preparativos militares e aplaudida em princípio. No entanto, apresentada como plano concreto para o futuro imediato, inspirava preocupações. Seu êxito não era certo e era provável que provocasse a intervenção das potências imperialistas. O Governo soviético estava muito alarmado, na época, pela disputa com Chang Tso-lin em relação à FOC, não desejava problemas em outros pontos, e não prestou maior atenção aos acontecimentos em Cantão. Borodin deixou aquela cidade em janeiro de 1926 para uma visita a Pequim e ao quartel-general de Feng. Enquanto ele estava ausente, ocorreu uma briga entre Chiang e os principais conselheiros militares soviéticos, que se mostravam pessimistas em relação à projetada expedição, o que não evidenciava grande tato. A 20 de março de 1926, um incidente — cuja importância foi exagerada —, provocado pelos movimentos de uma canhoneira chinesa cujo comandante era comunista, deu a Chiang uma excelente desculpa para confinar vários conselheiros soviéticos aos seus alojamentos e prender os comunistas chineses adidos às forças armadas. Os conselheiros foram rapidamente libertados, mas Chiang exigiu, peremptoriamente, a partida daqueles que haviam questionado a sua autoridade. Quando Borodin voltou a Cantão em

fins de abril, a paz havia sido restabelecida e a honra salva. Os conselheiros faltosos foram afastados. Bliukher (também conhecido como Galin), um oficial do Exército Vermelho que havia servido antes na China e era *persona grata* de Chiang, chegou para encarregar-se do grupo ampliado de conselheiros militares soviéticos. Todos, agora, aceitavam a iminência da expedição ao Norte, e Bliukher e seus assistentes trabalhavam ativamente para planejá-la e organizá-la. Mas o equilíbrio de forças se havia modificado. Chiang passara a exercer um controle firme.

Em princípios de julho de 1926 o exército nacionalista, com 70 mil homens e muitos conselheiros soviéticos, marchou para o Norte, a partir de Cantão. A campanha foi um êxito brilhante. Não só não foi encontrada nenhuma resistência, como grandes reforços — unidades dos exércitos desmobilizados de Wu Pei-fu, e grupos de camponeses armados que viviam do saque às propriedades dos latifundiários — juntaram-se à expedição em marcha. Quando Chiang, em princípios de setembro, entrou em Hankow, a grande cidade industrial da China central e antiga capital dos domínios de Wu, seu exército contava com cerca de 250 mil homens. Poucas semanas depois, ele dirigiu-se para leste, para organizar seu quartel-general em Nanchang — um primeiro passo no caminho de Xangai. Em novembro, as autoridades do Kuomintang que haviam ficado em Cantão, juntamente com Borodín e seus assistentes, viajaram para Hankow, onde foi proclamado um Governo revolucionário nacional, em meio a manifestações de entusiasmo. A cidade foi ampliada pelo acréscimo de dois centros industriais adjacentes, e rebatizada de Wuhan. Foi um momento de triunfo, em Wuhan e em Moscou.

A vitória encerrava, porém, as sementes da calamidade. Enquanto o movimento revolucionário permaneceu dentro de sua moldura nacionalista e pregou a libertação do imperialismo estrangeiro, predominou a unidade. Mas quando alguns de seus patronos começaram a falar da libertação dos camponeses ou trabalhadores da opressão feudal ou capitalista, ocorreram notas distoantes. O Kuomintang era predominantemente pequeno-burguês. Tinha, entre seus membros, maior número de pequenos proprietários do que camponeses sem terra; a maioria dos oficiais nas forças nacionalistas possuía, ao que se dizia, terras. Nem tinham aquelas forças qualquer ligação específica com os trabalhadores ou com o movimento sindical em Xangai, iniciado pelos acontecimentos de 30 de maio de 1925. A sessão do IKKI em Moscou, em novembro de 1926, que saudou a vitória da revolução chinesa, deu uma orientação insegura. Ela esperava a etapa seguinte da revolução, em que o proletariado assumiria a liderança, e proclamou a importância da revolução agrária na China. Deu instruções aos comunistas chineses para permanecerem no Kuomintang e apoiarem o movimento nacional. O PCC dividiu-se e hesitou. Mas Borodín interpretou corretamente as instruções de Moscou quando insistiu em seu apoio leal ao Kuomin-

tang, mesmo que isso representasse o adiamento das reivindicações dos trabalhadores e camponeses para um momento mais oportuno.

A crise surgiu através de uma cisão no próprio Kuomintang. O Governo de Wuhan, representando a ala esquerda do Kuomintang e fortemente influenciado por Borodin, combinou o apoio da revolução nacional com muitos protestos verbais de fidelidade aos objetivos da revolução social. As revoltas camponesas eram freqüentes em Hunan, a província ao sul de Wuhan, e foi esse o momento em que Mao Tsé-tung começou a destacar-se como defensor dos camponeses. Em Nanchang, Chiang Kai-shek e seus generais inclinaram-se acentuadamente para a direita, expressando clara hostilidade aos comunistas e às exigências dos camponeses e trabalhadores indisciplinados, que interferiam em suas ambições nacionalistas. Para isso contribuiu a mudança de atitude do Governo britânico, que, impressionado com o êxito total das forças nacionalistas, concluiu que seria mais prudente entrar em acordo com elas do que combatê-las. Isso abriu caminho para um acordo que devolvia ao controle chinês as concessões britânicas em Hankow e Kiukiang, e propunha o relaxamento, ou abolição, de outras servidões impostas à China pelos injustos tratados do passado. Chiang, que há muito se impacientava com a tutela soviética e já se sentia bastante forte para prescindir dela, percebeu a excelente oportunidade de realizar suas ambições com a bênção dos imperialistas, cuja antipatia para com os comunistas e para com o seu programa de revolução social se equiparava à sua.

As implicações totais da modificação não foram compreendidas imediatamente em Xangai, que era então controlada por um guerreiro menor, Sun Ch'uan-fang, e que se encontrava, evidentemente, em posição vulnerável. Em fevereiro de 1927 os sindicatos em Xangai organizaram um levante dos trabalhadores contando com a ajuda de Chiang Kai-shek, a quem ainda consideravam como um libertador. Chiang nada fez e Sun sufocou facilmente o levante. Algumas semanas mais tarde as suas forças eram derrotadas pelas de Chiang, numa batalha campal perto de Xangai. Mais uma vez os trabalhadores de Xangai se levantaram, criaram órgãos de governo local e prepararam-se para saudar a entrada das forças nacionalistas na cidade. Quando Chiang finalmente chegou, tornou evidente sua desaprovação dos acontecimentos. A ordem foi imposta pelos soldados e os órgãos de governo foram dissolvidos e então, a 12 de abril, quando tudo estava pronto, Chiang desfechou um massacre organizado, de grande escala, contra os comunistas e os trabalhadores militantes, em toda a cidade. O PCC e os sindicatos chineses foram dizimados. Dessa vez, a mensagem era inequívoca. Chiang foi violentamente denunciado em Wuhan e em Moscou. Mas esses protestos não modificavam o fato de que ele comandava o único exército realmente efetivo na China central e meridional, e havia conquistado a simpatia e a tolerância das potências estrangeiras.

Poucos dias antes outro desastre havia atingido a política e o prestígio soviéticos na China. Por ordem de Chang Tso-lin, e com a cumplicidade do corpo diplomático, o Governo de Pequim invadiu a Embaixada soviética. A residência do embaixador foi poupada, mas os outros edifícios foram saqueados, os empregados foram detidos e uma massa de papéis foi confiscada. Os empregados chineses foram sumariamente executados, os empregados soviéticos ficaram na prisão durante muitos meses, à espera de julgamento. Grande número de documentos, alguns autênticos e outros convenientemente modificados, foram publicados em várias línguas, para mostrar a conspiração comunista contra a ordem estabelecida. Os protestos soviéticos caíram em ouvidos moucos e as relações diplomáticas foram rompidas. Esses acontecimentos precederam, por um mês, a invasão da Arcos em Londres e o rompimento das relações anglo-soviéticas.

No verão de 1927 a fortuna soviética na China chegou ao seu ponto mais baixo. Em Wuhan, o senhor guerreiro local declarou sua independência de Chiang. Mas ele não tinha maior simpatia do que este pela revolução social, e realizou um massacre de camponeses em Changsha, a capital de Hunan. Borodin e o Governo de Wuhan contavam com a lealdade de Feng Yü-hsiang, que acabara de voltar de uma longa, e aparentemente entusiástica, visita a Moscou. Mas Feng preferiu tratar com Chiang, e em consequência disso afastou os conselheiros soviéticos, proibindo os comunistas de trabalharem em seu exército. O PCC realizou um congresso em Wuhan, em abril-maio de 1927, no qual alegou ter 55 mil membros. Mas sua impotência era evidente. O Governo de Wuhan desintegrou-se lentamente. Um de seus últimos atos foi a exigência de que Borodin fosse chamado de volta a Moscou. Ele deixou a China em fins de julho, e os últimos conselheiros militares e membros de outras missões soviéticas também partiram. Dos quatro anos de esforços febris de Moscou, nada parecia sobreviver. Havia sido desfechados golpes que até mesmo os observadores mais otimistas achavam difícil de superar. Durante aqueles anos, um grande fermento revolucionário fora realmente criado em toda a China, mas permaneceria, ainda por muito tempo, esmagado sob o calcanhar férreo de Chiang Kai-shek.

Esquemas ambiciosos foram preparados, de tempos em tempos, para estender a propaganda e a influência comunista à área do Pacífico, sendo os marinheiros considerados como os melhores agentes para esse trabalho. Uma conferência dos trabalhadores em transporte no Pacífico (principalmente marinheiros, mas também alguns trabalhadores ferroviários estavam representados) reuniu-se em Cantão no verão de 1924, sob os auspícios conjuntos dos comunistas e do Kuomintang. Mais de 20 delegados estavam presentes, do Norte e do Sul da China, da Indonésia e das Filipinas. Os delegados japoneses foram impedidos de fazer a viagem. A conferência enviou suas saudações ao Comintern e ao Profintern. Mas

sua plataforma parece ter sido mais antiimperialista do que especificamente comunista. Nada mais aconteceu até o verão de 1927, quando outra conferência do Pacífico foi realizada em Wuhan. Dessa vez, Lozovsky presidente do Profintern, viera de Moscou, e a conferência se desenrolou sob a sua magistral direção. Compareceram delegados da URSS e China, do Japão, Indonésia e Coréia, e da Grã-Bretanha, França, EUA. Delegados da Austrália e Índia deixaram de comparecer em virtude do veto de seus respectivos governos. A conferência proclamou seu apoio à revolução chinesa, exigiu a independência da Coréia, Formosa, Indonésia e Filipinas, e criou um Secretariado Pan-Pacífico permanente, que teve uma existência obscura por vários anos em diferentes centros, e publicou um periódico intitulado *Pacific Worker*.

Outras partes do mundo oriental estiveram menos abertas, nesse período, à atividade do Governo soviético ou do Comintern. As relações soviéticas com o Japão não eram diferentes das mantidas com outros países capitalistas. Quando as tropas japonesas foram retiradas da Sibéria continental, as mais importantes reivindicações soviéticas eram a evacuação de Sakalina, no Norte, e o reconhecimento diplomático. Elas foram satisfeitas, com algum atraso, num tratado de janeiro de 1925. Mas as questões dos direitos de pesca e da competição entre a FOC, que abastecia Vladivostok, e a Ferrovia Japonesa do Sul da Manchúria, que servia o porto de Dairen, controlado pelos japoneses, foram causas constantes de atritos. A desconfiança mútua continuou a perturbar as relações. A fé inicial no potencial revolucionário do proletariado japonês não se confirmou. A polícia japonesa era impiedosa e eficiente, e o primeiro Partido Comunista japonês dissolveu-se em princípios de 1924. Foi reconstituído como organização ilegal em dezembro de 1926. Alguns sindicatos uniram-se numa federação dissidente com filiações de esquerda ou comunistas. Mas esses esforços pouco realizaram, a não ser, de tempos em tempos, exacerbar as relações soviético-japonesas. O partido foi, mais uma vez, dizimado através de prisões em massa em 1929.

Em outros pontos, pouco há que registrar. A causa do comunismo indiano teve pouco êxito, exceto entre os indianos que viviam na Europa. Um pequeno partido comunista teve uma existência precária, constantemente importunado pelas autoridades britânicas. Os partidos provinciais de trabalhadores e camponeses promovidos pelos comunistas mostraram-se mais promissores. As reivindicações do Congresso Nacional Indiano, de independência ou autonomia, tiveram amplo apoio; os protestos contra as concessões protetelatórias e relutantes do Governo britânico eram frequentes. Algumas greves teriam sido fomentadas pela propaganda comunista. Mas o Governo tinha a situação sob perfeito controle. Na Indonésia, um pequeno partido comunista foi reforçado por uma organização nacionalista popular muçulmana, e por um incipiente movimento sindical. Em

novembro de 1926, aparentemente sem estímulo ou apoio do Comintern, organizou um levante de massa, que foi esmagado em poucos dias. Seguiram-se execuções e deportações em massa, e isso pôs fim ao partido indonésio, durante muitos anos. O Oriente Médio oferecia menores oportunidades ainda para a diplomacia soviética ou a infiltração comunista. As relações com a Turquia e a Pérsia destinavam-se a contrabalançar a influência das potências ocidentais, particularmente da Grã-Bretanha, e a desenvolver o comércio entre esses países e a URSS. Constrangimentos ocasionais foram provocados pelas relações com regimes que eram violentamente repressivos de todos os movimentos de esquerda, mas isso não perturbou o curso da política soviética. No Egito, o movimento nacional de revolta contra o domínio britânico cresceu lentamente, e não tinha ligações com a URSS. Os países árabes, bem como a Palestina, ainda estavam firmemente sob controle ocidental, o que não permitia nenhuma atividade soviética ou comunista de significação.

## O Início do Planejamento

A concepção de uma economia socialista planejada que substituisse a economia de mercado do capitalismo estava profundamente arraigada no pensamento marxista, embora Marx e seus sucessores pouco tivessem feito para desenvolvê-la em detalhe. Mas o conceito da planificação não era especificamente socialista: era inerente a qualquer reação à economia do *laissez-faire* do século XIX. O tema subjacente do famoso memorando de Witte ao czar, em 1899, foi a necessidade de planificar o desenvolvimento da economia russa, embora nada tivesse sido elaborado com precisão. Os bolcheviques, na crise da revolução e da guerra civil, não tiveram tempo para a teoria da planificação. Mas Lenin, entre outros, impressionara-se com o grau em que a economia alemã se conformava a um padrão de planejamento e controle centralizado. Isso não era acidental. A etapa final para onde o capitalismo marchava antes da guerra, pela sua própria evolução interna, era o capitalismo monopolista. Através daquilo que Lenin chamou de "a dialética da história", a guerra estava apressando a transformação do capitalismo monopolista para o "capitalismo monopolista estatal", que constituía "a mais completa preparação *material* para o socialismo". Lenin escreveu enfaticamente em setembro de 1917: "*Sem grandes bancos, o socialismo seria irrealizável.*" A aplicação do modelo alemão à Rússia apresentava todas as dificuldades inerentes à construção do socialismo numa economia atrasada. Embora o crescimento recente da indústria na Rússia tivesse sido altamente concentrado, e dependesse direta ou indiretamente do Estado, ainda estava numa fase de organização primitiva, e pouca assistência teórica ou prática tinha a oferecer aos planejadores socialistas. Mas o princípio de planejamento não encontrou resistência. O programa do partido de 1919 exigia "um plano estatal geral" para a economia, e a partir de então as resoluções partidárias e soviéticas sobre

as questões econômicas incluíam regularmente a exigência de "um plano econômico único".

No momento, porém, os planos para as diferentes indústrias eram uma abordagem mais promissora. O mais famoso deles foi trabalho de uma comissão para a eletrificação da Rússia (Goelro), criada em fevereiro de 1920. O plano teve uma atração especial para Lenin, que criou um aforismo: "O comunismo é o poderio soviético, mais a eletrificação de todo o país." Foi exatamente um ano depois, às vésperas da adoção da NEP, que foi tomada a decisão de estabelecer uma "Comissão Planificadora Geral Estatal (Gosplan)". Mas Lenin demonstrou pouco entusiasmo, àquela época, pelas discussões sobre um plano geral, que ele rejeitou como "conversa fiada e pedantismo". Enquanto a Goelro iniciava imediatamente a tarefa prática de planejar e construir uma rede de usinas de energia, que mais tarde contribuiriam de maneira importante para o processo de industrialização, a Gosplan limitava-se, durante alguns anos, a exercícios acadêmicos de planejamento geral. Faziam-se constantemente pronunciamentos sobre a necessidade de um plano econômico único, mas os líderes partidários, presos à NEP e à prioridade para a agricultura, continuavam indiferentes. A partir de 1920 os mais ativos defensores do planejamento foram Trotski e outros críticos da linha oficial. O planejamento era principalmente uma política para a indústria, com implicações incertas e remotas para a agricultura, e sua aplicação prática significava incursões cada vez mais profundas na economia de mercado da NEP. Nessas condições, o progresso foi lento. Os planos para determinados setores da produção, inclusive a agricultura, foram preparados pelos departamentos interessados. Mas estes, ao contrário do plano Goelro, não tinham autoridade, nem se fez qualquer tentativa para coordená-los. O presidente da Gosplan queixou-se, no verão de 1924, de que três anos após a sua criação ainda não havia "um plano econômico único".

A questão do planejamento global não deixou de ser debatida. O planejamento havia sido muito discutido em termos gerais, mas suas implicações práticas não tinham sido exploradas. Uma economia planificada era um conceito novo e ainda não experimentado, que desafiava de maneira até então desconhecida as regras tradicionais de uma economia de mercado. Os objetivos dos planejadores encontravam resistência em obstáculos formidáveis, extraídos do arsenal dos economistas clássicos. A indústria, e especialmente a indústria pesada, na URSS era um produtor ineficiente e de alto custo; a agricultura, com suas reservas ilimitadas de trabalho camponês, era um produtor a custo relativamente baixo. O retorno máximo do capital seria obtido pelo investimento na agricultura, pelo desenvolvimento dos excedentes agrícolas para exportação, financiando com isso a importação de bens industriais para o desenvolvimento final da indústria. Até mesmo no campo da produção industrial, num país

como a URSS, onde o capital era escasso e a mão-de-obra não especializada abundante. o procedimento racional era dar prioridade às indústrias que produziam bens de consumo simples, que faziam uso intensivo do trabalho, e não às indústrias que produziam bens de capital, que faziam uso intensivo do capital. Mas uma política de prioridade para a agricultura e a indústria leve de consumo, por mais que estivesse de acordo com a análise econômica tradicional e com os princípios da NEP, era a antítese mesma da ambição dos planejadores de apressar a transformação da URSS num moderno país industrial do Ocidente. Os argumentos dos planejadores eram mais políticos do que econômicos, ou talvez pertencessem a uma "economia do desenvolvimento", ainda nova e pouco conhecida. A resistência a eles, consciente ou não, de um grande número de economistas formados na velha escola foi forte e persistente.

Foi a crise da tesoura, no outono de 1923, que, revelando as deficiências da NEP, provocou medidas de intervenção estatal na economia, que foram os primeiros passos no caminho de um planejamento global. As grandes oscilações de preços perturbaram as relações ordenadas entre o campo e a cidade; a indústria pesada estagnava; os números sobre desemprego aumentavam incessantemente. Os controles de preços foram instaurados em fins de 1923. Em janeiro de 1924 a conferência do partido que pediu um renascimento da indústria do metal também — numa reflexão consciente ou não — deu instruções à Gosplan para "um plano de perspectiva geral da atividade econômica da URSS durante vários anos (cinco ou dez)". Mas os planejadores, embora apoiados pelo Vesenka como defensor da indústria, ainda encontraram forte resistência do Narkomzem e Narkomfin, os guardiães da economia de mercado e da ortodoxia financeira; só no ano seguinte realizou-se algum progresso. Em agosto de 1925 a Gosplan divulgou seus "Dados de Controle da Economia Nacional" (em essência, estimativas preliminares) para o ano a iniciar-se em 1º de outubro de 1925. Os números eram apenas um esboço, ocupando, com explicações e comentários, menos de 100 páginas. E estavam marcados por um otimismo acentuado que continuou a inspirar os esforços dos planejadores soviéticos. Não eram mandatários; os departamentos econômicos eram simplesmente convidados a levá-los em conta ao prepararem planos e programas. Os cépticos ridicularizaram os números como pura especulação. Sokolnikov, comissário do povo para as Finanças, considerou as propostas para um aumento da emissão de moeda a fim de financiar o plano de "uma fórmula de inflação", e a excessiva atenção dedicada à indústria foi atacada pelo Narkomzem. Dos líderes do partido, apenas Trotski saudou as "secas colunas de números" com entusiasmo, como "a música gloriosa da ascensão do socialismo". Os outros líderes as receberam, na melhor das hipóteses, com uma indiferença cortês. As dificuldades das coletas de cereal depois da colheita de 1925 (ver p. 34)

fizeram fracassar as estimativas otimistas dos planejadores e desacreditaram o seu trabalho.

Nessas circunstâncias, não era de surpreender que o importante XIV Congresso do partido, em dezembro de 1925, que terminou com a derrota de Zinoviev e Kamenev, ignorasse os dados de controle e pouco tivesse a dizer sobre o planejamento. Não obstante, foi um momento decisivo. É significativo que Stalin tenha atacado Sokolnikov como o principal defensor da manutenção da URSS como país agrário, dependente das importações de bens industriais do exterior. O congresso anunciou o abandono gradual por Stalin, uma vez eliminados Zinoviev e Kamenev, da orientação camponesa inerente à NEP, e sua conversão aos projetos de industrialização de longo alcance. A resolução do congresso expressava a determinação de "assegurar a independência econômica do país, o desenvolvimento da criação dos meios de produção, e a formação de reservas para a movimentação econômica". Tudo isso, embora seus defensores possam não ter percebido, era um compromisso com a planificação, e deu um forte impulso à Gosplan e às comissões regionais de planejamento, criadas em muitas partes do país. Até então, os planos para determinadas indústrias e para a agricultura haviam sido preparados pelos departamentos interessados, sem nenhuma tentativa de coordenação. Agora, o planejamento deveria tornar-se global, para a economia como um todo. Um novo período se havia iniciado. A questão já não era se a industrialização era necessária, mas como industrializar-se. Antes de 1925 a produção industrial vinha aumentando lentamente, superando a baixa em que a lançara a revolução e a guerra civil, e a caminho de seus níveis anteriores. Até então, a meta fora o restabelecimento do que havia sido perdido ou destruído. O progresso da tecnologia industrial dos países capitalistas, desde 1914, havia na realidade ampliado a distância entre a URSS e os países industrializados do Ocidente. Havia necessidade premente de novos equipamentos de construção e tecnológicos. Agora que o caminho era mais propício a um novo avanço, eram necessárias grandes decisões de política que se teriam de basear num plano amplo para a totalidade da economia.

Durante os dois anos que se seguiram a autoridade e o prestígio da Gosplan aumentaram constantemente. Em março de 1926, num primeiro congresso de planejamento da União, a sua tarefa foi dividida em três campos: um plano geral a longo prazo, um plano quinquenal de "perspectiva", e planos anuais operacionais; um mês depois o comitê central do partido, numa resolução sobre a industrialização, pedia "o fortalecimento do princípio de planificação e a introdução da disciplina de planejamento". O "plano geral" revelou-se uma empresa abortada. Nunca foi concluído, embora tivesse continuado, durante algum tempo, a estimular visões de uma transformação da economia a longo prazo. Mas a idéia de

um planejamento para um período de cinco anos despertou a imaginação, e estimulou as ambições, dos planejadores. Obrigou-os a situar perspectivas vagas e remotas dentro de um período fixo, e, por outro lado, era mais fácil produzir estimativas otimistas que se deveriam realizar dentro de cinco anos do que limitar-se às perspectivas de um único ano. Planos alternativos, preparados pela Gosplan e pelo Vesenkha rivalizavam entre si, em suas previsões de desenvolvimento industrial, e continuaram a provocar controvérsia. Os dados de controle para 1926 e 1927 eram mais completos e mais cautelosos do que os de 1925. Mas o interesse na Gosplan desviou-se para os projetos mais ambiciosos do plano quinquenal. Compreendeu-se que os números de controle deviam estar relacionados com esse plano ainda hipotético. Foi dada ordem para que se baseassem os planos operacionais (chamados de "planos de produção e finanças") de determinadas indústrias nas estimativas dos dados de controle. A estrutura do planejamento tomava forma gradualmente.

A essa altura, uma acentuada divisão de opiniões evidenciou-se na Gosplan, entre as escolas chamadas de "genética" e "teleológica". Era significativo que a primeira fosse constituída principalmente de economistas que não eram do partido, em sua maioria antigos mencheviques, empregados na Gosplan, e a segunda, de membros do partido ou de economistas sensíveis à linha oficial do partido. Os "geneticistas" argumentavam que as estimativas do planejamento deviam basear-se em "tendências objetivas" inerentes à situação econômica, e eram limitadas por essas tendências. Os defensores da "teleologia" sustentavam que o fato decisivo no planejamento era o objetivo em vista, e que uma de suas metas era transformar a situação econômica e as tendências inerentes a ela. Diretivas, e não previsões, eram a base do plano. Isso tornava o planejamento uma atividade política, e não exclusivamente econômica. Evidentemente, ambos os elementos estavam presentes em qualquer planejamento, e as decisões dependiam de um certo equilíbrio, ou de concessões mútuas entre eles. Na prática, os "teleologistas" tendiam à rejeição das regras de uma economia de mercado, e pretendiam superá-las com a ação positiva; e isso significava que dedicavam menor atenção à conciliação do camponês. Essas atitudes constituíam um desafio direto à NEP, embora isso raramente fosse reconhecido. Nas últimas etapas, o efeito da abordagem "teleológica" foi estimular a convicção de que, com disposição e entusiasmo suficientes, nenhuma meta de planificação era demasiado alta. Esse estado de espírito dominou os preparativos da versão final do primeiro plano quinquenal.

A identificação do planejamento com a industrialização evidenciou-se desde o início. O motivo subjacente e a força propulsora era o desenvolvimento da indústria soviética, era alcançar o Ocidente, tornar a URSS auto-suficiente e capaz de enfrentar o mundo capitalista em condições de

igualdade. Uma indústria comparável à indústria do mundo ocidental ainda tinha de ser criada. O congresso do partido em dezembro de 1925 aceitou sem questionar o princípio da prioridade para a criação de "meios de produção", em prejuízo da produção dos bens de consumo. Isso significava um grande investimento na indústria pesada, sem benefícios imediatos para o consumidor. Para que se criassem reservas para investimentos dentro da própria indústria, os custos de produção foram submetidos a um "regime de economia" e colocados dentro do âmbito do planejamento. Como, porém, eram limitadas as outras oportunidades de reduzir esses custos, o regime de economia pesou principalmente sobre os ombros dos trabalhadores; a produtividade tinha de aumentar, ou os salários teriam de baixar. Ao mesmo tempo, fizeram-se tentativas persistentes de forçar os preços de varejo a baixarem, por decreto. Isso, porém, resultou em crescente escassez de produtos aos preços oficiais e deixou o consumidor, especialmente nas áreas rurais, à mercê do comerciante privado, que ainda florescia sob as condições da NEP. O peso e os desconfortos do planejamento para a indústria começaram a aflorar à superfície.

A princípio, ninguém tentou levantar essas questões com muito vigor. Os custos da industrialização ainda não haviam sido perfeitamente conhecidos. Quando Dzerzhinsky, presidente do *Vesenkha*, morreu em julho de 1926, em meio a uma acerba controvérsia sobre a taxa de investimento na indústria, seu substituto, *Kuibyshev*, revelou-se um defensor ardoroso do que seria chamado de "industrialização forçada". Uma certa contenção era ainda imposta pelo fato de que a oposição unida, *Trotsky* e *Zinoviev*, pressionavam constantemente por maior industrialização, e foram nessa época denunciados por *Stalin* e *Bukharin* como os "superindustrializadores". Em fins de 1926 os dois campos estavam divididos não tanto pela discordância quanto à conveniência ou ao ritmo da industrialização, mas pela suposição otimista da maioria — de que a oposição não partilhava — de que tais políticas podiam ser adotadas sem provocar severa tensão na economia, e em particular em seu setor camponês. A crítica da oposição foi, porém, silenciada pela acusação de falta de confiança no regime soviético ou na classe operária. Foi nessa época que se aprovaram os dois principais projetos de construção — a *Dneprostroï*, a grande represa no rio *Dniéper*, e a estrada de ferro *Turksib*, ligando a Ásia central e a Sibéria (ver pp. 134-36).

O otimismo dos últimos meses de 1926 foi substituído pelas preocupações da primavera e do verão seguintes, quando a hostilidade do Ocidente parecia ameaçar a URSS de bloqueio ou guerra. Mas essa modificação de estado de espírito, longe de suscitar uma quebra da intensidade da industrialização, fortaleceu a determinação de tornar a URSS auto-suficiente e permitir-lhe enfrentar um mundo capitalista hostil. Sucessivos esboços de planos foram preparados, e circularam, e os protestos de que

os alvos eram demasiado altos e pouco realistas foram logo superados pelos pedidos de um progresso mais rápido e intensivo. O "regime de economia" foi seguido por uma campanha pela "racionalização da produção" — expressão que cobria uma variedade de pressões sobre os trabalhadores e administradores para aumentar a eficiência e reduzir os custos. A "racionalização", sob várias formas diferentes, podia aumentar a produtividade do trabalho, isto é, a produção por trabalhador empregado. Isso era possível através de uma organização mais rigorosa, da administração ou da produção, concentrando-se esta nas unidades mais eficientes, pela padronização da produção e pela redução do número de modelos produzidos. Era possível pela utilização mais eficiente e econômica das fábricas e máquinas existentes. Era possível, acima de tudo, pela modernização e mecanização dos processos de produção, nos quais a URSS estava muito atrasada em relação aos principais países industriais. Todos esses métodos de racionalização foram amplamente tentados a partir de 1926, e conseguiram certo êxito na redução dos custos. Mas num país como a URSS, com escassos recursos de capital, seu âmbito era limitado. Em particular, a mecanização da indústria, a maior fonte de racionalização, dependia nesse período principalmente da importação de máquinas do exterior, e com freqüência do emprego de pessoal estrangeiro para ensinar como manejá-las. Essas condições significavam que a produtividade do trabalho dependia, em maiores proporções na URSS do que no Ocidente, da energia física dos trabalhadores. A produtividade tinha de ser aumentada principalmente pelo trabalho físico mais intenso, mais eficiente, melhor disciplinado, e todas as formas de persuasão e pressão foram usadas para obter esse resultado.

As implicações do planejamento para outros setores da economia também foram inquietantes, e encontraram relutância. O culto do camponês, sinceramente defendido por Bukharin, era ainda poderoso em 1927; e a influência do Narkomzem, embora agora em decadência, ainda restringia as aspirações dos planejadores. O Narkomfin continuou a resistir à hipótese de que se deveriam créditos ilimitados à expansão industrial, e travou uma luta teimosa pelo que foi chamado de "a ditadura das finanças" contra a "ditadura da indústria". Isso suscitou a questão dos controles "financeiros", através da manipulação do crédito e do sistema monetário, em contraposição aos controles "físicos" através de decretos estatais, que foram exemplificados nas indústrias pesadas que trabalhavam diretamente para as encomendas do Estado, e no monopólio do comércio exterior. Só gradualmente, mesmo no espírito dos planejadores, é que os instrumentos financeiros foram sendo considerados inadequados, e substituídos pelos controles "físicos" diretos. Essas controvérsias giravam, em última análise, sobre a atitude a ser adotada em relação à economia de mercado que fora a base da NEP. Acreditou-se,

a princípio, que os planejadores deveriam trabalhar dentro da economia de mercado. Lenta e penosamente, as incompatibilidades entre o planejamento e a industrialização, por um lado, e a NEP e a economia de mercado, por outro, vieram à luz.

## A Derrota da Oposição

O período entre o XIV Congresso do partido, em dezembro de 1925, e o XV, em dezembro de 1927, que foi marcado pelo início do planejamento efetivo, os primeiros passos num programa de industrialização intensiva, e o amadurecimento da crise agrícola, também viu a culminação de um violento conflito partidário, no qual Trotski questionou, com vigor mas sem êxito, o crescente monopólio do poder por Stalin. Quando o triunvirato foi dissolvido e Stalin derrotou seus rivais no XIV Congresso, Trotski permaneceu num silêncio altaneiro; Zinoviev e Kamenev haviam, no passado, igualado e por vezes superado Stalin na veemência de seus ataques a ele. Mas quando Zinoviev e Kamenev passaram a defender a causa da industrialização contra a orientação camponesa de Stalin e Bukharin, e quando as ambições pessoais de Stalin se tornaram mais claras e ameaçadoras, a neutralidade já não era possível. No verão de 1926 Trotski, Zinoviev e Kamenev, com seus seguidores, constituíram-se numa "oposição unida" e como tal compareceram à sessão de julho do comitê central do partido. Os acontecimentos posteriores mostraram o vigor com que Stalin controlava a máquina partidária. Trotski foi, a princípio, tratado com cautela. Mas Zinoviev perdeu seu lugar no Politburo e Kamenev seus postos governamentais. A oposição unida gozava de grande simpatia nas fileiras do partido, mas seus ativistas não eram mais do que uns poucos milhares que, sob pretextos vários, eram constantemente perseguidos pelas autoridades.

A falta de coesão interna e de confiança mútua aumentava ainda mais as dificuldades da oposição, que se lançou ao combate sem uma linha mais clara além da denúncia dos líderes do partido. A retirada pública das acusações recíprocas que Trotski, Zinoviev e Kamenev se haviam feito

mutuamente nos três últimos anos foi ridícula. O temperamento vacilante e a inclinação às concessões, de Zinoviev, não o faziam simpático a Trotski, que, tendo superado inibições antigas, concitava a uma ofensiva total contra Stalin. Mas havia sido formada a oposição unida quando, por uma infeliz coincidência, o *New York Times* publicava pela primeira vez o texto do testamento de Lenin. Embora Trotski não tivesse conhecimento, certamente, da publicação, a suposição de que a informação original sobre o documento partira dele, ou de fontes a ele ligadas, não era infundada. A violência entre os dois protagonistas da luta chegou ao seu auge. Num agitada sessão do Politburo, Trotski acusou Stalin de ser “o coveiro da revolução”, e o comitê central do partido, reagindo ante a tensão crescente, afastou Trotski do Politburo. Numa conferência do partido em outubro de 1926 e numa sessão da IKKI, um mês depois, Stalin atacou Trotski numa linguagem de virulência crescente, exumando como vingança a sua simpatia, anterior a 1914, pelo menchevismo e as discussões acaloradas com Lenin. A oposição foi acusada não só de “frcionalismo” — um pecado condenado pelo congresso do partido de 1921 — como também de “deformação socialdemocrática”. Stalin continuava, porém, limitando-se a ganhar tempo e não levou a questão até o ponto de rompimento.

Na primavera de 1927 os acontecimentos na China estimularam Trotski a novos protestos, e em maio a oposição lançou um documento, redigido principalmente por ele, e conhecido, em virtude do número de seus signatários originais, como “a declaração dos 83”, que fazia a exposição mais completa, até então, de suas opiniões. À parte sua incursão pela política externa, o documento denunciava a atual política agrícola por ignorar o processo de “diferenciação” entre o campesinato, e por negligenciar o camponês pobre para dar apoio ao *kulak*. Em termos gerais, acusava os líderes do partido de colocar a “teoria pequeno-burguesa do socialismo num país” no lugar da “análise marxista da situação real da ditadura do proletariado na URSS”, de favorecer “elementos direitistas não proletários e antiproletários”, dentro e fora do partido. Também exigia a publicação irrestrita das opiniões da oposição. Lançada num momento em que os líderes haviam sido muito abalados pela mudança de posição de Chiang Kai-shek na China e pelo rompimento das relações com a Grã-Bretanha, a declaração foi um golpe sério. Um mês depois, a pretextos frágeis, Trotski e Zinoviev eram chamados à comissão de controle do partido, o órgão encarregado da manutenção da disciplina partidária, e ameaçados de expulsão. Depois de uma acirrada discussão, a questão foi transferida para o comitê central, onde a batalha continuou e tanto Trotski como Stalin falaram mais de uma vez. A única novidade do debate foi a acusação de deslealdade ao Estado soviético ante seus inimigos, feita a Trotski. Ele era agora estigmatizado não apenas de herege,

mas também de traidor ("a frente única, de Chamberlain a Trotski"). Finalmente, a oposição foi induzida a assinar uma declaração reafirmando a sua fidelidade incondicional à defesa nacional da URSS e negando qualquer desejo de dividir o partido, ou de fundar um novo partido. Aceitas essas condições, a proposta de expulsar Trotski e Zinoviev foi arquivada.

Essa trégua não significava, porém, qualquer suspensão na ofensiva contra a oposição. A luta contra Trotski foi o ensejo para a introdução, ou o aperfeiçoamento, de muitos dos instrumentos de controle característicos da ditadura de Stalin. Desde os primeiros ataques contra Trotski em fins de 1924, o acesso da oposição à imprensa havia sofrido restrições rigorosas. Zinoviev havia sido silenciado quando o seu *Leningradskaya Pravda* passou ao controle do partido, em janeiro de 1926. Agora, a proibição tornava-se absoluta. Os artigos sobre a crise chinesa, apresentados por Trotski em abril de 1927 ao *Pravda* e ao *Bol'shevik*, foram rejeitados. Durante todo o verão, foram publicados na imprensa, sem direito de resposta, ataques de crescente violência contra ele e seus partidários. As reuniões da oposição eram interrompidas e dissolvidas por desordeiros. A oposição apresentou ao comitê central do partido uma longa "plataforma" de suas opiniões, mais uma vez redigida principalmente por Trotski, e exigiu que fosse impressa e distribuída, em preparo para o congresso do partido, então fixado para dezembro de 1927. A exigência foi rejeitada. Fizeram-se tentativas de imprimi-la ilegalmente. A 12 de setembro a OGPU descobriu a oficina ilegal e prendeu os que se empenhavam nesse trabalho. Catorze membros do partido foram expulsos, e Preobrazhensky, que admitiu cumplicidade, foi a eles acrescentado. A ocasião foi significativamente lembrada como a primeira vez em que o poder de polícia da OGPU foi invocado para acabar com a dissensão no partido.

A partir desse momento, os acontecimentos marcharam firmemente para a sua conclusão fatal. Foram organizadas reuniões de massa para denunciar a oposição e exigir a expulsão de seus líderes. Defensores conhecidos da oposição foram afastados da cena de ação por nomeações em postos em regiões distantes da URSS, ou para cargos diplomáticos no exterior. Numa sessão do *presidium* da IKKI, a 29 de setembro, Trotski, fez uma condenação de duas horas às políticas de Stalin. Foi, então, expulso da IKKI, com apenas dois votos contra. A mesma experiência repetiu-se um mês depois, em meio a cenas de violência, no comitê central do partido. O próprio Stalin propôs o afastamento de Trotski e Zinoviev, o que se fez, ao que tudo indica sem votação. A polícia de Moscou agiu nas comemorações do décimo aniversário da revolução, a 7 de novembro, importunando Trotski e outros oposicionistas, quando percorriam a cidade, e confiscando faixas com os *slogans* da oposição. Zinoviev recebeu tratamento semelhante em Leningrado. Esses aparecimentos públicos dos líderes da oposição foram denunciados como manifestações hostis. Uma

semana mais tarde Trotski e Zinoviev eram expulsos do partido, numa votação do comitê central, e Kamenev, bem como vários outros, eram afastados desse comitê.

Portanto, quando o congresso do partido se reuniu em dezembro de 1927, Trotski e Zinoviev estavam ausentes e a ocasião foi um anticlímax. Doze membros da oposição foram afastados do comitê central do partido. Kamenev e Rakovsky, que fizeram os principais discursos pela oposição, foram freqüentemente interrompidos, e sua argumentação foi enfraquecida pelas abordagens dos líderes partidários, supostamente conciliatórias, que foram rejeitadas com desprezo. O congresso expulsou do partido 75 "trabalhadores ativos da oposição trotskista" e 15 outros dissidentes. Trotski e Zinoviev foram substituídos no Politburo por Kuibyshev e por Rudzutak, ambos defensores da linha oficial. Mas Trotski, embora expulso, não havia sido silenciado e continuava sendo perigoso. O Politburo resolveu afastá-lo, e a cerca de 30 de seus principais seguidores, de Moscou. A maioria desses seguidores recebeu cargos oficiais sem importância na Sibéria ou Ásia central. Trotski recusou esse tipo de nomeação e foi deportado, sob um artigo do código criminal relacionado com atividades contra-revolucionárias. Excepcionalmente — pois admitia-se que eles não representavam nenhum perigo — Zinoviev e Kamenev foram banidos para Kaluga, a apenas algumas centenas de quilômetros de Moscou, e mesmo essa sentença não foi imposta com rigor. O local de exílio de Trotski foi Alma-Ata, uma cidade nos confins da Ásia central soviética, distante até mesmo da estrada de ferro. Ali permaneceu ele até sua deportação da URSS, um ano depois, mantendo uma correspondência lenta, mas volumosa, com os membros da oposição, dispersos por toda a Sibéria, recebendo de tempos em tempos relatórios secretos de seus partidários, ainda em liberdade em Moscou, e dirigindo uma onda de protestos, pessoais e políticos, às autoridades.

A derrota da oposição unida e a expulsão da única figura no partido cuja estatura fazia dela um rival de Stalin, foi um marco histórico. Quando o congresso do partido, de 1921, proibiu o "fracionalismo" e a propagação da opinião dissidente, o objetivo foi manter a unidade do partido e a fidelidade de seus membros. A dissensão era punida com sanções, mas ainda não constituía deslealdade para com o Estado. Os representantes partidários das instituições estatais eram obrigados a seguir a linha do partido e a falar numa única voz. Essa obrigação, porém, não se estendia aos representantes que não eram do partido. Em 1927 a distinção entre partido e Estado havia sido gradualmente eliminada. As emergências, econômicas e políticas, fortaleceram a necessidade de uma autoridade firme e indivisa. "A suprema tarefa histórica de construir uma sociedade socialista", declarava uma resolução da conferência do partido, em outubro de 1926, "exige imperativamente a concentração das forças do partido,

Estado e classe operária nas questões de política econômica". Os decretos eram, agora, por vezes promulgados no nome conjunto do comitê central do partido e do comitê executivo do Congresso dos Sovietes da URSS. O poder do Estado tanto podia ser usado para impor as decisões do partido, como a disciplina partidária, entre seus membros. A autoridade suprema no partido e no Estado estava concentrada numa instituição — o Politburo, cuja autoridade era absoluta. Era significativo que a oposição chefiada por Trotski fosse a última a ser oficialmente designada por esse nome; a palavra, familiar à prática da democracia ocidental, significava uma oposição ao partido dominante que não era incompatível com a lealdade para com o Estado. Na fase seguinte, a dissensão foi considerada como "desvio" — a linguagem não das diferenças políticas, mas da heresia doutrinária. Finalmente, os grupos dissidentes foram simplesmente estigmatizados como "antipartido", sendo a hostilidade para com o partido incondicionalmente identificada com a hostilidade para com o Estado.

A eliminação da oposição legal era parte de um processo que concentrava e centralizava a autoridade combinada do partido e do Estado, tornando-a absoluta. Os resultados foram, com freqüência, imprevistos, mas nem por isso menos irresistíveis. As mesmas forças se faziam sentir em muitos campos. A limitada liberdade até então permitida à imprensa, e às revistas, de expressar opinião independente em relação a questões periféricas (por vezes acompanhadas de reservas editoriais), desapareceu quase que por completo, sendo o controle imposto silenciosamente, não pela censura direta, mas por modificações entre os diretores dessas publicações e em seus conselhos editoriais. Uma proliferação de diferentes escolas literárias — algumas de vanguarda, outras formalistas, outras reconhecidamente proletárias — havia sido característica dos anos que se seguiram à revolução. Um pronunciamento do comitê central do partido de 1925, aparentemente redigido ou inspirado por Bukharin, mostrava a disposição de tolerar essas diferentes abordagens da literatura, nenhuma das quais era dirigida contra o regime, e a relutância de preferir uma delas. Entre essas organizações literárias havia uma que se intitulava Associação dos Escritores Proletários de Todas as Rússias (VAPP), dominada por um ambicioso político literário, chamado Averbakh, que tinha boas ligações partidárias, e a partir de 1926 realizou uma campanha, em nome de uma "revolução cultural", para dar à sua organização o controle de todas as produções literárias e impedir a publicação da produção das outras escolas. Só em dezembro de 1928, depois de uma prolongada resistência, foi que o comitê central do partido promulgou um decreto colocando todas as publicações sob controle do partido e do Estado, o que na prática se realizava através da VAPP. Parece claro que essa consumação não havia sido planejada, nem mesmo desejada, pelo comitê central, e menos ainda por Stalin. Mas a corrupção se disseminava da cúpula. Os pequenos ditadores em níveis inferior-

res eliminavam seus rivais adulando e lisonjeando a autoridade superior, e imitando-lhe os métodos.

A campanha para fortalecer e centralizar a autoridade era particularmente evidente no setor do direito. A administração da justiça havia sido originalmente reservada às repúblicas constituintes da URSS, cada qual com seus próprios tribunais e Comissariado do Povo para a Justiça. Mas a constituição da URSS de 1923 previa um Supremo Tribunal da URSS com poderes para decidir sobre questões a ele levadas pelos Supremos Tribunais das repúblicas. Esse Tribunal nomeou um procurador cuja função era supervisionar a administração da justiça por toda a URSS. A constituição também estabeleceu uma Administração Política Estatal Unificada (OGPU) — herdeira da Cheka original, por cujo nome continuou a ser chamada, popularmente — para controlar as GPUs das repúblicas, que se tornavam assim agências locais de um poderoso órgão central. Embora cada república tivesse seu próprio código criminal (o código da RSFSR servia, na prática, como modelo para os demais), a URSS promulgou em 1924 uma série de “Bases da Legislação Criminal”, que procurava reservar à competência exclusiva da União os “crimes de Estado”, alternativamente descritos como “crimes contra-revolucionários” e crimes que ameaçavam a “ordem administrativa”. As repúblicas receberam instruções para colocar os seus códigos criminais em harmonia com as “bases”. A tarefa foi, evidentemente, realizada com relutância. Não foi completada pela RSFSR senão em meados de 1927, e um pouco mais tarde nas outras repúblicas.

A centralização da autoridade foi acompanhada pela modificação gradual das atitudes correntes para com o direito. A concepção marxista do direito como um instrumento do domínio de classe, destinado a desaparecer finalmente com o Estado, e até que isso se consumasse ser administrado com especial indulgência para com os trabalhadores e camponeses, foi silenciosamente abandonada. As práticas de mercado da NEP exigiam o desenvolvimento e a imposição rigorosa do direito civil. A manutenção da lei e da ordem, sob o rótulo de “legalidade revolucionária”, tornou-se o objetivo principal. A ênfase inicial nos aspectos antes reformativos do que punitivos da política penal, desapareceu. Essas modificações refletiam a crescente tensão econômica e política. Episódios como o assassinato do representante soviético em Varsóvia, em junho de 1927, e a explosão de uma bomba em Leningrado, poucos dias depois, levou a uma onda de protestos contra monarquistas, provocadores e agentes de Governos estrangeiros. A exigência do que foi oficialmente classificado de “medidas de defesa social” aumentou, automaticamente, os poderes e prestígio da OGPU. O décimo aniversário da criação da Cheka foi entusiasticamente comemorado em dezembro de 1927, poucas semanas após o décimo aniversário da revolução. Em março de 1928 uma resolução “Sobre a política penal e o regime dos locais de confinamento” abria caminho para uma ampliação da

rede, até então limitada, de "campos de concentração" para criminosos políticos da OGPU, e recomendava as medidas mais rigorosas de repressão para "os dissidentes e criminosos e recidivistas profissionais". O ano de 1928, que se seguiu à derrota da oposição e foi marcado por crescentes pressões em favor da industrialização, testemunhou, por toda a sociedade soviética, a imposição de uma autoridade poderosa e despótica, de uma rígida ortodoxia de opinião e dos mais duros castigos para os que cometiam infrações contra ela.

## O Dilema da Agricultura

A experiência da colheita de 1925 mostrou que o problema enfrentado pelos planejadores da política agrícola não era apenas aumentar a produção, mas também levar os produtos ao mercado, e mostrou, pressagamente, o poder do camponês abastado e do *kulak*. A crise da comercialização foi, porém, superada, e o otimismo predominava. Esse estado de espírito, de esperar o melhor, foi estimulado pela excepcional colheita de 1926. Concluída esta, muitos camponeses tinham amplos recursos e podiam vender cereais. A escassez do mercado do ano anterior não se repetiu e os preços foram moderados. Um dos aspectos da coleta de cereais foi a maior participação das cooperativas de comércio agrícola, que, embora controladas e financiadas pelo Estado, eram mais populares e mais eficientes do que os órgãos compradores estatais. O bom resultado dessas operações contribuiu para colocar a oposição em situação pouco confortável na conferência partidária de outubro de 1926: a crise prevista por ela não se confirmara. Estimulou também os líderes do partido a intensificar os programas de industrialização e negligenciar as conseqüências futuras que essa pressão teria para o mercado camponês.

Na crise externa que envolveu a URSS em 1927, e na primeira onda de entusiasmo pelo planejamento, não se dedicou muita atenção à agricultura. A colheita, embora inferior à de 1926, foi satisfatória, e supunha-se que a coleta de cereais voltaria a processar-se normalmente. Essa confiança foi errônea. O estado de espírito havia-se modificado desde o ano anterior. As preocupações da situação internacional, e os rumores de guerra e invasão, haviam chegado até o campo. Depois de duas colheitas boas, o camponês estava em melhor situação do que em qualquer outro momento, desde a revolução. O camponês abastado dispunha de reservas de cereal e de dinheiro. A oferta de bens industriais que ele poderia desejar comprar era

ainda escassa. A moeda estava, mais uma vez, sendo corroída pela inflação. Numa situação de incerteza e alarma, o cereal era o melhor repositório de valor. Para os camponeses que o tinham em estoque, não havia incentivos para levá-lo ao mercado. As coletas de cereais do outono de 1927, que deveriam ter sido os melhores meses, proporcionaram menos da metade das quantidades de 1926. Mas se o camponês abastado se tornara mesquinho, também o outro lado fez provocações. A oposição unida vinha, desde sua formação no verão de 1926, denunciando a política de tolerância do *kulak*, e em outubro de 1927 o comitê central do partido, para não ser desmoralizado, pediu "uma ofensiva reforçada contra o *kulak*". O que aconteceu no outono de 1927, embora nenhum dos lados tivesse, talvez, a princípio compreendido toda a sua importância, foi uma declaração de guerra entre as autoridades e o camponês abastado, que controlava os estoques de cereais disponíveis no interior.

Uma atmosfera de falsa segurança predominou no congresso do partido, em dezembro de 1927. No auge da batalha com a oposição, teria sido inoportuno admitir que o país estava às voltas com uma grave crise. Molotov lamentou que "a vantagem da produção em maior escala esteja, na prática, a favor do camponês abastado e do *kulak*". Mas Stalin observou, com moderação, que "a solução é unificar as pequenas propriedades camponesas, de maneira gradativa mas constante, não pela pressão, mas pelo exemplo e persuasão, em grandes propriedades baseadas no cultivo comum, cooperativo, da terra". A resolução do congresso, embora considerasse "tarefa fundamental do partido, no campo", promover a "unificação e transformação das propriedades camponesas independentes em grandes fazendas coletivas", acrescentou que isso só se poderia fazer com o assentimento dos "camponeses trabalhadores". Coisas duras foram ditas no congresso sobre os *kulaks*. Mas a resolução não foi além da recomendação de uma tributação maior e progressiva do camponês rico. Não parecia haver nenhuma situação de emergência. Mas tão logo o congresso se encerrou, a natureza mortal da ameaça ao abastecimento de alimentos às cidades e fábricas foi proclamada numa série de decretos e medidas de emergência. Medidas foram tomadas — demasiado tarde — para apressar o abastecimento de têxteis aos mercados do interior. Importantes membros do partido foram enviados em viagens pelas principais regiões produtoras de cereais para supervisionar e fazer respeitar a coleta de cereal. Stalin fez uma viagem de três semanas aos principais centros na Sibéria ocidental, onde se acreditava haver grandes estoques.

As chamadas "medidas extraordinárias" foram amplamente aplicadas. Foi usado um artigo do código penal que impunha o confisco do cereal, quando escondido. A propaganda e a persuasão alternavam-se com a coação direta. A situação era desesperada. De uma forma ou de outra, os camponeses que mantinham estoques de cereais foram obrigados a

entregá-los aos órgãos coletores. Admitiu-se que nem todos os recalitrantes eram *kulaks* e que muitos dos chamados "camponeses médios" também foram obrigados a entregar suas reservas. Essas medidas não eram muito diferentes das requisições por atacado dos dias do comunismo de guerra. Entre janeiro e março de 1928 enormes quantidades de cereal foram recolhidas, e em março Rykov anunciou que a crise havia sido "retirada da agenda". A primeira batalha do cereal foi ganha pelo Governo, mas em condições que prometiam a continuação da guerra, e com extrema violência. De um lado, os camponeses abastados haviam sido tratados severamente, por vezes até com brutalidade. Do outro, começaram a aparecer nas cidades as filas do pão. A escassa divisa estrangeira, tão necessária ao financiamento da industrialização, teve de ser gasta em importações de trigo, para compensar a deficiência. Não era possível encontrar uma solução fácil ou aceitável para a questão de quem deveria sofrer com a escassez do cereal.

A dureza das "medidas extraordinárias" abalou e dividiu o partido. Muitos trabalhadores ainda tinham ligações profundas com o campo, e sabiam o que estava sendo feito. O descontentamento estendeu-se às fileiras do Exército Vermelho, composto predominantemente de camponeses. Rykov foi, aparentemente, o primeiro dos líderes do partido a expressar sua preocupação, e a ele se juntaram, sem demora, Bukharin, que durante todo o período da NEP havia sido o principal advogado da conciliação do camponês, e Tomsy, seriamente abalado pelas pressões que a industrialização impunha aos trabalhadores e aos sindicatos. Numa sessão crucial do comitê central do partido, em julho de 1928, foi estabelecida a distinção entre os que desejavam aliviar a pressão sobre o camponês, mesmo ao preço da redução do ritmo da industrialização e os que davam prioridade incondicional à industrialização, por mais severas que fossem as medidas de coação impostas ao camponês. Bukharin falou de uma "onda de descontentamento" e de "motins" no campo, e de uma volta ao "comunismo de guerra". Stalin quis temporizar, admitiu os excessos e expressou a convicção de que eles seriam evitados nas próximas coletas. Concederam-se aumentos nos preços agrícolas. A resolução condenou as "violações da legalidade revolucionária" e "a freqüente aplicação dos métodos de requisição". Foi um compromisso sem conteúdo. Não havia dúvida de que a máquina partidária, com Stalin, Molotov e Kuibyshev no comando, estava agora firmemente voltada para a industrialização, e que seriam tomadas quaisquer medidas que pudessem assegurar o abastecimento de alimento às cidades e aos trabalhadores.

A experiência das coletas de cereal do outono de 1928 repetiu a do ano anterior, em maior escala. Foi mantida a cifra total para a colheita. Mas as colheitas essenciais ao consumo humano, trigo e centeio, foram menores. As autoridades tinham maior consciência do que nunca da situação crítica, e mostraram-se mais decididas e impiedosas. A organização havia

melhorado: um novo órgão central, o Soyuzkhléb, foi criado para controlar as coletas. Os estoques de reserva nas mãos dos camponeses haviam sido reduzidos pelas incursões na primavera de 1928. Os camponeses estavam melhor preparados para um novo ataque, e mais hábeis em esconder o que possuíam. E o que é mais importante, a escassez nas cidades havia revivido e expandido o mercado negro. Os comerciantes privados viajavam por toda a área rural, oferecendo preços muito superiores aos preços oficiais, que haviam tido um aumento apenas modesto. A batalha foi travada com empenho, de ambos os lados. Pretextos jurídicos foram, mais uma vez, invocados para justificar os confiscos. Houve represálias freqüentes, para ofensas reais ou imaginárias. Nos Urais e na Sibéria, foi organizado um sistema pelo qual o Soviete da aldeia, ou a assembléia, era forçado a concordar com uma quota para a aldeia, que era então imposta ao camponês abastado, sob a ameaça de punições muito rigorosas. Esse sistema, apelidado de "método ural-siberiano" de coleta de cereal, foi subsequentemente usado em outras regiões, e constituiu um poderoso instrumento de pressão. Houve distúrbios e manifestações de massa contra as coletas. Maior flexibilidade foi permitida às autoridades locais, para fazer coletas "descentralizadas" para serem entregues às cidades dentro da região, de modo que as comparações com os números relativos ao ano anterior podem ser enganosas. Mas apenas 8,3 milhões de toneladas de cereais foram recolhidos pelos órgãos coletores centrais em 1928-29, em comparação com 10,3 milhões em 1927-28, e isso incluía apenas 5,3 milhões de toneladas de trigo e centeio, contra 8,2 milhões em 1927-28. O certo é que ninguém entregou cereal às agências oficiais, a não ser sob alguma forma de coerção ou medo.

A situação tornou-se, dentro em pouco, desesperada. O pão era o alimento básico tanto do camponês quanto do trabalhador industrial. Moscou, com uma população de menos de dois quintos que a de Berlim, consumia mais pão. Com o progresso da industrialização, a população urbana aumentava rapidamente. No inverno de 1927-28, as filas de pão eram comuns nas cidades, e manteiga, queijo e leite eram raros. Os estoques estatais de cereais estavam esgotados. A deficiência foi compensada pela importação, pela mistura de cevada e milho com o trigo e o centeio no preparo do pão, pela farinha mais grossa, pelo racionamento do pão nas grandes cidades, e pelo recurso ao mercado negro. As restrições impostas ao comerciante privado nas cidades eram inoperantes no campo. Até mesmo tentativas de discriminação contra ele, em relação a instalações de armazenagem e transporte, foram em grande parte inúteis. Do cereal da colheita de 1928 comercializado, 23% provieram dos comerciantes privados. Em julho de 1928 o comitê central do partido, frente a essa concorrência e às exigências da nova oposição de "direita" no partido, resolveu conceder um aumento nos preços oficiais do cereal. Os preços pagos pelas agências coletoras oficiais em 1928-29 eram cerca de 20% mais altos do que no ano anterior.

Mas os preços no mercado negro subiram muito mais depressa. Calculava-se que os preços dos produtos agrícolas no comércio privado, que em 1927-28 superavam os preços oficiais em cerca de 40%, foram quase o dobro dos preços oficiais no ano seguinte. Isso bem pode ter sido uma subestimativa. A escassez passara a ser crônica. Os cartões de racionamento do pão foram adotados em Leningrado em novembro de 1928 e em Moscou em março de 1929, e a distribuição fazia-se de acordo com as possibilidades. Não foram emitidos cartões para os não-trabalhadores, que ficaram à mercê do mercado particular. Foi necessário apertar o cinto em todas as camadas. Também não havia qualquer segurança quanto ao futuro. A convicção, que servira de base à NEP, de que as cidades poderiam ser alimentadas através de um sistema combinado de entregas voluntárias ao Estado, e vendas livres no mercado, havia desaparecido.

O dilema deixou clara uma questão fundamental até então disfarçada sob a superfície da política do dia-a-dia. A manutenção das pequenas propriedades camponesas individuais, com freqüência descontínua, e a prática do antigo sistema de rotação de três campos eram evidentemente incompatíveis com uma agricultura eficiente. Até mesmo numa economia camponesa primitiva, era necessária uma certa cooperação entre os cultivadores do solo, determinada tanto pelo bom senso como pela doutrina socialista. Na Rússia pré-revolucionária isso se fazia na maior parte do país em dois níveis. A menor unidade de produção não era o indivíduo, mas a família, ou *dvor*. Ela variava de tamanho, tendo sido, no passado, com freqüência uma família "ampliada", compreendendo mais de uma geração, por vezes suplementada pela adoção. Na maior parte da Rússia, um grupo de *dvors* formava uma comunidade agrária (*mir* ou *obshchina*) que regulava assuntos de interesse comum, como pasto, rotação das colheitas, diques, cercas e abertura de estradas, e na maioria dos casos redistribuía periodicamente a terra, levando em conta a modificação na composição dos *dvors*.

Depois da revolução, aumentou o número de *dvors*, mas a sua importância diminuiu, em virtude da freqüente divisão das unidades familiares, determinada, ao que se afirmou, pela maior insistência na independência por parte da geração jovem, especialmente as mulheres, que ao se casarem exigiam o estabelecimento de uma casa à parte. Mas a autoridade tradicional do *mir*, fortalecida pelo desaparecimento do latifundiário e pelo enfraquecimento do *dvor*, aumentou; rivalizava, com freqüência, com o recém-criado Soviete da aldeia. A atitude oficial para com o *mir* foi ambivalente e incoerente. De um lado, o *mir* resistiu, em geral, às tentativas de modificar práticas agrícolas antigas como a rotação de três campos, ou o sistema de propriedade descontínua. Por vezes o camponês empreendedor, ou o *kulak*, dominava os outros camponeses no *mir*, em proveito próprio. Por vezes ele deixava o *mir* levando consigo a sua parcela de terra,

e criava uma unidade de cultivo independente. De todas essas maneiras, o *mir* perpetuava tradições do passado que a revolução pretendia erradicar. Por outro lado, o *mir* era, de longe, a agência de ação coletiva mais eficiente numa comunidade camponesa. *Narodniks*, como Herzen, consideravam-no como um degrau para o socialismo; e podia-se citar Marx (embora seus comentários, muito incipientes, se relacionassem com um período já então remoto) como tendo previsto a possibilidade de que, na hipótese de uma "revolução dos trabalhadores no Ocidente", o *mir* russo pudesse servir como "ponto de partida para o desenvolvimento comunista". Durante a década de 1920, a situação do *mir* foi muito discutida em Moscou. Mas não se fez nenhuma tentativa de interferir nele, localmente, e ele sobreviveu mais ou menos intacto até o momento da coletivização. O poder do partido e do Governo no campo era extremamente fraco.

Formas de organização destinadas a promover a agricultura coletiva foram, em grande parte, criação do período soviético. As cooperativas agrícolas haviam florescido antes da revolução, e continuavam a existir, mas preocupavam-se com a comercialização coletiva e o crédito e compra de máquinas, e não com a produção coletiva. As fazendas coletivas (*colcoses*) e as fazendas soviéticas (*sovcoses*), que datavam dos dias do comunismo de guerra, definharam durante a NEP. Ao que se dizia, elas ocupavam menos de 2% de toda a terra na URSS, e durante alguns anos receberam pouco apoio das autoridades. Muitos *colcoses* sobreviveram como cooperativas mais ou menos flexíveis, com menor respeito pelo princípio coletivo. Muitos *sovcoses* tornaram-se sinônimos de ineficiência. As crises de cereais de meados da década de 1920 levaram a um novo interesse por ambas as instituições. A grande unidade coletiva tinha mais probabilidades de proporcionar excedentes para o mercado do que o camponês individual, trabalhando principalmente para as suas próprias necessidades, e as de sua família, e era mais sensível às vantagens e pressões das coletas de cereal. A multiplicação das pequenas propriedades camponesas depois da revolução havia agravado a escassez. Embora Bukharin e seus discípulos ainda baseassem sua fé nas cooperativas agrícolas de comercialização, e tivessem esperanças de que elas levassem gradualmente à ampliação da agricultura coletiva, a política oficial começou a pender para um renascimento dos *colcoses*. Uma organização central, *Kolkhozsentr*, foi criada em 1926. Teve início um movimento para formar novos *colcoses*, que se multiplicaram rapidamente depois de meados de 1927. Eles eram ainda menores do que os *colcoses* originais do período de comunismo de guerra, e a prática do trabalho coletivo entre seus membros não foi muito longe. Constituíram, porém, uma tentativa de superar o conservadorismo tradicional da massa dos camponeses, bem como a oposição interessada do *kulak* próspero.

Os *sovcoses* tiveram desempenho inferior aos *colcoses*, e seu renascimento só começou depois de 1927, estando ligado ao processo por vezes

designado como "a industrialização da agricultura". A substituição dos instrumentos primitivos do camponês russo (exemplificados pelo arado de madeira, que ele próprio podia fazer) até mesmo pelas máquinas mais simples, havia há muito sido reconhecida como uma necessidade premente, e fizeram-se tentativas de atender a ela, através de cooperativas de crédito agrícola e de um banco agrícola financiado pelo Estado. Mais ambiciosamente, Lenin havia proclamado que "100 mil tratores de primeira classe" eram necessários para converter o camponês ao comunismo. Em princípios da década de 1920 as fábricas Putilov, em Leningrado, produziram alguns tratores segundo um modelo norte-americano; e a partir de 1923 algumas centenas de tratores foram importados dos EUA. Em 1925 foi preparado, pela primeira vez, um plano para construir uma grande fábrica de tratores em Stalingrado, mas passaram-se três anos até a sua aprovação, e iniciada a sua construção. A propaganda oficial ressaltou o papel que se pretendia atribuir aos sovcozes como fazendas-modelo, não só para dar o exemplo dos métodos modernos de cultivo para as terras camponesas vizinhas, como para proporcionar-lhes tratores e outras máquinas agrícolas. Esses ideais estavam longe de serem realizados. Mas tornava-se claro que, para tornar a agricultura mais eficiente através do uso de tratores e máquinas complexas, o trabalho se devia realizar em unidades maiores do que a propriedade camponesa individual. Apesar das exortações do partido, pouco progresso se havia feito, seja na mecanização ou na coletivização. Essa seria a tarefa do período seguinte.

## 14

# Problemas de Crescimento da Industrialização

Durante todo o ano de 1927 a opinião do partido inclinou-se, constantemente, para a industrialização rápida e o plano quinquenal, embora se fizessem ouvir reações hostis ou pessimistas, e as conseqüências totais desses objetivos ambiciosos não fossem enfrentadas ou compreendidas. A expulsão da oposição, no congresso do partido de dezembro de 1927 abriu o caminho, tornando possível silenciar as críticas, e adotar, sem um constrangimento indevido, políticas que a oposição havia defendido no passado. A crise das coletas de cereal, que se seguiu ao congresso, apressou o processo. A primeira condição da industrialização era que o camponês fornecesse o alimento necessário às cidades e fábricas, a preços que não representassem um peso intolerável aos salários, e sem o desvio de mais do que um mínimo dos recursos da indústria para a manufatura dos bens de consumo para o mercado camponês. Esses problemas haviam atormentado as coletas de cereal, depois da colheita de 1927, e pareciam, a princípio, insolúveis. A operação bem-sucedida dos primeiros meses de 1928 foi interpretada como mostra de que, com uma suficiente aplicação de força, a coerção do camponês era praticável, e mesmo indispensável. O camponês, o fator recalcitrante numa economia socialista planificada, tinha de ser domesticado. Durante 1928 as inibições foram gradualmente superadas e a industrialização seguiu à frente, inexoravelmente. O caminho estava aberto. Para forçar o ritmo era necessária apenas uma vontade férrea de superar os obstáculos, se necessário, pelos mesmos métodos de coerção. A determinação heróica e a brutalidade impiedosa evidenciaram-se ambas no processo.

As tensões criadas pela industrialização forçada estenderam-se muito além do mundo do camponês. A revolução havia colocado novos homens nos postos de poder. Mas não tivera ainda tempo de criar e treinar uma nova geração de funcionários, especialistas, cientistas, administradores industriais, engenheiros e técnicos de todos os tipos, cujos serviços eram indispensáveis

a qualquer regime. E esses serviços eram ainda executados principalmente pelos mesmos homens que os haviam realizado para o último czar e o Governo Provisório. O grupo de funcionários e especialistas que trabalhava nos Commissariados do Povo e outras instituições soviéticas também incluía um número considerável de ex-mencheviques e ex-SRs. Os primeiros predominavam na Gosplan e Narkomfin, os segundos no Narkomzem. A maioria desses servidores do regime, que não eram membros do partido e se haviam reconciliado com os princípios da NEP, sentiam profunda aversão e desconfiança para com as novas políticas, manifestavam-se contra elas e não mostravam satisfação — por vezes, até mesmo resistência passiva — na sua realização. Havia apenas um passo dessa situação até a desconfiança — muito freqüente nos círculos do partido — de uma conspiração para sabotar tais políticas. O afastamento em massa de funcionários que não eram do partido, e de especialistas, de posições de influência no Narkomfin e no Narkomzem, os dois commissariados que mostraram maior resistência à industrialização forçada, começou na primavera de 1928. O episódio mais sensacional ocorreu em março, quando 55 engenheiros e administradores empregados nas minas de carvão da bacia do Dom foram detidos sob acusação de sabotagem, supostamente organizada do exterior. Depois de um julgamento ante um público maciço, no qual muitos dos acusados fizeram confissões, foram passadas 11 sentenças de morte, das quais cinco foram cumpridas. Outros receberam longas condenações à prisão. Três engenheiros alemães, acusados de cumplicidade, foram absolvidos. O julgamento constituiu-se num padrão para futuras denúncias demonstrativas e julgamentos para efeito público. Mas, no momento, as autoridades recuaram um pouco da suspeita e da hostilidade em relação aos “especialistas” de origem burguesa, que eram essenciais à manutenção e expansão da indústria, e fizeram vários pronunciamentos tranquilizadores. O treinamento dos trabalhadores para que se tornassem especialistas fazia-se lentamente, e o emprego de engenheiros estrangeiros, a princípio quase só alemães, e posteriormente também norte-americanos, nas grandes obras, foi uma característica do período.

Não era apenas o lado administrativo da indústria que estava sujeito à pressão crescente. Se a primeira condição, embora ainda tácita, da industrialização era que o camponês entregasse o seu cereal às cidades, em troca de uma modesta recompensa, a segunda, e explícita, era que a produtividade do operário teria de aumentar mais depressa do que os seus salários, para que a expansão industrial pudesse ser, em parte, financiada com os lucros da própria indústria — uma alternativa à exploração sem peias do camponês. Fora esse o principal objetivo das campanhas de 1926 e 1927 em favor do “regime de economia” e da “racionalização da produção”. Isso, em condições nas quais outras formas de racionalização eram limitadas pela escassez do capital e dos recursos técnicos, significava, acima de

tudo, aumentar a produtividade através de uma maior intensidade física do trabalho. A campanha para aumentar a eficiência do trabalhador foi travada em todas as frentes. Embriaguez, ausência do serviço e lentidão de trabalho eram consideradas as características dos camponeses recrutados no campo para a indústria, e não a dos verdadeiros proletários; apesar disso, elas pareciam demasiado freqüentes para serem dominadas pelas ameaças de demissão imediata. Além das escolas das fábricas, que combinavam o treinamento profissional com a doutrinação partidária, o Instituto Central do Trabalho criou escolas onde os trabalhadores jovens recebiam instrução intensiva nas modernas técnicas fabris. Os críticos as condenaram, tal como Lenin havia, no passado, criticado o "taylorismo" (ver pp. 31-32) por tratar o trabalhador como "um complemento da máquina, não como um criador da produção". Outras formas de incentivo não foram negligenciadas. A chamada "emulação socialista" entre fábricas ou grupos de trabalhadores era estimulada pela propaganda e pela oferta de prêmios. O título "herói do trabalho", proporcionando certos privilégios, era atribuído a trabalhadores de méritos excepcionais, e a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho foi criada para recompensar as fábricas, empresas industriais ou coletivos de trabalhadores. Para comemorar o décimo aniversário da revolução, os "Sábados Comunistas", imitação da iniciativa tomada por Lenin em 1919 — trabalho extraordinário sem remuneração — foram adotados nas fábricas e minas em várias partes da URSS.

Um recurso tentado nessa época foi sintomático da intensa pressão então aplicada aos trabalhadores. Às vésperas do décimo aniversário da revolução, em novembro de 1927, as autoridades anunciaram uma transição planejada para um dia de trabalho de sete horas. Esse projeto, saudado como uma grande realização da revolução, foi denunciado como uma tentativa demagógica de levar os trabalhadores à aquiescência com uma visão pouco substancial de um futuro remoto. Mas soube-se logo que o objetivo era outro. Para assegurar a utilização máxima das instalações e máquinas, certas fábricas já trabalhavam em dois turnos por dia. Pretendia-se, agora, que se trabalhasse três turnos de sete horas cada, deixando apenas um mínimo de três horas por dia para limpeza e manutenção. O sistema de três turnos desagradava tanto aos administradores quanto aos trabalhadores, e foi adotado pela primeira vez apenas na indústria têxtil, que empregava quase que exclusivamente mulheres, a categoria de mais baixo salário. Incidentalmente, isso representava o abandono total da proibição baixada nos primeiros dias idealistas da revolução, mas pouco respeitada, de trabalho noturno para as mulheres. Nos dois anos que se seguiram houve vários pronunciamentos, de tempos em tempos, a favor da extensão do sistema de três turnos a toda a indústria. Mas a resistência às tensões e pressões em jogo era forte. Observou-se que, onde o sistema havia sido adotado, a produtividade do trabalho empregado declinava progressivamente du-

rante o período, e o sistema não parece ter sido adotado, de maneira geral, exceto na indústria têxtil.

Os salários, porém, continuavam sendo o ponto mais importante das relações entre o trabalhador industrial e o empregador e o Estado. Sob a NEP, eles eram em princípio fixados por acordo entre o trabalhador e o empregador — normalmente, por um contrato coletivo entre o sindicato e a empresa ou instituição. O princípio não foi afetado pelo reconhecimento, por ambos os lados, de uma relação entre a produtividade e os ganhos, que constava dos contratos. O que modificou radicalmente a situação, a partir de 1926, foi a aceitação da importância predominante do planejamento. O montante de salários era um elemento demasiado vital na economia para ser excluído dos cálculos dos planejadores ou ficar sujeito às oscilações determinadas por certas causas estranhas. Depois de muita controvérsia entre os sindicatos e o Vesenkha, na qual ambos os lados se mostravam inclinados a reconhecer a compatibilidade do planejamento com os contratos coletivos, a fixação de salários tornou-se, na prática, sujeita a dois processos distintos. Em primeiro lugar, a mais alta autoridade — geralmente o próprio Politburo — fixava o fundo total de salários para o ano seguinte (num período inflacionário, um certo reajuste salarial era inevitável), e determinava que aumentos deveriam ser concedidos a que indústrias. Assim, não só fixava o limite dos pagamentos de salários, para os quais era necessário fazer previsão no plano, mas decidia também quais as indústrias que deviam ser estimuladas a se expandir. A segunda etapa era a conclusão de contratos coletivos, que poderiam ser entre o comitê central sindical e uma indústria como um todo, ou entre os comitês sindicais locais e as empresas individuais. Mas, como era necessário manter os salários dentro dos limites já fixados, restava pouca liberdade de negociação, e as discussões sobre os contratos coletivos giravam, mais provavelmente, sobre as condições de trabalho ou sobre as “normas” de produção.

A limitação original sobre o trabalho por tarefa há muito desaparecera, e onde este era inaplicável, os prêmios relacionados com a produtividade eram parte regular dos pagamentos de salários. Esses procedimentos, que eram parte essencial da campanha para relacionar os salários com a produtividade, exigiam a fixação constante de “normas”, ou a taxa para um trabalho específico. Quando um aumento geral de salários foi concedido no outono de 1926, o Vesenkha começou a pressionar em favor de uma revisão das normas. Isso se podia justificar em parte por medidas de racionalização e mecanização, que aumentaram a produtividade sem exigir um esforço adicional do trabalhador. Mas modificar as normas para conseguir maior produtividade era, com mais freqüência, simplesmente uma forma de reduzir os salários. A controvérsia entre o Vesenkha e os sindicatos prolongou-se por todo o ano de 1927, mas terminou no reconhecimento da necessidade de um reexame geral das normas. As estatísticas salariais

para o período são dispersas, complexas e, por vezes, enganosas. Em condições inflacionárias, os pagamentos monetários estáveis, ou mesmo aumentados, disfarçavam o declínio nos salários reais. É certo que, enquanto os salários reais do trabalhador aumentaram lenta, mas constantemente, entre 1923 e 1927, durante vários anos depois de 1928 os salários caíram, e o trabalhador, tal como outros setores da sociedade, ficou sujeito às duras pressões da industrialização e contido pela mão férrea da economia planificada.

O papel dos sindicatos fora motivo de controvérsia nos primeiros anos do regime. As concessões da NEP haviam rejeitado "a militarização do trabalho" e mantido a independência formal dos sindicatos em relação ao Estado. Essa independência foi, porém, ilusória. Sob a NEP, o Estado controlava firmemente as rédeas da indústria, e era inimaginável que os sindicatos, ainda ostensivamente não partidários, mas já totalmente controlados pelos bolcheviques, se colocassem em oposição aos interesses e políticas do Estado dos trabalhadores. A primeira diminuição da independência dos sindicatos veio de seu compromisso de aumentar a produtividade, o que os obrigava a aceitar a responsabilidade pela manutenção da disciplina do trabalho, e de impedir "métodos anarquistas" como greves e abandonos de serviço. A greve foi considerada como prova do fracasso dos sindicatos de exercerem a devida vigilância e de atenderem às necessidades dos trabalhadores. Mas eles já não podiam apresentar-se incondicionalmente como defensores das reivindicações a curto prazo dos trabalhadores; seu papel era antes servir de mediadores, em debates de alto nível dentro do partido, entre essas reivindicações e as necessidades a longo prazo da indústria estatal. Em nível de fábrica, o controle estava nas mãos de um "triângulo", constituído de representantes dos sindicatos, da administração e do partido. Mas quando os dois últimos estavam de acordo, o representante sindical ficava numa posição fraca; e os sindicatos eram por vezes acusados de sucumbir a um "desvio administrativo".

Além disso, com a rápida expansão da força de trabalho e do número de membros dos sindicatos, o próprio caráter destes últimos sofreu uma modificação sutil. A hipótese de que a maioria dos trabalhadores industriais eram proletários com consciência de classe, com uma boa proporção de membros do partido atuantes, estava deixando, rapidamente, de corresponder à verdade. Muitos dos trabalhadores politicamente ativos haviam sido promovidos a posições administrativas ou oficiais. Muitos dos novos recrutas da indústria eram camponeses recém-chegados do campo, que ainda tinham de aprender tudo o que se relacionava com a doutrina do partido e as práticas sindicais. Grande ênfase foi dada, nessa época, ao papel educativo dos sindicatos. Mas outra consequência foi um rápido aumento na autoridade dos líderes, representada pelo conselho central sindical, sobre a massa dos membros.

As concessões da NEP foram mantidas com crescente dificuldade, de 1922 a 1928 — período da incontestada liderança sindical de Tomsky. Foi um período de recuperação econômica, e alguns de seus benefícios chegaram até aos trabalhadores, com a colaboração dos sindicatos. Foi o advento do planejamento que provocou, inexoravelmente, a desintegração total dos sindicatos, que se anexaram à máquina estatal. A organização e remuneração do trabalho eram um elemento importante em qualquer plano econômico. O Narkomtrud havia, já a essa época, sido transformado num auxiliar dos sindicatos. Foi o conselho sindical central, e não o Narkomtrud, que participou das principais discussões sobre diretrizes lado a lado com os órgãos econômicos responsáveis pelos outros elementos do plano. Mas todos estavam igualmente sujeitos à autoridade suprema do Politburo e executavam as suas decisões; em meados da década de 1920 os altos funcionários sindicais eram, quase invariavelmente, membros do partido, sujeitos diretamente à disciplina partidária. Com o passar do tempo, porém, Tomsky e outros colegas seus começaram a ficar cada vez mais inquietos, sob as pressões impostas aos trabalhadores industriais pelo plano, e o abandono de tradições sindicais. Não foi totalmente paradoxal o fato de que os sindicatos tivessem de colocar-se em oposição às políticas de expansão. Quando o comitê central do partido se reuniu em julho de 1928, Tomsky uniu-se a Bukharin e Rykov para formar a minoria de três no Politburo que tentavam reduzir o ritmo da industrialização.

O investimento, que aumentava rapidamente, na indústria e sobretudo na indústria pesada, inflacionou a procura de produtos agrícolas e industriais, cuja oferta era escassa. A crise da tesoura, de 1923, havia demonstrado a impraticabilidade de deixar que as condições de troca fossem reguladas pelo livre jogo do mercado. Essa lição foi aprendida, e o controle dos preços tornou-se um item permanente na política. O controle dos preços agrícolas era, teoricamente, exercido através das coletas oficiais de produtos agrícolas a preços fixos. Mas, a partir do inverno de 1927-28, o abastecimento de cereal pelos produtores, aos preços oficiais, foi feito de maneira insuficiente, e em grande parte graças a métodos de compulsão, e foram complementados pelas compras, a preços mais altos, no mercado privado. O controle dos preços industriais foi mais efetivo, mas apresentou problemas de grande complexidade. A partir de 1926, e em meio às crescentes pressões de industrialização, a política de preços tornou-se objeto de uma controvérsia permanente. Todas as grandes indústrias estavam agora em mãos do Estado, e por isso o controle dos preços de atacado era bastante direto. Desde a crise da tesoura a política de conter os preços industriais, a fim de manter a ligação com o campesinato, era parte integral da doutrina do partido. Solicitações de aumento para os preços de atacado, e com isso para um aumento da lucratividade da indústria estatal, foram feitas pela oposição em 1926 e 1927, e foram rejeitadas, com indignação, como

prova da indiferença da oposição para com o camponês. As sucessivas variações do plano quinquenal baseavam-se em estimativas dos menores preços dos produtos industriais.

O controle dos preços de atacado não teve, porém, correspondência num controle igualmente eficiente dos preços de varejo. Observou-se frequentemente que um regime de preços de atacado rigorosamente controlados, combinado com a oscilação dos preços de varejo, simplesmente ampliava o que se tornou conhecido como "a tesoura dos preços de atacado e de varejo", e aumentou os lucros indesejáveis dos intermediários. Os preços de varejo haviam sido fixados desde 1924 para um número crescente de mercadorias padronizadas (ver p. 60 *supra*). Esses preços, aceitos com bastante má vontade pelo Estado e pelas lojas cooperativas e organizações de vendas deveriam ser obrigatórios para os negociantes privados. Mas assegurar o respeito a eles era difícil, e os resultados, desiguais. As medidas de política, e a vigorosa propaganda contra os impopulares "homens-NEP", tiveram maior êxito nas cidades do que no campo, na contenção do comércio privado. Os preços eram fixados sem relação com a disponibilidade ou escassez dos produtos. Um decreto de julho de 1926 pedia uma "redução dos preços de varejo dos produtos da indústria estatal que estão escassos". Durante 1927 uma série de ordens e decretos determinavam a redução de 10% nos preços de varejo das mercadorias padrões, predominantes a 1º de janeiro; e embora esse objetivo ambicioso não fosse realizado, alguns preços foram rebaixados, e muitos dos homens-NEP tiveram de encerrar suas atividades, durante aquele ano.

Os resultados dessas reduções mostraram-se, na prática, quase que totalmente ilusórios. Eles não melhoraram a capacidade real do camponês, ou do trabalhador industrial, de adquirir bens industriais, já que foram acompanhados de uma escassez, agora crônica, de abastecimento tanto na cidade como no campo. Os níveis de preços já não eram um índice significativo da situação econômica. O ano de 1927 viu o início de um declínio, progressivo e prolongado, nos padrões de vida, devido às pressões da industrialização e à absorção dos recursos disponíveis para o desenvolvimento planejado da indústria pesada. Embora a disparidade entre os preços oficiais e os preços do mercado negro fosse menos extrema em relação aos produtos industriais do que aos agrícolas, isso pouca vantagem trouxe para o consumidor, já que a escassez de bens de consumo era tão séria quanto a escassez de alimentos. O consumidor, qualquer que fosse a sua categoria, tinha de suportar uma parcela pesada da industrialização. O avanço da indústria, concentrada principalmente na produção não de bens de consumo, mas dos meios de produção, impunha exigências cada vez mais duras ao camponês, ao trabalhador, a todos os aspectos da economia. A apatia e a resignação, e não a resistência ativa, parecem ter sido o estado de espírito daqueles que arcavam com os ônus principais. Mas os industria-

lizadores continuaram a acreditar apaixonadamente que a realização valia o seu custo, e que este poderia ser assumido voluntariamente, ou imposto aos que não o desejassem suportar.

Durante 1928 começaram a surgir dúvidas no próprio Politburo. O choque de opiniões que ocorreu na sessão do comitê central do partido, em julho de 1928 (ver capítulo anterior) girou ostensivamente sobre a política agrícola e a pressão sobre o camponês. A questão subjacente foi o ritmo da industrialização, pelo qual essa política foi determinada. Foi significativa a divisão que então se revelou no comitê, entre uma maioria no Politburo, comprometida com a industrialização forçada, e uma minoria dissidente, constituída de Rykov, Bukharin e Tomsy, que buscava relaxar as pressões gerais, diminuindo o ritmo da industrialização. Em fins de setembro, Bukharin expôs suas opiniões num importante artigo no *Pravda*, intitulado "Notas de um economista". Partindo da crise do cereal, ele lançou um ataque total contra os planos de industrialização vigentes, que destroçam o equilíbrio entre a agricultura e a indústria, e o elo com o campesinato estabelecido pela NEP. O investimento na indústria estava sendo acelerado, de maneira absurda e incongruente, frente à escassez de materiais, e não apenas de cereal, mas também de produtos industriais de todos os tipos. Devia-se permitir que a agricultura acompanhasse a indústria, e o desenvolvimento industrial deveria fazer-se "sobre a base proporcionada por uma agricultura que crescesse rapidamente". Bukharin afirmava aceitar as proporções da industrialização já conseguida. Mas as pressões eram agora intoleráveis e o ritmo não deveria ser intensificado. Ele terminou criticando a "pressão louca" prevista nos esboços existentes do plano quinquenal.

"Notas de um economista", o último pronunciamento público da oposição à política de concentração total na industrialização, e a última ação de retaguarda em defesa da NEP, foi violentamente atacada tanto pelos economistas oficiais como por Trotski e seus partidários. A prioridade para a agricultura já não era um tema aceitável. Bukharin, que a essa altura partia em férias para o Cáucaso, voltou em tempo para uma sessão crucial do comitê central do partido, em novembro. O Vesenkha, sob a direção de Kuibyshev, continuou a exigir um investimento de capital cada vez maior na indústria. A palavra de ordem, de "alcançar e superar" o Ocidente, já havia sido lançada pelos industrializadores. Stalin focalizou esse tema num importante discurso ante o comitê. A tecnologia, argumentou ele, estava "simplesmente avançando" nos países capitalistas adiantados: "Ou conseguimos isso, ou eles nos destruirão." Citou Pedro, o Grande, cuja construção febril de fábricas, para atender às necessidades da defesa, constituía "uma tentativa para superar a estrutura do atraso". Foi o atraso da economia soviética, especialmente de seu setor agrícola, e o isolamento da URSS, que fez disso "uma questão de vida ou morte para o nosso desenvolvimento". O comitê aprovou uma cifra de 1 bilhão e 650 milhões

de rublos para investimento na indústria, durante o ano. Bukharin resistiu debilmente, apresentou e em seguida retirou sua renúncia, não questionou a decisão e finalmente participou da redação da resolução. Sua derrota foi disfarçada por uma mostra de concordância e reconciliação, mas foi inequívoca. A vitória da industrialização foi selada com a conclusão do primeiro plano quinquenal e sua apresentação ao Congresso dos Sovietes da União, em maio de 1929.

## O Primeiro Plano Quinquenal

O período que vai da publicação dos primeiros números de controle da Gosplan, em agosto de 1925, até a aprovação do primeiro plano quinquenal em maio de 1929, foi de progresso ininterrupto dos princípios e práticas do planejamento. Em meados do período, o centro de interesse transferiu-se dos números de controle anual para o plano quinquenal, o que implicou um reexame intencional da política econômica soviética e das perspectivas do desenvolvimento econômico a longo prazo. Os pronunciamentos do partido focalizavam, de tempos em tempos, os objetivos do plano. O XIV Congresso, em dezembro de 1925, proclamou o objetivo da "auto-suficiência econômica", o que significava transformar a URSS "de um país que importa máquinas e equipamentos num país que produz máquinas e equipamentos". A conferência partidária, no outono seguinte, pediu "a reconstrução da economia à base de uma tecnologia nova e mais adiantada". O princípio de prioridade para a criação de meios de produção, e não de bens de consumo, foi questionado, de tempos em tempos, pelos que procuravam reduzir o ritmo da industrialização. E em 1927-28 a produção de bens de consumo ampliou-se para atender às necessidades do mercado camponês. Foi, porém, uma reação temporária a uma emergência. A conferência do partido em abril de 1929, que finalmente aprovou o plano, colocava em primeiro lugar na lista de objetivos "o desenvolvimento máximo da criação dos meios de produção como base da industrialização do país".

O primeiro esboço experimental da Gosplan, de um plano quinquenal, em março de 1926, ocupava-se principalmente da indústria estatal — o único setor da economia que ainda estava sob controle dos planejadores. Ele previa os aumentos anuais na produção industrial a taxas que iam de 40% no primeiro ano, quando ainda havia uma capacidade ociosa a ser aproveitada, a 15% no quinto ano — a chamada "curva de atenuação" do crescimento. O investimento na indústria deveria passar de 750 milhões de

rublos, no primeiro ano, para 1 bilhão e 200 milhões, no quinto. O esboço atraiu pouca atenção nos níveis superiores, mas ainda assim foi considerado mais como um exercício teórico do que como uma série de propostas práticas. O segundo plano da Gosplan, um ano depois, era muito mais detalhado e requintado, dedicando capítulos distintos aos diferentes setores da economia. Suas estimativas do crescimento industrial foram consideravelmente mais modestas do que as de seu predecessor; e a previsão de que a força de trabalho industrial aumentaria em 1 milhão de trabalhadores durante a vigência do plano foi reduzida em mais da metade. Por outro lado, suas exigências de um investimento crescente na indústria foram aumentadas. Fundos adicionais para a expansão da indústria deveriam ser proporcionados pela redução dos custos da produção através de um aumento na produtividade do trabalho, e muito se devia esperar da campanha travada pelas autoridades para provocar a baixa dos preços. O planejamento havia-se transformado numa questão crítica, e o plano de março de 1927 provocou uma acerba controvérsia. Na Gosplan, o economista bolchevique Strumilin, o principal arquiteto do plano, teve de enfrentar o cauteloso ex-menchevique Groman. Foi atacado pelos economistas do Narkomzem e Narkomfin como uma fantasia perigosa, e por Kuibyshev, no Vesenkha, como indevidamente tímido. A oposição colhida de surpresa pela acentuada modificação na linha oficial no sentido da industrialização rápida limitou-se à acusação de que a conversão ao planejamento se fazia tarde demais para ser eficiente.

A partir de então, a pressão para aumentar as metas do planejamento foi permanente. A oposição, em sua plataforma de setembro de 1927 (ver p. 110 *supra*) condenou as propostas da Gosplan como mesquinhas e inadequadas; um ano antes, numa discussão dos dados de controle na Academia Comunista, os porta-vozes da oposição superaram os da Gosplan e do Vesenkha, na exigência de uma taxa superior de industrialização. Em outubro de 1927 a Gosplan apresentou o terceiro esboço do plano que, conciliando tanto os que tinham dúvidas como os otimistas, apresentava números "básicos" e "máximos". Os segundos representavam um progresso substancial, tanto na produção como no investimento industrial, em relação às estimativas do segundo projeto de plano. O Vesenkha assumiu a administração e produziu estimativas bem superiores às da Gosplan, o que levou esta, mais uma vez, a rever suas estimativas no sentido ascendente. O progresso deteve-se momentaneamente em virtude das hesitações dos líderes do partido. No momento de crise na luta contra Trotski e a oposição, teria sido embaraçoso aceitar claramente a sua exigência de industrialização mais rápida, e era inoportuno levantar com demasiada insistência questões em relação às quais existiram diferenças tácitas de opinião entre os líderes. Quando o comitê central do partido se reuniu em fins de outubro para aprovar "Diretivas para o Preparo do Plano Quinquenal", para

apresentação ao próximo congresso do partido, o texto, embora evidenciando um entusiasmo irrestrito pelo plano, traía uma relutância notável em adotar uma posição em relação a qualquer dos problemas controversos. Era necessário estabelecer um equilíbrio entre "os interesses da acumulação" e "a economia camponesa", entre a indústria pesada e a indústria leve. Uma "transferência máxima de recursos da segunda para a primeira foi rejeitada como uma "violação do equilíbrio de todo o sistema econômico". Uma "taxa máxima de acumulação" no ano corrente não era necessariamente uma garantia do desenvolvimento mais rápido a longo prazo. Não houve qualquer tentativa de pronunciar um julgamento sobre nenhuma das variantes da Gosplan e o projeto do Vesenkha. Foi essa a sessão que expulsou Trotski e Zinoviev do comitê (ver p. 111 *supra*). Os poucos porta-vozes da oposição que ainda restavam atacaram essas "diretivas" vagas que não continham um único número. Mas foram interrompidos e impedidos de falar, aos gritos, pela maioria.

O congresso do partido em dezembro de 1927 marcou a importância do plano quinquenal, dedicando sete reuniões ao seu debate. Bukharin, cujas recomendações de "industrialização a passo de lesma", no congresso realizado dois anos antes, foram cruelmente lembradas por um delegado, não falou. Um poucas vozes pessimistas levantaram-se, mas foram afogadas pelo entusiasmo geral pelo princípio do plano. Alguns partidários ardorosos da industrialização criticaram a timidez da Gosplan, e elogiaram o Vesenkha como o vencedor da corrida. Os líderes do partido foram, porém, moderados, notadamente em suas referências à agricultura (ver capítulo anterior). O congresso satisfez-se com a aceitação das "diretivas" cautelosas preparadas pelo comitê central do partido algumas semanas antes, e não procurou traduzir o entusiasmo pelo plano em termos estatísticos. O principal problema do congresso era derrotar e expulsar a oposição. Nenhuma questão controversa deveria prejudicar a unanimidade da maioria do partido, na realização dessa tarefa. A única decisão positiva tomada foi a de preparar o plano, em tempo, para a sua apresentação ao próximo Congresso dos Sovietes da União, na primavera de 1929.

Uma vez esmagada a oposição, e expulsos de Moscou e dispersos os seus líderes, as inibições que haviam contido os altos líderes partidários desapareceram. O novo estado de espírito refletiu-se na dureza das "medidas extraordinárias" aplicadas nas coletas de cereais dos primeiros meses de 1928. Até então, a principal força propulsora do plano quinquenal parecia vir das figuras secundárias do partido, abrigadas na Gosplan e no Vesenkha, que procuravam convencer os líderes da possibilidade de executar seus projetos ambiciosos. Stalin, em particular, manteve seu papel favorito de moderador entre dois extremos. A partir de então tornou-se claro que o peso de todo o partido estava por trás de toda revisão ascendente das estimativas: a força propulsora passou a vir do Politburo e do

autorizadas. A partir de 1928 o trator desempenhou um papel importante nos programas para a modernização e coletivização da economia camponesa. Foi a principal contribuição do primeiro plano quinquenal para a promoção da produção agrícola.

A indústria de armas raramente era mencionada nas discussões públicas do plano quinquenal. Depois da guerra civil, o Exército Vermelho foi esquecido durante alguns anos. Mas em 1926 foram tomadas medidas para fortalecê-lo e reequipá-lo e, depois do alarma da primavera de 1927, o reconhecimento da base industrial do poderio militar tornou o plano industrial, com sua ênfase na indústria pesada, um assunto de interesse militar. Os acordos militares secretos com a Alemanha devem ter proporcionado um estímulo, e um plano quinquenal secreto, e à parte, existiria para as indústrias de guerra. A indústria aeronáutica liderou o caminho, sendo seguida pela produção de tanques. Grande importância foi atribuída ao desenvolvimento de uma indústria química moderna, que atendia tanto às necessidades militares como às agrícolas, e os encarregados dela diziam que desempenhava um papel comparável ao da eletricidade na modernização da economia.

Uma empresa que estava em realização antes do início do plano e que, ao contrário de outros grandes projetos, não dependia da importação de materiais e equipamentos, ou de conselheiros técnicos estrangeiros, era a construção da estrada de ferro Turksib, ligando a Ásia central e o Casaquistão à Sibéria. A Ásia central era uma área rica em algodão. Mas suas comunicações eram precárias, e a abertura de uma nova saída para o seu algodão não beneficiado destinava-se a tornar a indústria têxtil da URSS independente das importações do exterior. Por outro lado, a Ásia central tinha uma produção inadequada de alimentos e não produzia madeira: a nova ferrovia permitiria abastecê-la de cereal e madeira diretamente das áreas produtivas na Sibéria, e aliviaria a pressão sobre os abastecimentos da Rússia européia. Os engenheiros russos tinham ampla experiência na construção ferroviária. As alocações orçamentárias foram feitas e a construção de 1.500 km de linhas em terreno difícil processou-se com poucos problemas. A estrada foi aberta ao tráfego regular em 19 de janeiro de 1931.

Um importante problema de planificação, que foi constantemente debatido e por vezes retardou decisões vitais, foi a localização das novas indústrias. A questão dependia, até certo ponto, das vantagens práticas relativas de diferentes localizações. Mas o principal problema vinha das rivalidades locais, e foi mais intenso na indústria do ferro e do aço, em parte porque ela absorvia uma parcela tão grande do investimento de acordo com o plano, e em parte porque os ucranianos travaram uma batalha árdua para conservar o predomínio na produção do ferro e do aço, que haviam conseguido desde a década de 1890, principalmente pela proximidade de grandes jazidas de carvão. Suas pretensões foram contestadas por

uma grande escola de "orientalistas", que procuravam reviver a outrora florescente indústria do ferro e do aço nos Urais, e estabelecer novos centros de produção na Sibéria. Em 1927 vários projetos rivais estavam sendo defendidos e investigados. O primeiro, cujo planejamento estava mais adiantado, era o de um novo complexo de ferro e aço, de grandes proporções, em Krivoi Rog, na Ucrânia. O segundo foi um projeto de dimensões comparáveis em Magnitogorsk, nos Urais. Este teria de receber seus fornecimentos de carvão coque por estrada de ferro da bacia de Kuznetsk, a 2.000km de distância, local onde havia sido proposta a construção de uma terceira e grande usina de ferro e aço. Além destas, uma grande fábrica de implementos de engenharia estava planejada para Sverdlovsk, nos Urais, e outra usina de ferro e aço em Zaporozhie, nas vizinhanças da represa do Dniéper. Mas o projeto de Krivoi Rog foi adiado até o fim do primeiro plano quinquenal; e os aumentos progressivos no investimento planejado durante 1928 representaram, no todo, uma vitória para a ambição dos "orientalistas", de estender o poder e a atividade soviéticos aos espaços vazios da Sibéria, e desenvolver e povoar essas regiões subutilizadas. O medo de guerra, em 1927, intensificou poderosamente a preocupação dos planejadores em localizar os futuros centros das indústrias vitais soviéticas em áreas menos vulneráveis do que a Ucrânia.

Embora o impulso de industrialização fosse o centro do plano, este se destinava à totalidade da economia, e não podia ter menores proporções. O principal tropeço, e reconhecido de todos, era a agricultura. Como Rykov observou certa vez, o plano estava "à mercê de uma chuvarada", e a escolha do período de cinco anos para o planejamento justificava-se pelo argumento de que dentro desse período as boas e más colheitas se equilibrariam, e que os cálculos baseados numa média seriam, então, válidos. Mas um obstáculo ainda maior era a imprevisibilidade do comportamento do camponês. A família camponesa, em sua pequena propriedade, em grande parte auto-suficiente a um nível de subsistência tradicionalmente baixo, podia isolar-se da economia nacional e frustrar os cálculos dos planejadores. Era o problema de recolher o cereal e levá-lo às cidades e fábricas, tanto quanto o problema de produzi-lo, que preocupava as autoridades em meados da década de 1920. O impacto do plano sobre o camponês tinha, portanto, dois aspectos. Buscava colocar a produção da agricultura camponesa dentro do âmbito dos seus prognósticos e diretivas. Mas também visava a substituir os primitivos métodos de cultivo até então adotados, pelas máquinas e implementos modernos. Os tratores eram apenas a mais avançada e mais ambiciosa ferramenta que a indústria podia fornecer, a fim de promover o cultivo mais eficiente do solo. A criação dos meios de produção para a agricultura poderia parecer uma parte insignificante do programa de industrialização, mas a produção agrícola era a base de todo o plano. Um importante funcionário, no congresso do partido em dezembro de

1927 pediu um aumento na produção de cereais, de 30 a 40%, nos cinco anos seguintes, e de 100% em dez anos. O número de 35% foi finalmente incluído no plano quinquenal.

As exigências da industrialização tornaram obsoleto o conceito do financiamento estatal como o critério de exequibilidade da política econômica. Desde a estabilização da nova moeda em 1924, o Narkomfin fora responsável pelo preparo, não só do orçamento anual que controlava a despesa do Estado, mas também do plano trimestral de crédito que regulava o seu fornecimento através dos bancos e a taxa de emissão de moeda. Quando a industrialização planejada se tornou a meta permanente, esses elementos vitais da economia não poderiam passar despercebidos aos planejadores. Tornou-se claro que a restrição do crédito que teria sido necessária para manter uma moeda internacional estável, baseada no ouro, era incompatível com a expansão da indústria. Não houve dúvida quanto à escolha. Já em 1925, quando o orçamento estava rigorosamente equilibrado, a expansão do crédito para a indústria, e o conseqüente aumento na emissão de dinheiro enfraqueceu a confiança nos "chervonets", cuja paridade com o ouro já não podia ser mantida nos mercados internacionais. No verão de 1926 a exportação dos "chervonets" e as transações com eles, no exterior, eram proibidas; e a moeda tornou-se, desde então, um meio exclusivamente interno de troca, sujeita à manipulação imposta pelos interesses da economia. O abandono do padrão-ouro, depois de menos de dois anos, foi um golpe ao prestígio soviético, e os crescentes sintomas de inflação provocaram alarma. O Narkomfin conseguiu, por mais um ano, manter certo controle sobre o crédito, mas a pressão para intensificar o ritmo da industrialização aumentava continuamente. Sua limitação a uma camisa-de-força imposta pelo Narkomfin era totalmente inaceitável.

Antes do término de 1927 a batalha havia sido vencida pelos planejadores e as políticas tradicionais de controle financeiro tornaram-se obsoletas. Estabeleceu-se que o orçamento do Estado estaria relacionado com os dados de controle da Gosplan, e o orçamento, juntamente com os níveis de crédito e emissão de moeda, tornou-se efetivamente uma parte do plano quinquenal. As operações financeiras ficaram sujeitas à disciplina do plano, e proporcionou-se crédito aos projetos industriais aprovados pelo Vesenkha e pela Gosplan, mesmo com as previsões do Narkomfin, de suas conseqüências inflacionárias. O estado de espírito era de uma confiança sem limites. As mais ousadas expectativas pareciam ter sido ultrapassadas. O investimento na indústria em grande escala, sob controle do Vesenkha, para 1927-28 chegou a 1 bilhão e 300 milhões de rublos — um aumento de mais de 20% em relação ao ano anterior. A produção industrial planejada pelo Vesenkha teria aumentado em mais de 25%. Quando os contornos do primeiro plano quinquenal começaram a tomar forma final, no outono de 1928, um investimento de 1 bilhão e 650 milhões de rublos foi projetado

para 1928-29. Em outubro de 1928 Pyatakov, conhecido como um "superindustrializador", ex-membro da oposição, que a havia abandonado, foi nomeado vice-presidente do Banco do Estado, do qual se tornaria presidente em princípios de 1929. A nomeação indicava a disposição de ampliar o crédito aos limites que fossem necessários para financiar a produção industrial. O investimento de capital total na indústria foi fixado por um processo de discussão entre a Gosplan, o Vesenkha e as autoridades superiores do partido. O fornecimento de fundos para atender a essa procura era uma questão administrativa. Embora o plano estivesse preparado em termos de finanças estatais, o Narkomfin tornou-se, com efeito, um departamento criador de receitas, que já não controlava a despesa.

As fontes de financiamento convencionais para o desenvolvimento industrial foram ansiosamente exploradas. A tributação direta — o imposto industrial sobre o setor privado, o imposto agrícola e um imposto de renda — quase duplicou, em termos monetários, entre 1926 e 1929. Mas a tributação indireta era mais importante. O imposto de consumo, que mais do que duplicou nesse período, representava um terço de toda a receita tributária. O imposto sobre os artigos de consumo eram um tributo sobre os mais pobres, e as grandes receitas do monopólio da vodka perturbaram algumas consciências no partido. Mas as fontes alternativas de receitas eram poucas. A partir de 1927 uma série de empréstimos estatais foram levantados, cuja subscrição, apesar dos protestos oficiais em contrário, adquiriram logo um caráter semicompulsório. Através desses meios, o Narkomfin pôde, a cada ano, apresentar um orçamento equilibrado. O financiamento do déficit teria sido considerado como inadmissível. Mas atrás dessa fachada convencional, as finanças haviam sido destronadas de seu papel regulador, e créditos adicionais foram lançados na economia pelo Banco do Estado. O dinheiro tornou-se, gradualmente, um simples meio de troca e uma unidade contábil — um prenúncio do momento em que desapareceria totalmente da sociedade comunista futura. Mas, à parte as distribuições orçamentárias e os créditos do Banco do Estado, supunha-se que os fundos para investimento na indústria seriam proporcionados pelos lucros da própria indústria. Tendo em vista as exigências irresistíveis de contenção dos preços, a única forma de conseguir isso era reduzindo os custos de produção. Esse havia sido o objetivo coerente das campanhas pelo "regime de economia", pela racionalização e maior produtividade do trabalho (ver pp. 104-106). As estimativas da produtividade haviam aumentado, em cada versão sucessiva do plano quinquenal; e o aumento planejado era maior no setor de bens de capital do que na indústria como um todo. O plano finalmente adotado em sua variante ótima previa um aumento de produtividade, durante os cinco anos, de 110% e uma redução dos custos em 35%. Oferecia ao trabalhador a perspectiva de um aumento nos salários reais de 47% e uma redução no preço de varejo de 23%. Mas essas

estimativas parecem ter-se baseado não em qualquer avaliação realista do problema, mas no desejo de tornar o plano estatisticamente coerente, e eram antes um indício da imensa pressão imposta pelo plano ao trabalhador industrial do que de qualquer perspectiva de sua realização.

A adoção do primeiro plano quinquenal representou um marco na história soviética. A essência da NEP havia sido proporcionar uma certa margem de liberdade à economia camponesa. Teria sido pouco político anunciar a sua derrota. Stalin argumentou que a NEP, embora proporcionando "uma certa liberdade ao comércio privado", também havia afirmado "o papel de controle do Estado sobre o mercado". O objetivo da NEP era "assegurar a vitória do socialismo". Negou-se oficialmente que a NEP tivesse sido abolida. Continuava existindo ainda um livre mercado nos produtos da indústria privada, de pequena escala, e acima de tudo na agricultura. Mas a subordinação de todas as principais atividades econômicas aos ditames do plano, e as pressões cada vez mais duras sobre o camponês, tornavam anômalos e precários esses resquícios da NEP. Tais resquícios foram tolerados enquanto era conveniente tolerá-los, mas pareciam ter pouca importância. A parcela do setor privado na renda nacional, que havia ultrapassado 50% em 1926-27, caiu a proporções insignificantes ao término do plano quinquenal. O prestígio do plano, e da URSS como protagonista do planejamento, foi fortalecido pela crise econômica que ocorreu no mundo capitalista no outono de 1929. A impressão geral, não só na URSS, foi a de que a previsão marxista de um colapso da ordem capitalista sob o peso de suas contradições inerentes, se havia justificado. A imunidade da URSS em relação a alguns dos piores sintomas da crise — notadamente o desemprego — estimulou a convicção crescente de que nenhuma economia nacional poderia deixar-se ficar à mercê das leis férreas do mercado. O plano quinquenal soviético, embora as condições de sua adoção e operação não fossem muito estudadas ou compreendidas, parecia constituir-se num modelo pioneiro. A busca de um elemento de planificação nas economias dos países capitalistas aumentou, em toda a parte, e influiu substancialmente nas atitudes ocidentais para com a URSS.

## 16

# A Coletivização do Camponês

As preocupações intensas com a crise de cereais, na primavera de 1929, foram disfarçadas pelas complacentes profissões de fé em relação ao futuro. Previu-se, à base da sementeira da primavera, uma boa colheita. Uma grande produção era prometida pelos colcoses e sovcoses, e uma proporção maior da colheita seria comercializada. Foi adotado novo procedimento na coleta de cereal. Altas quotas foram fixadas antecipadamente para entregas das diferentes regiões aos órgãos coletores. As quotas eram atribuídas aos distritos e aldeias e dentro destas pressionava-se o *kulak* para que arcasse com o ônus principal dessa quota. Quando a colheita de 1929 estava em andamento, brigadas de funcionários e membros do partido, de trabalhadores e sindicalistas, foram enviados de Moscou, Leningrado e centros provinciais para supervisionar e estimular a coleta. O número de pessoas empregadas nessas operações só podia ser estimado. Mas o território era vasto, e estimativas que vão de 100 mil a 200 mil não são absurdas. Os camponeses — não apenas os *kulaks*, mas qualquer camponês que tivesse cereal que pudesse ser considerado como excedente às suas próprias necessidades — reagiram à campanha com complicadas medidas de ocultação e esforços frenéticos de vender no mercado livre. A ocultação era um crime, e a linha entre o "comércio", que era legal, e a "especulação", que não era, dificilmente se podia estabelecer. As represálias foram aplicadas de maneira generalizada, e arbitrariamente. O não-preenchimento das quotas era considerado uma infração passível de punição. Os *kulaks*, ou supostos *kulaks*, eram multados, condenados à prisão, ou simplesmente expulsos das aldeias. Ocorreram cenas de violência e brutalidade. Graças a esses meios, as quotas foram preenchidas, e por vezes ultrapassaram a previsão. Mas tais resultados foram conseguidos em condições de hostilidade franca entre as autoridades e os camponeses, entre a cidade e o campo. Dizia-se que os camponeses pobres teriam aplaudido medidas tomadas contra os *kulaks*. Mas, em sua maior parte, a solidariedade entre os camponeses predominou, e os *kulaks*

e camponeses pobres uniram-se para frustrar as coletas. As expectativas do partido, de insuflar a guerra de classes no campo, não se confirmaram.

Foi nessas condições pouco propícias que as exigências de uma organização coletiva da agricultura foram formuladas com insistência, não mais como uma perspectiva distante, mas como uma solução das dificuldades existentes. O trator era visto, de há muito, como a chave da coletivização. No outono de 1927 o grande sovcós Shevchenko, na Ucrânia, conseguiu adquirir 60 ou 70 tratores, que foram organizados em "colunas de tratores" para trabalhar seus campos, e os campos dos colcoses ou propriedades camponesas vizinhas. O exemplo foi imitado em outras partes; e em 1928 Shevchenko criava a primeira Estação Mecânica de Tratores (EMT) com um parque de tratores a serem alugados aos colcoses e sovcoses da região. Em junho de 1929 um escritório central, Traktortsentr, foi criado em Moscou para organizar e controlar uma rede de EMTs estatais. Os preconceitos dos camponeses contra a inovação, e talvez contra a proporção da intervenção estatal, foram difíceis de superar. Os tratores eram por vezes denunciados como trabalho do anticristo. O êxito da experiência parecia limitar-se, porém, principalmente em razão da oferta dos tratores: no outono de 1929 apenas 35 mil, a maioria de fabricação norte-americana, estavam em operação em toda a URSS. Em toda a parte em que chegou, o trator constituiu-se num poderoso agente da coletivização.

O renascimento dos colcoses, iniciado em 1927, levou a princípio a uma proliferação dessas organizações, pequenas e mal estruturadas, cujo desempenho era insatisfatório. Em meados de 1928 houve uma tendência em favor dos grandes colcoses, definidos como a fazenda com uma área semeada de 2 mil hectares, suficientemente grande para ser trabalhada com tratores. Mas nesse momento os colcoses foram superados pelos sovcoses. No comitê central, em julho de 1928, Stalin defendera a criação de sovcoses de grande escala, produtores de cereais, considerados como "fábricas de cereais", operando em linhas industriais. O protótipo dos novos sovcoses recebeu o nome adequado de Gigante, e cobria 41 mil hectares de terra até então em grande parte não cultivada na região do Norte do Cáucaso. Ele foi seguido de fazendas semelhantes no Volga, Ural e Sibéria. O trator e a EMT eram pré-requisitos indispensáveis para essa operação, que mais tarde seria, ocasionalmente, criticada como "gigantomania". Quando a coletivização começou a sério, o entusiasmo pelos sovcoses diminuiu, e eles foram, mais uma vez, eclipsados pelos colcoses.

Um problema debatido com animação nos círculos partidários foi a questão do que fazer com o *kulak*, ou o camponês como tal classificado pelas autoridades, o camponês que habitualmente cultivava as maiores e melhores glebas da aldeia, estava melhor equipado com animais e máquinas, produzia e conservava os maiores excedentes de cereais e oferecia a maior oposição à política soviética, inclusive a de coletivização. As opi-

niões dividiam-se acentuadamente. Se o *kulak*, juntamente com sua terra e seus bens, fossem incorporados ao colcós ele faria uma importante contribuição para a sua produção e eficiência — era o que diziam certos membros do partido. Mas outros contestavam que ele também exerceria uma influência dominadora sobre ele, e o orientaria em direções hostis aos propósitos do partido e do Estado. Se, porém, fosse excluído do colcós o que seria feito dele? Não poderia permitir que conservasse sua terra e seus bens, e constituísse com eles uma unidade de produção independente, lado a lado com o colcós. Ele teria de ser expulso da região, uma medida dura, que poucos estavam, a princípio, inclinados a tomar. Nenhuma solução aceitável poderia ser encontrada.

Durante todo o verão e outono de 1929 aumentou a pressão no centro, de uma coletivização cada vez maior. Mas suas suposições continuavam sendo feitas, mesmo pelos mais entusiastas de seus promotores. A primeira, fosse qual fosse a pressão exercida pelas autoridades locais sobre os camponeses, era a de que a coletivização seria voluntária. A segunda, fosse qual fosse a ênfase atribuída à premência da operação, era a de que ela exigiria pelo menos alguns anos para a sua conclusão. Ao final do ano, os líderes haviam abandonado ambas as suposições e mostraram-se dispostos, subitamente, a mergulhar na coletivização forçada e imediata da agricultura soviética como um todo. A modificação decisiva parece ter sido provocada por dois fatores. O primeiro foi o desespero provocado pelo pesadelo anual das coletas de cereais. À parte a perspectiva de maior produção, os colcoses poderiam ser obrigados, mais facilmente do que o camponês individual, a entregar o cereal às repartições coletoras. O segundo foi o entusiasmo inspirado pelo êxito da industrialização e pelas perspectivas do plano quinquenal. A agricultura era, afinal de contas, uma forma de indústria. Se forçar o ritmo da industrialização havia realizado as esperanças até mesmo dos mais otimistas, seria uma falta de confiança rejeitar a promessa de um ritmo forçado de coletivização. Uma disposição inabalável era a qualidade necessária para tomar de assalto a posição camponesa.

Stalin, como sempre, recusou-se a entrar na arena até que a questão estivesse esclarecida pelo debate e o momento da decisão estivesse maduro. De abril a novembro de 1929 ele permaneceu calado. Publicou então no *Pravda* o habitual artigo, no aniversário da revolução, sob o título "O ano da grande abertura". Depois de louvar triunfos da industrialização e o desenvolvimento da indústria pesada, Stalin voltava-se para a agricultura, que havia realizado "uma abertura fundamental, desde a pequena e atrasada economia *individual*, até a agricultura progressista em grande escala, *coletiva*". O camponês médio, dizia ele, "*havia entrado nos colcoses*". O *kulak* mal era mencionado. Em relação ao futuro, dizia:

Se o desenvolvimento dos colcoses e sovcoses se fizer num ritmo acelerado, não pode haver razões para duvidar de que em três anos

aproximadamente nosso país se terá tornado um grande país produtor de cereais, se não o maior do mundo.

O artigo encerrava uma visão do futuro e uma análise do presente, mas não pedia nenhuma ação imediata. Considerando seu caráter de pronunciamento comemorativo, era moderado e cauteloso. O partido ainda continuava na iminência de uma decisão que hesitava em tomar.

Na sessão do comitê central do partido, poucos dias depois, o tom foi ainda mais claro. Stalin reparou a omissão em seu artigo, referindo-se a uma "ofensiva em massa dos camponeses pobres e médios contra o *kulak*". Molotov foi o menos comprometido dos vários oradores que procuraram forçar o ritmo da coletivização. Rejeitou a estimativa do plano quinquenal (que havia, modestamente, previsto a coletivização de 20% da área semeada, durante os cinco anos) como uma projeção demasiado extensa: a maioria das regiões estaria totalmente coletivizada em 1931, e algumas delas no outono de 1930. O *kulak* foi denunciado como o "inimigo não derrotado", cuja penetração nos colcoses não devia ser permitida. Mas nenhum dos discursos foi publicado até que a coletivização já estivesse em processo, de modo que seu tom cada vez mais premente não foi conhecido do partido, ou do público. As resoluções aprovadas ao término da sessão eram menos precisas do que o pronunciamento de Molotov sobre datas, refletindo talvez o ceticismo entre alguns membros do comitê, mas pedia "uma ofensiva decisiva contra o *kulak*, contendo e isolando as tentativas que fazia para penetrar nos colcoses". O problema do que fazer com o *kulak* ainda não era enfrentado. Nas semanas que se seguiram, houve uma onda de relatórios entusiásticos dos órgãos partidários nas principais regiões produtoras de cereal, sobre o progresso da coletivização; e a 5 de dezembro de 1929 o Politburo nomeou uma comissão com instruções para apresentar dentro de duas semanas um projeto de decreto sobre a taxa de coletivização em várias regiões. A comissão incluía representantes das regiões, mas nenhum membro do Politburo, e era evidentemente considerada como um órgão técnico, e não político.

Os registros fragmentários da comissão, publicados muitos anos depois, talvez reflitam a confusão de seus métodos. Ela se decompôs em sub-comissões que defenderam muitas propostas ousadas, algumas das quais parecem ter criado a frase "a liquidação dos *kulaks* como classe". O projeto apresentado ao Politburo pela comissão a 22 de dezembro ainda era, porém, relativamente cauteloso. Propunha a coletivização das principais regiões produtoras de cereal em dois a três anos (estipulando que em certos distritos e regiões o progresso poderia ser mais rápido), e de outras regiões, em três a quatro anos. Havia uma advertência contra "um êxtase da imposição". Supunha-se que os *kulaks* não poderiam ser admitidos nos colcoses; seus meios de produção, isto é, suas máquinas e animais, seriam transferi-

dos para os colcoses e lhes seriam reservadas terras inferiores e distantes. Os *kulaks* recalcitrantes seriam expulsos da região; os que se submetessem poderiam ter permissão para trabalhar, em condições não definidas, nos colcoses.

Antes que o Politburo pudesse examinar o relatório da comissão, reuniu-se em Moscou uma conferência dos marxistas agrários. Stalin aproveitou a ocasião para seu primeiro discurso público em muitos meses. Foi o mais violento ataque já feito ao *kulak*. A "dekulakização", ou "a liquidação dos *kulaks* como classe", foi considerada como "um dos momentos mais decisivos de toda a nossa política". Aproximadamente na mesma ocasião, um membro atuante do partido na região de Kalmik, de nome Ryskulov, que havia sido membro da comissão do Politburo, criticou seu relatório numa nota dirigida àquele órgão. Foi um gesto estranho, que dificilmente teria sido praticado sem aprovação superior. Ryskulov pedia um aumento no ritmo da coletivização e a sua extensão às regiões produtoras de algodão e de animais, que haviam sido ignoradas no projeto, bem como a entrega, aos colcoses, dos animais, inclusive vacas leiteiras e aves, que o projeto havia proposto que ficassem em poder do camponês individual. O projeto foi revisto à luz dessas observações, e o novo texto aprovado pelo comitê central do partido a 5 de janeiro de 1930.

A resolução de 5 de janeiro de 1930 foi a chave de uma decisão no processo de coletivização. Proclamava "a substituição da grande produção dos *kulak* pela grande produção dos colcós", e a "liquidação dos *kulaks* como classe". A coletivização das principais regiões produtoras de trigo — o baixo e médio Volga, e o Norte do Cáucaso — deveria ser, "talvez na totalidade", concluída no outono de 1930, ou na primavera de 1931, e a das outras regiões produtoras de cereal no outono de 1931 ou na primavera de 1932. A oferta de tratores e máquinas devia ser intensificada, mas isso não foi considerado uma condição para a coletivização. Um parágrafo mal redigido determinava que, no período de transição, "os meios de produção fundamentais (animais e implementos, construções na fazenda, animais criados para venda)" deveriam ser atribuídos às cooperativas agrícolas dentro do colcós. O destino dos *kulaks* — evidentemente uma questão ainda controversa — não era solucionado. Uma nova comissão foi constituída, sob a presidência de Molotov, para examinar o assunto, e a 30 de janeiro de 1930 o Politburo aprovava uma resolução. Seu texto nunca foi publicado, mas sua substância estava bastante indicada pelo seu título, "Sobre as medidas para eliminar as famílias *kulaks* nos distritos de coletivização total".

O que aconteceu no campo no inverno de 1929-30 foi determinado não tanto pelos textos das resoluções, mas pelo caráter da operação organizada para colocar em prática as suas determinações. Durante o inverno, 25 mil trabalhadores industriais (que teriam sido escolhidos entre

70 mil voluntários) foram transferidos em caráter permanente para as áreas rurais. Eram simplesmente núcleo de um grande exército de ativistas do partido, funcionários, especialistas em agricultura, mecânicos de trator e pessoal do Exército Vermelho, dispersos pelo campo para conduzir o camponês para os novos colcosos. Uma considerável atenção foi dedicada à organização; expressões militares como "brigada", "quartel-general" e "estado-maior" foram usadas. Todos os participantes receberam instruções detalhadas. Em alguns lugares, foram criados cursos de instrução para os camponeses. Poucos, porém, dos responsáveis tinham qualquer experiência do campo, ou da vida e mentalidade camponesas. As próprias instruções eram confusas e contraditórias, e o excesso de zelo na sua interpretação parecia uma falta desculpável. A intenção proclamada de não aplicar a coação aos camponeses médios ou pobres frustrou-se logo. Como não se podia mostrar compaixão para com o *kulak*, que era tratado como inimigo do regime, qualquer camponês que resistisse à coletivização era passível de ser qualificado de *kulak*, ou de estar com ele mancomunado e sujeito às mesmas penalidades. Dezenas de milhares de *kulaks* foram expulsos de suas propriedades e residências, e deixados ao desabrigo, ou deportados para regiões remotas. Seus animais, máquinas e implementos eram entregues ao colcós. Poucos camponeses, de qualquer categoria, ingressaram voluntariamente no colcós. Os camponeses ressentiam-se principalmente da exigência de entregar seus animais. Muitos preferiram abatê-los a entregá-los. Durante toda a campanha, a distinção entre persuasão e compulsão foi muito tênue.

Uma característica da operação foi a exigência de colcosos cada vez maiores — uma extensão da "gigantomania" iniciada com os sovcoses. Colcosos gigantescos foram formados nas principais regiões produtoras de cereal, dos quais o maior compreendia 80 mil hectares. Mas o objetivo principal dessas fazendas as distinguia dos sovcoses, pois, mais do que colocar em cultivo terras virgens, elas pretendiam combinar os pequenos colcosos e propriedades camponesas existentes em grandes unidades. Esses colcosos, que poderiam incluir várias aldeias e vários milhares de famílias camponesas, eram passos, dados conscientemente, no caminho para a coletivização, significando que a totalidade de terra de determinada área era incluída num, ou em vários, colcosos gerais; tais localidades eram descritas como "áreas de coletivização total". Muita publicidade foi dada a uma petição do distrito de Khaber, na região do baixo Volga, para ser transformado em área de coletivização total, processo a ser concluído no período do primeiro plano quinquenal. Isso foi saudado como um exemplo. Mas dois sérios obstáculos impediam a expansão dos colcosos — sua impopularidade entre a maioria dos camponeses, que se apegavam tenazmente à posse de suas terras e animais, e o abastecimento inadequado de tratores e outras máquinas, os únicos que poderiam dar significado e

propósito à política de coletivização. Outro problema grave era uma deficiência de pessoal — tanto de membros do partido como de funcionários soviéticos tendo qualquer contato com o campo ou conhecimento de seus problemas, e de agrônomos, veterinários e mecânicos, essenciais para o sucesso de uma transformação tão grande.

A confusão generalizada, resultante desses procedimentos, e as desordens esporádicas entre o campesinato ameaçaram a semeadura da primavera e assustaram as autoridades. Um artigo de Stalin, publicado a 2 de março de 1930, intitulado "Estonteados com o sucesso", pedia uma pausa na coletivização. A pressão relaxou, e durante a primavera muitos camponeses que haviam sido forçados aos colcoses puderam deixá-los. A retenção das pequenas glebas individuais e de alguns animais passou a ser tolerada. O recuo parece ter sido feito a tempo de permitir que a semeadura se processasse de maneira mais ou menos normal. Essa medida feliz, combinada com as condições climáticas excepcionalmente favoráveis, explicam a colheita recorde de 1930, a maior desde a revolução. Mas o declínio acentuado no número de animais era pressago para o futuro, e a trégua foi breve. Os vigorosos golpes desfechados nos primeiros meses do ano haviam rompido a espinha dorsal da resistência camponesa, e destroçado a velha ordem do campo, além de qualquer possibilidade de reparação. O *kulak* tinha sido expulso ou esmagado. Nas áreas de coletivização total, o *mir* foi abolido formalmente por um decreto de 30 de junho de 1930. Quando o movimento de coletivização foi reiniciado em fins do ano, encontrou uma oposição menos ativa, e processou-se mais rapidamente. Em meados de 1931 dois terços de todas as propriedades, nas principais áreas produtoras de cereal, haviam sido incorporados aos colcoses, e o resto incorporou-se nos anos que se seguiram.

Os custos totais da transformação, porém, não tardaram a se fazer sentir. A produção fora desorganizada. Os produtores mais eficientes haviam sido afastados. Embora o abastecimento de tratores e máquinas aumentasse lentamente, os colcoses ainda não estavam equipados para substituir esses produtores. O que se havia tornado mais eficiente eram as coletas de cereal: foi extraída dos colcoses uma proporção da colheita superior ao que se havia obtido dos camponeses individuais. Os camponeses começaram a passar fome. Um número cada vez maior de animais era abatido, porque eles já não podiam ser alimentados. Más colheitas, em 1931 e 1932, coroaram a calamidade. O cereal continuava sendo inexoravelmente recolhido, até mesmo das áreas mais atingidas; e, no inverno seguinte, as regiões que tinham sido outrora as mais ricas produtoras de cereal foram vítimas de provação pior que qualquer outra experimentada 11 anos antes, quando do fim da guerra civil (ver p. 41 *supra*). O número dos que morreram de fome não pode ser contado. As estimativas variaram de 1 a 5 milhões.

A coletivização completou a revolução agrária iniciada em 1917 com a tomada das propriedades dos latifundiários pelos camponeses, mas que deixara sem modificações os velhos métodos de cultivo e modos de vida dos camponeses. A fase final, ao contrário da primeira, nada deveu à revolta camponesa espontânea. Stalin a chamou, muito adequadamente, de "revolução feita do alto", mas acrescentou, erroneamente, que havia sido "apoiada pela base". Nos 12 anos anteriores a agricultura havia permanecido um bolsão semi-independente na economia, funcionando segundo linhas próprias, e resistindo a qualquer tentativa, vinda de fora, de modificá-las. Foi essa a essência da NEP. Foi um meio-termo difícil que não durou. Quando uma poderosa autoridade central em Moscou tomou nas mãos o planejamento e a reorganização da economia, e tomou o caminho da industrialização, e quando se tornou evidente o fracasso da agricultura em atender, dentro do sistema existente, as necessidades de uma população urbana e industrial em rápida expansão, ocorreu logicamente o rompimento. Travou-se a batalha, e com grande tenacidade e acrimônia, de ambos os lados.

A ambição dos planejadores era aplicar à agricultura os dois grandes princípios da industrialização e modernização. Os sovcoses foram concebidos como fábricas de cereal mecanizadas. A massa dos camponeses deveria ser organizada em colcoses constituídos pelos mesmos modelos. Mas esperanças extravagantes de assegurar um abastecimento de tratores e outras máquinas suficientes para tornar esse projeto viável em termos práticos foram desfeitas. O partido nunca teve bases firmes no campo. Nem os líderes que tomavam as decisões em Moscou, nem o exército de membros e simpatizantes do partido, que foram para o campo para assegurar o cumprimento dessas decisões, tinham qualquer compreensão da mentalidade camponesa, ou qualquer simpatia pelas velhas tradições e superstições que eram o núcleo da resistência camponesa. A incompreensão mútua foi total. O camponês via os enviados de Moscou como invasores chegados não só para destruir o modo de vida, que eles veneravam, como também para restabelecer as condições de escravidão, das quais a primeira fase da revolução os havia libertado. A força estava do lado das autoridades e foi aplicada de maneira brutal e impiedosa. O camponês — e não apenas o *kulak* — foi vítima do que parecia ser uma agressão pura e simples. O que havia sido planejado como uma grande realização terminou numa das maiores tragédias, que deixou marca na história soviética. O trabalhador do solo foi coletivizado, mas foram necessários muitos anos à agricultura soviética para recuperar-se do desastre que acompanhou o processo. Só em fins da década de 1930 a produção de cereais voltou aos níveis predominantes antes do início da coletivização forçada, e a perda no número de cabeças de todos os rebanhos persistiu por mais tempo ainda.

## 17

# Padrões de Ditadura

A derrota e a expulsão da oposição unida, no congresso do partido em dezembro de 1927, eliminaram o último obstáculo formidável no caminho da marcha de Stalin para o poder absoluto. Surgiram, dentro em pouco, cisões na própria oposição. A atitude de Kamenev no congresso já indicava rendição. Um mês depois Zinoviev e Kamenev divulgavam uma declaração de que se haviam "separado" do grupo de Trotski, que rejeitavam sua linha política e a palavra de ordem era, agora, "de volta ao partido, de volta ao Comintern". Seguiram-se outras defecções, inclusive de partidários do próprio Trotski. O processo intensificou-se quando a nova posição da política oficial se tornou evidente. Trotski havia previsto, com confiança, que a vitória de Stalin e Bukharin seria o presságio de uma aguda reação de direita. O que ocorreu foi exatamente o contrário. As coletas de cereais dos primeiros meses de 1928 mostraram haver Stalin abandonado o apaziguamento dos camponeses condenado pela oposição. Stalin mal esperou a expulsão de Trotski do partido e de Moscou para iniciar uma política de industrialização forçada num ritmo, e num custo para os outros setores da economia, muito superior a tudo o que Trotski, ou qualquer outro, pudesse ter imaginado. Os exilados que definhavam na Sibéria podiam, agora, convencer-se de que Stalin havia adotado a política da oposição, e que seu papel era apoiar e auxiliar os que realizavam esse trabalho. Isso oferecia pelo menos uma justificativa honrosa para a rendição. Estímulos, bem como ameaças, foram oferecidos aos defectores. Em junho de 1928 Zinoviev e Kamenev, com cerca de 40 outros penitentes, foram readmitidos no partido.

Durante todo o ano, em Alma-Ata, Trotski manteve uma correspondência de longa distância com exilados em toda a Sibéria e procurou, com sucesso cada vez menor, fortalecer-lhes a resistência. Ficou particularmente chocado quando Preobrazhensky e Radek, aos quais considerava como seus mais firmes partidários, anunciaram sua discordância com ele

e tentaram aproximação com as autoridades em Moscou. Dos antigos líderes destacados da oposição, apenas Rakovsky ainda partilhava da opinião de Trotski de que a ditadura pessoal de Stalin e a degeneração do partido eram as questões-chaves, em relação às quais nenhuma concessão era possível. Trotski era infatigável. No verão de 1928 enviou ao secretariado do Comintern uma longa *Crítica* do projeto de programa que aquela organização apresentara ao congresso, e que não podia ser subtraída aos delegados estrangeiros. A crítica constituiu um violento ataque à doutrina do socialismo num único país, considerada como responsável por todos os desastres da política do Comintern. Para Stalin, Trotski ainda representava, mesmo isolado num canto remoto da URSS, um foco de dissensão, um desafio organizado à sua autoridade, e ele resolveu livrar-se dele. Colocar na cadeia um dos heróis da revolução teria sido, na época, inconcebível — uma medida da distância que ainda separava esse período da fase dos grandes expurgos. O problema era encontrar um lugar para onde ele pudesse ser mandado. Nem a Alemanha, nem qualquer outro país europeu admitiria um revolucionário notório. A Turquia, porém, mostrou-se acessível, e em janeiro de 1929 Trotski era levado para Odessa e colocado a bordo de um navio destinado a Istambul. Durante quase quatro anos, ele se refugiou na ilha de Prinkipo.

Quer Stalin tivesse ou não subestimado os efeitos negativos da indomável campanha movida contra ele por Trotski, no mundo exterior, o certo é que dentro da URSS ele se livrou do seu último rival sério. Os grupos que, no partido, contestaram a sua autoridade a partir de então não constituíam qualquer ameaça ao seu monopólio de poder. Eles não organizaram seus simpatizantes e, como a oposição unida, tiveram dificuldades em apresentar qualquer programa alternativo positivo. Tanto a oposição unida, como os dissidentes posteriores, usaram uma linguagem tradicional, na condenação dos males da burocracia e da repressão da opinião independente. "Nossas discordâncias com Stalin", disse Bukharin a Kamenev em junho de 1928, "são muito mais sérias do que as discordâncias que tivemos com você." Mas isso não era rigorosamente a verdade. Havia uma importante divergência entre eles, resultante em parte da modificação da própria atitude de Stalin depois de sua vitória em fins de 1927. Trotski, Zinoviev e Kamenev haviam criticado Stalin por atraiçoar os objetivos da revolução, pelas concessões aos *kulaks*, internamente, e aos nacionalistas e socialdemocratas, no exterior: era um ataque da esquerda. Bukharin, Rykov e Tomsky criticaram a pressa e a crueldade com que Stalin pretendeu realizar os objetivos da revolução, e buscaram moderar o ritmo e a intensidade dessa realização: foram, na terminologia do período, ataques da direita. Os últimos dissidentes, como os primeiros opositoristas, não se excluíram do quadro do partido. Eram habitualmente considerados como culpados, não de oposição, mas de "desvio".

O novo grupo de "desviantes" direitistas começou a formar-se poucas semanas depois da queda da oposição unida, e bem antes da expulsão final de Trotski da URSS. Rykov, que há muito se situava na direita do partido, expressou abertamente sua aversão, que foi partilhada por muitos membros, das coletas de cereais pela força, em janeiro e fevereiro de 1928. Bukharin demorou mais a pronunciar-se. Ele havia cooperado intimamente com Stalin na campanha contra Trotski. Uma vez, porém, derrotada a oposição, deixava de ser necessário, e Stalin procurou diminuir-lhe a influência. Já no congresso do partido que expulsara a oposição em dezembro, Bukharin incorreu no pecado de negligenciar o chamado "perigo da direita", em relação às questões do Comintern, mas com implicações mais amplas. Em maio de 1928 Stalin discursou perante o Instituto dos Professores Vermelhos, do qual Bukharin era diretor, condenando as propostas de diminuição do ritmo de industrialização, e falando da necessidade de fortalecer os colcoses e sovcoses, e de melhorar as coletas de cereais. Embora o nome de Bukharin não fosse mencionado, era inequívoco o questionamento de suas opiniões. Mais ou menos na mesma época Bukharin dirigiu dois memorandos ao Politburo, discutindo o ritmo da industrialização, a pressão por ele imposta aos camponeses e a praticabilidade da agricultura coletiva, enquanto Tomsy se mostrava preocupado com as repercussões da industrialização sobre os trabalhadores e sobre o papel que ele, Tomsy, tinha nos sindicatos. Bukharin, entre outras funções, era o diretor do jornal do partido, o *Pravda*, e membro da junta editorial da revista do partido, *Bol'shevik*. Novas nomeações foram feitas para as juntas de ambos os órgãos, com o evidente propósito de reduzir a autoridade de Bukharin. Numa reunião crucial do comitê central do partido, em julho, Rykov, Bukharin e Tomsy, todos eles membros do Politburo, surgiram como uma minoria de três a contestar as políticas vigentes. Bukharin, em virtude de sua reputação como o principal teórico do partido e de sua habilidade no debate, surgiu como líder do grupo.

O momento ainda não era propício para um rompimento aberto. A reunião terminou com um acordo sem substância, e manteve-se a aparência de unanimidade do Politburo. Mas Bukharin havia compreendido os indícios. Enquanto a sessão se realizava, com o conhecimento de Rykov e Tomsy, ele visitou secretamente Kamenev, e ofereceu-lhe uma coalizão com o que restava da velha oposição a Stalin. Este foi considerado por ele como "um Gêngis Khan", que "esperará que iniciemos uma discussão para então cortar-nos o pescoço". Foi um gesto tardio e inútil. A oposição unida havia sido esmagada e dispersada, e Kamenev estava batido. Bukharin não era um tático. Mas quando Stalin ficou sabendo da iniciativa, algum tempo depois, ela deve ter confirmado sua determinação de esmagar e humilhar Bukharin. Em fins de julho, este presidiu ao VI Congresso do Comintern. Mas Stalin deu uma demonstração pública de desprezo por

ele, ao insistir em que fossem emendadas as teses que preparara para a reunião, e muitos dos delegados sabiam que a sua estrela começava a ofuscar-se. Em fins de setembro Bukharin lançou seu folheto sobre economia, "Notas de um economista", e viajou de férias. Mas nada fez para organizar seus partidários, deixando o campo aberto a uma intensa campanha de propaganda contra as suas opiniões, embora nenhum dos principais dissidentes fosse mencionado pelo nome. A sessão do comitê central do partido, em novembro, resultou mais uma vez, ostensivamente, num entendimento (ver final do Capítulo 14). Mas dessa vez era, evidentemente, Bukharin quem havia recuado para preservar a unidade formal, e havia sofrido uma esmagadora derrota.

Tomsky foi menos flexível, sendo por isso o primeiro do trio a cair em desgraça publicamente. Ele iniciou o congresso sindical de dezembro de 1928, um mês após a derrota no comitê central do partido, sem tentar obter apoio para questões controversas. Mas sua relutância, e a de outros líderes sindicais, de enfrentar a questão da industrialização, era evidente. O *Pravda* acusou os sindicatos de adotarem uma linha "apolítica", isto é, de se concentrarem nos interesses cotidianos dos trabalhadores, negligenciando "as novas tarefas do período de reconstrução". O Politburo mostrou sua determinação de sujeitar Tomsky, nomeando Kaganovitch, um dos auxiliares mais militantes de Stalin, delegado do comitê central do partido ao conselho sindical central. Tomsky teve o gesto ousado, mas sem maiores conseqüências — pelo qual foi violentamente censurado — de renunciar ao seu cargo de presidente de conselho sindical central, e ausentar-se da sessão final do congresso. Embora conservasse seu posto no conselho central por mais três meses, nunca mais voltou a subir a uma plataforma sindical.

Bukharin não sobreviveu a ele por muito tempo. Em janeiro de 1929, reduzido ao desespero, teve dois outros encontros infrutíferos com Kamenev, cuja versão do encontro anterior circulava então nos círculos mais íntimos do partido. Não era possível evitar mais o rompimento, que ocorreu em sessão conjunta do Politburo com uma comissão de controle do partido, em fins de janeiro. Os três dissidentes apresentaram suas renúncias, e Bukharin fez um ataque direto a Stalin, embora sem mencioná-lo, protestando contra o regime opressivo no partido e "contra as decisões da liderança partidária, tomadas por uma única pessoa". Stalin respondeu com uma análise insultosa dos ziguezagues da carreira de Bukharin, e de suas antigas disputas com Lenin, e denunciou "a plataforma oportunista de direita, capitulacionista", dos dissidentes. A resolução aprovada ao término da sessão de 9 de fevereiro repetia o catálogo dos erros de Bukharin, e o condenava por deslealdade ao partido. Mas não foi publicada nem comunicada oficialmente ao comitê central do partido, de modo que a posição de Bukharin continuava ainda, formalmente, intacta. Somen-

te em abril o comitê central reuniu-se e, tendo ouvido mais uma condenação geral da carreira de Bukharin feita por Stalin, confirmou a resolução de 9 de fevereiro e o afastou de qualquer outro encargo no *Pravda* e no Comintern, e Tomsky do conselho sindical central. Isso foi, porém, apenas o endosso formal de situações já existentes. Depois da reunião do comitê central, as decisões foram comunicadas por Molotov à conferência ampliada do partido, que havia sido convocada para aprovar o primeiro plano quinquenal. Mas nem o relatório de Molotov, nem a resolução aprovando as decisões, foram publicados. Nenhuma informação sobre a queda de Bukharin havia sido divulgada pela imprensa, ou chegado ao mundo em geral.

Essa cautela extrema era característica de Stalin, que não considerava Bukharin como um adversário perigoso e não via razão para forçar a questão. Mas era também um tributo à sua popularidade entre as fileiras dos membros do partido, muitos dos quais, especialmente no campo, partilhavam de suas inclinações moderadas. O problema seguinte surgiu quando a IKKI se reuniu em julho de 1929. A princípio ninguém mencionou a ausência de Bukharin, mas na metade da sessão Molotov chegou, para pronunciar uma denúncia clara dos três dissidentes, em particular de Bukharin, que se havia engajado num "desvio de direita" e atacado "nossa economia socialista". Depois disso, muitos delegados, soviéticos e estrangeiros, uniram-se ao coro, e foi aprovada uma resolução, ao final da sessão, condenando-o e aprovando a decisão do comitê central do partido de afastá-lo de qualquer participação no Comintern e seus órgãos. Mais uma vez, porém, essa resolução não foi publicada com o resto e só apareceu no *Pravda* algumas semanas mais tarde. Agora, porém, era lançada uma campanha total de denúncias, pela imprensa. O clímax foi alcançado numa sessão do comitê central do partido, em novembro. Os três dissidentes foram convencidos a assinar uma retratação hesitante de suas opiniões, que foi publicada pelo *Pravda*. Bukharin foi afastado do Politburo, Tomsky e Rykov simplesmente censurados e advertidos para não cometerem novamente o mesmo erro. Por um lento processo de atrito, os dissidentes haviam sido desacreditados e tornados inofensivos e impotentes.

Um mês mais tarde, em 21 de dezembro de 1929, Stalin comemorou seu 50º aniversário. A ocasião revelou tendências que haviam surgido imperceptivelmente das suas lutas contra os rivais e da sua ascensão ao poder supremo. Desde sua nomeação, no último ano de vida atuante de Lenin, para secretário-geral do partido, sua força residira na administração rígida e meticulosa da máquina do partido, que controlava as nomeações para os postos-chaves no partido e no Estado. Sua aprovação constituía um caminho certo para a ascensão. Ele reuniu à sua volta um grupo de seguidores

fiéis — em sua maioria, líderes partidários do segundo escalão — cuja sorte política estava ligada à sua, e que lhe deviam uma fidelidade pessoal inquestionável. A política iniciada pelo recrutamento de Lenin em 1924 havia levado ao partido uma massa de membros fidedignos, conhecidos pela sua aceitação fácil da linha partidária. No setor menos fácil da doutrina partidária, Stalin esforçou-se para apresentar-se não como inovador, mas como dedicado discípulo de Lenin e guardião da ortodoxia do partido. A tentativa espúria de atribuir a teoria do socialismo num único país a Lenin foi exemplo de sua preocupação em fundamentar sua autoridade na autoridade do mestre. O paralelo foi conscientemente cultivado pelo grupo que o cercava. As palavras de Stalin, como as de Lenin, eram constantemente citadas na imprensa e nos discursos de seus seguidores, e tratadas como autoridade. Seu retrato estava por toda a parte nos locais públicos, com freqüência lado a lado com o de Lenin. Essas práticas atingiram o apogeu nas comemorações do aniversário, marcadas por uma manifestação até então sem precedentes de adulação pessoal.

Muitos traços, porém, distinguiam o caráter do Governo de Stalin de qualquer coisa que pudesse ter sido imaginada sob Lenin. Stalin tinha uma vaidade totalmente estranha a Lenin, e que exigia não as pompas e aparências do cargo, mas uma obediência e um reconhecimento absolutos de sua infalibilidade. Nenhuma crítica aberta, nenhuma expressão de discordância, eram divulgadas pela imprensa do partido, nem mesmo nas revistas especializadas. As discussões de questões correntes que por acaso ainda se encontravam eram marcadas por tributos insípidos e uniformes ao líder, e pela celebração de realizações com freqüência míticas. Stalin tornou-se figura distante, isolada, exaltada acima dos mortais comuns, e na verdade acima de seus colegas mais próximos. Faltava-lhe, ao que parece, qualquer calor de sentimento pelo seu próximo: era cruel e vingativo para com os que se opunham à sua vontade, ou provocavam seu ressentimento ou antipatia. Sua dedicação ao marxismo e ao socialismo era superficial. O socialismo não era algo que crescesse da situação econômica objetiva e da revolta dos trabalhadores conscientes de classe contra o domínio opressor do capitalismo — era algo a ser imposto de cima, arbitrariamente e pela força. A atitude de Stalin para com a massa era de desprezo: ele era indiferente à liberdade e à igualdade; desprezava as perspectivas de revolução em qualquer país fora da URSS. Era o único membro do comitê central do partido que havia sustentado, em janeiro de 1918, em oposição a Lenin, que “não há movimento revolucionário no Ocidente”.

A dedicação ao socialismo num só país, embora as atitudes que se cristalizaram na nova doutrina não fossem exclusivamente da autoria de Stalin, servia perfeitamente a ele. Permitia-lhe combinar profissões de fé socialistas com o nacionalismo russo, o único credo político que tinha para ele significação profunda. No tratamento que deu às minorias nacio-

nais ou às pequenas nações, o nacionalismo degenerou facilmente em chauvinismo. Notas do velho anti-semitismo russo, violentamente denunciadas por Lenin e pelos primeiros bolcheviques, foram ouvidas; e as condenações oficiais a ele, embora persistentes, começaram a parecer menos incisivas. Na arte e na literatura o experimentalismo intenso dos primeiros anos da revolução foi abandonado em favor de um retorno aos modelos tradicionais russos, impostos por uma censura cada vez mais rígida. As escolas marxistas de história e direito foram obscurecidas; buscar a continuidade com o passado russo deixou de ser motivo de crítica. O socialismo num só país voltava-se para um velho exclusivismo nacional russo, rejeitado por Marx e Lenin. Já não era totalmente incongruente colocar o regime de Stalin no contexto da história da Rússia.

Essa limitação da revolução a uma estreita camisa-de-força nacionalista tinha um outro lado. Seria injusto retratar Stalin como um homem movido exclusivamente pelo desejo de poder pessoal. Ele dedicou sua infatigável energia à transformação da primitiva Rússia camponesa numa moderna potência industrial, capaz de enfrentar as principais potências capitalistas em pé de igualdade. A necessidade de "alcançar" ou "ultrapassar" os países capitalistas era um tema obsessivo, e inspirou a maioria dos raros trechos mais animados da monótona prosa de Stalin. Ela serviu à peroração de seu artigo de aniversário em novembro de 1929 sobre "O ano da grande abertura":

Estamos prosseguindo a todo vapor pela estrada da industrialização para o socialismo, deixando para trás o nosso tradicional atraso russo.

Estamos começando a ser o país do metal, o país do automóvel, o país do trator.

E quando tivermos sentado a URSS num automóvel, o camponês num trator, então que os capitalistas, que se orgulham de sua "civilização", nos alcancem. Veremos que países podem então ser considerados atrasados, e quais os que serão adiantados.

E mais adiante, embora com mais sobriedade, ele traça um quadro da Rússia através dos tempos, "vencida pelo seu atraso", por uma sucessão de invasores estrangeiros, dos "cães mongóis" aos "capitalistas anglo-franceses" e aos "barões japoneses", e concluía:

Estamos 50 ou 100 anos atrasados em relação aos países adiantados. Ou conseguiremos alcançá-los, ou eles nos esmagarão.

Essa extraordinária combinação de dedicação à industrialização e modernização da economia, que parecia aos marxistas convictos um passo vital no caminho para o socialismo, e a dedicação ao renascimento do poder e prestígio da nação russa, que tinha atração para o exército, as elites burocráticas e tecnológicas, para todos os sobreviventes do velho

regime que haviam ingressado no serviço do novo, deram a Stalin sua ascendência inquebrantável sobre o partido, o Governo e a administração. Atribuir isso simplesmente à sua astúcia política, ou à eficiência da máquina, ou à severidade das medidas tomadas para sufocar a discordância, seria um erro. Não foram apenas os trânsfugas da oposição em 1928 e 1929 que sentiram que a determinação inexorável de Stalin na busca dos fins desejados superava os métodos duros usados para impor suas políticas. Alguns observadores comentaram que sem esses métodos os fins poderiam não ser atingidos, outros que não poderiam ser alcançados sem a vigorosa liderança de Stalin, e que era portanto necessário tolerar suas idiossincrasias. O fato de se tratar de uma revolução vinda de cima, e de colocar ela o ônus mais pesado sobre as classes que eram seus beneficiários declarados, não perturba seriamente o quadro. O entusiasmo pelo grande salto à frente dominou muitos membros do partido, e outros dedicados, numa situação ou noutra, à construção do grande plano, e deixou-os indiferentes a outras considerações. Era uma sociedade bem habituada a associar o Governo à opressão, e a tratá-lo como um mal inevitável.

Em seu 50º aniversário, Stalin estava no auge de sua ambição. Muitas coisas haviam realmente ocorrido para dar peso às apreensões de Lenin quanto ao seu uso duro e arbitrário do poder. Ele já havia demonstrado uma crueldade extraordinária ao impor sua vontade e esmagar toda oposição a ela. Mas a plena revelação da qualidade de sua ditadura ainda estava por vir. Os horrores do processo de coletivização, dos campos de concentração, dos grandes julgamentos-espetáculo e da mortandade indiscriminada, com ou sem julgamento, não só daqueles que no passado se haviam oposto a ele, mas de muitos que haviam contribuído para sua ascensão ao poder, acompanhados da imposição de uma ortodoxia rígida e uniforme à imprensa, à arte e à literatura, à história e à ciência, e pela supressão de toda opinião crítica, deixaram uma mancha que não se podia apagar pela vitória na guerra, nem pelas suas conseqüências. As variações na reputação de Stalin, desde a sua morte, aos olhos de seus compatriotas parecem refletir emoções confusas e conflitantes de admiração e vergonha. Essa ambivalência pode persistir por um longo tempo. O precedente de Pedro, o Grande, foi invocado com freqüência, e é espantosamente adequado. Pedro era também homem de formidável energia e extrema ferocidade. Reviveu e suplantou as piores brutalidades dos czares anteriores, e seu desempenho provocou a repulsa em gerações posteriores de historiadores. Não obstante, seu êxito em copiar o Ocidente, em impor à Rússia primitiva as bases materiais da civilização moderna, em dar à Rússia um lugar entre as potências européias obriga esses historiadores a conceder-lhe, embora com relutância, um título de grandeza. Stalin foi o mais impiedoso déspota que a Rússia conheceu desde Pedro, e também um grande ocidentalizador.

## A URSS e o Mundo (1927-29)

Durante cerca de dois anos, após o rompimento com a Grã-Bretanha em maio de 1927, e o colapso do movimento revolucionário chinês e o envolvimento soviético na China, as relações externas da URSS foram praticamente inexistentes. As sucessivas abordagens, por Moscou, foram ignominiosamente rejeitadas pelo Governo britânico. As negociações com a França sobre débitos e créditos não tiveram êxito, e o Governo francês, embora não rompesse relações diplomáticas, encontrou um pretexto para pedir a retirada de Rakovsky, o embaixador soviético. As relações com a Alemanha haviam sido temporariamente perturbadas pela sua assinatura do Tratado de Locarno e ingresso na Liga das Nações. Interlúdios coléricos, de tempos em tempos, marcaram o fluxo desigual dessas relações. Mas tendo a base firme dos entendimentos militares secretos, do desejo da Alemanha de evitar uma orientação exclusivamente ocidental, e da hostilidade comum à Polônia, elas permaneceram mais próximas e mais proveitosas do que as relações soviéticas com qualquer outro país. Com a Polônia, as relações haviam-se agravado ainda mais desde o golpe de Pilsudski de maio de 1926, sendo prejudicadas pelo receio de que ele servisse como instrumento dócil dos planos anti-soviéticos das potências ocidentais e, mais tarde, por uma tentativa persistente, embora malsucedida, da Polônia de organizar os outros vizinhos ocidentais da URSS — a Finlândia, os Estados bálticos e a Romênia — num pacto ou aliança sob liderança polonesa. As relações com o Japão tornaram-se difíceis em virtude das posições ambíguas japonesas na China e do controle cioso do Japão sobre a Manchúria, exercido através de seu protegido, o senhor guerreiro chinês Chang Tso-lin.

Paradoxalmente, a única iniciativa importante empreendida na época pela diplomacia soviética foi a participação nas atividades interna-

cionais em Genebra. Até então, a cooperação soviética com a Liga das Nações limitara-se a uma tênue ligação com sua organização de saúde. A Liga havia sido denunciada, sempre, em Moscou como parte integral da opressiva solução de paz do Tratado de Versalhes de 1919, e como um manto hipócrita para os preparativos militares aliados. Essa atitude ainda persistia, mas, agora que a Alemanha ingressara na Liga, a ausência do cenário de ação aumentava a sensação de isolamento. Em maio de 1927 uma grande delegação soviética chegava pela primeira vez a Genebra, para a Conferência Econômica Mundial. Os delegados soviéticos deixaram sua marca tanto nas sessões plenárias como nas comissões criadas pela conferência, atacando os procedimentos capitalistas e defendendo o monopólio do comércio exterior, mas também pedindo "a coexistência pacífica dos dois sistemas econômicos". A ausência de resultados concretos não eliminou a impressão, de ambos os lados, de que se haviam estabelecido contatos que poderiam ser desenvolvidos.

Mais sensacional foi o aparecimento em Genebra, seis meses depois, de uma delegação soviética chefiada por Litvinov, o vice-comissário para Negócios Estrangeiros, na sessão da Comissão Preparatória do Desarmamento. Litvinov roubou as atenções, apresentando uma proposta para a abolição total de todos os armamentos militares, navais e aéreos. Foi um gesto sensacional e constrangedor. A comissão adiou apressadamente a discussão até a próxima sessão em março de 1928. Nessa ocasião, o infatigável Litvinov apresentou um plano revisto para o desarmamento total por etapas. Quando também este foi posto de lado, ele apresentou um projeto alternativo para uma limitação de armamentos que, embora menos utópico que seus dois antecessores, ia muito além de qualquer coisa prevista pelas potências ocidentais. Foi recebido com simpatia apenas pela Alemanha, cujos armamentos haviam sido severamente limitados pelo Tratado de Versalhes, e pela Turquia, membro novo da Comissão. Essas atitudes continuaram a constranger a maioria dos delegados, que não tiveram outro recurso senão um novo adiamento, e conseguiram para Litvinov e para a URSS muita publicidade favorável nos círculos radicais dos países ocidentais, interessados no desarmamento, e que já estavam impacientes com o lento progresso feito pela comissão.

Outro passo significativo nas relações soviéticas com o Ocidente foi dado no verão de 1928. Kellogg, o secretário de Estado norte-americano, propôs a assinatura de um pacto internacional de renúncia à guerra "como instrumento de política nacional". A URSS não estava entre os 15 países originalmente convidados a participar. Mas quando, no dia da assinatura, 27 de agosto de 1928, lhe foi enviado um convite, bem como a todos os outros países não signatários, para subscrever o pacto, ela aceitou imediatamente e com entusiasmo. Além disso, quando a ratificação do pacto pelas potências ocidentais foi retardada, o Governo soviético propôs

aos seus vizinhos próximos concluir um pacto para colocar as cláusulas do plano Kellogg imediatamente em vigor entre eles. Esse pacto subsidiário foi firmado em Moscou em 9 de fevereiro de 1929, em meio a grande publicidade, pela URSS, Polônia, Letônia, Estônia e Romênia; Lituânia, Turquia e Pérsia o subscreveram mais tarde.

A mão de Litvinov era claramente visível nessas manobras. Ele havia suplantado, praticamente, a Tchitcherin como comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, embora não o substituísse formalmente até 1930. Tchitcherin, membro excêntrico de uma antiga família que se havia filiado ao partido, conquistara a confiança de Lenin. Mas fortes antipatias mútuas o separavam de Stalin, que preferia o estilo mais grosseiro, mais brusco, de Litvinov. Em 1928 Tchitcherin, já então doente, afastou-se da vida ativa. A significação da modificação foi que, enquanto Tchitcherin desconfiava dos países ocidentais, em especial da Grã-Bretanha, de onde havia sido deportado ignominiosamente em 1918, e só se sentia à vontade na Alemanha, Litvinov havia passado muitos anos na Inglaterra, falava inglês fluentemente e tinha uma mulher inglesa. Durante alguns anos Litvinov trabalhou, e não sem êxito, dentro dos limites da linha soviética, para uma reaproximação entre a URSS e o mundo ocidental.

Desde a greve geral de 1926, os discursos dos políticos britânicos mais destacados haviam contribuído para formar a imagem da Grã-Bretanha que predominava em Moscou, como o mais implacável inimigo da URSS. A atitude do Governo conservador, durante esse período, foi inspirada por uma profunda desconfiança da URSS e pelo desejo de ter o mínimo de contato possível com Moscou. Mas em fins de 1928 a política de indiferença não havia proporcionado resultados, e surgiu um clima mais ameno. Numa época em que alemães e norte-americanos estavam começando a superar os britânicos na moderna tecnologia industrial, a perda de mercados britânicos na URSS era alarmante, e isso foi atribuído ao rompimento de relações entre os dois países. Em fins de março de 1929 um grupo de 80 homens de negócios partiu para uma visita à URSS, foi recebido entusiasticamente, e recebeu algumas encomendas. Era iminente, então, uma eleição geral na Grã-Bretanha. Tanto o Partido Trabalhista como o Liberal incluíram em suas plataformas o restabelecimento das relações com a URSS. O Partido Trabalhista surgiu como o mais forte dos três partidos e formou um Governo que cumpriu sua promessa. As relações completas foram mais uma vez restabelecidas, depois de certo atraso, em fins do ano. Mas a reconciliação foi superficial e não eliminou a tensão subjacente entre a URSS e o mundo ocidental.

As relações com os EUA eram ambivalentes e tinham um caráter próprio especial. Os líderes soviéticos reconheciam que a Grã-Bretanha estava sendo rapidamente eclipsada pelos EUA como a principal potência capitalista; alguns deles esperavam que isso resultasse em intensa animosidade

entre os dois países de língua inglesa. Mas apesar da hostilidade uniforme para com a URSS, evidenciada pelo Governo norte-americano, pela Federação Americana do Trabalho e pela imprensa dos EUA, a reação de Moscou foi surpreendentemente moderada, impregnada de admiração e inveja pelas realizações da indústria norte-americana. Os EUA eram o país mais adiantado no mundo, em tecnologia industrial, em produção em massa e em padronização. A organização em grandes unidades de produção aproximava-o, mais do que qualquer outro país, das condições e exigências soviéticas. O recurso a maquinaria e equipamento norte-americanos era um fator importante na política de industrialização soviética; a partir de 1927 os EUA começaram a concorrer com a Alemanha, como principal fornecedor de produtos industriais à URSS.

Ainda mais significativo foi o emprego intensivo de engenheiros norte-americanos. O emprego, nas fábricas e minas soviéticas, de engenheiros e técnicos qualificados havia sempre constituído um problema. Muitos dos que eram utilizados nessa qualidade, antes da revolução, haviam desaparecido: a fidelidade de outros era suspeita. Havia poucas instalações para o treinamento de uma nova geração, para substituí-los. Muitos engenheiros alemães trabalhavam na indústria soviética, nos primeiros anos. Mas com a introdução do primeiro plano quinquenal e a rápida expansão da indústria soviética, a procura de especialistas nos mais altos níveis aumentou. E foram principalmente os engenheiros norte-americanos que preencheram a lacuna. A represa de Dneprostoi foi apenas o primeiro de vários grandes projetos de construção planejados e dirigidos por engenheiros dos EUA, que traziam consigo o seu pessoal. As autoridades soviéticas os protegiam contra as explosões de ciúme por parte de seus colegas russos e tinham maior confiança em sua eficiência e lealdade do que nos engenheiros russos vindos do antigo regime. Em 1929 várias centenas de profissionais norte-americanos, altamente qualificados, trabalhavam na URSS. Dizia-se que esse número era "bastante insuficiente", e deveria ser aumentado dentro em pouco. Embora a hostilidade dos círculos oficiais nos EUA, em relação a Moscou, continuasse inflexível, conseguira-se uma abertura na frente industrial e comercial.

As atividades do Comintern, que eram geridas em todas as questões importantes, pelos mesmos líderes partidários responsáveis pela linha soviética como um todo, refletiam as dificuldades e ambigüidades das relações exteriores soviéticas nesse período. Em 1927 a "frente única", significando a cooperação dos comunistas com outros partidos esquerdistas, ou grupos de países capitalistas por objetivos definidos, ainda figurava de maneira destacada nas diretivas do Comintern. Mas naquele ano as duas experiências que maior publicidade tiveram na tática de frente única, a aliança do

Partido Comunista Chinês com o Kuomintang, e a comissão sindical anglo-russa, terminaram ambas em condições mais ou menos vergonhosas (ver pp. 88-89, 96-97). As outras partes, com as quais se buscara a cooperação, foram denunciadas como traidoras, e a frente única, no sentido até então atribuído ao termo, foi tacitamente abandonada. Esse abandono ocorreu no momento em que as coisas se agravavam bastante nas relações soviéticas com as potências ocidentais, quando o medo de guerra alarmava os líderes soviéticos. Uma política mais para a esquerda, no Comintern, parecia o resultado natural do fracasso das táticas conciliatórias na diplomacia soviética, bem como nas relações dos partidos comunistas com outros partidos esquerdistas nos países capitalistas. O fato de estar Stalin, depois de ter derrotado a oposição unida, inclinando-se para a esquerda na política interna, e preparando-se para enfrentar Bukharin e a direita, foi uma coincidência que se situava no mesmo quadro.

A partir de 1928 a nova linha dominou os trabalhos do Comintern. O reconhecimento de que os países capitalistas haviam atingido uma fase de "estabilização", por "passageira", "relativa" e "instável" que fosse, era mais raro e mais relutante. Os antagonismos de classe estavam-se tornando mais agudos; "classe contra classe" foi um dos *slogans* do novo período. A frente única era interpretada como uma "frente única por baixo", significando a cooperação com as fileiras dos partidos socialistas e socialdemocratas para a derrubada de seus líderes traidores e corruptos. O VI Congresso do Comintern, reunido em julho de 1928 — o primeiro em quatro anos, e o mais longo deles — registrou três períodos em sua história. O primeiro cobria a intensa fermentação revolucionária de 1917-21, o segundo a recuperação do capitalismo de 1921 a 1927. O terceiro período iniciado pelo congresso foi aquele em que as crescentes contradições do capitalismo anunciavam sua decadência iminente, e abriam novas perspectivas de revolução. Os piores inimigos do comunismo eram agora os socialdemocratas contemporizadores. O delegado alemão chamou-os claramente de "social-fascistas". A resolução do congresso admitia terem eles alguns pontos de contato com a ideologia do fascismo, e o novo programa do Comintern, aprovado pelo congresso, classificava a socialdemocracia e o fascismo como agentes gêmeos da burguesia. Enquanto o congresso estava reunido, Litvinov dirigia cautelosamente o Governo soviético para o acesso ao pacto Kellogg, anunciado antes do término daquela reunião. Nenhum delegado do partido russo no congresso mencionou o pacto. Mas ele foi atacado por vários delegados de outros partidos, e na imprensa comunista dos países ocidentais, como uma máscara hipócrita para a agressão imperialista, e uma resolução do congresso, sem mencioná-lo, trazia uma referência irônica à "abolição da guerra" (entre aspas) como exemplo do "pacifismo oficial pelo qual os Governos capitalistas mascaram suas manobras". Qualquer discrepância evidente entre a política governamental e a do Comintern era

provavelmente explicada pelas incertezas, ou diferenças de opinião não solucionadas, entre os líderes soviéticos. Mas nesse caso as duas linhas foram adotadas lado a lado, e o Narkomindel e o Comintern seguiram seus respectivos caminhos sem qualquer sentimento de incompatibilidade entre eles.

A queda de Bukharin foi um fator secundário na proclamação do "terceiro período", em 1928. Sua briga com Stalin girou principalmente sobre as questões econômicas. Mas seu posto no Comintern estava associado com as políticas conciliatórias da frente única, e depois de sua desgraça, a linha pendeu, ainda mais violentamente, na direção oposta. Uma "situação objetivamente revolucionária" foi diagnosticada nos principais países capitalistas, antes mesmo de ter o início da crise econômica mundial emprestando certa lógica à afirmação. A guerra de classe revolucionária era o principal dever de todos os partidos comunistas. A expressão "social-fascistas", inventada na Alemanha, era agora aplicada a todos os partidos "reformistas" da esquerda, e buscar ou tolerar qualquer concessão a eles era ser culpado de "oportunismo" e de "desvio de direita". Essas instruções criavam embaraços para os partidos comunistas da Europa ocidental. Na Grã-Bretanha e na França não evitaram certo apoio comunista disfarçado a candidatos trabalhistas e socialistas, nas eleições. Foi na Alemanha que elas foram cumpridas com maior rigor e com os mais desastrosos resultados. O apoio dado pelos socialdemocratas alemães ao Tratado de Locarno e à orientação ocidental na política alemã conquistou-lhes a hostilidade implacável do Governo soviético e do Comintern. A luta entre os Partidos Comunista e Socialdemocrata prosseguiu, e mais tarde revelou-se demasiado profunda para ser superada até mesmo pelo perigo iminente da ascensão de Hitler.

O rompimento com os outros partidos de esquerda desfechou um golpe fatal na prática de organizar "frentes" internacionais, nas quais os não-comunistas da esquerda eram convidados a cooperar com os comunistas, em apoio a causas de interesse comum. Münzenberg, o versátil comunista alemão que promovera e dirigira esses movimentos conjuntos, julgou necessário, no VI Congresso do Comintern, alegar que tais atividades "nada tinham em comum com uma 'política oportunista' ou um desvio de direita". Era, porém, difícil reconciliá-los com o abuso ilimitado dos socialdemocratas, que era agora o hábito entre os partidos comunistas. Apenas o cumprimento rígido da linha do Comintern era satisfatório. Até mesmo a Liga contra o Imperialismo, que no passado conseguira êxitos espetaculares, entrou em decadência no novo clima, tendo sido impossível reviver o entusiasmo espontâneo de seu congresso de criação, em 1927. Quando um segundo — e último — congresso da Liga se reuniu dois anos depois em Frankfurt, foi totalmente dominado pela delegação soviética, e os simpatizantes não-comunistas não compareceram, ou se retiraram. A sociedade internacional dos Amigos da URSS, fundada nas comemorações do décimo

aniversário em Moscou, em novembro de 1927, teve vida igualmente curta, sobrevivendo por mais tempo na Grã-Bretanha do que em qualquer outro país. A última dessas manifestações ostensivamente não partidárias, sob os auspícios do Comintern, foi um Congresso Antifascista, realizado em Berlim em março de 1929.

Um dos resultados da nova linha dura no Comintern foi a imposição de uma disciplina mais rígida aos partidos comunistas. Desde 1924, quando a bolchevização dos partidos estrangeiros foi proclamada como objetivo, o Comintern havia procurado, de tempos em tempos, influenciar a seleção dos líderes desses partidos. Depois de 1928, essa intervenção passou a ser direta e constante. No outono daquele ano, o comitê central do partido alemão, depois de um escândalo financeiro, resolveu afastar seu líder, Thälmann, que devia sua ascensão, em grande parte, ao apoio de Moscou. As autoridades do Comintern vetaram a decisão e conseguiram sua anulação. Em princípios de 1929 o Comintern solucionou uma antiga disputa no partido polonês, colocando na liderança o grupo mais obediente aos seus desejos; os líderes do partido norte-americano foram subitamente afastados, depois de uma intervenção pessoal de Stalin. Modificações semelhantes foram feitas, de maneira mais cautelosa, nos partidos francês e britânico. Uma característica da maioria delas foi uma nova ênfase na escolha de líderes de origem impecavelmente proletária — Thälmann na Alemanha, Thorez na França, Pollitt na Grã-Bretanha — o que parecia estar de acordo com a inclinação de esquerda então predominante no Comintern, e era uma reação contra os problemas causados no passado pelos intelectuais dissidentes. Os trabalhadores mostraram-se em geral, sob esse aspecto, mais maleáveis. Embora os novos líderes fossem regularmente saudados como esquerdistas, e aqueles aos quais substituíam classificados como direitistas, a qualidade essencial das novas nomeações era a submissão, imediata e infalível, à orientação de Moscou.

Isso, porém, criava outro dilema. As decisões do Comintern eram, na realidade, as decisões do partido russo. Podiam ser, e eram, impostas a outros partidos estrangeiros, mas ao custo de alienar um número cada vez maior de trabalhadores nos países em questão, que deixavam de responder ao que pareciam os ditames caprichosos e por vezes evidentemente inoportunos de um poder remoto e estranho. Em fins da década de 1920, o movimento comunista nos países ocidentais estava em declínio, tanto em números como em influência, e atraía cada vez menos simpatizantes. Os partidos britânico e norte-americano não dispunham de grande número de seguidores. Na Alemanha, França e Tchecoslováquia, partidos comunistas de massa haviam dividido o movimento dos trabalhadores, mas sem conseguir nunca dominá-lo. Em toda a parte, o fortalecimento dos elos que ligavam os líderes partidários a Moscou enfraquecia sua ascendência sobre as fileiras dos trabalhadores. Só quando as diretrizes de Moscou foram radi-

calmente modificadas, em meados da década de 1930, é que tais perdas foram compensadas.

O fato mais importante nas relações exteriores soviéticas na segunda metade de 1929 ocorreu no Extremo Oriente. Durante dois anos, depois do desmoronamento de 1927, o Governo soviético esteve excluído de qualquer participação nas questões chinesas, e o Partido Comunista Chinês ficou reduzido a uns poucos grupos ilegais, numas poucas cidades principais. Em dezembro de 1927 o núcleo do partido, estimulado de Moscou, tentou desesperadamente um golpe militar em Cantão. Foi um fracasso total, e levou a outro massacre dos comunistas e seus partidários. Mais ou menos nessa época o Líder comunista camponês, Mao Tsé-tung, e um general comunista, Chu Teh, reuniram uma pequena força de fugitivos e camponeses sem terras, alguns milhares, numa área montanhosa, remota e inacessível, do Sudoeste da China. Um ano depois, eles começaram a estabelecer sua autoridade sobre o campo à sua volta, criando Sovietes dos camponeses. Mao professava uma lealdade formal ao partido e ao Comintern. Mas seguia seu próprio caminho, e tinha poucos contatos com os líderes partidários, que desconfiavam de um movimento que fundamentava suas esperanças de revolução em camponeses, no interior, e não em trabalhadores da cidade. Enquanto isso, Chiang Kai-shek, cuja hostilidade para com os comunistas chineses e a URSS em nada diminuía, estendeu a autoridade do Governo nacionalista de Nanquim à maior parte da China. Chang Tso-lin, o soldado que dominava a Manchúria, foi morto no verão de 1928, e no fim daquele ano Chiang estabeleceu um acordo com o filho e sucessor de Chang, para a reunificação da China sob a bandeira do Kuomintang, embora preservando a autonomia das províncias do Norte.

Estas, que faziam fronteira com o território soviético, há muito constituíam um motivo de preocupações em Moscou. Ali, a Ferrovia Oriental Chinesa (FOC) construída pelo Governo russo pré-revolucionário em território chinês, e de sua propriedade, há muito constituía um motivo de desentendimento entre os dois países (ver p. 93 *infra*). Os acordos diplomáticos para a inclusão de representantes chineses em sua junta administrativa não impediram uma série de crises sobre o controle da estrada de ferro. Mas uma calma relativa predominava há três anos quando, na primavera de 1920, as autoridades chinesas lançaram uma série de ataques menores à ferrovia. A 27 de maio elas invadiram o consulado soviético em Harbin, a sede da FOC, prendendo funcionários e confiscando documentos — uma réplica, em pequena escala, da invasão da embaixada soviética em Pequim, dois anos antes. Os pronunciamentos de Nanquim não deixaram dúvida de que os ataques haviam sido inspirados por Chiang Kai-shek, e representavam um primeiro passo para a tomada da ferrovia. Finalmente,

a 10 de julho as autoridades chinesas ocuparam as suas instalações, fecharam a delegação comercial soviética e outros estabelecimentos soviéticos na Manchúria, prenderam o gerente-geral soviético da estrada e o expulsaram, juntamente com 60 outros funcionários soviéticos, do território chinês. O Governo soviético, tendo protestado em vão contra essas medidas extremas, retirou seu pessoal da FOC, suspendeu as comunicações ferroviárias com a China e exigiu que todos os funcionários chineses na URSS fossem chamados de volta.

Chiang Kai-shek havia suposto que, como acontecera em 1927, o Governo soviético protestaria enfaticamente, mas não faria, e não poderia fazer, nada de concreto. Foi um grave erro. Os interesses soviéticos na China central nunca foram importantes, e nada poderia ser feito para defendê-los: a derrota de 1927 foi humilhante, mas não foi materialmente desastrosa. Mas esquecer a posição histórica da Rússia na Manchúria, e abandonar a estrada de ferro que havia sido construída com capital russo, por engenheiros russos, e que era uma ligação direta com Vladivostok, o único porto soviético no Pacífico, teria sido um golpe sério. Além disso, o Exército Vermelho tinha sido transformado numa força de combate eficiente, e estava preparado para uma guerra de maiores proporções. E principalmente depois que o Japão declarara sua neutralidade naquela disputa, era um inimigo muito superior às indisciplinadas e mal equipadas tropas chinesas que lutavam entre si em solo chinês. Chiang também parece ter suposto que as potências ocidentais seriam tão favoráveis, em 1929, aos seus gestos contra a URSS quanto haviam sido dois anos antes. Foi outro erro. O receio do comunismo havia diminuído e o Governo trabalhista britânico estava na iminência de restabelecer relações com a URSS. A agressividade de Chiang parecia ser outro exemplo de um fato já bem conhecido das potências ocidentais: a violação, por soldados chineses, de direitos concedidos aos estrangeiros por tratados. Pela primeira vez, as simpatias ocidentais inclinaram-se para o lado soviético.

O Governo soviético recusou-se peremptoriamente a negociar sobre qualquer outra base que não a revogação total das medidas tomadas a 10 de julho e o restabelecimento dos direitos soviéticos sobre a FOC. Em agosto, Bliukher era nomeado comandante de um exército oriental reforçado. Incursões esporádicas ao outro lado da fronteira deixavam clara a impaciência soviética e, em novembro, quando essas manifestações não impressionaram as autoridades chinesas, o Exército Vermelho realizou uma profunda incursão em território chinês, dispersando as forças chinesas locais e ocupando duas pequenas cidades. Dessa vez a advertência foi ouvida, e as negociações começaram apressadamente. A 22 de dezembro foi firmado um protocolo reconduzindo o gerente-geral soviético da ferrovia e outros funcionários soviéticos, restaurando o *status quo ante* e reservando as questões controversas para uma futura conferência. O Exército

Vermelho havia mostrado a impotência dos guerreiros chineses. A URSS havia-se imposto como uma força militar e diplomática no Extremo Oriente e forjado elos de preocupação comum com as potências ocidentais. Foi um momento decisivo nas relações exteriores soviéticas.

O Partido Comunista Chinês, disperso, perseguido e desanimado, não teve nenhuma participação nesses acontecimentos. Por instruções do Comintern, seu comitê central adotou o *slogan* "Defender a URSS" e intensificou suas denúncias do Governo de Nanquim. Mas o que era considerado em Moscou como uma ameaça flagrante à segurança soviética parecia, a certos chineses patriotas, mais uma medida para libertar o território chinês do controle estrangeiro, isto é, soviético. Ch'en Tu-hsiu, que havia sido afastado da liderança do partido depois dos desastres de 1927, foi então expulso dele por ter manifestado essas opiniões, e posteriormente proclamou-se partidário de Trotski. Ali, como em outros lugares, o Comintern pôde impor disciplina, mas não dar vida às enfraquecidas fileiras partidárias, cuja impotência nos centros urbanos já não se podia disfarçar. Apenas as tropas camponesas de Mao Tsé-tung, e os Sovietes locais, por elas patrocinados, poderiam orgulhar-se de certa atividade revolucionária bem-sucedida. Mas esta limitava-se a um canto isolado da China, e seus líderes tinham apenas, e na melhor das hipóteses, uma fidelidade formal e hipócrita às determinações do partido e do Comintern. Por mais que o movimento comunista chinês devesse à inspiração e exemplo russos, ele sobreviveria, em última análise, em formas não planejadas por Moscou, e por ela vistas com desconfiança.

## A Revolução em Perspectiva

Quando Lenin proclamou, nas teses de abril, que a Revolução de Fevereiro de 1917 não era simplesmente uma revolução burguesa, mas marcava uma transição, liderada por trabalhadores e por camponeses pobres, para a desejada revolução socialista do futuro, deu uma resposta sensata às tumultuosas condições que predominavam quando de seu retorno a Petrogrado. A burguesia russa, fraca e atrasada em comparação com a burguesia ocidental, não tinha a força econômica ou a maturidade política, a independência ou a coerência interna necessárias ao exercício do poder. Por outro lado, a concepção de uma aliança entre o proletariado e a burguesia, para completar a revolução burguesa, era um mito. O proletariado, quando se tornou uma força efetiva, não podia colocar no poder um regime burguês, cuja função seria explorar seu trabalho. A burguesia não podia romper a aliança de um proletariado, cuja última função era destruí-la. Quando Lenin procurou sair desse impasse, atribuindo ao proletariado, ajudado pelos camponeses pobres, o ônus de completar a revolução burguesa e dar início à revolução socialista, acreditava, sem dúvida, não que estivesse abandonando o esquema marxista de duas revoluções distintas e sucessivas, mas que o estava adaptando a condições especiais. Mas essa solução, que se transformou no programa da Revolução de Outubro, tinha seu calcanhar-de-aqui-les. Marx havia imaginado uma revolução socialista que se desenvolvesse sobre uma base de capitalismo e democracia burguesa, estabelecida por uma revolução burguesa anterior. Na Rússia, essa base era rudimentar, ou inexistente. Lenin estava pensando na construção do socialismo num país político e economicamente atrasado. O dilema só podia ser evitado enquanto se supusesse que a revolução estava na iminência de se tornar internacional, que o proletariado europeu também se levantaria em revolta contra seus senhores capitalistas, e criaria as condições para um avanço para o

socialismo que a Rússia, isolada, não tinha. O socialismo, instalado pela revolução num país onde o próprio proletariado era economicamente atrasado e numericamente fraco não era, e não poderia ser, o socialismo pregado por Marx e Lenin como o resultado de uma revolução do proletariado unido de países economicamente adiantados.

Desde o princípio, portanto, a Revolução Russa teve um caráter híbrido e ambíguo. Marx observou que o embrião da sociedade burguesa havia sido formado dentro da matriz da ordem feudal, e já estava maduro quando a revolução o instalou no poder. Supunha-se que algo análogo aconteceria a uma sociedade socialista antes da vitória da revolução socialista. Sob um aspecto — mas apenas sob um aspecto — essa expectativa se justificou. A industrialização e a modernização tecnológica, que constituíam importantes realizações da sociedade capitalista, também constituíam pré-requisitos importantes para o socialismo. Muito antes de 1914 as economias capitalistas do mundo ocidental haviam começado a superar os limites da produção em pequena escala pelos empresários individuais, e a adotar a produção por unidades de grande escala, que dominavam o cenário econômico, e a se envolver, mesmo com relutância, no exercício do poder político. O próprio capitalismo já estava tornando imprecisa a linha que separava a economia da política, abrindo caminho para alguma forma de controle centralizado e lançando as bases sobre as quais uma sociedade socialista poderia ser construída.

Esses processos chegaram ao clímax na Primeira Guerra Mundial. O estudo da economia da guerra alemã inspirou a observação de Lenin, no verão de 1917, de que "o capitalismo monopolista estatal é a mais completa preparação material para o socialismo", e poucas semanas depois acrescentava, um pouco fantasiosamente, que "a metade material, econômica", do socialismo havia sido realizada na Alemanha, "na forma do capitalismo monopolista estatal". As contradições do capitalismo já haviam produzido, dentro da ordem capitalista, o embrião da economia planificada da URSS. Isso levou certos críticos a despreverem o que se realizou sob o planejamento soviético como "capitalismo estatal". Tal opinião parece insustentável. O capitalismo sem empresários, sem desemprego e sem livre mercado, onde nenhuma classe se apropria da mais-valia produzida pelo trabalhador, e os lucros têm um papel puramente auxiliar, onde os preços e salários não estão sujeitos à lei da oferta e procura, já não é capitalismo, em nenhum sentido da palavra. A economia planificada soviética foi considerada, em toda a parte, como um desafio ao capitalismo. Era a "metade econômica, material", do socialismo, e um resultado importante da revolução.

Se, porém, seria tolice negar o título de "socialista" a essa realização, seria igualmente errôneo alegar que ela constituiu uma materialização da "livre associação de produtores" de Marx, ou da ditadura do proletariado,

ou da transitória "ditadura democrática dos trabalhadores e camponeses" de Lenin. Nem satisfaz ela a exigência de Marx, de que "a emancipação dos trabalhadores deve ser tarefa dos próprios trabalhadores". As revoluções industrial e agrária soviéticas enquadram-se claramente na categoria da "revolução vinda de cima", imposta pela autoridade conjunta do partido e do Estado. As limitações do "socialismo num só país" revelaram-se claramente. A visão de um proletariado treinado e educado, crescendo dentro da sociedade burguesa, como a burguesia cresceu dentro da sociedade feudal, não se materializou — e muito menos na Rússia atrasada, onde a classe operária era pequena, oprimida e desorganizada, e não havia assimilado nenhuma das liberdades condicionais da democracia burguesa. O pequeno núcleo de trabalhadores conscientes de classe desempenhou um grande papel na vitória da revolução. Mas a tarefa de ordenar e administrar os amplos territórios incorporados à República soviética exigia uma forma de organização mais complexa e evoluída. O partido de Stalin, um grupo disciplinado liderado por um pequeno número de intelectuais revolucionários, dedicados, ocupou o lugar vazio e dirigiu a política do regime por métodos que, após a morte de Lenin, tornaram-se cada vez mais claramente ditatoriais, e cada vez menos dependentes de sua base proletária. Métodos a princípio usados com cautela e raramente, em meio às paixões e atrocidades da guerra civil, foram aos poucos sendo aperfeiçoados num vasto sistema de expurgos e campos de concentração. Se as metas podem ser consideradas como socialistas, os meios usados para alcançá-las eram, com freqüência, a própria negação do socialismo.

Isso não significou que nenhum progresso se tenha registrado no sentido do mais exaltado ideal do socialismo — a libertação dos trabalhadores das opressões do passado, e o reconhecimento de seu papel num novo tipo de sociedade. Mas o progresso foi hesitante e interrompido por uma série de retrocessos e calamidades, evitáveis e inevitáveis. Depois da destruição e da miséria provocada pela guerra civil, seguiu-se uma breve trégua, na qual o padrão de vida dos trabalhadores e camponeses se elevou lentamente um pouco acima dos níveis miseráveis da Rússia czarista. Durante a década iniciada em 1928, esses padrões mais uma vez baixaram, sob as pressões intensas da industrialização, e o camponês enfrentou os horrores da coletivização forçada. Mal havia recomeçado a recuperação, quando o país foi envolvido pelo cataclismo de uma guerra mundial, na qual a URSS foi o alvo da mais prolongada e devastadora ofensiva da Alemanha, em todo o continente europeu. Essas experiências aterrorizadoras deixaram marca, material e moral, na vida soviética e na mente dos líderes e do povo soviéticos. Nem todos os sofrimentos do primeiro meio século da revolução podem ser atribuídos a causas internas ou à mão de ferro da ditadura de Stalin.

Não obstante, em meados da década de 1950 e da década de 1960, os frutos da industrialização, da mecanização e da planificação a longo

prazo começaram a amadurecer. Muita coisa continuou primitiva e atrasada, por qualquer critério ocidental. Mas os padrões de vida melhoraram substancialmente. Os serviços sociais, inclusive os de saúde e educação primária, secundária e superior, tornaram-se mais eficientes e se estenderam das cidades à maior parte do país. Os mais notórios instrumentos de opressão de Stalin foram desmantelados. O padrão de vida das pessoas comuns modificou-se para melhor. Quando o 50º aniversário da revolução foi comemorado em 1967, podia-se estimar a grandeza do avanço. Durante aquele meio século, a população da URSS passou de 145 milhões a mais de 250 milhões; a proporção dos residentes urbanos aumentou de menos de 20% para mais de 50%. Foi um aumento enorme na população urbana, constituído em sua maioria de recém-chegados, filhos de camponeses ou netos ou bisnetos de servos. O trabalhador soviético, e mesmo o camponês soviético, de 1967 era uma pessoa muito diferente de seu pai ou avô em 1917. Dificilmente deixaria de ter consciência daquilo que a revolução fez por ele, e isso compensa a ausência de liberdades que nunca desfrutou, e sobre as quais nunca sonhou. A dureza e crueldade do regime eram reais. Mas também o eram as suas realizações.

No exterior, o efeito imediato da Revolução Russa foi uma aguda polarização das atitudes ocidentais, entre direita e esquerda. A revolução foi uma assombração para os conservadores, e um facho de esperança para os radicais. A consciência dessa dicotomia fundamental inspirou a fundação do Comintern. Mas na revolução internacional concebida por Marx e Lenin como um movimento de massa do proletariado europeu unido, nenhum marxista poderia ter reivindicado um papel predominante para o débil contingente russo. Quando a revolução européia não se realizou, e quando o socialismo num único país se tornou a ideologia oficial do partido russo, a crescente exigência de que a URSS fosse tratada como um exemplo da realização socialista, e o Comintern como o repositório da ortodoxia socialista, levou a uma nova polarização entre o Leste e o Oeste, dentro da esquerda. Os comunistas e os socialdemocratas ou socialistas ocidentais se enfrentaram, primeiro como aliados desconfiados, depois como inimigos declarados — uma situação enganosamente atribuída, em Moscou, à traição de líderes renegados. Era um sintoma de separação o fato de ser impossível encontrar uma linguagem comum. A revolução internacional, tal como concebida por Moscou a partir da 1924, era um movimento dirigido "do alto", por uma instituição que afirmava agir em nome do único proletariado que havia realizado uma revolução vitoriosa em seu país. O corolário dessa reorientação foi a suposição não só de que os líderes russos tinham um monopólio do conhecimento e experiência em relação à maneira pela qual a revolução se podia fazer, como também de que o primeiro,

e mais importante, interesse da revolução internacional era a defesa do único país onde a revolução se realizara efetivamente. Essas suposições, e as políticas e procedimentos por elas determinados, foram totalmente inaceitáveis para a maioria dos trabalhadores da Europa ocidental, que se acreditavam muito mais adiantados, econômica, cultural e politicamente, do que seus atrasados colegas russos, e não podiam fechar os olhos aos aspectos negativos da sociedade soviética. A persistência dessas políticas provocou simplesmente o descrédito, aos olhos dos trabalhadores ocidentais, para as autoridades de Moscou, e para os líderes dos partidos a elas subservientes, e finalmente, para a própria revolução.

As relações com os países não capitalistas atrasados foram bem diferentes. Lenin foi o primeiro a descobrir uma ligação entre o movimento revolucionário para a libertação dos trabalhadores do domínio capitalista nos países adiantados, e a libertação das nações atrasadas e dominadas do jugo dos imperialistas. A identificação do capitalismo com o imperialismo foi o proveitoso tema da propaganda e da política soviéticas em quase toda a Ásia, e tiveram seu mais notável êxito ao estimular a revolução nacional chinesa, em meados da década de 1920. À medida que a URSS consolidava sua posição, seu prestígio como protetora e líder dos povos "coloniais" aumentou rapidamente. Havia realizado, através do processo de revolução e industrialização, um aumento substancial da independência econômica e do poder político — feito digno de ser admirado e imitado. Fora da Europa, até mesmo as exageradas pretensões do Comintern adquiriam sentido. A defesa da URSS, longe de parecer uma excrescência constrangedora no programa da revolução, significava a defesa do mais poderoso aliado dos países atrasados em sua luta contra os países imperialistas.

Os métodos que haviam provocado repulsa em países onde a revolução burguesa já era parte da história e onde fortes movimentos operários haviam crescido dentro da estrutura elástica da democracia liberal, nada tinham de repugnantes em países onde a revolução burguesa era ainda uma questão do futuro, onde a democracia burguesa era uma visão irreal, e onde não havia ainda um proletariado de consideráveis proporções. Onde as massas famintas e analfabetas ainda não haviam atingido a fase de consciência revolucionária a revolução vinda do alto era melhor do que a ausência total de revolução. Enquanto no mundo capitalista adiantado o fermento gerado pela Revolução Russa continuava sendo principalmente destrutivo, e não oferecia nenhum modelo construtivo para a ação revolucionária, nos países não capitalistas atrasados era mais generalizado e mais produtivo. O prestígio do regime revolucionário, em grande parte através de seus próprios esforços isolados, havia atingido a situação de uma grande potência industrial, fazia dele o líder natural da revolta dos países atrasados contra o domínio mundial do capitalismo ocidental, que antes de 1914 havia sido praticamente incontestado. Nesse contexto, as manchas existen-

tes em suas credenciais, aos olhos ocidentais, pareciam irrelevantes. Através da revolta do mundo não capitalista atrasado, a revolução apresentava um renovado desafio às potências capitalistas, cujo vigor ainda não se exauriu. A Revolução Russa de 1917 ficou aquém dos objetivos que ela mesma se fixou e das esperanças que despertou. Sua história está cheia de falhas e é ambígua. Mas ela tem sido uma fonte de repercussões mais profundas e duradouras, em todo o mundo, do que qualquer outro acontecimento histórico dos tempos modernos.

## Índice Analítico

- Acordo comercial Anglo-Soviético (1921) 47-8, 51, 81-82
- Administração da Assistência Americana [American Relief Administration] 41
- Administração Política Estatal (GPU) 45, 113; *ver também* Administração Política Estatal Unificada (OGPU)
- Administração Política Estatal Unificada (OGPU) 45, 110, 113-14; *ver também* Administração Política Estatal
- Agricultura: e socialização da terra 28, 148; fracassos iniciais 29-30; e a NEP 36-37, 41, 61, 101, 129, 148; e penúrias 41, 53; preços agrícolas 55, 58, 60, 75, 77, 118-19; e indústria 74, 115, 129; tributação 76-77, 139; e planificação 101-103; crises na 108; cooperativas 115, 120; e coletivização 116, 120-21, 142-148; métodos 119-20, 148; mecanização da 121, 135-36, 137, 142, 147; e o Plano Quinquenal 137-38, 143-44; escassez de pessoal habilitado na 147; *ver também* Cereais, Colcoses, Camponeses, Sovcoses
- Ajuda Internacional aos Prisioneiros da Guerra de Classes 90
- Ajuda Internacional aos Trabalhadores 90
- Alemanha, e a Primeira Guerra Mundial 15-17, 20; e Brest-Litovsk 19-20; derrota 21-22; "Ação de março" de 1921 26, 48, 50, 81; relações soviéticas com a 48-49, 82-34, 157; colaboração militar com a 49, 83, 136; tratado de Rapallo de 1922 50; e ocupação francesa do Ruhr 81; o plano Dawes sobre indenizações 82-83; e o Tratado de Locarno 83, 84, 157; admissão à Liga das Nações 83, 157; acordo comercial com a — de 1925 83; tratado com a — de 1926 84; sindicatos na 87; e desarmamento 158; exportações industriais para URSS 160; capitalismo estatal na — segundo Lenin 168
- América Latina 86, 162
- American Relief Administration *ver* Administração da Assistência Americana
- Amigos da URSS 86, 162
- Amtorg 89
- Andreev, A 56
- Assembleia Constituinte 15-16, 40
- Associação dos Escritores Proletários de Todas as Rússias (VAPP) 112
- Averbakh, L. 112
- Baldwin, Stanley 89
- Banco do Estado (Gosbank) 58, 138-39
- Bismarck, O. von 84

- Bliukher, V. (*também conhecido como Galin*) 95, 165
- Bokhara 41
- Bol'shevik* (periódico) 78, 110, 151
- Borodin, M. 92, 94-97
- Brandler, H. 81
- Briand, A. 83
- Bukharin, N.: o Governo Provisório segundo 16; e guerra revolucionária 19; liderança da oposição de esquerda por 32; o declínio industrial segundo 34; e papel dos sindicatos 38; Lenin sobre 63; oposição a Trotski 67, 73; o socialismo num único país segundo 74; e política camponesa 76, 78-80, 106-08, 117, 120; conflito com Zinoviev 79-80; oposição à industrialização 105, 129-30, 133-34, 151; escolas literárias segundo 112; "Notas de um economista" 129, 134, 152; liderança da oposição de direita por 150-53, 162; queda 152-53, 162; e política externa 162
- Camponeses: e o partido Social-Revolucionário 11; na revolução de 1905 12; e o decreto sobre a terra de 1917 15; e o Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias 17; agitações (1920-21) 26, 37; ocupação da terra por 28-29; comissões de camponeses pobres 28; classificação dos 29, 109; e a penúria 29, 31; oposição dos 34; e comunismo de guerra 36-37; e a NEP 38, 41-42, 50, 53, 57, 60, 75, 77, 103, 129, 140; e o fornecimento de cereais 75, 77, 115-117, 120, 122, 141-42; políticas cambiantes para com os 75-76, 78, 148; e planeamento [planificação da economia] 106, 122, 137-38, 148; medidas extraordinárias contra os 116-17, 133; propriedades agrárias e métodos agrícolas 119-20, 146-47; o conservadorismo dos 121; e industrialização 122-23, 127, 129; e o Plano Quinquenal 133, 137, 140; e coletivização 142-43, 145-48, 169; e a revolução de 1917 167, 170; *ver também Kulaks*
- Cantão 93-95, 164
- "Carta de Zinoviev" 82, 88
- Cereais: produção e fornecimento [abastecimento] 29, 37, 75, 77, 137-38, 141, 147-48; excedentes 41, 77, 115; coleta e comercialização 77-78, 89, 102-03, 115-19, 120, 122, 137, 141, 147, 151; retenção de — pelos camponeses 115-17; importação de 117; preços 118-19, 127; quotas 141; e coletivização forçada 144
- Chamberlain, Austen 82-83
- Chang Hsüeh-liang 164
- Changsha 97
- Chang Tso-lin 94, 97, 157, 164
- Cheka *ver* Comissão Extraordinária
- Ch'en Tu-hsiu 166
- Chiang Kai-shek 92-97, 109, 164-65
- China, relações soviéticas com a 91-94, 109, 157, 164-66, 171; movimentos nacionalistas 91-95, 171; conflitos internos 94-97; camponeses na China 96; participação na Conferência dos Trabalhadores do Pacífico 97
- Churchill, Winston 24
- Chu Teh 164
- Colcosos (fazendas coletivas): formação de 29, 120, 151; colheitas 141; e sovcoses 142-43; e coleta de cereal 143-44; e coletivização 144-48; grandes 145-47; *ver também sovcoses*
- Comintern *ver mais adiante* Internacionais
- Comissão Estatal de Eletrificação da Rússia (Goelro) 101, 135
- Comissão Executiva Central (TsIK) 45
- Comissão Executiva Central de Todas as Rússias (VTsIK) 43-44
- Comissão Extraordinária (Cheka) 27, 33, 45, 113-14; *ver também* Administração Política Estatal Unificada (OGPU)
- Comissão Planificadora Geral Estatal (Gosplan) 60, 66, 101-104, 123, 131-35, 138-39
- Comissão Sindical Anglo-Russa 88-89, 161
- Comissariado do Povo para a Agricul-

- tura (Narkomzem) 102, 106, 123, 132
- Comissariado do Povo para a Justiça (Narkomyust) 113
- Comissariado do Povo para as Finanças (Narkomfin) 102, 106, 123, 132, 138-39
- Comissariado do Povo para o Abastecimento (Narkomprod) 28, 31
- Comissariado do Povo para o Comércio Interno (Narkomtorg) 61
- Comissariado do Povo para os Negócios Estrangeiros (Narkomindel) 48, 84, 162
- Comissariado do Povo para o Trabalho (Narkomtrud) 32, 127
- Comunismo de guerra 28, 30-31, 33-35, 36-37, 41-42, 47, 53, 55, 117
- Conferência dos Trabalhadores em Transportes no Pacífico (1924) 97-98
- Conferência Econômica Mundial (Genebra, 1927) 158
- Congresso Antifascista (Berlim, 1929) 163
- Congresso dos Povos do Oriente 90-91
- Congresso dos Sindicatos [TUC] (Britânico) 87-88
- Congresso dos Sovietes (de Representantes de Trabalhadores e Soldados) de Todas as Rússias 14-16, 17-18, 40, 43
- Congresso Sindical de Todas as Rússias 32
- Congressos sindicais (URSS) 56, 87, 152
- Congressos dos Sovietes da URSS 44-45, 68, 112, 130, 133
- Conselho da União 45
- Conselho das Nacionalidades 45
- Conselho dos Comissários do Povo (Sovnarkom): da RSFSR 43-44; da URSS 15-16, 45
- Conselhos de Economia Nacional (Sovnarkhozy) 54
- Conselho Supremo da Economia Nacional (Vesenka): e a nacionalização 28; e as fazendas estatais 29; e "comunismo de guerra" 30; e produtividade 32; controle da indústria 54; e a GUM 55; Dzerzhinsky como presidente do 60; e o crescimento industrial 76-77, 129, 138-39; e a política de planejamento 102, 104, 105; e os acordos salariais 125; e o Plano Quinquenal 132-34; e controle financeiro 138-39
- Cooper, H. 135
- Cooperativas 31, 55, 115, 120
- Coreia 98
- Curzon, Lord 52, 81
- Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado 18, 43
- "Declaração dos 83" 109
- Denikin, A. 21, 33
- Desarmamento 158
- Direito 113-14
- Dnepropetrovsk 135
- Dneprostroi, represa de 105, 135, 137, 160
- "Domingo Sangrento" (1905) 12
- Dzerzhinsky, F. 60, 64, 105
- Eastman, M. 77-78
- Egito 99
- Enver Pasha 91
- Estados Unidos da América: e o Tratado de Brest-Litovsk 19; a intervenção militar de 1918 20; a ajuda durante a séria escassez de alimentos pelos 41; e o plano Dawes 82; investimento na Europa 85; recusa do reconhecimento da URSS pelos 89; comércio com os 89; oposição ao imperialismo dos 92; participação na Conferência dos Trabalhadores do Pacífico 98; fornecimento de tratores pelos 121; ajuda técnica dos 135, 159-60; sua concorrência com a Inglaterra 159-60; relações com os 159-60; negros nos 86; *ver também* Partido Comunista Americano
- Estônia 47, 159
- Estrada de ferro Turksib [Turco-siberiana] 105, 136
- Exército Vermelho: criação 19-20; participação na guerra civil 21, 25; invasão da Polônia pelo 24-26; e a escassez de provisões 30-31; e a revolta de Kronstadt 38; e a colaboração militar alemã 49; oficiais do 56; membros do partido no 69;

- fortalecimento do 72; e os camponeses 117; rearmamento do 136; e a China 165-66
- Federação Americana do Trabalho 160
- Federação Internacional de Sindicatos (IFTU; Internacional de Amsterdam) 86-87
- Feng Yü-hsiang 94, 97
- Ferrovia do Sul da Manchúria 98
- Ferrovia Oriental Chinesa (FOC) 93-94, 98, 164-65
- Ferrovia Trans-siberiana 165
- Filipinas 97
- Finlândia 157
- Fischer, Ruth 85
- Ford Motor Co. 135
- Formosa 98
- França e a Primeira Guerra Mundial 15, 19; a intervenção militar de 1918 20-21; oposição à conferência de Gênova de 1922 50; ocupação do Ruhr pela 81; reconhecimento da URSS pela 82, 157; sindicatos na 86-87; participação na Conferência dos Trabalhadores do Pacífico 98
- Frente única 51, 86-87, 92, 110, 160-62
- Frunze, M. 72
- Glavki* 30, 54, 57
- Governo dos Trabalhadores e Camponeses (1917-18) 15-18, 20, 27
- Governo Provisório (1917) 12-17, 27
- Grã-Bretanha: e a Primeira Guerra Mundial 15, 19; a intervenção militar de 1918 20-21, 24; o acordo comercial de 1921 com a 47-48, 51, 81-82; e dívidas soviéticas 49-50; intervenção na Turquia 51; modificações no Governo de 1923 81; relações com a URSS 82, 83, 88-89, 159; sindicatos na 86-89; eleição de deputados comunistas 87; a greve geral de 1926 88, 159; rompimento com a URSS 88, 157; o imperialismo da 90-92; e a China 92-93, 96; participação na Conferência dos Trabalhadores do Pacífico 98; e a Índia 98; Litvinov e a 159; comércio com a URSS 159; Governo trabalhista de 1929 159; restabelecimento de relações com a URSS 159; *ver também* Partido Comunista da Grã-Bretanha, Partido Trabalhista
- Groman, V. 132
- Grupo dos Trabalhadores 57
- Guarda Vermelha 15, 17, 20
- Hankow *ver* Wuhan
- Harriman Manganese Co. 89
- Henderson, A. 24, 87
- Herriot, E. 82
- Herzen, A. 120
- Hitler, A. 162
- "Homens-NEP" 55, 59, 61, 128
- Hungria 21, 22
- IKKI, *ver adiante* Internacionais
- Índia 81, 86, 98, 162
- Indonésia 86, 98, 162
- Instituto Central do Trabalho (TsIT) 39, 124
- Instituto dos Professores Vermelhos 151
- Internacional Sindical Vermelha (Profintern; RILU) 86, 97
- Itália 21, 82
- Japão 20-21, 91-94, 97-98, 157
- Joffe, A. 91-92
- Kadet [Democrata Constitucional] (partido) *ver* Partido Kadet
- Kaganovitch, L. 152
- Kalinin, M. 80
- Kamenev, L.: e o Governo Provisório 12; e a Revolução de Outubro 15, 72; a proposta do Sovnarkom feita por 15-16; e comércio interno 61; visão de Lenin sobre 63; oposição a Trotski feita por 64-67, 71-72, 108; visão de — sobre Lenin 71; e o socialismo num único país 74; política camponesa 78-79; luta com Stalin 79-80, 103; apoio à industrialização 108; na oposição unida 108-09, 150; saída do Comitê Central 111; banimento 111; retratação 149; e Bukharin 150-52
- Karakan, L. 93
- Kemal Ataturk 51
- Kerenski, A. 15

- Khorezm 46  
 Khozaschet 54, 57  
 Kolarov, V. 85  
 Kolkhozsentr 120  
 Kollontai, A. 37  
 Koltchak, A. 21, 33  
 Komsomol *ver* Liga da Juventude Comunista  
 Kopp, V. 49  
 Kornilov, L. 14  
 Krasin, L. 47, 49, 55, 61  
 Kronstadt 38, 48, 70  
 Krupskaya, N. 64, 71, 80  
 Krzhizhanovsky, G. 134  
 Kuibyshev, V. 63, 105, 111, 117, 129, 132, 134  
*Kulaks*: expropriação dos 28; classificação dos 29; preponderância 41, 61; tolerância para com os 61, 76, 109; lucros dos 75; denúncias contra os 79-80, 116, 144-45; e retenção de cereais 117, 141-42; conservadorismo 120; e coletivização forçada 142-45; ofensiva contra os 145-47; *ver também* Camponeses  
 Kuomintang 92-94, 95-97, 161, 164  
 Kyrov, S. 80  
 Lenin, V.I.: e o Partido dos Trabalhadores Socialdemocrático 12; a chegada de 1917 a Petrogrado 13, 72, 167; as "teses de Abril" 13, 72-73, 167; o Estado segundo 14, 69; *O Estado e a revolução* 14, 69; e a Revolução de Outubro de 1917 15-16, 72, 167-69; e a paz com a Alemanha 19; fundação do Comintern por 22; 1º Congresso do Comintern 22; presença no 2º Congresso do Comintern 23-24, 87; *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* 23-25; tentativas de assassinato 27, 40; e os camponeses 28-30; e escassez de abastecimento 31; e o trabalho 33-34; apresentação da NEP no 10º Congresso do Partido 38-39, 42, 47, 53, 54; a indústria segundo 38, 54; sobre disciplina partidária 39, 62; a ditadura do partido segundo 39; — em seu papel de tomar decisões 46; as relações exteriores segundo 47; relações com a Alemanha segundo 48; a conferência de Gênova de 1922 segundo 49; no 3º Congresso do Comintern 50-51; a saúde de 51, 62-63; a liberdade de comércio segundo 54; a morte de 60, 67-68, 70; o "testamento" de 62-63, 70-72, 78, 109; e Stalin 63-64, 156; a máquina do partido segundo 63-64; a questão georgiana segundo 63-64; e o recrutamento pelo partido 68-70, 154; elogio de Stalin a 70, 74, 154; visão de Trotski de 72; discordâncias com Trotski 73, 78, 109; denúncia dos *kulaks* feita por 79; o imperialismo segundo 90, 171; a China segundo 91; o capitalismo monopolista segundo 100, 168; a eletrificação segundo 101, 135; tratores segundo 121; denúncia do anti-semitismo feita por 155; e Tchitcherin 159; a ditadura democrática segundo 169; a revolução internacional segundo 170-71  
 Leningrado (Petrogrado; São Petersburgo) 27, 30, 68, 79-80, 113, 119; *ver também* Soviete de Petersburgo  
*Leningradskaya Pravda* 79-80, 110  
 Letônia 159  
 Liga Contra o Imperialismo 86, 162  
 Liga da Juventude Comunista (Komsomol) 67  
 Liga das Nações 83, 157-58  
 Lituânia 159  
 Litvinov, M. 47, 49, 158-59, 161  
 Lloyd George, D. 24, 49, 81  
 Loja Universal do Estado (GUM) 55  
 Lozovsky, A. 98  
 Magnitogorsk 137  
 Manchuria 93, 98, 157, 164  
 Mão-de-obra *ver* Trabalho  
 Mao Tsé-tung 96, 164, 166  
 Martov, Yu. 12  
 Marx, K. esquema histórico 12; — exposto por Lenin 14; e a revolução segundo 73, 167-69, 170; visão de acumulação capitalista 75; e o Oriente 90; e a economia planificada 100; visão dos *mirs* camponeses

- 120; a queda do capitalismo segundo 140; refutação do nacionalismo feita por 155
- Maslow, A. 85
- Mencheviques *ver* Partido Menchevique
- Mikoyan, A. 80
- Moeda 58-59, 61, 116, 138-39
- Molotov, V. 63, 69, 80, 116-17, 144-45, 153
- Mongólia Exterior 91, 93
- Moscú: o Soviete de — de 1917 14; como capital 20; inquietação em 27; perdas de população 30; distúrbios ocorridos em 1918 40; comércio em 54-55; e a luta pela liderança 79; abastecimento de pão 118-19
- Movimento das Minorias Nacionais (MMN) 87-88
- Movimento Nacional dos Trabalhadores Desempregados (MNNTD) 87-88
- Movimento *narodnik* 11, 120
- Münzenberg, W. 162
- Mussolini, B. 82
- Narodnik* (movimento) *ver* Movimento *narodnik*
- Negros 86
- NEP *ver* Nova Política Econômica
- New York Times* 109
- Nova Política Econômica (NEP) adoção 26, 34-35, 38-41, 47; e política externa 26, 51, 81; rejeição do comunismo de guerra pela 36-37, 41-42; e centralização 43; explicada por Lenin 50; e ligação com os camponeses 50, 53, 58, 75, 77, 78-79, 103, 129, 140, 148; e liberdade de comércio 55, 105, 119; e administração 57; e desemprego 57; êxito da 61; críticas de Trotski a 66; e socialismo num único país 74; visão de Zinoviev sobre a 78-79; dedicação à 101; e planejamento 102, 104, 106-07; e guerra civil 113; e abastecimento de alimentos 119; e mão-de-obra 125-26
- Oposição de direita ("desvio de direita") 118, 134, 150-52, 161-62
- Oposição dos Trabalhadores 37-41, 62, 85
- Oposição unida 105, 108-12, 115, 122, 127-28, 132-33, 149-51
- Ordzhonikidze, S. 64
- Pacific Worker* 98
- Pacto Kellogg 158-59, 161
- Palestina 99
- Partido Bolchevique 12-18, 27, 32, 39-41; *ver também* Partido Comunista (Bolcheviques)
- Partido Comunista Alemão (KPD), e a criação do Comintern 22; presença no 2º Congresso do Comintern 24; e o SPD 26, 162; "ação de março" (1921) 48, 50-51; planejamento do golpe de 1923 81; participação no 5º Congresso do Comintern 85; modificações de liderança 85-86; e os sindicatos 87, 95; discordâncias internas 163
- Partido Comunista Americano 51, 163-64
- Partido Comunista (Bolcheviques): denominação 22; e o Comintern 23, 84-85; organização, disciplina e autoridade 39-40, 44, 46-47, 62, 111-113; oposição de esquerda no 40; expurgo 62; representação dos trabalhadores 68; membros 68-70, 154; oposição de direita no 118, 150-51
- Comitê Central: reunião de Outubro de 1917 15; e Brest-Litovsk 19; expulsões do 39, 110-111; autoridade e organização 46, 62-63; e a política econômica 59; — segundo Lenin 63; conflito com Trotski 65-67, 72, 74; política industrial 76, 129-30; defesa do princípio de planificação pelo 103; e a oposição unida 108-10; Trotski e Zinoviev afastados do 110; e disciplina 112; e escritores 112; política camponesa 116-17; e a crise de cereais 118; e o Plano Quinquenal 133; e sovcoses 142; e coletivização 143-44, 145; e oposição de direita 151-53
- Comissão de Controle Central 109
- Orgburo 46
- Politburo: formação 46; e sindicatos 56, 127; e a comissão da te-

- soura 60; Trotski e o 66, 71, 109, 111; e o socialismo em um único país 74; e a oposição unida 111; e acordos salariais 125; dúvidas do — sobre a industrialização 129, 151; e o Plano Quinquenal 133-34; comissão de coletivização 144-45; a eliminação dos *kulaks* segundo o 145; e a oposição de direita 151-53
- Secretariado 46, 63
- Conferências: 1921 58; 1924 102; 1925 74, 76-77; 1926 109, 111-12, 115, 131; 1929 131, 134
- Congressos: 7º (1918) 22, 32; 8º (1919) 46; 9º (1920) 33; 10º (1921) 34, 38-40, 41-42, 47, 53, 56, 62, 65-66, 109, 111; 11º (1922) 62, 70; 12º (1923) 57-58, 64-65; 13º (1924) 60, 71, 14º (1925) 79-80, 103, 105, 108, 122, 131; 15º (1927) 108, 110-11, 116, 133-34, 149
- Partido Comunista Chinês (PCC) 92, 95-97, 160-61, 164-66
- Partido Comunista da Grã-Bretanha e Partido Trabalhista 24, 87-88, 92, 162; formação do 24, 86; exortação pelo Comintern do 51; e Trotski 78; e a "Carta de Zinoviev" 82; membros 86, 163-64; modificações de liderança 163
- Partido Comunista Francês (PCF) 26, 163-64
- Partido Comunista Italiano (PCI) 26
- Partido Comunista Japonês 98
- Partido Comunista Polonês 163
- Partido Comunista Russo *ver* Partido Comunista (Bolcheviques)
- Partido Comunista Turco 51
- Partido dos Trabalhadores Socialdemocratas (Russos) 12, 22
- Partido Kadet 11, 40
- Partido Menchevique 12, 14, 22, 27, 40-41, 44, 109, 123
- Partido Socialdemocrático Alemão (SPD) 24, 26, 84, 162
- Partido Socialdemocrático Independente Alemão (USPD) 24, 26
- Partido Socialista Francês 24, 26
- Partido Socialista Italiano 24, 26
- Partido Social Revolucionário (SR) 11-12, 14-6, 39-41, 123
- Partido Trabalhista (Britânico) 24, 25, 82, 86-88, 92, 159, 165
- Pedro, o Grande 129, 156
- Pérsia 51, 81, 99, 159
- Petrogrado *ver* Leningrado
- Pilsudski, J. 24-25, 89, 157
- Plano Dawes (1924) 82-83
- Plano Quinquenal, formulação 103-04, 122, 128-33; projetos 132-33; adoção 134, 140; efeitos industriais 134-37; e a agricultura 136-38; e a produtividade 139; como modelo 140
- "Plataforma dos 46" 59, 65-66
- Plekhanov, G. 12
- Poincaré, R. 81
- Pollitt, H. 163
- Polônia 24-26, 33-34, 48, 83, 89, 157, 159
- Pravda* 59, 66-67, 78-79, 110, 129, 143, 151-53
- Preços 55-61, 75, 77, 102, 127-28, 132, 139-40
- Preobrazhensky, E. 63, 66, 75-76, 110, 149-50
- Pyatakov, Yu. 67, 139
- Radek, K. 23, 25, 66-67, 149-50
- Rakovsky, Kh. 111, 150, 157
- Rathenau, W. 50
- República Federal Socialista Transcaucasiana 44
- República Popular da Mongólia 91, 93
- República Socialista Soviética do Turcomenistão 46
- República Socialista Soviética do Usbequistão 46
- República Soviética da Armênia 22, 44
- República Soviética da Bielorrússia 22, 44
- República Soviética da Geórgia 22, 44, 63
- República Soviética do Azerbaijão 44
- República Soviética Federal Socialista Russa (RSFSR) 43-46, 113
- Repúblicas bálticas 22, 157
- Revoluções: de 1905 12; de fevereiro de 1917 12-13; outubro de 1917 11, 14-17, 167-72; 10º aniversário da 86, 110, 113, 124, 162-63; 50º

- aniversário da 170  
 Romênia 157, 159  
 Rykov, A. 80, 117, 129, 134, 137, 150-51, 153  
 Ryskulov, T. 145
- Sábados Comunistas 33, 124  
 Salários 55-56, 57-60, 105-06, 123-26  
 Secretariado Pan-Pacífico 98  
 Seeckt, H. von 49, 82  
 Shlyapnikov, A. 37  
 Sibéria 20-21, 105, 136-37, 142  
 Sindicatos: controle menchevique dos 27, 32; em relação ao Estado 32-34, 38-39, 56, 125-27; visão de Trotski sobre 33-34, 38, 56; no 10º Congresso do partido 56; estrangeiros 86-87; e salários 125-26; e produtividade 125-26; papel e responsabilidades 126; e industrialização 152; *ver também* Trabalho; Salários, e nomes de países à parte.
- Snowden, P. 24  
 "Social-Fascismo" 161-62  
 Socialismo num único país 73-74, 79, 85, 109, 150, 154, 170  
 Sociedade Cooperativa de Todas as Rússias (Arcos) 47, 88-89, 97  
 Sokolnikov, G. 102-03  
 Sovcós Shevchenko 142  
 Sovcoses 29, 120, 141-43, 146, 148, 151; *ver também* Colcoses  
 Soviete de Petrogrado *ver* Soviete dos Deputados dos Trabalhadores de Petersburgo  
 Soviete dos Deputados dos Trabalhadores de Petersburgo 12-13, 14-17; *ver também* Leningrado  
 Sovietes 13-15, 16-17, 27, 32  
 Soyuzkhléb 118  
 Stalin, I. V., e o Governo Provisório 12; oposição a Pilsudski 25; e a máquina do partido 46; nomeação para secretário-geral do partido 63, 68, 153; visão de Lenin sobre 63-64, 156; oposição a Trotski 63-67; e os dissidentes georgianos 64; e a sucessão de Lenin 64-65, 68, 70-71; e os membros do partido 69-70; elogio a Lenin feito por 70-71, 74, oposição à expulsão de Trotski 71-72; e o socialismo num único país 73-75, 155; ascensão ao poder de 74, 77, 80, 108, 149, 153; e a política camponesa 76, 79, 116-17, 149; ataques de Zinoviev a 79; participação no 14º Congresso do partido 79-80, 108; comparece ao 5º Congresso do Comintern 85; preferido no Ocidente 86; ataque a Sokolnikov sobre a política agrária feito por 103; a industrialização segundo 105, 117, 129, 149; ataques à oposição unida 108-11, 149-150; e controle de produções literárias 112; e os estoques de cereais 116; e o Plano Quinquenal 133-34; os sovcoes segundo 142; a coleta-vização segundo 143-44, 147-48; ataque aos *kulaks* feito por 145; preponderância de 150-51, 153-54, 155-56; derrota Bukharin e a oposição de direita 151-53, 161; 50º aniversário 153-54, 156; caráter, regime e doutrinas 154-56, 169-70; preferência por Litvinov e Tchitcherin 159; e a liderança do PC Norte-Americano 163
- Stolipin, P. 28, 76  
 Stresemann, G. 82-83  
 Strumilin, S. 132  
 Sun Ch'uan-fang 96  
*Sunday Worker* 78  
 Sun Yat-sen 91-93  
 Supremo Tribunal da URSS 113  
 Sverdlovsk 137
- "Taylorismo" 31-32, 124  
 Tchecoslováquia 20, 86-87, 163  
 Tchitcherin, G. 49, 52, 91, 159  
 Thälmann, E. 163  
 Thorez, M. 163  
 Tomsky, M.: como presidente sindical 56, 127; e Zinoviev 80; comparecimento ao Congresso dos Sindicatos Britânicos 87; e camponeses e política industrial 117, 129, 151; participação na oposição de direita a Stalin 150-51; caído em desgraça 152-53
- Trabalho: e produtividade 32, 106, 123-26, 132, 139; recrutamento compulsório de 33, 35, 55-56, 126; visão de Trotski sobre 33-34, 38,

- 56, 67; a NEP e a força de 39; desemprego 55, 57, 102, 140; a crise da tesoura 60; oferta de mão-de-obra 101-02; treinamento de mão-de-obra 123-24; incentivos e sistema 124-25; recrutamento de camponeses 126; índices industriais 131-32; *ver também* Sindicatos, Salários
- Traktorsentr 142
- Tratado de Brest-Litovsk (1918) 19, 24, 27, 32, 37, 43, 46-48
- Tratado de Locarno (1925) 83-84, 162
- Tratado de Rapallo (1922) 50, 83
- Tratado de Versalhes 48-49, 83, 158
- Tratores 121, 135-38, 142, 145-48
- Tributação 76-77, 139
- Trigo *ver* Cereais
- Trotsky, L.D.: na Revolução de Outubro 15; visão de — sobre a revolução mundial 18, 50; e o tratado de paz alemão 19; organização do Exército Vermelho por 20; participação no 1º Congresso do Comintern 22; oposição a Pilsudski feita por 25; trabalho e sindicatos segundo 33-34, 38, 56, 67; apoio ao acordo com a Alemanha 48; visão de — sobre a crise da tesoura 58-60, 65; visão de Lenin sobre as relações entre Stalin e 63-64; situação 64; na crise de liderança 64-67; enfermidades 66-67, 72; a carta aberta de 1924 66-68; acusações feitas contra 67, 71-72, 78, 80, 133; participação no 13º Congresso do partido 71; Lênin segundo 72; rebaixado de posto 72, 78; a revolução permanente segundo 73-74; e Eastman 77-78; apoio direitista no KPD 85; comparecimento ao 5º Congresso do Comintern 85; e os partidos estrangeiros 86; sobre o planejamento 101; apoio à industrialização 105, 129, 132-33; ataques a Stalin feitos por 108-110, 149-50; afastado do Politburo 109; expulso do partido 109-11, 149; afastado dos cargos 110, 133; exílio e deportação 111; mandado para a Turquia 150; banimento final 151; apoio de Ch'en a 166
- Tukatchevski, M. 25
- Turquia 51-52, 82, 84, 99, 150, 158-59
- Ucrânia 19-22, 24, 44, 136-37
- Udarniki (trabalhadores de choque) 33
- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas 45-46
- Ustrialov, N. 78-79
- Vesenkha *ver* Conselho Supremo da Economia Nacional (Vesenkha)
- Voroshilov, K. 80
- Wang Ching-wei 93
- Witte, S. 100
- Wrangel, P. 25
- Wuhan (ex-Hankow) 95-98
- Wu Pei-fu 94-95
- Yudenitch, N. 21
- Zaporozhie 135, 137
- Zetkin, K. 85
- Zinoviev, G.: e a revolução de 1917 15, 72; eleito presidente da IKKI 23; visão de — sobre o papel dos sindicatos 32; apoio ao levante do KPD 48; a indústria pesada segundo 60, 105; visão de Lenin sobre 63; oposição a Trotsky feita por 64-67, 108; e a sucessão de Lenin 68; Lenin segundo 71; participação no 13º Congresso do partido 71; e o socialismo num único país 74, 79; política camponesa 75, 78-79; conflito com Stalin 79-80; atacado e rebaixado 80, 103; visão de — sobre a bolchevização dos partidos estrangeiros 85-86; apoio à política de industrialização 108; na oposição unida 108-09, 150; expulso do Partido 109-111; afastado do Comitê Central 111, 133; banimento 111; retratação 149